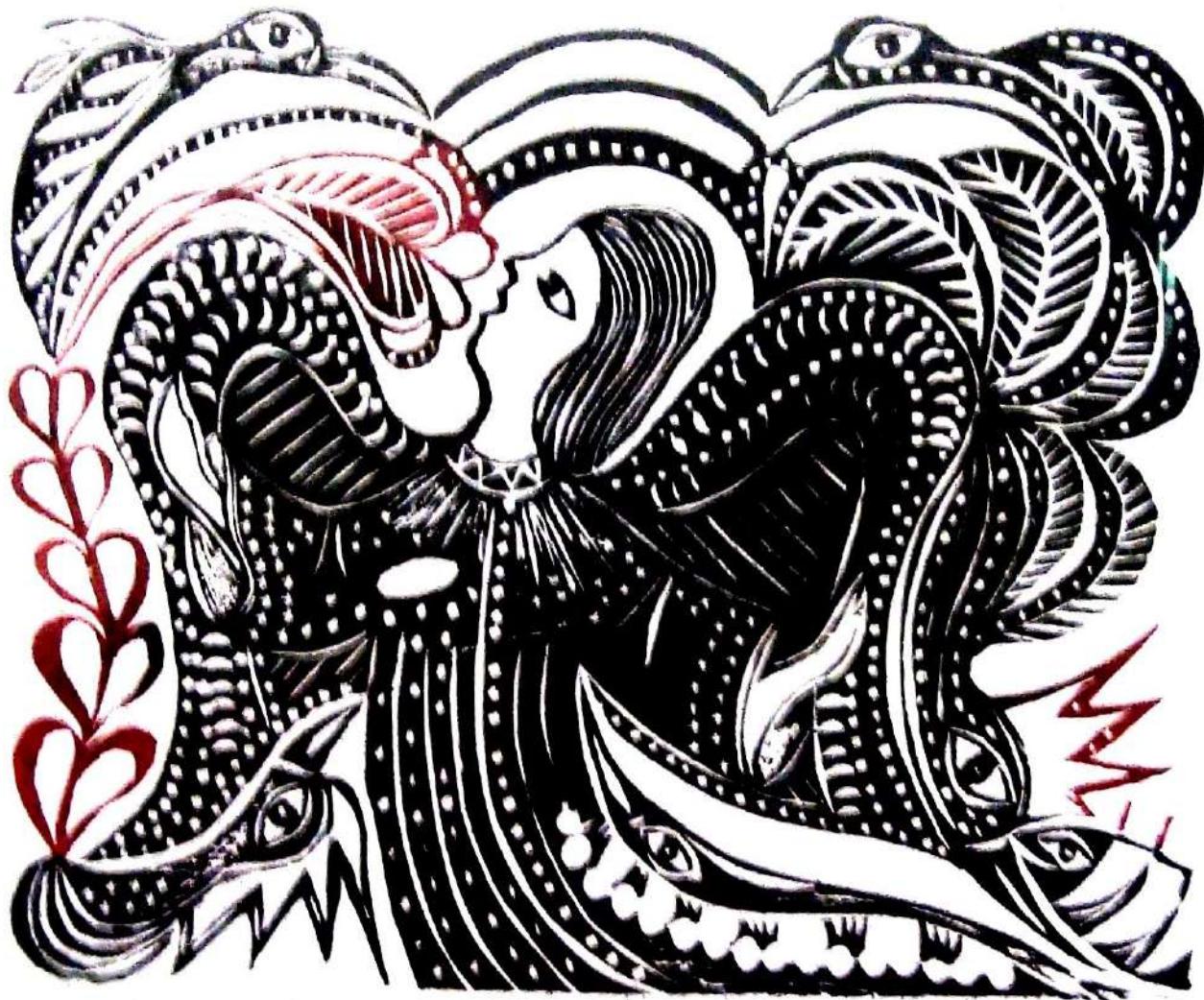


coleção acervo brasileiro

2a
edição

Sílvio Romero CONTOS POPULARES DO BRASIL



cadernos do mundo inteiro

Coleção acervo brasileiro

Volume 3, 2^a edição

CONTOS POPULARES DO BRASIL

SÍLVIO ROMERO

Projeto editorial integral
Eduardo Rodrigues Vianna

Imagen da capa

Xilogravura de Yolanda Carvalho, Rio Grande do Norte.
Sob a licença Creative Commons 3.0 Brasil, -BY -SA.

CADERNOS DO MUNDO INTEIRO

cadernosdomundointeiro.com.br

2018

Jundiaí, SP

Sumário

ESTE LIVRO	8
LICENÇA	10
INTRODUÇÃO	11
I Contos de origem europeia	31
1 O bicho Manjaléu	32
2 Os três coroados	38
3 O rei Andrada	43
4 O pinto pelado	45
5 Uma das de Pedro Malasartes	47
6 O Sargento Verde	50
7 A princesa roubadeira	55
8 O pássaro preto	59
9 Dona Labismina	63
10 A raposinha	67
11 O homem pequeno	71
12 Dona Pinta	75
13 O príncipe cornudo	79

14 A moura torta	87
15 Maria Borralheira	89
16 A madrasta	95
17 O papagaio do Limo Verde	97
18 João Gurumete	103
19 Manoel da Bengala	108
20 Chico Ramela	112
21 A sapa casada	115
22 Cova da linda flor	117
23 João mais Maria	123
24 A proteção do diabo	128
25 A fonte das três comadres	131
26 O pássaro sonoro	136
27 Barceloz	139
28 Os três comedores	142
29 A rainha que saiu do mar	144
30 A mãe falsa ao filho	147
31 História de João	151
32 O Sarjatário	153
33 Três irmãos	160
34 A formiga e a neve	164
35 O matuto João	166
36 O irmão caçula	169

37 A mulher e a filha bonita	171
38 O careca	175
39 A cumbuca de ouro e os marimbondos	182
40 A Mãe d'Água	183
41 O preguiçoso	185
42 A mulher dengosa	187
43 A lebre encantada	189
44 O pescador	192
45 O cágado e a festa no céu	194
46 Os três moços	195
47 A raposa e o tucano	197
48 O padre sem cuidado	198
49 Os três conselhos	200
50 O príncipe cornudo, 2^a versão	203
51 O rei caçador	209
II Contos de origem indígena	212
52 O cágado e a fruta	213
53 O cágado e o teiú	215
54 O cágado e o jacaré	217
55 O jabuti e a raposa	219
56 O cágado e a fonte	221
57 A onça e o bode	222

58 O veado e a onça	224
59 A onça, o veado e o macaco	226
60 O macaco e a cotia	229
61 O urubu e o sapo	230
62 Amiga raposa e amigo corvo	232
63 Amiga folhagem	234
64 A raposa e a onça	236
65 O jabuti e a raposa	238
66 O jabuti e o homem	240
67 O jabuti e o caipora	242
68 A raposa e o homem	244
69 O jabuti e a onça	245
70 O sapo e o veado	246
71 O jabuti e o veado	248
72 A onça e o coelho	250
III Contos de origem africana e mestiça	253
73 O macaco e o moleque de cera	254
74 O macaco e o rabo (Sergipe)	256
75 O macaco e o rabo (Pernambuco)	258
76 A onça e o boi	260
77 A onça e o gato	262
78 O macaco e a cabaça	263

79 O macaco e o coelho	264
80 O Doutor Botelho	265
81 Melancia e Coco Mole	268
82 O caboclo namorado	270
83 O macaco e o aluá	272
84 O velho e o tesouro do rei	275
85 O homem que quis laçar Deus	277
86 O homem tolo	280
87 A mulher gaiteira	282
88 O negro pachola	285
RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA	287

ESTE LIVRO

Esta obra de Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) é fundamental para as letras nacionais e para a ideia mais sofisticada de cultura popular. Constituída a partir de uma compilação levada a cabo em Pernambuco, Sergipe e Rio de Janeiro, e também no Pará, com alguns contos colhidos dos índios por Couto de Magalhães, dos quais o autor serviu-se para fins de comparação, é a primeira grande obra etnográfica da literatura brasileira, com um capítulo de origem europeia, um de origem indígena e um afro-brasileiro. Para que se fizesse este volume, recorreu-se à edição portuguesa, cheia de deturpações e erros grosseiros como denunciaria mais tarde o autor, de 1883, pela Nova Livraria Internacional, e duas edições brasileiras, de 1887 e 1907, ambas pela Francisco Alves. Duas obras que tomamos como referência, em maior medida com o objetivo de perceber o alcance do pioneiro esforço de Romero ao longo das décadas, são estes *Contos populares do Brasil* publicados pela José Olympio Editora em 1954, com apresentação e notas de Câmara Cascudo, e o livro de Monteiro Lobato, *Histórias de Tia Nastácia*, de 1937, pela editora Brasiliense, em que Nastácia conta às crianças algumas das aventuras e fábulas aqui reunidas.

Da presente edição consta o texto introdutório de Sílvio Romero (que consta igualmente de outra obra sua, *Cantos populares do Brasil*, de poesia popular), em oposição ao prefácio à edição portuguesa assinado por Teófilo Braga. A introdução de Romero é particularmente interessante, porque revela alguns dos tremendos erros conceituais em que o autor incorreu, por exemplo sobre os rumos da miscigenação do povo brasileiro,

com aquele pensamento racialista, tão acentuado e tão distante da realidade, que provinha de certa moda “cientificista”: os adeptos diziam reivindicar Darwin sem chegarem de fato a conhecer Darwin. Revela também um recorte da ampla teoria literária de Romero, do mesmo modo repleta de imprecisões e problemas metodológicos embora seja sempre parte do trabalho de um precursor, e que tanto cativou o olhar mais atento de Antônio Cândido, Darcy Ribeiro, e outros, até a atualidade.

Apesar de seus erros, suas grosserias, sua soberba, seus muitos preconceitos, seus exageros, sua desfavorável vaidade, Romero merece uma posição de destaque na cultura brasileira, e é a posição de um verdadeiro precursor. Afinal, bem poucos têm o mérito de abrir caminho a um Mário de Andrade, a um Marcus Pereira, a um Rolando Boldrin, a um Solano Trindade, a um Luis da Câmara Cascudo, a um Darcy Ribeiro, a uma Inezita Barroso, a um Ariano Suassuna, entre muitos outros, cada qual a seu modo e em seu momento.

LICENÇA

A obra de Sílvio Romero encontra-se em domínio público, e este arquivo é um Recurso Educacional Aberta, REA, idealizado para ser utilizado, distribuído e modificado à vontade. Solicitamos apenas que, ao ser usado de algum desses modos, seja mencionada esta iniciativa editorial. A nossa editora CADERNOS DO MUNDO INTEIRO é a primeira do Brasil especializada em Recursos Educacionais Abertos, e queremos muito que os nossos pares, pessoas interessadas nos assuntos educacionais e culturais do Brasil, conheçam-nos. A edição deste arquivo e a atualização ortográfica do texto de Sílvio Romero são trabalho de Eduardo Rodrigues Vianna.



Creative Commons 4.0 Internacional,
licença Zero: domínio público.
*A utilização desta obra é livre
para todas as finalidades.*

INTRODUÇÃO

ORIGENS DA NOSSA POESIA E DE NOSSOS CONTOS POPULARES

PRTUGUESES, ÍNDIOS, AFRICANOS E MESTIÇOS

Indicar no corpo das tradições, contos, cantigas, costumes e linguagem do atual povo brasileiro, formado do concurso de três raças, que, há quatro séculos, se relacionam; indicar o que pertence a cada um dos fatores quando muitos fenômenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados; quando a assimilação de uns por outros é completa aqui e incompleta ali, não é coisa tão insignificante, como à primeira vista pode parecer.

Comecemos pelo poesia.

Quais são aqui os agentes criadores e quais são os transformadores? O agente transformador por excelência tem sido entre nós o mestiço. Mas será verdade que os selvagens e os africanos possuísem uma poesia, que tenha passado às nossas gerações atuais? Nós o cremos: mas eis aí a grande dificuldade. Fala-se muito de uma decantada poesia dos índios dos três primeiros séculos da conquista; poucos são os fragmentos coligidos. Ainda pior é o que se tem dado com os africanos. Demais, hinos líricos, cantados pelo povo brasileiro, são vazados nos moldes da língua portuguesa pura e estreme. Como marcar o veio negro e vermelho em canções que afetam uma só forma? As dificuldades abundam. Incontestavelmente o português é o agente mais absoluto da nossa vida espiritual. Devemos-lhe a crença religiosa, as institui-

ções civis e políticas, a língua e o contato com a civilização europeia. Na poesia popular a sua superioridade é, portanto, incontestável. Pertencem-lhe, entre nós, todos os romances cavaleirescos, como *D. Infanta, Noiva roubada, Bernal Francês, D. Duarte e Donzilha, D. Maria e D. Arico*, e outros que se encontram em nosso *Cantos populares do Brasil*, e que têm seus correspondentes nas coleções europeias.

É ainda obra sua a maior parte das canções soltas em quadrinhas, que em Sergipe têm o significativo nome de *versos gerais*.

As relações da raça superior com as duas inferiores tiveram dois aspectos principais: a) relações meramente externas, em que os portugueses não poderiam, como civilizados, modificar sua via intelectual, que tendia a prevalecer, e só poderiam contrair um ou outro hábito e empregar um ou outro utensílio na vida ordinária; b) relações de sangue, tendentes a modificar as três raças e formar o mestiço.¹

No primeiro caso, comprehende-se de pronto que a ação dos índios e dos negros sobre o europeu não era muito profunda e radical; no segundo, a transformação fisiológica produzia um tipo novo; se não eclipsava o europeu, ofuscava as duas raças inferiores.

¹Como veremos, o texto de Sílvio Romero está repleto daquela noção segundo a qual uma raça superior, associada de modo forçoso às duas inferiores, seria a condutora da civilização brasileira. O autor foi sempre um representante do Brasil oficial, portanto do Brasil branco de sua época, embora detestasse com sinceridade a imensa mediocridade que caracteriza o Brasil oficial até hoje. Sabemos que se interessou pelas classes sociais em nível nacional, sua formação e seus antagonismos — deixou sem terminar um livro com o título *O Brasil social* —, mas morreu convicto de suas teses racialistas e supremacistas quanto ao fazimento na nação, ainda quando defendesse a correta linha abolicionista em favor de uma reforma agrária em benefício dos ex-escravos. Era mais um *racialista* que um racista: foi dos primeiros a compreender a necessidade que os brasileiros têm de conhecer a história e a atualidade da África, por exemplo, e apontava o negro como o verdadeiro civilizador do Brasil. Mas nutria a crença de que a miscigenação embranqueceria, e *apenas* embranqueceria, o povo brasileiro, e que somente a partir do embranquecimento nos tornaríamos uma grande nação, porque o branco seria a vertente mais forte, a *melhor*, na formação mestiça do país. [Nota do Editor.]

Na poesia popular, portanto, depois do português, é o mestiço o principal fator. Aos selvagens e africanos, que não são autores diretos, coube aí mesmo, porém, uma ação mais ou menos eficaz.

Nos *romances de vaqueiros* há influxo indígena, e nos versos de reinados ou *reizados*, *cheganças*, *congos*, *taieiras*, influência africana.

Os autores diretos, repitamos, que cantavam na língua como sua, foram os portugueses e os mestiços. Quanto aos índios e negros, verdadeiramente estrangeiros, e forçados ao uso de uma língua imposta, a sua ação foi indireta, ainda que real. Na formação da psicologia do mestiço, a que iam transmitindo as suas tendências intelectuais com todas as suas crenças, abusões, lendas e fantasias, é que se nota o seu influxo. A ação fisiológica dos sangues negro e indígena no genuíno brasileiro explica-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento. Não há aqui, pois, em rigor, vencidos e vencedores; o mestiço consagrhou as raças e a vitória é assim de todas três. Pela lei da adaptação elas tendem a modificar-se nele, que, por sua vez, pela lei da concorrência vital, tendeu e tende ainda a integrar-se à parte, formando um tipo novo em que prevalecerá a ação do branco. Pertencem-lhe diretamente em nossa poesia popular todas as cantigas que não encontram correspondentes nas coleções portuguesas, como todos os romances sertanejos, muitas xácaras e versos gerais de um sabor especial. Nestas criações, que chamamos mistas, dá-se cumulativamente a ação das rês raças, e ao mestiço pertencem, como próprios, o langor lascivo e os cálidos anhelitos da paixão. Quase todos os versos desta espécie coligimos da boca de ariscas e faceiras mulatas.

Encontram-se ainda entre nós certa tendência de ridicularizarem-se mutuamente as diversas raças. O caboclo foi, desde os tempos coloniais, objeto de muitos motejos e lendas debica-

tivas; era considerado o tipo da tolice e da fatuidade, a encarnação do parvo e do basbaque. O negro era, por sua vez, bem escarnecido, e o português alcunhado de *maroto*, *galego*, *mari-nheiro* etc. Ao mestiço deu-se o nome de *cabra*, *bode*, e outros títulos malsinantes. Este estado de luta latente ainda se nos depara no folclore brasileiro.

Passemos aos contos e lendas. Ái é direta a ação das três raças e a influência do mestiço ainda muito insignificante, a não ser como agente transformador. Temos contos de origem portuguesa (ariana), americana (pretendida turana), africana (raças inferiores) e mestiça (formação recente).

Entre os primeiros destacam-se todos aqueles contos que têm análogos nas coleções europeias e especialmente portuguesas. Citaremos, como espécimens, *O Bicho Manjaléu*, *Os três coroados*, *O sargento verde*, *Príncipe cornudo*, *Maria Borracheira*, *João e Maria* etc.

De origem indígena coligimos diversos, muito popularizados e repetidos por toda parte. Alguns deles têm seus paradigmas originais entre os colhidos por Couto de Magalhães no seu livro *O selvagem*.² Os que vulgarizamos agora correm entre nossas populações cristãs. São muito diversos dos de origem portuguesa, cujos originais primitivos podem ser cotejados nas coleções de Adolfo Coelho e Teófilo Braga. Os mais notáveis são do ciclo do cágado, o *jabuti* dos índios, e do ciclo da raposa, a *micura* dos tupis. Tais são: *O cágado e a fruta*, *O cágado e o teiú*, *O cágado e o jacaré*, *A onça e o veado*, *Amiga folhagem* etc. Um ou outro desses contos tem análogo em Portugal e se prendem pela maior parte do ciclo europeu

²José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898). Militar, político e escritor mineiro. Pioneiro da navegação a vapor em águas do Brasil Central. Professor do *tupi como língua viva*, nheengatu, o tupi moderno. A grande obra *O selvagem* foi publicada em 1876, como uma compilação do conhecimento tupi acessível ao olhar e aos esforços de Magalhães. Consta daí a compilação de contos mencionada por Romero, além de uma exposição da língua nheengatu, e outros dados de natureza geral. Foi o primeiro verdadeiro folclorista do Brasil. [N. do E.]

do *renard*.³ É incontestável, porém, que os nossos indígenas, além dos grandes ciclos de contos do *jabuti* e da *onça*, tinham também muitos contos da raposa (*micura*).

Os negros também contribuíram com o seu contingente e diversos contos de proveniência sua correm entre nós.

Não são tão fantasiosos como os portugueses, que se perdem no vasto ciclo de mitos arianos, os mais belos da humanidade; mas têm uma certa ingenuidade digna de ser apreciada. Constituem a terceira secção da presente coletânea, de parceria com as historietas sobre temas africanos, bordadas pelos mestiços. No terreno dos contos parece-nos que não têm ficado inativos, e alguma coisa têm produzido sobre elementos fornecidos pelas três raças mães. Neste número estávamos quase tentados a incluir a *Mãe d'água*, que nos parece, por um lado, ser tupi, e por outro ariano, ou de formação posterior e mestiça sobre elementos tópicos e europeus. Não podemos decidir com certeza e cortar a dúvida. Incluímo-lo na secção de origem portuguesa. O agente transformador neste terreno é principalmente o mestiço. O conto de origem indígena, *A onça e o bode*, é o mesmo publicado por Couto de Magalhães sob nº XII em *O selvagem*. O nosso povo substituiu o veado pelo bode e fez outras pequenas alterações. O mesmo dá-se com diversos contos portugueses, indígenas ou africanos, que se encontram modificados entre nós. A questão das origens nem sempre é fácil decidir: em muitos casos ficamos realmente embaraçados.

O conto *O macaco e o rabo*, por exemplo, que incluímos entre os africanos, encontra-se com o título *O rabo do gato* nos *Contos populares portugueses*, do Sr. Adolfo Coelho. Supomoslo antes de origem africana. É um grande abuso dos escritores portugueses o falarem sempre das tradições e costumes de seu povo, como se ele nunca tivesse estado em contato com outras raças nem terras das conquistas e sido influenciado por

³“Raposa”. [N. do E.]

elas. É evidente, porém, que as comunicações comerciais e coloniais e diretas e constantes dos portugueses com africanos, americanos e asiáticos; o fato das classes diretoras das suas colônias serem sempre compostas de indivíduos da metrópole, que para ali voltavam, levando às vezes família constituída durante o seu mandato; o fato de muitos filhos das novas terras se alistarem nas milícias e irem ter à Europa; a volta para ali de muitos negociantes ricos, já afeitos aos hábitos das novas gentes, o que ainda hoje acontece; a estada, em particular de muitos brasileiros, especialmente estudantes, em Portugal, já não falando nos antigos escravos negros, índios e mamelucos; todos estes fatos são mais que suficientes para garantir-nos a veracidade da coisa. Pode, entretanto, bem ser que o conto de que falamos seja de origem europeia, e não fazemos disto grande questão. É verdade que não se poderá prová-lo só pelo fato de ter ele um análogo em Portugal.

Também alguns contos do ciclo do *jabuti* e da *raposa* têm semelhantes tradições arianas e ninguém lhes contestará a origem selvagem. Sabe-se que as criações míticas seguem também uma ordem e obedecem a certas leis. O seu *parallelismo* explica-se pelas leis fundamentais do espírito humano, as mesmas por toda a parte.

Sobre nossos contos haverá muito o que dizer no tocante a comparações de mitos de outros países, e especialmente sob o ponto de vista da teoria cósmica ou solar. Tais estudos, entretanto, são por enquanto prematuros. Só depois de uma vasta coleção que abranja todas as províncias se poderá tentar semelhante empresa. Carlos Frederico Hartt⁴ pondera que a nossa lenda tópica do *jabuti que vence o veado* (em Sergipe é o *sapo que vence o veado*) tem análogas em África e no Sião.

⁴Carlos Frederico Hartt, ou Charles Frederick Hartt (1840-1878), geólogo estadunidense, professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Estudioso do Brasil, em especial dos sertões nordestinos. [N. do E.]

Couto de Magalhães colheu-a e a publicou à pág. 185 de *O selvagem*. Nós encontramo-la também na tradição oral do Norte com a modificação indicada. Não negamos o fato alegado pelo falecido professor americano; parece, no entanto, que não era mister ir tão longe para encontrar as lendas paralelas àquela.

Eis o que diz o Dr. Gustavo Dodt⁵ numa carta ao autor de *O selvagem*:

Queria dar duas notícias relativas às lendas tupis que publicou em sua obra. A primeira à nota do Dr. Hartt de ter-se encontrado a lenda do jabuti, que excede o veado em velocidade, não só no Brasil, mas na África e no Sião. A isto devo juntar que a mesma fábula se acha na Alemanha, e só que os animais que nela figuram são naturalmente outros, fazendo uma espécie pequena de porco espinho o papel de jabuti e a lebre o do veado. A outra é que o desfecho da fábula entre a onça e a raposa (pág. 237 do *Selvagem*) e que, como indica, é diferente da fábula grega, se acha tal qual numa antiga fábula alemã, com a única diferença de que a onça é substituída por uma serpente, que por descuido foi apanhada por um laço, e a raposa substituída por um homem. O juiz é no princípio um lobo, que dá a sentença em favor da serpente, na esperança de obter uma parte da presa; o homem, porém, apela, e o juiz da segunda instância é o corvo, que, pelo mesmo motivo, confirma a sentença; finalmente, em terceira instância é o juiz a raposa, que manda repor tudo no seu estado primitivo, dando ao homem a faculdade de libertar de novo a serpente ou não.

Comparações destas poder-se-iam multiplicar, trabalho aliás inútil quanto aos contos de origem portuguesa entre nós, que se prendem ao corpo de tradições indo-germânicas, que têm sido objeto dos mais acurados estudos. Qualquer curioso, compulsando, por exemplo, a coleção alemã dos irmãos Grimm e a italiana de Comparetti e d'Ancona, irá descobrir inúmeras lendas e fábulas análogas às nossas de origem portuguesa.

⁵Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso (1888-1959), folclorista brasileiro [N. do E.]

As de origem indígena e africana têm aqui e ali os seus congêneres. Iniciamos em tempo este trabalho, que abandonamos, por nos parecer mais enfadonho que valoroso. Dos encontros e paralelismos que então descobrimos, damos apenas aqui um caso. O mito cósmico dos nossos índios, com que explicam a separação do dia e da noite, tem bastante analogia com a lenda da Nova Zelândia, que dá conta da separação do céu e da terra. O mito neozelandês é mais épico e formoso; em ambos, porém, procura-se explicar de dois fenômenos capitais; em ambos fala-se de esposos que estavam ou vieram ficar separados, e trata-se de uma revolta ou desobediência. Citemo-los para estudo comparativo, segundo as lições de Couto de Magalhães e de Tylor.⁶ O mito cósmico neozelandês intitula-se *Filhos do céu e da terra*, e é como segue:

De Ranci (o Céu) e de Papa (a Terra) saíram todos os homens e todas as coisas. Mas o Céu e a Terra se uniram e a noite se estendeu sobre eles e sobre tudo que deles tinha saído, até que um dia seus filhos reuniram-se em conselho para saber se era preferível separar seus pais e matá-los. Então Tane-Mahuta, pai das florestas, disse aos cinco grandes irmãos: “É melhor colocar o Céu sobre nossas cabeças e a Terra sob nossos pés. Deixemos o Céu tornar-se para nós estranho; mas a Terra deverá ficar perto de nós como a mãe que nos amamentou.” Então Rugo-Ma-Tane se levanta e procura separar o Céu da Terra; insiste, mas de balde; vãos foram também os esforços de Tangaroa, pai dos peixes e dos répteis, e de Haumia-Tikitiki, pai das plantas selvagens, e de Tu-Matuenga, deus e pai dos homens intrépidos. Tane-Mahuta, deus e pai das florestas, se levanta e por sua vez, com toda a calma de sua força, luta corpo a corpo com seus pais, procurando separá-los com suas mãos e braços. Enfim, para; sua cabeça fica fortemente presa a sua mãe, a Terra; levanta os pés para repelir seu pai, o Céu, e estende o seu dorso e braços com supremo esforço. Ranci e Papa foram finalmente separados, e fizeram ouvir gritos entrecortados de

⁶Edward Burnett Tylor (1832-1917), antropólogo britânico, segundo quem as culturas humanas são como vertentes ou secções de uma cultura única, com um valor universal. [N. do E.]

prantos e ameaças. Tane-Mahuta não para, aperta em torno de si a Terra com todas as suas forças e levanta o Céu com a mesma energia. Mas Tawir-Che-Matea, pai dos ventos e tempestades, nunca lhe tinha consentido que sua mãe fosse arrancada de seu esposo; e levantou-se então em seu seio um terrível desejo de lutar contra seus irmãos.

O deus das tempestades se levantou portanto e acompanhou seu pai para o reino superior, a fim de achar um abrigo profundo nos céus sem limites e ocultar-se aí para sempre. Acompanhou-o toda a sua linhagem: os ventos furiosos, as poderosas rajadas, as nuvens espessas, sombrias, ardentes, turbilhonando com raiva, estourando com furor. Quando se acharam todos reunidos, o pai no meio deles precipitava-se sobre o inimigo, Tane-Mahuta, e suas florestas gigantescas, que estavam tranquilas, nada desconfiando, quando de repente o formidável furação se desencadeou sobre elas. Árvores enormes se quebraram como vidro; por todas as partes ficaram ramos e troncos despedaçados, presa futura dos vermes e dos insetos. Então, o pai das tempestades arroja-se às ondas e chicoteia as águas até que elas se levantem em vagas escumosas à altura das montanhas; Tangaroa, deus do oceano e pai de tudo que nele habita, foge atemorizado para os confins de seu Império. Seus filhos, Ika-Tere, pai dos peixes, e Tu-Te-Wei-Wehi, pai dos répteis, procuram onde abrigar-se com segurança. “Eia depressa, salvemo-nos todos no mar!”, brada o pai dos peixes. “Não, não; fujamos antes para a terra!”, grita de seu lado o pai dos répteis. Estes entes separaram-se, portanto: ao passo que os peixes se refugiaram no mar, os répteis procuravam um brigo nas florestas e nos ervaçais. Mas o deus do mar, Tangaroa, furioso porque os répteis, seus filhos, o tinham abandonado, depois fez sempre a guerra a seu irmão Tane, que os acolhera em seus bosques. Tane responde seus ataques, fornecendo a seu irmão Tu-Matuenga, pai dos homens intrépidos, canoas, lanças e arpões feitos de madeira de suas árvores, e cordas tecidas com fibras de suas plantas, para destruir os peixes, filhos do deus do mar; o deus do mar, para vingar-se do deus das florestas, engole as canoas com suas vagas, inunda as florestas e as casas, e as carrega para o oceano sem fim. O deus das tempestadesolveu depois sua cólera contra seus irmãos, os deuses das plantas selvagens e das cultivadas; mas Papa (a Terra) as ocultou tão perfeitamente em seu seio, que o deus das tempestades as procurou

em vão. Ele arranjou-se então contra o último de seus irmãos, o pai dos homens intrépidos; não o pôde porém abalar, apesar de todos os seus esforços. Que era para Tu-Matuenga a cólera de seus irmãos? Não havia sido ele que pensara em destruir todos os seus parentes? Não se tinha ele mostrado valente e temerário durante a guerra? E, entretanto, tinham os seus irmãos recuado diante do ataque terrível do deus das tempestades e de seus filhos? O deus das florestas e sua família tinham sido estrangulados; o deus do mar e seus filhos se tinham refugiado nas profundezas do oceano ou escondido nos abrigos da costa; os deuses das plantas cultivadas e selvagens tinham evitado o perigo, ocultando-se; o homem, porém, ficava de pé, impassível, apoiado em sua mãe, a Terra.

Pouco a pouco acalmaram-se os céus, a tempestade, e sua cólera dissipou-se. Tu-Matuenga, pai dos homens intrépidos, pôs-se a imaginar como poderia vingar-se de seus irmãos que o tinham abandonado, quando ele teve de resistir ao deus das tempestades. Fabricou laços com as folhas do whanaka; os pássaros e as feras, filhos de Tane, deus da floresta, caíram em seu poder; fez cordas com o linho e trouxe à praia os peixes, filhos de Tangaroa, deus do mar. Foi procurar em seu abismo subterrâneo os filhos de Rugo-Ma-Tane, a batata e todas as plantas cultivadas; o mesmo fez aos filhos de Haumia-Tikitiki, a raiz das ervas e todas as plantas selvagens, desenterrou-as e fê-las secar ao sol. E, todavia, vencidos seus quatro irmãos e postos ao seu serviço, não pôde triunfar do quinto; Tawirche-Maeteia, deus das tempestades, não cessa de atacá-lo, dirige contra ele temporais e furacões e procura destruí-lo no mar e na terra. A cólera indomável do deus das tempestades contra seus irmãos teve como resultado o desaparecimento da Terra debaixo das águas. Os deuses antigos, que assim submergiram a Terra, chamavam-se a Chuva Terrível, a Chuva de Longa Duração, a Saraiva Violenta, as Cerrações, o Orvalho Abundante e o Orvalhe Tênu; só uma parte diminuta da Terra escapou à invasão das águas.

Por fim a luz resplandecente aumentou o mundo, e os seres que tinham ficado ocultos entre Ranci e Papa, antes de sua separação, se multiplicaram então sobre a Terra. Até hoje o vasto Céu ficou separado de sua esposa, a Terra: mas seu amor recíproco continua: os doces, os ardentes suspiros

do terno coração da esposa elevam-se constantemente para o esposo; escapam-se das montanhas e dos vales, e os homens, em sua ingenuidade, os denominam vapores; o vasto Céu, durante as longas e tristes noites passadas longe de sua amada, chora frequentemente lágrimas sobre seu seio, lágrimas que os homens chamam gotas de orvalho.⁷

Belíssimo episódio cósmico de um povo selvagem e quase desconhecido! . . .

Vejamos o mito tupi. Couto de Magalhães intitula-o *Como a noite apareceu*. Ei-lo:

No princípio não havia noite; havia dia somente em todo o tempo. A noite estava adormecida no fundo das águas. Não havia animais; todas as coisas falavam. A filha da Cobra Grande, contam, casara-se com um moço. Este moço tinha três fâmulos fiéis. Um dia chamou ele os três fâmulos e lhes disse: “Ide passear, porque minha mulher não quer dormir comigo.” Os fâmulos foram-se, e então ele chamou sua mulher para dormir com ele. A filha da Cobra Grande respondeu-lhe: “Ainda não é noite.” O moço disse-lhe: “Não há noite, somente há dia.” A moça falou: “Meu pai tem noite. Se queres dormir comigo, manda buscá-la lá, pelo grande rio.” O moço chamou os três fâmulos; a moça mandou-os à casa de seu pai para trazerem um caroço de tucumã. Os fâmulos foram, chegaram em casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um caroço de tucumã muito fechado, e disse-lhes: “Aqui está; levai-o. Eia! Não o abris, senão todas as coisas se perderão.” Os fâmulos foram-se, e estavam ouvindo barulho dentro do coco de tucumã, assim: *ten, ten, len... xi...* era o barulho dos grilhos e dos sapinhos que cantam de noite. Quando já estavam longe, um dos fâmulos disse aos seus companheiros: “Vamos ver que brulho é este.” O piloto disse: “Não, do contrários nos perdemos. Vamos embora, eia, rema!” Eles foram-se e continuaram a ouvir aquele barulho dentro do coco de tucumã, e não sabiam que barulho era. Quando já estavam muito longe, ajuntaram-se no meio da canoa, acenderam fogo, derreteram o breu que fechava o coco, e o abriram. De repente tudo escureceu. O piloto então disse: “Nós estamos perdidos; e a moça, em sua casa, já sabe

⁷Cit. na *Revue Scientifique*, de Paris, nº 48, de 26 de maio de 1877. [Nota do Autor.]

que nós abrimos o coco de tucumã!” Eles seguiram viagem. A moça, em sua casa, disse então a seu marido: “Eles soltaram a noite; vamos esperar a manhã”.

Então todas as coisas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animais e em pássaros. As coisas que estavam espalhadas pelo rio se transformaram em patos e peixes. Do paneiro gerou-se a onça; o pescador e a sua canoa se transformaram em pato; de sua cabeça nasceram a cabeça e o bico de pato. A filha da Cobra Grande, quando viu a estrela d’alva, disse a seu marido: “A madrugada vem rompendo. Vou dividir o dia da noite.” Então ela enrolou um fio, e disse-lhe: “Tu serás cujubi.” Assim, ela fez o cujubi, pintou a cabeça do cujubi de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucum, e então disse-lhe: “Cantarás para todo sempre quando a manhã vier raiando.” Ela enrolou o fio, sacudiu cinza em riba dele, e disse: “Tu serás inhambu para cantares nos diversos tempos da noite, e de madrugada”.

De então para cá todos os pássaros cantaram em seus tempos, e de madrugada para alegrar o princípio do dia.

Quando os três fâmulos chegaram, o moço disse-lhes: “Não fostes fieis; abristes o caroço de tucumã, soltastes a noite e todas as coisas se perderam, e vós também que vos metamorfoseastes em macacos, andareis pra todo sempre pelos galhos dos paus.” A boca preta, e a risca amarela que eles têm no braço, dizem que é ainda o sinal do breu que fechava o caroço de tucumã, que escorreu sobre eles quando o derreteram.

É esta a lenda; comparem-na com a neozelandesa.

Dentre os contos indígenas, alguns passaram às populações cristãs do país, e outras não. Daquele transcrito não encontramos vestígios na tradição que consultamos. O mesmo deve ter acontecido a muitos africanos por certo e alguns portugueses: não passaram às nossas populações atuais. Mas não é somente nas canções e contos populares que se encerra tudo o que devemos às três raças que habitam o país. Aos portugueses devemos as dádivas principais de nossa civilização

nascente; somos-lhes obrigados pelas ideias políticas e sociais que nos regem; ainda hoje sua velha legislação civil é a nossa.

A ordem religiosa, política, jurídica e social são entre nós obra europeia. É inútil comentar a influência e ação combinada destas instituições sobre o desenvolvimento de um povo.⁸

Os índios não são credores somente do influxo de seus *yreytos* ou *yeroquis* e de suas lendas. O uso de muitas plantas medicinais, o emprego de muitas indústrias rudimentares de *jiquis*, *gererês*, *tapitis*, *urus*; a manipulação de algumas substâncias comestíveis, como a carimã e a tapioca etc, devemos aos selvagens. Muitos outros usos e costumes, e até crenças fantásticas, como a do Caipora, passaram às nossas populações atuais; é verdade, porém, que as lendas de Sumé, Jeropari e Tamandaré perderam-se e o nosso povo as ignora.

A raça africana tem tido no Brasil uma influência enorme, somente inferior à influência da portuguesa; penetrou em nossa vida íntima e por ela moldou-se em grande parte a nossa *psicologia* popular. É fácil compreendê-lo.

A raça africana entre nós conta-se também como raça invasora e este fato merece atenção.

O europeu julgou-se fraco para repelir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso: o negro d'África. Ao passo que o índio, em diminuto número aliás, não excedente talvez a um milhão, tornava-se improdutivo, fugia,

⁸Somos obrigados a mencionar o historiador brasileiro Moniz Bandeira, em seu amplíssimo ensaio *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973. pp. 5-11. Bandeira aí demonstra haver sido o colonizador português um elemento nada progressista, e julgamos necessário fazer sempre referência a isto: decidido a não criar na colônia nenhuma condição para as artes, a imprensa, a instrução pública, a indústria, e nem mesmo para um sistema político e jurídico minimamente satisfatório, ainda que já existissem as classes dominantes do Brasil, e havendo impedido os brasileiros de estabelecer qualquer contato com outros países durante cem anos, o colonizador português empenhou-se em auferir lucros da extração de matérias primas, enquanto impedia com todo o zelo que o Brasil chegasse a funcionar como um país. Apontamento semelhante é feito pelo baiano Manoel Querino em *O colono preto como fator da civilização brasileira*, publicado nesta coleção. [N. do E.]

esfacelava-se e morria, durante mais de três séculos chegavam as levas de africanos, robustos, ágeis e domáveis, que vinham desbravar terras, fundar as fazendas e engenhos, construir as cidades e viver no seio das famílias coloniais.

A diferença é enoríssima. Só um caboclista inconsciente poderá negá-la.

O índio foi um componente que se viu desequilibrado e feneceu; o negro um aliado do branco que prosperou.

Acresce que o número de africanos transportados ao Brasil, durante mais de trezentos anos, foi muito superior à população cabocla primitiva. Computam-se aqueles em milhões e toda esse gente válida e fecunda prosperou na América. O próprio fato da escravidão serviu para ainda mais vinculá-la ao branco.

As escravas, e raro era o colono que não as tinha, viviam no seio das famílias no serviço doméstico: daí o cruzamento natural; apareciam os mestiços, e novos laços se criavam. Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o açúcar, o café, e todos estes gêneros chamados coloniais, que a Europa consumia.

Só por estes três fatos, a escravidão, o cruzamento e conchego doméstico, e o trabalho, é fácil aquilatar a imensa influência que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro.

A escravidão operou como fator social, modificando nossa psicologia, nossos hábitos e nossos costumes.

Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e suportar em descanso as agruras do clima. Desenvolveu-se como fator econômico, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilizador.

O *cruzamento* modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais docura aos costumes e produziu o mestiço, que constitui a massa de nossa população e a beleza de nossa raça.

Ainda hoje os mais lindos tipos de nossas mulheres são essas moças ágeis, fortes, morenas, de olhos e cabelos negros, em cujas veias, por certo, circulam, já bem diluídas, muitas gotas de sangue africano. O escravo foi todo o nosso passado, e até pouco era todo o nosso presente. “A Costa d’África civilizou o Brasil”, disse um de nossos homens de estado e disse uma verdade.

O negro influenciou toda a nossa vida íntima, muitos de nossos costumes foram por ele transmitidos. Basta lembrar, por exemplo, que a cozinha genuinamente brasileira, a cozinha baiana, é toda africana. Muitos de nossos bailados, danças e músicas populares, uma literatura inteira de canções ardentes, tem essa origem. É pena, pois, que essa raça enérgica tenha sofrido o labéu da escravidão; fazemos um voto para se reivindique o seu lugar em nossa história. Havia outros meios de utilizar o negro sem aviltá-lo. O índio, por seu lado, foi também muito crumente tratado e é admirável que, nestas condições, não tenhamos tido aqui guerras de raças, além dos pequenos episódios dos Emboabas, Mascates e Balaios.

De tudo que havemos dito é fácil a conclusão. Das três raças, que constituíram a atual população brasileira, a que rastro mais profundo deixou foi por certo a branca; segue-se a negra e depois a indígena. À medida, porém, que a ação direta das duas últimas tende a diminuir, com o internamento do selvagem e a extinção do tráfico de negros, a influência europeia tende a crescer, com a imigração e pela natural tendência de prevalecer o mais forte e o mais hábil. O mestiço é a condição desta vitória do branco, fortificando-lhe o sangue para habilitá-lo aos rigores do clima. É uma forma de transição necessária e útil que caminha para aproximar-se do tipo su-

terior.⁹ Seja-nos permitido repetir algumas palavras em que esboçamos noutro lugar, e há vite e seis anos, esta ordem de ideias, referidas então pela primeira vez às populações nacionais:

Aplicando os princípios de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triunfar na luta pela vida neste país é a raça branca.¹⁰ A família selvagem e a família negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, talvez bem pouco, conseguirão para si. Os seus próprios recursos e esforços volver-se-hão em vantagem aos brancos. Prova-o o fato do cruzamento, em que tendem a predominar o tipo e as tendências do povo europeu, ajudado pela mescla de sangue selvagem e negro, que mais o habilita a suportar os rigores do nosso

⁹Um fecundo contraponto ao pensamento de Romero encontra-se na obra do também sergipano Manoel Bomfim, médico, psicólogo, historiador e pedagogo (1868-1932), para quem o concurso das raças tal como apontado por Romero tem outra importância para a compreensão da brasiliade: as teses racialistas e racistas têm nenhum fundamento segundo a sua abordagem. Para ele, o que define a formação do Brasil, e dos demais países latino-americanos, são a supremacia e o mando de uma *casta parasitária*, a dos colonizadores que deram ensejo às classes dominantes locais, alheia aos problemas do povo e subserviente ao mundo rico, desde o princípio proprietária de escravos, criadora e disseminadora de um *parasitismo social e moral*. Apontou a educação pública em larga escala como a chave para edificar um grande Brasil. Bomfim afirmava não existir nenhum conhecimento científico “neutro” quanto a reivindicações sobre raça ou qualquer outro assunto: o “saber”, que se apresenta como neutro, atende sempre a determinados interesses políticos e sociais, ou ainda aos conceitos ou presunções de quem se põe a investigar. Um ofendidíssimo Romero escreveria vinte e tantos artigos em ataque a Bomfim, o qual limitou-se a xingar o detrator, sem vontade de dar curso à polêmica. Mais tarde, Bomfim faria uma retificação ao seu pensamento político: o que redimiria o Brasil não seria a educação, mas a revolução social, revolução popular. Recomendamos o seu livro *América Latina: males de origem* (1905), disponível pela Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, edição de 2008. [N. do E.]

¹⁰Infelizmente, para prejuízo deste e de outros escritos, havia muito mau entendimento acerca de Darwin, visto que a obra do cientista era sobre a seleção natural dos seres vivos em dadas condições ecológicas, a história natural dos organismos, e jamais sobre categorias como “literatura”, ou “povo”. De um modo um tanto difícil de compreender na atualidade, Romero e contemporâneos preferiam ler coisas *sobre* Darwin, em lugar de irem estudar o próprio Darwin. O naturalista nunca deu nenhuma indicação de como uma sociedade moderna haveria de se compreender e se conduzir segundo o critério da raça, por exemplo, e nem os seus achados se prestam a isto. [N. do E.]

clima. Nas repúblicas espanholas o cruzamento mais extenso foi do branco com o índio; entre nós foi do branco com o preto.

Este, depois do europeu, é o principal fator da nossa vida intelectual, política, econômica e social. Temos para com ele uma grande dívida: restabelecer na história o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes *mestiços*, máxime por estes últimos. Uma coisa é para notar: desafiamos a que nos mostrem em toda a história brasileira de quatro séculos um só tipo nacional, mais ou menos notável, que haja sido negro ou caboclo puro. Camarão¹¹ e Henrique Dias,¹² de valor mais que muito contestável, não está bem determinado que hajam sido um negro e o outro caboclo da mais pura e estreme linhagem.

É provável que já tivessem sido o resultado do cruzamento das três raças, ainda que em diminuta escala. Todos os nossos primeiros tipos têm sangue branco: são brancos puros, ou desfigurados pelo sangue das outras raças. É força convir, porém, que o futuro desde país pertencerá definitivamente ao branco só depois de haver este assimilado os elementos estranhos indispensáveis para o habilitarem a resistir plenamente às agruras de nossa natureza. Se houvera necessidade de aplicar no Brasil a teoria das raças, levada ao exagero por alguns autores, como Teófilo Braga em Portugal, melhor que este país o nosso ofereceria ampla possibilidade para a empresa; porquanto não fora preciso levantar à altura de raça uma simples classe da população, como fez aquele compilador, com os *moçárabes*. Entre nós o concurso de três raças inteiramente distintas, em todo o rigor da expressão, deu-nos uma *sub-raça* propriamente brasileira, o *mestiço*. O elemento fecundador é o branco que vai assimilando o que de necessário à vida lhe podem fornecer os outros dois fatores. A história o prova; ela nos mostra a inteligência e a atividade no branco puro ou no mestiço quase branco; porém nunca

¹¹Felipe Camarão (c.1600-1648), índio potiguar cearense, de educação jesuíta. Comandante das forças potiguares na luta de guerrilhas contra os holandeses, até a Insurreição Pernambucana. [N. do E.]

¹²Henrique Dias (?-1662), negro liberto, provavelmente pernambucano, companheiro de armas de Felipe Camarão nas lutas contra os holandeses. Capitão do mato, tomou parte na destruição de quilombos e na captura de escravos fugidos, na Bahia. Um dos fundadores das Forças Armadas do Brasil. Em 2002, o Estado brasileiro fez registrar o seu nome no *Livro dos Heróis da Pátria*. [N. do E.]

no índio ou no negro estremes de mistura.¹³ Mas como o branco genuinamente puro, coisa que se vai tornando rara no país, bem como se distingue do europeu, é força convir que o tipo, a encarnação perfeita do genuíno brasileiro, está, por enquanto, na vasta classe de mestiços, pardos, mulatos, cabras, mamelucos, caborés, e é por isso que não temos ainda um espírito, um caráter original. Este virá com o tempo. Nós dissemos que não temos um só homem notável em nossa história de quatro séculos que tenha sido negro ou caboclo puro. Camarão e Henrique Dias, repetimos, ainda quando ficasse provado que o foram, o que temos por duvidoso, o gênero de atividade em que se desenvolveram é daqueles que não requerem grande distinção. Os nossos homens mais notáveis, nas letras e na política, ou são brancos, como um José Bonifácio, um Gonçalves de Magalhães, um Marquez de Olinda, ou mais ou menos mesclados, como um Gonçalves Dias, um Tobias Barreto, um visconde de Inhomirim. Ninguém dirá que Gonçalves Dias, por exemplo, tenha possuído mais talento e ilustração do que Gonçalves de Magalhães; mas quem contestará que ele foi mais *brasileiro*, isto é, tinha maior soma de qualidade que o separavam do genuíno espírito português e o aproximava de um tipo, ainda não bem definido, que nós chamaremos no futuro o verdadeiro *nacional*.

A nossa tese, pois, é que a vitória definitiva na luta pela vida

¹³Curiosamente, Romero apontou o catarinense João da Cruz e Sousa (1861-1898), mais destacada figura da poesia simbolista brasileira e preto retinto, como um grande nome da literatura nacional para o séc. XX, segundo aquilo que enxergava em perspectiva. Mais curiosamente ainda, esqueceu-se nesta passagem do jornalista e escritor abolicionista José do Patrocínio (1853-1905), um de seus inumeráveis desafetos, cuja presença em termos sociais e políticos no Rio de Janeiro foi sempre muitas vezes superior à do próprio Romero. Também esqueceu-se do jornalista, poeta, advogado e ex-escravo Luiz Gama (1830-1882), que obteve a liberdade a mais de quinhentas pessoas em sua batalha jurídica contra o cativeiro — além de atender negros escravos ou libertos pobres, atendia imigrantes brancos em penúria, quando o patrão brasileiro não pagava o salário, em todos estes casos sem cobrar os honorários. Romero esqueceu-se igualmente de André Rebouças (1838-1898), abolicionista, engenheiro civil e militar, dos primeiros a compreenderem o imenso desafio dos recursos hídricos numa cidade como o Rio, e toda a problemática urbana diante do fenômeno da imigração. Esqueceu-se ainda do baiano Manuel Querino (1851-1923), desenhista, decorador e escritor, militante do abolicionismo e do movimento operário, fundador da Escola de Belas Artes e do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, empolgado na elaboração de uma antropologia afro-brasileira. Mas nenhum dos citados era negro “puro”, na opinião de Romero, embora Cruz e Sousa e Querino não tivessem quaisquer parentes brancos. Quanto a Luiz Gama, conheceu ele próprio a escravidão. [N. do E.]

e pela civilização, entre nós, pertencerá no futuro ao branco; mas que este, para esta mesma vitória, atentas as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado.

Pela seleção natural, todavia, depois de apoderado do auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomado a preponderância, até mostra-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro lado a imigração europeia”.¹⁴

A raça primitiva e selvagem está condenada a um irremediável desaparecimento.¹⁵ Dos dois povos invasores, o negro resistirá ainda por muito tempo; ir-se-á modificando no *mestiço* e ajudando, destarte, a formação do *branco brasileiro*, que acabará por triunfar de todo, não devendo, porém, nunca esquecer que foi ajudado pelas sofredoras e robustas raças americanas a conquistar este solo e a fundar uma nacionalidade, que pode um dia ser ainda original e forte.

A condenação à morte dos aborígenes é fato confirmado pela história de todas as invasões nos países habitados por povos selvagens, e não podemos melhor concluir estas páginas do que citando as seguintes palavras de Quatrefages sobre a Polinésia:

¹⁴ Escrito em 1870. Ver *Literatura brasileira e crítica moderna*, pág. 48 a 53. [N. do A.]

¹⁵ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, entre os censos de 1991 e 2010, o número de brasileiros que se apresentam como índios aumentou 205%, dentro e fora das terras demarcadas. Segundo relatório apresentado à ONU pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, Cepal, em 2014, o Brasil possui 900 mil indígenas, com 305 comunidades. 70 povos correm o risco do desaparecimento físico ou cultural. [N. do E.]

*Ainsi, quelle qu'en soit la cause, le blanc a rendu le milieu polynésien meurtrier pour les indigènes, tandis que lui même y prospère. Le resultant de cette double action est facile à prévoir. Encore un siècle et le blanc, pur ou métis, règnera seul Polynésie. Mais cette conquête devra lui laisser des regrets. C'est une chose grave que l'anéantissement de toute une famille humaine!*¹⁶ ¹⁷

¹⁶*Revue Scientifique*, Paris, nº 50, 9 de junho 1877, p. 1186. [N. do A.]

¹⁷“Assim, seja qual for a causa, o branco fez o ambiente polinésio mortal para os nativos, enquanto ele ainda prospera. A resultante desta ação dupla é fácil de prever. Mais um século e o homem branco, puro ou misto, reinará sozinho na Polinésia. Mas essa conquista vai deixar desgostos. É uma coisa séria, a aniquilação de uma família humana inteira!” (Tradução nossa.) [N. do E.]

Parte I

CONTOS DE ORIGEM EUROPEIA

1

O BICHO MANJALEÚ

(Sergipe)

UMA VEZ EXISTIA UM VELHO casado que tinha três filhas muito bonitas; o velho era muito pobre e vivia de fazer gamelas para vender. Quando foi um dia chegou à sua porta um moço muito formoso, montado num belo cavalo, e lhe falou para comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito magoado, e disse que, por ser pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse-lhe que se não lha vendesse o mataria; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavaleiro, o pai da família não quis mais trabalhar nas gamelas, por julgar não o precisava mais de então em diante; mas a mulher instou com ele para que não largasse o seu trabalho de costume, e ele obedecia.

Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se um outro moço, ainda mais bonito, montado num cavalo ainda mais bem aparulado, e disse ao velho que queria comprar-lhe uma de suas filhas. O pai ficou muito incomodado; contou-lhe o que lhe tinha acontecido no dia antecedente, e recusou-se ao negócio. O moço o ameaçou também de morte, e o velho cedeu.

Se o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quis continuar a fazer as gamelas e a mulher o aconselhou até ele continuar. Pela tarde seguinte,

apareceu outro cavaleiro ainda mais bonito, e melhor montado, e, pela mesma forma, carregou-lhe a filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A família cá ficou muito rica; depois apareceu a velha pejada¹⁸ e deu à luz um filho que foi criado com muito luxo e mimo. Quando chegou o tempo do menino ir para a escola, num dia brigou com um companheiro, e este lhe disse: “Ah! Tu cuidas que teu pai foi sempre rico!... Ele hoje está assim porque vendeu tuas irmãs!” O rapazinho ficou muito pensativo e não disse nada em casa; mas quando foi moço lá num dia se armou de um alfange e foi ao pai e à mãe e lhes disse que lhe contassem a história de suas três irmãs, senão os matava. O pai lhe teve mão,¹⁹ e contou o que se tinha passado antes dele nascer. O moço então pediu que queria sair pelo mundo para encontrar suas irmãs, e partiu. Chegando em um caminho, viu numa casa três irmãos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave. Ele chegou e perguntou o que era aquilo, e para que prestavam aquelas coisas.

Os três irmãos responderam que àquela bota se dizia: “Bota, me bota em tal parte!”, e a bota botava; à carapuça se dizia: “Esconde-me, carapuça!”, e ela escondia a pessoa que ninguém a via; e a chave abria qualquer porta.

O moço ofereceu bastante dinheiro pelos objetos, os irmãos aceitaram, e ele partiu. Quando se encobriu da casa, disse: “Bota, me bota na casa de minha irmã primeira.” Quando abriu os olhos estava lá. A casa era um palácio muito ornado e rico, e o moço mandou pedir licença para entrar e falar com a irmã, que estava feita rainha. Ela não queria aparecer, porque dizia que nunca tinha tido irmão. Afinal, depois de muita instância, deixou o estrangeiro entrar; ele contou toda a sua

¹⁸Grávida. [N. do E.]

¹⁹Ter mão; ter mão em: impedir que alguém cometa um desatino; tomar cautela. [N. do E.]

história, a irmã o acreditou, e o tratou muito bem.

Perguntou-lhe como podia ter chegado ali àquelas brenhas, e o irmão disse-lhe o poder da bota. Pela tarde, a rainha se pôs a chorar e o irmão lhe indagou da razão, ao que ela respondeu que seu marido era o *rei dos peixes*, e, quando vinha jantar, era muito zangado, em termos de acabar com tudo e não queria que ninguém fosse ter ao seu palácio... O moço disse-lhe que por isso não se incomodasse, que tinha com que se esconder e não ser visto, e era a carapuça. Pela tarde, veio o rei dos peixes, acompanhado de uma porção de outros, que o deixaram na porta do palácio e se retiraram. Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo: “Aqui me fede a sangue real, aqui me fede a sangue real!...”, do que a rainha o dissuadia; até que ele tomou o banho e se desencantou num belo moço.

Seguia-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe: “Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, você o que fazia?” — “Tratava e venerava como a você mesma; e se está aí, apareça”.

Foi a resposta do rei. O moço apareceu, e foi muito considerado. Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, foi instado para ficar ali, morando com a irmã, ao que disse que não, porque ainda lhe restavam duas irmãs a visitar.

O rei lhe indagou que préstimo tinha aquela bota, e quando soube do que valia disse: “Se eu a apanhasse ia ver a rainha de Castela.” O moço, não querendo ficar, despediu-se, e, no ato da saída, o cunhado lhe deu uma escama, e disse-lhe: “Quando você estiver em algum perigo, pegue nesta escama, e diga: ‘Valha-me o rei dos peixes!’” O moço saiu, e, quando se encobriu do palácio, disse: “Bota, me bota em casa de minha irmã segunda”; e, quando abriu os olhos, lá estava. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que o outro. Com alguma dificuldade da parte da irmã, entrou e foi recebido muito bem.

Depois de muita conversa, a sua irmã do meio se pôs a chorar, dizendo que era “por estar ele ali, e, sendo seu marido *rei dos carneiros*, quando vinha jantar, era dando muitas marradas, em termos de matar tudo”.

O irmão apaziguou-a, dizendo que tinha onde se esconder. Dali a pouco chegou uma porção de carneiros com um carneirão muito alvo e belo na frente; este entrou e os outros voltaram. (*Segue-se uma cena em tudo semelhante à que se passou na casa do rei dos peixes.*)

Na despedida, o rei dos carneiros deu ao cunhado uma lãzinha, dizendo: “Quando estiver em perigo, diga: ‘Valha-me o rei dos carneiros!’” Também disse, depois de saber a virtude da bota: “Se eu pegasse esta bota, ia ver a rainha de Castela”.

O moço foi reparando nisto, e formou logo consigo o plano de irvê-la. Saiu, e pela mesma forma foi à casa de sua irmã mais moça. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que os outros dois. (*Seguem-se as mesmas cenas que nas outras duas visitas.*) Era o palácio do *rei dos pombos*, e este, na despedida, deu ao cunhado uma pena, com as palavras: “Quando se vir nalgum perigo, diga: ‘Valha-me o rei dos pombos’”.

Na despedida, sabendo o rei do préstimo da bota, mostrou também desejos de ir visitar a rainha de Castela.

Logo que o moço se viu longe de palácio, disse: “Bota, botame agora na terra da rainha de Castela.” Assim foi. Chegado lá, ele indagou e soube que “era uma princesa que o pai queria casar, e que era tão bonita que ninguém passava pela frente do palácio que não olhasse logo para cima para vê-la na janela; mas a princesa tinha dito ao rei que só casava com o homem que passasse por ela sem levantar a vista”.

O estrangeiro foi passar, e atravessou toda a distância sem olhar, e a princesa casou com ele.

Depois de casados, ela indagou pela significação daqueles objetos que seu marido sempre trazia consigo; ele tudo lhe con-

tou, e a princesa prestou muita atenção ao prestígio da chave.

O rei, seu pai, tinha no palácio um quarto que nunca se abria, e neste quarto, onde era proibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléu, muito feroz, que sempre o rei mandava matar e sempre revivia. A moça tinha muita curiosidade de o ver, e, aproveitando a saída do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo: “A ti mesmo é quem queria!...”, e fugiu com ela para as brenhas.

Quando voltaram os caçadores, deram por falta da princesa, e ficaram muito aflitos. O rei foi ao quarto do Manjaléu, e achou-o aberto e vazio, e o novo príncipe conheceu a sua chave... Ao depois valeu-se de sua bota e foi ter aonde estava sua mulher. Esta quando o viu, estando ausente o Manjaléu, ficou muito alegre e quis ir-se embora com ele. Mas o marido o não consentiu, dizendo que ela ficasse ainda para indagar do monstro onde estava a sua vida, para assim dar-se cabo dele. O príncipe foi-se embora. Quando o Manjaléu voltou conheceu que ali tinha estado bicho homem; a moça o dissuadiu, e quando ele se acalmou, ela lhe perguntou onde estava a sua vida. O monstro zangou-se muito, e disse: “Ah! Tu queres saber de minha vida mais o teu marido para darem cabo de mim! Não te digo, não!”

Passaram-se dias, sempre a moça instando. Afinal, ele foi amolar um alfange, dizendo: “Eu te digo onde está a minha vida; mas se eu sentir qualquer incômodo conheço que ela vai em perigo, e, antes que me matem, mato a ti primeiro, queres?”

A princesa respondeu que sim. O Manjaléu amolou o alfange, e disse-lhe: “Minha vida está no mar; dentro dele há um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar eu morro.” O bicho saiu e foi procu-

rar frutas; chegou o príncipe, soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléu veio e deitou-se no colo da moça com o alfange ali perto. O príncipe chegou com a sua bota à praia do mar num instante; lá pegou na escama, que tinha, e disse: “Valha-me o rei dos peixes!” De repente uma multidão de peixes apareceu, indagando o que ele queria.

O príncipe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar; os peixes disseram que nunca o tinham visto, e só se o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu: “Neste instante dei uma encontroada nele.” Todos os peixes foram e botaram o caixão para fora. O príncipe o abriu e deu com a pedra; aí pegou na lâzinha e disse: “Valha-me o rei dos carneiros!” De repente apareceram muitos carneiros e entraram a dar marradas na pedra. O Manjaléu lá começou a sentir-se doente, e dizia: “Minha vida, princesa, corre perigo!” E pegou no alfange; a moça o foi dissuadindo e engambelando.²⁰ Os carneiros quebraram a pedra e voou uma pomba. O príncipe pegou na pena e disse: “Valha-me o rei dos pombos!” Chegaram muitos pombos e correram atrás da pomba até que a pegaram. O príncipe abriu-a e achou o ovo. Quando estava nisto, lá o Manjaléu estava muito desfalecido, pegou no alfange e ia dando um golpe na princesa. Foi quando cá o príncipe quebrou o ovo, e apagou a vela; aí o bicho caiu sem ferir a moça. O príncipe foi ter com ela, e levou-a para palácio, onde houve muitas festas.

²⁰Enganando, iludindo jeitosamente. [N. do A.]

2

OS TRÊS COROADOS

(Sergipe)

FOI UM DIA, HAVIA TRÊS MOÇAS já órfãs de pai e mãe. Uma vez, elas estavam todas três na sacada de seu sobrado, quando viram passar o rei. A mais velha disse: “Se eu me casasse com aquele rei, fazia-lhe uma camisa como ele nunca viu.” A do meio disse: “Se eu me casasse com ele lhe fazia uma ceroula como ele nunca teve.” A caçula disse: “E eu, se me casasse com ele, paria três coroados”.

O rei ouviu perfeitamente a conversa, e, quando foi no dia seguinte, foi ter à casa das moças e lhes disse: “Apareça a moça que disse que, se se casasse comigo, paria três coroados.” A moça apareceu, e o rei levou-a, e casou-se com ela. As irmãs ficaram com muita inveja e fingiram não tê-la. Quando a moça apareceu grávida, as irmãs meteram-se dentro do palácio, com aparências de ajudá-la em seus trabalhos. Aproximando-se o tempo de dar a rainha à luz, as suas irmãs se ofereceram para servi-la e a dispensar a parteira. Chegado o dia, elas muniram-se de um sapo, uma cobra e um gato. Quando nasceram os três coroados, elas os esconderam dentro de uma boceta; e mandaram largar no mar. Apresentaram então ao rei os três bichos, dizendo: “Aí estão os coroados que aquela impostora pariu!” O rei ficou muito desgostoso e mandou enterrar a mulher até aos peitos, perto da escada do palácio, dando ordem a quem por ali passasse para cuspir-lhe no rosto. Assim se fez. Mas um velho pescador encontrou no mar a boceta,

apanhou-a, e abriu e encontrou os três meninos ainda vivos e muito lindinhos. Ficou muito alegre, e levou-os para casa para criar. A velha, sua mulher, se desvelou muito no trato das crianças. Quando estas cresceram a ponto de poderem ir para a escola, foram e passavam sempre pelo palácio do rei. As cunhadas dele viram, por vezes, passar os meninos e os conheceram.

Um dia os chamaram, e se puseram com muitos agrados com eles, e lhes deram de presente três frutas envenenadas, a cada um a sua.

Os meninos comeram as frutas, e viraram todos três em pedra. Os velhos ficaram muito aflitos com aquilo, e toda a cidade falou no caso.

Mas a velha, que era adivinha, disse ao marido: “Não tem nada; eu vou à casa do Sol buscar um remédio para as três pedras virarem outra vez em gente.” Partiu montada a cavalo.

Depois de andar muito tempo, encontrou um rio muito grande e bonito. O rio lhe disse: “Ó minha avó, aonde vai?” A velha respondeu: “Vou à casa do Sol para ele me ensinar que remédio se deve dar a quem virou para pedra para tornar a virar para gente.” O rio lhe disse: “Pois então pergunte também a ele a razão por quê, sendo eu um rio tão bonito, grande e fundo, nunca criei peixe.” A velha seguiu. Adiante encontrou um pé de fruta muito copado e bonito; mas sem uma só fruta. Ao avistar a velha, a árvore disse: “Onde vai, minha velhinha?” — “Vou à casa do Sol buscar uma mezinhaninha para gente que virou pedra.” — “Pois pergunte a ele a razão por quê, sendo eu tão grande, tão verde e tão copada, nunca dei um só fruto...” A caminheira seguiu. Depois de andar muito, passou pela casa de três moças, todas três solteiras e já passando da idade de casar. As moças lhe disseram: “Onde vai, minha avó?” A velha contou onde ia. Elas lhe pediram para indagar do Sol o motivo por quê, sendo elas tão formosas, ainda se não tinham casado.

A velha partiu e continuou a caminhar. Ainda depois de muito tempo é que chegou à casa da mãe do Sol. A dona da casa recebeu-a muito bem; ouviu toda a sua história e encomendas que levava, e escondeu-a em razão de seu filho não querer estranhos em sua casa, e quando vinha era muito zangado e queimando tudo. Quando o Sol chegou vinha desesperado e estragando tudo o que achava:

“Fum... aqui me fede a sangue real!... aqui me fede a sangue real!...” — “Não é nada não, meu filho, é uma galinha que eu matei para nós jantar”.

Assim a mãe do Sol o foi enganando, até que ele se aquietou e foi jantar. Na mesa da janta sua mãe lhe perguntou: “Meu filho, um rio muito fundo e largo por que é que não dá peixe?” — “É porque nunca matou gente.” Passou-se um pouco de tempo e a velha fez outra pergunta: “E uma árvore muito verde e copada, por que é que não dá fruta?” — “Porque tem dinheiro enterrado em baixo.” Pouco tempo depois outra pergunta: “E umas moças bonitas e ricas, por que não casam?” — “Porque costumam mijar para o lado em que eu nasço.” Deixou passar mais um tempinho e perguntou: “E qual será o remédio para gente que tiver virado pedra?” Aí o Sol enfadou-se e disse: “O que querem dizer hoje estas perguntas?” A mãe respondeu: “Não é nada, meu filho; eu é que, às vezes, porque vivo aqui sozinha, me ponho a imaginar estas tolices.” O Sol foi e respondeu: “O remédio é tirar da minha boca, quando eu estiver comendo, um bocado e botar em cima da pedra.” A velha, daí a pouco, fingiu um espanto, levou a mão à boca do Sol e tirou o bocado, dizendo: “Olha, meu filho, um cisquinho na comida!” E guardou o bocado. Daí a pedaço a mesma coisa: “Olha um cabelo, meu filho!” E escondeu mais um bocado. Numa terceira vez, ela fez o mesmo e o Sol se levantou aborrecido, falando: “Ora, minha mãe, seu de comer hoje está muito porco; não quero mais.” Deitou-se, e no dia seguinte foi-se embora para o

mundo. Sua mãe foi à velhinha, que estava escondida, e lhe contou tudo, dando os três bocados. A velha pôs-se a caminho para trás. Passando por casa das moças, aí dormiu, sem querer dizer a razão porque elas não casavam. No dia seguinte, bem cedo, ela levantou-se e as moças também. Elas correram logo para o lugar onde costumavam urinar voltadas para o nascer do Sol. A velha as repreendeu, dizendo: “É esta a razão de vocês não casarem; percam este costume de urinar para a banda donde o Sol nasce.” As moças assim fizeram e logo achararam casamento. A andadeira tomou o seu caminho e foi-se embora a toda a pressa. Chegando na fruteira, pôs-se debaixo dela a cavar sem dizer nada; quando puxou um grande caixão, então disse por que a fruteira não dava frutas. O pé da árvore começou logo a carregar que parecia praga. A velha seguiu. Ao chegar ao rio, ele lhe indagou do seu recado: “Logo lhe digo”, e a velha foi passando depressa. Quando se viu bem longe, gritou: “É porque nunca matou gente.” O rio botou logo uma enchente tão grande, que por um triz não matou a velha. Afinal foi ela ter em casa. Sem mais demora aplicou os três bocados em cima das três pedras, e os meninos se desencantaram. A notícia destas coisas chegou aos ouvidos do rei. Ele mandou um dia convidar o velho com os três meninos para jantarem em palácio. O velho não quis ir, nem mandar os meninos; o rei o intimidou até que foram os meninos. Mas a velha ensinou aos meninos: “Quando vocês lá chegarem, meus filhinhos, que passarem pela escada, se ponham de joelhos e tomem a benção àquela pobre mulher que lá está enterrada, parecendo um cadáver, porque é a mãe de vocês. Na janta não queiram ir para a mesa sem que o rei mande desenterrá-la, e botar também na mesa. Quando ele der a cada um o seu prato não comam e deem todos três a ela, que os há de devorar num instante, pois está morta de fome. Aí as duas moças que lá tem, que são tias de vocês, hão de dizer: ‘Que barriga

de monstro que cabe três pratos de uma vez!' A isto vocês respondam, tirando os bonés e dizendo: 'Não é de admirar que caibam três pratos de comida, quando três coroados!', e mostrem ao rei as cabeças." Assim foi: os meninos executaram fielmente as recomendações da velha. (*Todas as coisas se repetiram pela forma indicada pela velha adivinha com grande surpresa para o rei e desapontamento para as duas infames malfeitoras*). Tudo acabado, o rei, que ficou vivendo com sua mulher, que voltou à sua antiga beleza, e os seus filhinhos em palácio, perguntou-lhes o que queriam que ele fizesse às duas danadas. Os meninos responderam que ele mandasse buscar quatro burros bravos e as amarasse nos rabos. Assim fizeram, e elas morreram lascadas ao meio.

3

O REI ANDRADA

(Sergipe)

HAVIA UM REI DE NOME ANDRADA, que tinha três filhas, e lhes disse que o que sonhassem lhe contassesem todos os dias pela manhã. Uma delas, logo no dia seguinte, contou ao rei um sonho que foi o seguinte: “Sonhei que havia de mudar de estado nestes poucos dias, e cinco reis haviam de me beijar a mão, e entre eles el-rei meu pai.” O rei ficou muito zangado com a filha e lhe ordenou que, se de novo sonhasse aquilo, não lhe contasse mais, senão a mandaria matar. A moça tornou a sonhar coisa semelhante, e pela manhã, apesar de lhe rogarrem as irmãs, ela contou o sonho ao pai. Ele mandou matá-la, e cortar-lhe o dedo mendinho que os matadores lhe deviam trazer.

Os criados do rei levaram a princesa para um ermo, e tiveram pena de a matar; cortaram-lhe somente o dedo, que levaram ao rei, deixando a moça nas brenhas. Ela começou a caminhar, e, muito longe, encontrou um buraco, e entrou por ele dentro, e, quanto mais entrava, mais o buraco se alargava até que ela foi dar num rico palácio. Aí ela tinha o almoço, a janta, e a ceia, sem ver ninguém, porque o palácio era encantado. Apenas ela ouvia, de um quarto que estava fechado, falar um papagaio. Depois de alguns dias, apareceu-lhe um lindo moço que lhe deu a chave do quarto, e disse que o abrisse e respondesse ao papagaio coisa que fizesse sentido ao que ele dissesse. O moço desapareceu. A princesa abriu a camarinha,

e o papagaio, que era muito grande e bonito, e das asas douradas, ficou muito alegre, sacudindo-se todo, e disse:

“Como vem a filha
Do rei Andrada
Tão bonita,
Tão formosa,
E tão ornada!”

— Ó meu papagaio dourado,
Eu das tuas ricas penas
Pretendo fazer um toucado.

Aí o papagaio desencantou-se no lindo moço que dantes lhe tinha aparecido, o qual moço mandou logo vir um padre e se casou com a princesa, mandando convidar cinco reis, que no cortejo beijaram a mão de sua noiva. No meio deles veio o rei Andrada. Todos os outros beijaram a mão da princesa, e, quando chegou a vez do rei Andrada, a nova rainha não lhe quis dar a mão; pelo que ele ficou muito injuriado, e foi queixar-se ao rei seu amigo, e dono da casa. O noivo, indo perguntar a razão daquilo, a moça lhe contou a sua história, o que sabendo o rei Andrada foi pedir perdão à sua filha.

4

O PINTO PELADO

(Sergipe)

FOI UM DIA UM PINTO PELADO estava pinicando num terreiro, achou um papelzinho e disse: “Bravo!, vou levar esta carta ao rei, meu senhor.” E partiu. Chegando adiante, encontrou uma raposa, que lhe disse: “Aonde vai, pinto pelado?” — “Quirrichi; vou levar esta carta a rei, meu senhor.” — “Apois eu também quero ir.” — “Apois entre aqui no meu oveiro”, respondeu o pinto. A raposa entrou e o pinto seguiu. Chegando mais adiante encontrou um rio, que lhe perguntou: “Aonde vai, pinto pelado?” — “Quirrichi; vou levar esta carta a rei, meu senhor.” — “Eu também quero ir.” — “Apois entre aqui no meu oveiro.” Seguiu. Chegando adiante encontrou um espinheiro, que lhe perguntou: “Aonde vai, pinto pelado?” — “Quirrichi; vou levar esta carta a rei, meu senhor.” — “Eu também quero ir.” — “Apois entre aqui no meu oveiro.” Seguiu, e, depois de muito andar, foi ter no palácio do rei. Entrou e entregou a carta.

O rei se zangou por aquele atrevimento do pinto lhe ir levar um papel sujo, e o mandou jogar entre as galinhas e galos do poleiro, que muito o espancaram. Aí o pinto largou a raposa que caiu em cima dos galos e galinhas e acabou com tudo. O pinto largou-se para trás a toda a pressa. O rei, quando deu por falta de suas galinhas, mandou pegar o pinto. Saiu gente atrás dele. Mas o pinto quando avistou a gente largou o rio.

Foi água por cima do tempo,²¹ e a gente não pôde passar. Aranjaram canoas, e passaram sempre;²² mas o pinto pelado já estava longe. A tropa avançou na carreira, e quando ia chegando perto do pinto, ele largou o espinheiro, e gerou-se no mundo aquela mata de espinhos muito grande e serrada que ninguém pôde varar. Então voltaram todos para trás, e o pinto pelado teve tempo de chegar ao seu terreiro, onde ninguém mais o incomodou.

²¹“Por cima do tempo”: por demais; em quantidade ou intensidade mais que suficiente, ou mais que esperada. [N. do E.]

²²O advérbio sempre, neste e em muitos outros casos ao longo deste livro: verdadeiramente, de fato. “Passaram sempre”: passaram mesmo, passaram deveras. [N. do E.]

5

UMA DAS DE PEDRO MALASARTES

(Sergipe)

UM DIA, PEDRO MALASARTES foi ter com o rei e lhe pediu três botijas de azeite, prometendo-lhe levar em troca três mulatas moças e bonitas. O rei aceitou o negócio. Pedro saiu e foi ter à casa de uma velha ali pela noitinha; pediu-lhe um rancho, e que lhe botasse as botijas no poleiro das galinhas. A velha concordou com tudo. Alta noite, Pedro Malasartes levantou-se, foi de pontinha de pé ao poleiro, quebrou as botijas, derramou o azeite, lambuzando as galinhas. De manhã muito cedo Malasartes acordou a velha, e pediu-lhe as botijas de azeite. A velha foi buscá-las, e, achando-as quebradas, disse: “Pedro, as galinhas quebraram as botijas e derramaram o azeite.” — “Não quero saber disso, disse Pedro; quero para aqui meu azeite, senão quero três galinhas.” A velha ficou com medo, deu-lhe as três galinhas. Malasartes partiu e foi à noite à casa de outra velha; pediu rancho e que agasalhasse aquelas três galinhas entre os perus. A velha, como tola, consentiu. Alta noite, Pedro se levantou, foi ao quintal, matou as três galinhas, besuntando de sangue os perus. No dia seguinte, bem cedo, acordou a velha, pedindo as suas galinhas, porque queria seguir viagem. A velha foi buscá-las e encontrou o destroço; voltou aflita, contando a Malasartes. Ele fez um grande barulho até levar seis perus em troca das gali-

nhas. Na noite seguinte, foi ter à casa de um homem que tinha um chiqueiro de ovelhas, e pediu-lhe para passar a noite em sua casa e que lhe agasalhasse aqueles perus lá no chiqueiro das ovelhas, porque bicho com bicho se acomodavam bem. O homem assim fez. Tarde da noite, Pedro foi ao lugar onde estavam os perus, e matou-os a todos labreando de sangue as ovelhas. Pela manhã levantou-se bem cedo e pediu ao dono da casa os seus perus. O homem indo-os buscar achou-os mortos, e voltou muito aflito, dizendo: “Pedro, não sabe? As ovelhas mataram os seus perus.” Ouvindo isto, Malasartes fez um grande espalhafato, gritando que o homem tinha morto os perus do rei e recebeu seis ovelhas pelos perus. Largou-se, indo dormir na casa de um homem que tinha um curral de bois. Aí ele fez as mesmas artimanhas, até pegar seis bois pelas seis ovelhas. Mais adiante, ele encontrou uns vendilhões de ouro e trocou os bois por ouro. Mais adiante encontrou uns homens que iam carregando uma rede com um defunto. Pedro perguntou quem era, disseram-lhe que era uma moça. Ele pediu para ir enterrá-la e eles deram. Logo que os homens se ausentaram, ele tirou a moça da rede, encheu-a de bastante ouro e enfeites, e foi ter com ela nas costas à casa de um homem rico que havia ali perto. Pediu rancho, e disse às filhas do tal homem que aquela era a filha do rei que estava doente, e ele andava passeando com ela, e pediu que a fossem deitar. Foram levar a moça para uma camarinha indo Malasartes com ela, dizendo que só com ele ela se acomodava. Deitou a moça defunta na cama e retirou-se, dizendo às donas da casa: “Ela custa muito a dormir, ainda chora como se fosse uma criança, quando chorar metam-lhe a correia.” Alta noite, Pedro foi e se escondeu debaixo da cama onde estava a morta e pôs-se a chorar como menino. As moças da casa, supondo ser a filha do rei, deram-lhe muito até ela se calar, que foi quando Pedro se calou. Depois ele escapuliu e foi para seu quarto. De ma-

nhã ele pediu a moça, que queria ir-se embora. Foram ver a filha do rei, e nada de a poderem acordar. Afinal conheceram que estava morta, e vieram dar parte a Malasartes. Ele pôs as mãos na cabeça, dizendo: “Estou perdido; vou para a forca; me mataram a filha do rei!...” Os donos da casa ficaram muito aflitos, e começaram a oferecer coisas pela moça, e Pedro sem querer aceitar nada, até que ele mesmo exigiu três mulatas das mais moças e bonitas. O homem rico as deu, e Pedro disse que dava uma desculpa ao rei sobre a morte de sua filha, e lhe dava de presente as três mulatas, para o rei não se agastar muito. Malasartes largou-se e foi logo para palácio, onde entregou ao rei as três mulatas com este dito: “Eu não disse a Vossa Majestade que lhe dava três mulatas pelas três botijas de azeite? Áí estão elas.” O rei ficou muito admirado.

*Entrou por uma porta,
Saiu por outra;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte outra.*

6

O SARGENTO VERDE

(Sergipe)

HAVIA UM HOMEM RICO que tinha uma filha muito formosa; apareceu uma vez um moço também muito bonito que quis casar com ela. Contrataram o casamento. Mas Nossa Senhora, que era madrinha da noiva, lhe apareceu e disse: “Minha filha, tu vais te casar com o cão.²³ Quando for no dia do casamento, depois da festa acabada, teu marido há de querer te levar para casa dele; tu, então, deves dizer a teu pai que só queres ir no cavalo mais magro e feio de todos, e quando chegares a um lugar da estrada onde faz cruz, teu marido há de tomar pela esquerda, tu deves tomar pela direita e mostrar-lhe o teu rosário para ele estourar e sumir-se para o inferno.”²⁴ Passou-se. Quando foi no dia do casamento houve muito pagode e divertimento; mas a moça sempre triste.

Quando chegou a hora da partida veio um cavalo muito bonito e muito bem arreado para a moça se montar. Ela disse ao pai que não queria aquele, e só o mais feio e magro. O pai se espantou muito e não quis concordar; afinal foi obrigado a fazer os gostos da filha. Partiram os noivos; quando chegaram longe da casa havia no caminho uma encruzilhada; aí o cão quis botar a moça adiante pelo lado esquerdo. Então a moça disse: “Vá o senhor adiante que sabe do caminho

²³Denominação popular do Diabo. [N. do A.]

²⁴É crença popular que o Diabo, quando se vira em alguma pessoa ou animal, e depois se desencanta, dá um estouro que fede a enxofre. [N. do A.]

de sua casa e não eu que nunca lá fui.” O cão aí se zangou; mas a moça tomou pela estrada da direita, mostrando-lhe o rosário. O cão estourou, e foi cair nas profundas, e a moça seguiu a toda a bride.²⁵ Lá mais adiante, ela cortou os cabelos e vestiu-se de homem, toda de verde. Chegando a um reino, foi servir na guarda do rei com o posto de sargento. A gente toda a chamava de Sargento Verde. O rei tomou-lhe muita amizade, tanto que quase todas as tardes o convidava para ir passear com ele no jardim. A rainha ficou, com poucos dias, apaixonada por Sargento Verde. Uma tarde, depois de jantar, tendo-o o rei convidado para passear no jardim, ao passar ele pela rainha, ela lhe disse: “Olha, Sargento Verde, que lindos olhos, e que lindo corpo para divertir contigo!” O Sargento respondeu: “Não sou falso a meu rei.” A rainha despeitada levantou-lhe um aleive ao rei: “Saberá Vossa Real Majestade que Sargento Verde disse que se atrevia a subir e a descer as escadas de palácio montado no seu cavalo a toda a bride, dançando e atirando para o ar três limas, e todas três caírem num copo.” O rei ficou muito admirado e mandou chamar Sargento Verde, e contou-lhe o caso. O Sargento respondeu: “Saberá rei meu senhor que eu não disse tal; mas como a rainha minha senhora disse, eu vou fazer.” Saiu muito triste, e foi ter com o seu cavalo e lhe contou tudo; o cavalo disse que ele não se importasse, que no dia marcado fosse sem medo.

No dia marcado Sargento Verde apresentou-se e andou pelas escadas a cavalo, correndo para cima e para baixo, dançando e atirando para o ar três limas e aparando todas três num copo. Houve muito viva, e a rainha ficou desesperada. Passaram-se dias; indo o rei passear de novo com Sargento Verde no jardim, ao passar ele pela rainha, ela lhe disse: “Olha que lindos olhos e que lindo corpo para divertir contigo!” — “Não sou falso a meu rei”, foi o que ele disse. A rainha, des-

²⁵Brida. [N. do A.]

peitada ainda mais, levantou-lhe outro aleive, que foi: “Saberá Vossa Real Majestade que Sargento Verde disse que era capaz de plantar na hora do almoço uma bananeira no chão do palácio, e, quando fosse na hora do jantar, estar ela deitando cachos com bananas maduras.” O rei mandou chamá-lo e perguntou-lhe se ele se atrevia a tanto, e ele deu igual resposta à primeira e saiu vexado e foi ter com o seu cavalo, que o animou muito. No dia seguinte, na hora do almoço do rei, Sargento Verde levou um filho de bananeira,²⁶ que plantou e na hora do jantar estava caindo de carregado de bananas madurinhas. Houve muito viva e muita saúde, e a rainha ficou ainda mais desesperada. Passados dias houve novo passeio do rei e do sargento no jardim, e novo oferecimento da rainha, e igual resposta do moço. A rainha armou-lhe novo aleive, que foi: “Saberá Vossa Real Majestade que Sargento Verde disse que se animava a andar montado no seu cavalo no largo do palácio, por cima de duas fileiras de ovos sem quebrar um só.” (*Segue-se outra cena igual às precedentes*). No dia seguinte o Sargento Verde caminhou diante de muita gente, por cima das fileiras de ovos sem quebra nenhum. Houve muita festa. A rainha ainda mais apaixonada ficou. Passados dias ela armou-lhe novo falso, que foi: “Saberá Vossa Real Majestade que Sargento Verde disse que se atrevia a ir buscar no fundo do mar a sua irmã, a princesa encantada.” Chamado pelo rei, Sargento ficou triste; mas não negou, e foi falar com o seu cavalo que lhe disse: “Não tem nada; muna-se minha senhora de um garrafão de azeite doce, de um punhado de sal e de uma carta de alfinetes; monte-se em mim, chegue na praia, com a sua espada corte as ondeas²⁷ em cruz, que as águas se hão de abrir; entre, bote a moça de garupa, e largue para trás a toda a pressa e bote sentido nas três palavras que a moça

²⁶O broto de uma bananeira, já um tanto desenvolvido. [N. do E.]

²⁷Ondas. [N. do A.]

disser no caminho. Tenha cuidado no bicho feroz que guarda a princesa, porque ele há de persegui-la atrás; largue-lhe o sal e a carta de alfinetes.” Chegado o dia, Sargento preparou-se e se pôs a caminho montado no seu cavalo, fez tudo como lhe disse o cavalo, servindo-se da espada para abrir, e do azeite para clarear o mar. Tirou a moça e largou-se para trás a toda a bride. Ao sair do mar a moça disse: “Já!” e o Sargento tomou nota. Estando um pouco adiante olhou para trás e avistou o bicho que vinha danado correndo, largou o sal e logo gerou-se no mundo um nevoeiro tamanho que o bicho não pôde romper. Continuou; adiante a moça encantada disse: “Bela!” e ele tomou nota ainda. Olhando para trás, lá vinha o bicho outra vez; largou a carta de alfinetes e gerou-se uma mata serrada de espinhos e a fera não pôde passar. Já perto de palácio a moça disse: “Tudo!”, ele de novo tomou sentido, e chegaram ao fim da viagem, havendo muita alegria e muitas festas, e a rainha ainda mais perdida ficou pelo Sargento Verde.

No entanto a princesa encantada não falava; estava muda. Com pouco a rainha levantou um quinto aleive ao Sargento, e foi dizer ao rei que ele se atrevia, segundo dissera, a dar fala à muda. O Sargento foi, como sempre, ter com o seu cavalo, que lhe disse: “Não tenha medo; na hora do almoço dê com uma corda na moça, até ela dizer qual foi a primeira palavra que disse ao sair do mar, e o que ela quer dizer; no jantar faça o mesmo, e indague pela segunda; na ceia o mesmo e indague pela terceira, e a princesa ficará falando”.

Assim fez ele. No almoço do dia seguinte meteu a corda na princesa com as palavras: “Fale, moça! Qual a palavra que disse ao sair do mar?” A moça calada, e ele a dar-lhe, até que ela disse: “Já!” — “O que quer dizer?” A muito custo ela disse: “Já quer dizer ‘já estou livre de tantos trabalhos.’” No jantar houve o mesmo, e a princesa disse: “Bela! quer dizer ‘são duas donzelas, ela e o Sargento Verde que se chama Lucinda.’” Na

ceia o mesmo, e ela disse a última palavra, que quer dizer: “Tudo!; se Lucinda fosse homem, há muito el-rei, meu irmão, seria cornudo.” Houve muito espanto de tudo aquilo; o Sargento Verde voltou aos trajes de moça; a princesa ainda ficou no palácio e falando, e o cavalo do Sargento desencantou-se num lindo moço. Este se casou com a princesa desencantada; o rei se casou com Lucinda, porque a rainha morreu amarrada em dois burros bravos, por ordem de seu marido.

7

A PRINCESA ROUBADEIRA

(Sergipe)

HAVIA UM PAI QUE TINHA três filhos; um deles plantou um pé de laranjeira, outro um pé de limeira, e o terceiro um pé de limoeiro. Lá num dia, o filho mais velho foi ao pai e lhe disse: “Meu pai, eu já estou moço feito, quero sair pelo mundo para ganhar a minha vida.” O pai o aconselhou para não fazer aquilo; mas o moço instou e afinal o velho lhe disse: “Pois bem, meu filho, vai, mas tu que queres — a minha benção com pouco dinheiro, ou a minha maldição com muito?” O moço respondeu que queria a maldição com muito dinheiro, e assim o pai fez. O moço disse aos irmãos que quando a sua laranjeira começasse a murchar, era ele que estava em trabalhos, e lhe acudissem. Partiu. Chegando adiante, já muito cansado e com muita fome, avistou uma fumacinha ao longe e para lá se encaminhou. Era a casa de uma senhora muito rica. Pediu um agasalho e o que comer²⁸; a senhora mandou dar-lhe de jantar. Acabada a janta, o convidou para dar um passeio em sua horta; antes de chegar a ela tinha de passar um riachinho. Aí a moça, que era a Princesa Roubadeira, suspendeu bastante o vestido a ponto de deixar ver um tanto das pernas. Passeavam na tal horta, que só tinha couves e mais nada. De volta, a princesa perguntou ao hóspede: “Então, o que achou mais bonito na minha horta?” Ele respondeu: “Couves.” A moça convidou-o ao depois para o jogo, no qual lhe ganhou todo o dinheiro que

²⁸Pedi para ser hospedado, e também o que comer. [N. do E.]

levava. Acabado o jogo, mandou-o prender e sustentar de couves. Lá em casa do moço a sua laranjeira começou a murchar. O irmão do meio, vendo isto, foi ao pai e disse: “Meu pai, meu irmão está em trabalhos; eu quero ir atrás dele.” O pai custou muito a consentir e a final perguntou: “Tu o que queres — a minha bênção com pouco dinheiro, ou a minha maldição com muito dinheiro?” Ele quis a maldição com muito dinheiro. O pai assim fez. O moço partiu. Depois de andar muito, já cansado e com fome, avistou ao longe uma fumacinha, e caminhou para ela. Apareceu-lhe, num palácio, uma linda moça, a quem ele pediu de comer e um agasalho. Ela mandou-o entrar, e servir-lhe de jantar. Depois convidou-o para dar um passeio na horta, e ele aceitou. No passar o riachinho a princesa suspendeu os vestidos, deixando ver as pernas. De volta, ela perguntou ao hóspede: “Então, o que viu de mais bonito em minha horta?” Ele respondeu: “Couvés.” Lá consigo a moça disse: “Este é como o outro.” Convidou-o para jogar; ganhou-lhe todo o dinheiro, e mandou-o prender e cevar de couves. Lá em casa dele a limeira começou a murchar, e o irmão mais moço, vendo isto, foi ao pai e disse-lhe: “Meus irmãos, que foram ganhar a vida, estão em perigo, e eu quero ir ao seu encontro.” O pai observou: “Meu filho, eu já estou velho, e sendo tu meu filho único não te vás também embora.” O moço insistiu, e o pai lhe falou: “Então o que queres — minha maldição com muito dinheiro, ou minha bênção com pouco?” O filho respondeu: “A bênção com pouco dinheiro.” Partiu. Chegando bem longe, encontrou uma velhinha, que era Nossa Senhora, que lhe disse: “Aonde vai, meu netinho?” Ao que respondeu: “Vou ganhar a minha vida.” A velha lhe deu uma toalha, dizendo: “Quando tiveres fome, pega nela e diz: ‘põe a mesa, toalha!', e a mesa aparecerá.” Deu-lhe mais uma bolsa, dizendo: “Esta bolsa tem o mesmo préstimo.” Deu também uma violinha, dizendo: “Quando se acabar a toalha e a bolsa, põe-te a tocar

nela e não hás de ter fome.” O moço seguiu o seu caminho; ao longe avistou uma fumacinha e dirigiu-se para lá. Foi ter a uma casa onde estavam presos os seus dois irmãos. Aí descanhou e jantou. A Princesa Roubadeira o convidou para dar um passeio na sua horta; o moço aceitou e foram. Ao passar o riachinho, a linda moça levantou os vestidos e mostrou as pernas quase todas. O moço botou os olhos com cuidado. De volta, a princesa perguntou-lhe: “Então, o que viste mais bonito em minha horta?” — “Com licença da senhora, foram as suas pernas.” Lá consigo disse a moça: “Este me serve.” Seguiu-se o jogo em que ela lhe ganhou todo o dinheiro e mandou-o prender. Quando chegou a hora de dar de comer aos presos, indo a negra com a comida para ele, não o quis, dizendo: “Leve lá a sua senhora, que eu não preciso dela.” Pegou na toalha e foi comida muita que apareceu logo. Os presos todos, eram muitos, que andavam mortos de fome, comeram a fartar-se, e guardaram muita comida. A negra, vendo aquilo, foi ter com a senhora e lhe disse: “Não sabe, minha senhora? Aquele preso de ontem tem uma toalha que basta ele pegar nela para aparecer logo muita comida e da melhor. Só vosmecê é que devia possuir aquela toalha, princesa minha senhora.” A Princesa Roubadeira disse à negra: “Vai perguntar se ele a quer vender.” A escrava foi, e o preso respondeu: “Diga à sua senhora que para ela não é nada; basta que me deixe dormir uma noite na porta do quarto dela da banda de fora.” A escrava levou o recado. A senhora tomou aquilo por um grande desaforo; mas a negra lhe disse que não desse atenção àquilo, que não queria dizer nada, e ela ficaria com a sua toalha. No dia seguinte, ao levar o almoço, não o quis, e puxou pela bolsa e foi comida por cima do tempo. A negra, que via aquilo, correu e foi contar à senhora: “Não sabe, princesa minha senhora? O preso está terrível; puxou agora por uma bolsa que só vosmecê possui... É melhor que a toalha.” A ambiciosa mandou ofe-

recer compra pela bolsa. O preso lhe mandou dizer que para ela não era nada; bastava deixá-lo dormir no seu quarto da banda de dentro, junto da porta. A Roubadeira ficou muito insultada, e pôs-se a rascar. Foi preciso que a escrava lhe dissesse: “Oxente, minha senhora, que mal faz? Vosmecê dorme em sua cama e aquele tolo lá no chão.” Fez-se o negócio, e o maganão dormiu dentro do quarto da princesa. No dia seguinte, indo a negra levar o almoço, ele puxou pela viola e pôs-se a tocar, e todos os presos a dançar, e a negra largou os pratos no chão e pôs-se também a dançar, e demorou-se muito, a ponto da Roubadeira mandar chamar a negra, admirada daquela demora. A preta lhe respondeu: “Minha senhora, aquele preso está com o diabo. Tem agora uma violinha que só vosmecê possuiindo...” A princesa mandou logo oferecer dinheiro por ela; o preso não quis, dizendo: “Esta... Só se ela casar comigo!” A negra foi dar o recado. A moça arrufou-se; mas a final consentiu, e casou-se. Depois disto todos os presos foram soltos. Houve muita festa; eu lá estive (diz a narradeira) e trouxe uma panelinha de doce, que caiu ali na ladeira.

*Entrou por uma porta,
Saiu por um canivete;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte sete.*

8

O PÁSSARO PRETO

(Pernambuco)

UMA VEZ UM HOMEM POBRE tinha um pássaro preto que estimava muito, e, tendo um filho muito travesso, foi um dia o menino levar a comida ao pássaro e o soltou. O pássaro voou e levou o menino preso pelo bico. Depois de uma grande viagem, largou-o num rico palácio. Mandou pôr a mesa para o almoço, a qual apareceu bem preparada, e, tendo ele de sair logo depois, deu ao pequeno uma chave, dizendo que só abrisse o primeiro dos quartos que havia na frente da sala, e que eram sete. O menino, logo que o padrinho (assim chamava ao pássaro) saiu, foi e abriu o primeiro quarto, e lá encontrou grande porção de cavalos; ele se divertiu a ponto de se esquecer de comer. No dia seguinte o pássaro, antes de sair, deu-lhe a chave do segundo quarto, e ele o abriu e encontrou uma porção de selins e arreios. Assim o pássaro foi-lhe dando as diferentes chaves dos quartos até o quinto. O terceiro era cheio de moças brancas, o quarto de mulatinhas, e o quinto de espadas. Passaram-se tempos e o menino ficou moço feito, e pedia tudo ao padrinho, que lhe respondia que, se ele lhe fizesse sempre a vontade, seria dono de tudo o que ali havia. Depois de vistos os cinco quartos, o padrinho deu-lhe a sexta chave; mas lhe dizendo que não abrisse aquele quarto, do contrário perderia tudo que ele lhe havia prometido. O moço, não se podendo conter, foi infiel, e abrindo o quarto, achou um belo rio de prata, e nele meteu o dedo, que ficou prateado. Pensando que o pa-

drinho não viesse a descobrir, enrolou o dedo numa tirinha de pano; mas o pássaro que adivinhava tudo, quando chegou, viu o dedo atado, e lhe disse: “Já sei que abriste o quarto!”, ao que ele respondeu com medo: “Abri, meu padrinho, mas vos-mecê não me castigue.” Disse-lhe o padrinho: “O castigo será amanhã quando de novo me desobedeceres.” Deu-lhe a chave do sétimo quarto, e saiu. O moço não se conteve, e abriu o quarto, onde havia um rio de ouro. Quando o pássaro voltou deu-lhe o castigo prometido: tirou-lhe a roupa e mergulhou-o no rio de prata, e, ao depois, no rio de ouro, e, quando acabou, deitou-o fora de casa, dando-lhe uma varinha de condão. O moço começou a andar e foi ter a um reino. Aí encontrou um negro velho, a quem chamou Pai Gaforino, e lhe pediu que lhe cedesse a sua roupa velha e suja para encobrir a sua cor e poder entrar na cidade. O negro cedeu; mas uma princesa, que estava na janela do palácio, chegou a ver ele vestir a roupa velha do preto, e, conhecendo que ele se encaminhava para o palácio, disse ao rei que queria se casar com o pior negro que ali chegassem. O pai, ficando admirado pelo mau gosto da filha, não teve outro remédio senão mandar chamar o negro e contratar o casamento, com o que o moço disfarçado em negro ficou espantadíssimo, porque não pensava que tivesse sido visto por ninguém. Aceitou a princesa por mulher, e, sempre muito desconfiado, não se deitava na cama com ela, e sim numa tábua ao pé do fogo. O rei teve tão grande desgosto, que pôs-se de cama em estado de morrer. A família então fez uma promessa à Padroeira que, se o rei escapasse, mandava fazer uma festa na igreja que durasse três dias. O médico receitou ao rei que comesse três pássaros de plumas; e tendo sabido o negro que os dois genros, que o rei tinha, haviam saído a procurar os pássaros, cada qual montado em seu cavalo, pediu à sua varinha de condão uma carruagem e um rico vestuário e três pássaros de plumas. Meteu-se na carruagem com

os pássaros, e saiu; mais adiante encontrou os genros do rei. Eles perguntaram se aqueles pássaros eram de pluma e se os queria vender. Respondeu que eram de pluma, mas que só os cedia se deixassem ele os ferrar a cada um num quarto com o seu ferro.²⁹ Os moços consentiram, e voltaram para o palácio com os três pássaros, que o rei comeu e ficou bom. Seguiu-se a festa dos três dias. O negro mandou que sua mulher fosse à igreja ver a festa, e, ocultamente, pediu à sua varinha de condão que lhe desse uma linda carruagem e um vestido da cor do campo com todas as suas flores. Assim foi, e a mulher seguiu. Depois ele pediu a mesma coisa para si e lá se apresentou com tanta rapidez que a mesma mulher não podia pensar que fosse ele. As duas irmãs casadas que a princesa tinha, com inveja, e desconfiadas, estando na igreja, diziam escarnecedo: “Com um moço assim é que tu devias ter casado e não com um negro.” Ela recebeu tudo com tristeza. No segundo dia de festa, o negro pediu à varinha de condão que fizesse aparecer uma carruagem inda mais rica e um vestido cor do mar, com todos os seus peixinhos, e para ele a mesma coisa, tudo isto sem a mulher saber; e quando voltaram todos da festa, já ele estava no palácio aquentando fogo com sua roupa de negro. No terceiro dia pediu uma carruagem ainda mais rica e um vestido da cor do céu com todas as suas estrelas, e o mesmo para ele. Neste mesmo dia houve festa em palácio e foram convidados todos os genros do rei e mais mulheres, que se apresentaram muito ricamente vestidas. Então o preto apresentou-se na sua cor verdadeira, e nos mesmos trajos com que estava no dia em que ferrou os cunhados, por seus cativos. Eles ficaram muito espantados, e ainda mais quando o moço foi chamado para a mesa, e disse que não se assentava na mesma mesa com os seus cativos. Então o rei lhe perguntou quais eram ali os seus

²⁹Ferrar os quartos: passar o ferro em torno ao quadris, para prender o escravo a uma corrente. [N. do E.]

escravos, e ele apontou para os seus dois concunhados que estavam ferrados nos quartos, como el-rei podia examinar. O sogro os chamou para uma camarinha, e lá ficou convencido da realidade, sendo que as mulheres dos dois moços se atiram da varanda do palácio abaixo, e eles as acompanharam, ficando o rei tão desgostoso que em pouco tempo morreu, ficando o Pai Gaforino senhor de todo o reino.

9

DONA LABISMINA

(Sergipe)

UMA VEZ HAVIA UMA RAINHA, casada já há muito tempo, que nunca tinha tido filhos, e tinha muita vontade de ter, tanto que uma vez disse: “Permitia Deus que seja uma cobra!... ” Passados tempos apareceu grávida, e quando deu à luz foi uma menina com uma cobrinha enrolada no pescoço. Toda a família ficou muito desgostosa; mas não se podia tirar a cobrinha do pescoço da criança. Foram crescendo ambas juntamente, e a menina tomou muita amizade pela cobrinha. Quando já mocinha, costumava ir passear à beira do mar, e lá a cobra a deixava e fugia para as ondas, mas a princesinha punha-se a chorar até que a cobra voltava, se enrolava outra vez no seu pescoço e iam ambas para palácio, onde ninguém sabia disso. Assim foram indo até que um dia a cobra entrou no mar e não voltou mais, porém disse à irmã que, quando se visse em perigo, chamasse por ela. A cobra tinha o nome de Labismina e a princesa o de Maria. Passados anos, caiu doente a rainha, e morreu; mas na hora de morrer tirou do dedo uma joia e deu ao rei, dizendo: “Quando tiveres de casar outra vez, deve ser com uma princesa em que esta joia der sem ficar nem frouxa, nem apertada”.

Depois de algum tempo, o rei quis se casar e mandou experimentar a joia nos dedos das princesas de todos os reinos, e não encontrou nenhuma em que o anel coubesse pela forma que lhe tinha recomendado a rainha. Só faltava a princesa

Maria, sua filha; o rei chamou-a e botou a joia no seu dedo, e ficou muito boa. Então ele disse à filha que queria se casar com ela; e, como palavra de rei não volta atrás, a moça ficou muito desgostosa e vivia chorando. Foi ter com Labismina na praia do mar; gritou por ela, e a cobra veio. Maria contou-lhe o caso, e a cobra respondeu: “Não tenha medo; diga ao rei que só casa com ele se ele lhe der um vestido da cor do campo com todas as suas flores.” Assim fez a princesa, e o rei ficou muito maçado; mas disse que iria procurar. Levou nisto muito tempo, até que afinal sempre conseguiu. Aí a princesa tornou a ficar muito triste, e foi ter com a irmã, que lhe disse: “Diga que só casa com ele se lhe der um vestido da cor do mar com todos os seus peixes.” A princesa assim fez, e o rei ainda mais aborrecido ficou. Levou muito tempo a procurar até que arranjou. A moça foi ter outra vez com a Dona Labismina, que lhe disse: “Diga que só casa se ele lhe der um vestido da cor do céu com todas as suas estrelas.” Ela assim disse ao pai, que ficou desesperado; mas prometeu arranjar. Levou nisto ainda mais tempo do que das duas outras vezes, até que conseguiu. A princesa, quando o pai lhe deu o último vestido, viu-se perdida e correu para o mar, onde embarcou num navio que Dona Labismina tinha preparado, durante o tempo que o rei andou arranjando os vestidos. Labismina recomendou à irmã que seguisse naquele navio, e saltasse no reino onde ele parasse, que nessa terra ela encontraria casamento com um príncipe, e que, na hora de casar, chamasse por ela três vezes, que ela se desencantaria numa princesa também. Maria seguiu. No reino em que o navio parou ela saltou em terra. Não tendo de que viver, foi pedir um emprego à rainha, que a encarregou de guardar e criar as galinhas do rei. Passados tempos, houve três dias de festa na cidade. Todos de palácio iam à festa, e a criadeira de galinhas ficava. Mas logo no primeiro dia, depois que todos saíram, ela se penteou, vestiu o seu vestido de cor do

campo com todas as suas flores e pediu a Labismina uma bela carruagem e foi também à festa. Todos ficaram muito esbabacados de ver moça tão bonita e rica, e ninguém sabia quem era. O príncipe, filho do rei, ficou logo muito apaixonado por ela. Antes de acabar-se a festa, a moça partiu e meteu-se na sua roupinha velha, e foi cuidar das galinhas. O príncipe, quando chegou a palácio, disse à rainha: "Viu, minha mãe, que moça bonita apareceu hoje na festa? Quem me dera casar com ela! Só parecia a criadeira de galinhas." — "Não digas isto, meu filho; aquela pobre tinha roupa tão fina e rica? Vai ver como ela está lá embaixo porca e esmolambada." O príncipe foi onde estava a criada e lhe disse: "Ó criadeira de galinhas, eu hoje vi na festa uma moça que só se parecia contigo..." — "Oxente, príncipe, meu senhor, quer mangar comigo... Quem sou eu?" No outro dia, nova festa, e a criadeira de galinhas foi às escondidas com o seu vestido de cor de mar com todos os seus peixes, e numa carruagem ainda mais rica. Ainda mais apaixonado ficou o príncipe sem saber de quem. No terceiro dia a mesma coisa, e a criadeira de galinhas levou o vestido cor de céu com todas as suas estrelas. O príncipe ficou tão entusiasmado que foi se pôr ao pé dela e lhe atirou no colo uma joia que ela guardou. Chegando a palácio, o príncipe caiu doente de paixão e foi para cama. Não queria tomar nem um caldo; a rainha rogava a todas as pessoas para lhe levarem algum caldo, para ver se ele aceitava, e era mesmo que nada. Afinal só faltava a criadeira de galinhas, e a rainha mandou-a chamar para levar o caldo ao príncipe. Ela respondeu: "Ora dá-se! Rainha, minha senhora, quer caçoar comigo? Quem sou eu para o príncipe, meu senhor, aceitar um caldo da minha mão? O que eu posso fazer é preparar um caldo para mandar a ele."

A rainha concordou, e a criada preparou o caldo, e botou dentro da xícara a joia que o príncipe lhe tinha dado na igreja. Quando ele meteu a colher e viu a joia, pulou da cama con-

tente e dizendo que estava bom, e queria se casar com aquela moça que servia de criadeira de galinhas. Mandaram-na chamar, e, quando ela veio, já foi pronta, como quando ia à festa. Houve muita alegria e muito banquete, e a princesa Maria se casou com o príncipe; mas se esqueceu de chamar pelo nome de Labismina, que não se desencantou, e, por isso, ainda hoje o mar dá urros e se enfurece às vezes.

10

A RAPOSINHA

(Sergipe)

FOI UM DIA, SAIU UM PRÍNCIPE a correr terras atrás de arranjar um remédio para seu pai que estava cego. Depois de muito andar, o príncipe passou por uma cidade e viu uns homens estarem dando de cacete num defunto. Chegou perto e perguntou por que faziam aquilo. Responderam-lhe que aquele homem tinha-lhes ficado a dever, e que por isso estava apanhando, depois de morto, segundo o costume da terra. O príncipe, que ouvia isto, pegou e pagou todas as dívidas do defunto e o mandou enterrar. Seguiu sua viagem. Adiante encontrou uma raposinha, que lhe disse: "Aonde vai, meu príncipe honrado?" O moço respondeu: "Ando caçando uma mezinhanha para meu pai que ficou cego." A raposinha então lhe disse: "Para isto só há agora um remédio, que é botar nos olhos do rei um pouquinho de sujidade de um papagaio do reino dos papagaios. Meu príncipe, vá ao reino dos papagaios, entre, à meia-noite, no lugar onde eles estão, deixe os papagaios bonitos e faladores que estão em gaiolas muito ricas, e pegue num papagaio triste e velho que está lá num canto, numa gaiola de pau, velha e feia." O príncipe seguiu. Quando chegou no reino dos papagaios, ficou esbabacado de ver tantas e tão ricas gaiolas de diamantes, de ouro e de prata; nem procurou o papagaio velho e sujo que estava lá num canto; agarrou na gaiola mais bonita que viu, e partiu para trás. Quando ia saindo o papagaio deu um grito, acordaram os guardas, e o perseguiram, até pegá-lo.

“O que queres com este papagaio? Hás de morrer”, disseram os guardas. O príncipe, com muito medo, lhes contou a história de seu pai; então eles disseram: “Pois bem; só te damos o papagaio se tu fores ao reino das espadas, e trouxeres de lá uma espada.” O moço, muito triste, aceitou e partiu. Chegando adiante lhe apareceu a mesma raposinha, e lhe disse: “Então, meu príncipe honrado, o que tem, que vai tão triste?” O moço lhe contou o que lhe tinha acontecido; e a raposa respondeu: “Eu não lhe disse!? Você para que foi pegar num papagaio bonito, deixando o velho e feio? Apois bem; vá ao reino das espadas; entre à meia-noite. Você lá há de ver muitas espadas de todas as qualidades, de ouro, de brilhante e de prata, não pegue em nenhuma. Lá num canto tem uma espada velha e enferrujada; pegue nessa.” O moço seguiu. Quando chegou ao reino das espadas, ficou esbabacado, vendo tantas espadas e tão ricas. De teimoso, disse: “Ora tanta espada rica, e eu hei de pegar numa ferrugenta!” Pegou logo na mais bonita que viu. Quando ia saindo, a espada deu um trinco tão forte que os guardas acordaram, pegaram o moço e o quiseram levar ao rei. O príncipe contou então a sua história, e os guardas, com pena, disseram: “Nós só lhe damos uma espada se você for ao reino dos cavalos e trouxer de lá um cavalo.” O moço seguiu muito desapontado. Adiante numa encruzilhada encontrou a raposinha: “Aonde vai, meu príncipe honrado?” O moço contou tudo. “Ah! Eu não lhe disse!? Para que não seguiu o meu conselho? Vá no reino dos cavalos, e entre à meia-noite. Você lá há de encontrar muitos cavalos gordos e de todas as cores, todos aparelhados, não pegue em nenhum. Lá num canto está um cavalo velho e feio, pegue nesse.” O moço seguiu. Quando entrou no reino dos cavalos caiu-lhe o queixo no chão: “Ora tantos cavalos bonitos, e eu hei de ficar com um diabo velho e magro!” E pegou num dos mais gordos e lindos. O cavalo deu um rincho tão grande que os guardas acordaram e prenderam

o príncipe. Ele, com muito susto, contou toda a sua história. Os guardas responderam: “Apois sim; nós lhe damos um cavalo se você for furtar a filha do rei.” Aí o moço disse: “Então me deem um cavalo para ir montado.” Eles concederam. O moço seguiu; quando ia adiante, lhe apareceu outra vez a raposinha: “Onde vai, meu príncipe honrado?” Ele contou tudo. A raposa disse: “Pois veja: eu sou a alma daquele homem que estava apanhando de cacete depois de morto e de que você pagou as dívidas; ando-lhe protegendo, mas você não quer fazer caso dos meus conselhos, e, por isso, tem andado sempre em perigo... Vá montado neste cavalo; chegue à meia-noite no palácio do rei, pegue a moça e bote na garupa, largue a rédea a toda a brida; passe pelo reino dos cavalos para lhe darem o seu, pelo das espadas para lhe darem a sua, e pelo dos papagaios para levar também o seu, e vá voando para casa de seu pai, que ele vai mal. Nunca entre por varedas, nem preste ouvidos a ninguém até a casa. Adeus, que é esta a última vez que lhe apareço”.

O príncipe partiu. Chegando no palácio, furtou a moça; chegando no reino dos cavalos, recebeu o seu; no das espadas, a sua, e no dos papagaios, o seu. Seguiu sempre na carreira. Adiante encontrou uns moços que andavam à sua procura, e eram seus irmãos que vinham buscar novas dele. Os irmãos, quando o viram com objetos tão ricos, ficaram com inveja e formaram o plano de o matar para roubá-lo. Começaram a convencê-lo de que deviam deixar a estrada real e seguir por uns atalhos para os ladrões não lhe fazerem mal vendendo-o com aquelas coisas tão belas e ricas. Ele caiu na esparrela, e os irmãos o tiraram de dentro de uma gruta no mato onde ele tinha ido beber água. Tomaram-lhe a moça, o cavalo, a espada e o papagaio. Largaram-se para a casa muito alegres, pensando que o irmão estava morto. Mas tudo aquilo chegando a palácio, entrou a marear-se, e a ficar estragado. A moça não quis

mais comer nem falar; meteu a cabeça debaixo da asa e não quis mais falar; a espada ficou enferrujada, e o cavalo começou a emagrecer. Quando o moço estava quase a morrer na furna, apareceu a raposinha, que o tirou para fora, e o botou outra vez no caminho. Ele seguiu e chegou até ao palácio de seu pai. Quando já ia chegando a espada deu um trinco, e começou logo a brilhar, o papagaio voou e foi cair-lhe no ombro, a moça deu uma gargalhada e falou, e o cavalo engordou de repente. O príncipe entrou e foi logo botando um pouco de sujidade do papagaio nos olhos do pai, que ficou logo vendo, e muito alegre. O príncipe se casou com a princesa que tinha furtado, e os seus irmãos foram castigados por causa de sua falsidade.

11

O HOMEM PEQUENO

(Sergipe)

UMA VEZ UM PRÍNCIPE saiu a caçar com outros companheiros, e enterraram-se numa mata. O príncipe, que se chamava D. João, adiantou-se muito dos companheiros e se perdeu. Ao depois de muito andar, avistou um muro muito alto, que parecia uma montanha, e para lá se dirigiu. Quando lá chegou conheceu que estava numa terra estranha, pertencente a uma família de gigantes. O dono da casa era um gigante enorme, que quase dava com a cabeça nas nuvens; tinha mulher também gigante, e uma filha gigante de nome Guimara.

Quando o dono da casa viu a D. João gritou logo: “Oh, homem pequeno, o que anda fazendo?” O príncipe contou-lhe a sua história, e então o gigante disse: “Pois bem; fique aqui como um criado.” O príncipe lá ficou, e, passados tempos, Guimara se apaixonou por ele. O gigante, que desconfiou da coisa, chamou um dia o príncipe, e lhe disse: “Oh, homem pequeno! Tu dissesse que te atrevias a derrubar numa só noite o muro das minhas terras e a levantar um palácio?” “Não, senhor meu amo; mas, como vossemecê manda, eu obedeço.” O moço saiu por ali vexado de sua vida, e foi ter ocultamente com Guimara, que lhe disse: “Não é nada; eu vou e faço tudo.” Assim foi: Guimara, que era encantada, deitou abaixo o muro, e levantou um palácio que dar-se podia. No outro dia o gigante foi ver bem cedo a obra e ficou admirado. “Oh, homem pequeno?” — “Inhô!” — “Foste tu que fizeste esta obra ou foi Guimara?” —

“Senhor, fui eu, não foi Guimara; se meus olhos viram Guimara, e Guimara viu a mim, mau fim tenha eu a Guimara, e Guimara mau fim tenha a mim.” Passou-se. Depois de alguns dias, o gigante, que andava com vontade de matar o homem pequeno, lhe levantou outro aleive: “Oh, homem pequeno! Tu dissesse que te atrevias a fazer da ilha dos bichos bravos um jardim cheio de flores de todas as qualidades, e com um cano a deitar, a despejar água, tudo numa noite?” — “Senhor, eu não disse isto, mas como vossemecê ordena eu irei fazer.” Saiu dali mais morto do que vivo, e foi ter com Guimara, que lhe disse: “Não tem nada; eu hoje hei de fazer tudo de noite.” Assim foi. De noite ela fugiu de seu quarto, e, com o homem pequeno, trabalhou toda a noite, de maneira que no outro dia lá estava o jardim cheio de flores, e com um cano a jorrar água; era uma obra que dar-se podia. O gigante, dono da casa, foi ver a obra e ficou muito espantado, e, então, formou o plano de ir à noite ao quarto de Guimara e ao do homem pequeno para os matar. A moça, que era adivinha, comunicou isto a D. João, e convidou-o para fugir, deixando nas camas em seu lugar duas bananeiras cobertas com os lençóis para enganar ao pai.

Alta noite fugiram montados no melhor cavalo da estrebaria, o qual caminhava cem léguas de cada passada. O pai quando os foi matar os não encontrou, e disse o caso à mulher, que lhe aconselhou que partisse atrás montado no outro cavalo que caminhava cem léguas de cada passada, e seguisse a toda a brida. O gigante partiu, e, quando ia chegando perto dos fugitivos, Guimara se virou riacho e D. João um negro velho, o cavalo num pé de árvore, a sela numa leira de cebolas, e a espingarda, que levavam, num beija-flor. O gigante, quando chegou ao riacho, se dirigiu ao negro velho, que estava tomando banho: “Oh, meu negro velho! Você viu passar aqui um moço com uma moça?” O negro não prestava atenção, margulhava n’água, e quando levantava a cabeça, dizia: “Plantei estas

cebolas, não sei se me darão boas!...” Assim muitas vezes, até que o gigante se maçou e se dirigiu ao beija-flor, que voou-lhe em cima, querendo furar-lhe os olhos. O gigante desesperou e voltou para casa. Chegando lá contou a história à velha sua mulher, que lhe disse: “Como você é tolo, marido! O riacho é Guimara, o negro velho o homem pequeno, a leira de cebola a sela, o pé de árvore o cavalo, e o beija-flor a espingarda. Corra para trás e vá pegá-los.”

O gigante tornou a partir como um danado até chegar perto deles, que se haviam desencantado e seguido a toda a pressa. Quando eles avistaram o gigante, a moça se transformou numa igreja, D. João num padre, a sela num altar, a espingarda no missal, e o cavalo num sino. O gigante entrou pela igreja adentro, dizendo: “Oh seu padre, o senhor viu passar por aqui um moço com uma moça?” O padre, que fingia estar dizendo missa, respondeu:

“Sou um padre ermitão,
Devoto da Conceição,
Não ouço o que me diz, nãoldots
Dominus vobiscum.”

Assim muitas vezes, até que o gigante se aborrece e volta para trás desesperado. Chegando em casa contou a história à mulher, que lhe disse: “Oh, marido! Você é muito tolo! Corra já, volte, que a igreja é Guimara, o padre é o homem pequeno, o missal a espingarda, o altar a sela, o sino o cavalo.” Eles lá se desencantaram e seguiram a toda a pressa; mas o gigante de cá partiu como um feroz; ia botando serras abaixo, e, quando estava, de novo, quase a pegá-los, Guimara largou no ar um punhado de cinza e gerou-se no mundo uma neblina tal que o gigante não pôde seguir e voltou. Depois disto os fugitivos chegaram ao reino de D. João. Guimara, então, lhe pediu que, quando entrasse em casa, para não se esquecer dela por uma

vez, não beijasse a mão de sua tia. O príncipe prometeu; mas quando entrou em palácio a primeira pessoa que lhe apareceu foi sua tia, a quem ele beijou a mão, e se esqueceu, por uma vez, de Guimara, que o tinha salvado da morte. A moça lá perdeu na terra estranha o encanto, e ficou pequena como as outras, mas sempre triste.

12

DONA PINTA

(Sergipe)

UMA VEZ HAVIA UM REI que tinha seu palácio defronte de uma casa onde morava um velho que tinha três filhas bonitas. A mais bonita de todas chamava-se Dona Pinta e o rei se apaixonou por ela.

Uma vez estando ele na varanda a querer namorá-la, ela, que estava brincando com um gatinho, arribou-lhe o rabinho, e mostrou-lhe o boeiro... O rei ficou muito zangado e quis arranjar um meio de entender-se com a moça livremente para vingar-se. Mandou chamar o pobre do velho e lhe disse que precisava que ele fosse vencer umas guerras. O velho se desculpou muito, e disse que ia falar com suas filhas para ver o que elas diziam. D. Pinta lhe disse que prometesse ao rei ir, mas pedisse uma espera de alguns dias. Esta espera era para dar tempo a ela para fazer um alçapão na casa.

Passados os dias, o velho seguiu para as guerras, deixando a cada uma das filhas uma rosa, dizendo: "Quando eu voltar, cada uma há de me apresentar a sua rosa aberta e fresca, que é o sinal de sua virgindade; aquela cuja rosa estiver murcha terá o meu castigo".

Depois que o velho saiu, o rei apareceu na sua casa, e D. Pinta o recebeu. Deixou-o na sala conversando com as irmãs, e foi para a sala de trás, e escondeu-se no seu subterrâneo. O rei cansou de esperar, e, ficando tarde, foi-se embora muito zangado. No dia seguinte tornou a vir, e D. Pinta fez o mesmo;

no terceiro dia a mesma coisa. Aí fez mal às duas suas irmãs, que apareceram pejadas, e cujas rosas ficaram murchas. O rei cada vez foi tomando mais raiva de D. Pinta, ao passo que mais se acendia o seu desejo, quanto mais ela o enganava.

Um dia ela se vestiu de moleque, e foi buscar favas na horta do rei, o qual a viu, mas não a conheceu, e, quando o soube, ainda mais desesperado ficou. Passou-se tempo e sempre o rei a jurando.

Uma vez ela foi buscar lenha e o rei a encontrou no mato. Aí ela disse: “Oh! Como vem rei meu senhor tão cansado e tão suado! Deite-se aqui, rei meu senhor!” E sentou-se no capim, fez colo e o rei deitou-se, e ela se pôs a catar-lhe piolhos. Foi indo, foi indo até que o rei pegou no sono. Aí ela, bem devagarinho, levantou-se, botou a cabeça do rei numa trouxa que fez com o chale, e largou-se, foi-se embora a toda a pressa. Quando o rei acordou, que olhou em roda e não viu ninguém, ficou desesperado da vida. Passou-se. As irmãs de D. Pinta ficaram em ponto de dar à luz e deram. Ela, com medo de que o pai descobrisse a falta das irmãs, resolveu-se a ir enjeitar os meninos no palácio do próprio rei.

Um dia, antes do pai chegar das guerras, preparou-se de negra com tabuleiro na cabeça e os dois meninos dentro, fingindo eram flores, e foi vender no palácio. O rei, sem saber quem era, foi ver as flores, e, quando descobriu o tabuleiro, deu com os seus dois filhinhos. A negra disse: “Aí ficam que são seus!...” E largou-se de escada abaixo e foi-se embora. O rei então conheceu tudo, e dizia: “D. Pinta, D. Pinta!... Um dia eu hei de vingar-me.”

Tempos depois, chegou o pai das três moças das guerras. As duas filhas desonradas ficaram mais mortas do que vivas para irem tomar a benção ao pai, porque não tinham mais a sua rosa viva! D. Pinta as valeu, dizendo a uma delas: “Tome a minha rosa, mana, vá primeiro você, e ao depois vá fulana,

e depois eu.” Assim fizeram, e enganaram o velho que de nada soube.

Depois disto, andava o rei uma vez passeando embarcado no mar e encontrou D. Pinta num bote também passeando. Ela, quando o avistou, o convidou para ir para o seu barco, e passearem juntos. Na ocasião do rei entrar, ela o atirou no lodo da maré e ele ficou todo emporcalhado. Ficou vendendo azeite às canadas,³⁰ e procurando um meio de se vingar. Não achando nenhum, fez o plano de a pedir em casamento, e matá-la depois de casados. Fez o pedido, e a moça não aceitou. Afinal tanto instou que a moça disse ao pai: “Está bom, meu pai, diga a ele que eu o aceito, mas há de me dar seis meses de espera.” O velho foi dizer ao rei que a filha aceitava, mas pedia uma espera. Isto era tempo que D. Pinta pedia para poder preparar uma boneca, e parecida com ela, para enganar ao rei.

No fim de seis meses não estava pronta ainda a boneca, e o rei, tendo mandado marcar o dia do casamento, D. Pinta respondeu que só se casaria se o rei mandasse fazer um palácio novo. O rei concordou, e mandou fazer o palácio. Quando já estava a obra quase pronta, D. Pinta não tinha ainda a boneca preparada, e, então, uma noite foi ao palácio velho às escondidas, furtou a roupa do rei, meteu-se nela e foi ter com o mestre da obra, e fingindo que era o rei, e muito zangado dizia: “Isto não é obra; quero já que me botem tudo abaixo e façam tudo de novo.” Isto era de noite; o mestre da obra mandou logo chamar todos os trabalhadores e deitaram o palácio abaixo para levantar outro de novo. Afinal ficou pronta a boneca de D. Pinta, e também o palácio do rei. Marcou-se o dia do casamento. D. Pinta, quando foi para o quarto de dormir, levou a sua boneca, que era toda o retrato dela: botou-a assentada na cama com um favo de mel no seio, e se escondeu

³⁰“Vender azeite às canadas”: enfurecer-se. [N. do E.]

debaixo da cama, pegando num cordãozinho que a boneca tinha e que a fazia mover com a cabeça. O rei depois entrou e dirigiu-se à boneca, pensando que era D. Pinta, dizia: “D. Pinta, tu te alembra quando teu pai foi para a guerra que eu fui três dias à tua casa, e tu, pra caçoares comigo, te metias lá pra dentro, e não me aparecias mais?...” A boneca bulia com a cabeça. Assim foi o rei repetindo todas as pirraças que a moça lhe tinha feito, e no fim cravou-lhe um punhal no seio. O mel espirrou e foi tocar nos beiços do rei, que, sentindo a doçura, disse: “Ah, minha mulher, se depois de morta estás tão doce, que fará quando eras viva!” E pôs-se a chorar. Aí D. Pinta pulou de baixo e apresentou-se: “Aqui estou, meu amor!” Fizeram as pazes e ficaram vivendo muito bem.

13

O PRÍNCIPE CORNUDO

(Sergipe)

UMA VEZ UM REI TEVE UM FILHO e mandou ver que sina o menino tinha trazido. A cigana leu a sorte e disse que o príncipe tinha trazido a sina de ser cornudo. O rei ficou muito desgostoso, e mandou fazer uma torre onde o menino foi encerrado, e ali foi criado, com ordem de nunca sair dali, nem entrar lá mulher nenhuma. O príncipe cresceu, e, quando se pôs moço feito, uma vez perguntou ao pai por que razão ele vivia ali preso. O rei lhe respondeu: "Por nada, meu filho." Quando foi uma vez o príncipe pediu ao pai para ir ouvir missa. O rei respondeu: "Pois bem; tu irás comigo ouvir missa, mas há de ser com a condição de nunca olhares para trás por causa de umas diabinhas." O moço prometeu e foram. Na volta o rei lhe perguntou: "Então, meu filho, o que viste de mais bonito na missa?" — "Foi o altar, meu pai." Passou-se.

Outra vez o príncipe pediu ao rei para ir ouvir missa. O rei consentiu; mas o moço não pôde se conter, e olhou para trás e ficou embebido todo o tempo, olhando para as diabinhas que eram as moças. Chegando em casa, o rei lhe perguntou: "Então, o que viste de mais bonito na missa?" O moço respondeu: "Foram as diabinhas." O rei ficou pensativo, e mandou preparar um navio para o filho ir viajar; mas com a condição de nunca saltar em terra senão num reino onde não houvesse notícias de seu reino nem de sua família. O moço seguiu.

Chegando muito longe, num reino onde não havia mais notícias da terra dele, mandou dois criados à terra comprar mantimentos. Os dois criados partiram; mas quando lá chegaram, ficaram-se esbabacados, vendo um leilão em que se tinha de arrematar um papagaio muito falador, e que privava os homens de serem cornudos. O lanço já estava muito alto, e nada de se entregar o papagaio.

O príncipe pôs-se a esperar e nada dos criados voltarem. Mandou um outro atrás deles, que também lá se ficou. Mandou segundo, e nada! Afinal foi ele mesmo, e, conhecendo o motivo da demora, arrematou o papagaio e foi para bordo. Seguiu viagem. Depois foi ter a um reino onde se casou. Desde então o papagaio nunca mais falou; metia a cabeça debaixo de uma asa, e vivia ali triste na gaiola. O príncipe lhe queria muito bem. Uma vez teve de ir vencer umas guerras e recomendou muito à princesa o seu papagaio, e ao papagaio a sua mulher. Partiu.

A princesa tratava muito bem do papagaio e sempre ele triste. Ela nunca chegava à sacada; mas uma vez chegou por acaso e ia passando um moço que a viu e ficou logo muito apaixonado por ela, e voltou para casa muito triste. Uma velha, que costumava ir pedir esmola ao moço, o achando muito triste, lhe perguntou o que era. Ele respondeu que era por ter visto a mulher do príncipe, que o tinha deixado doente. A velha disse: “Oxente, meu netinho! Tudo fora isso!... Eu vou ter com ela e arranjo um modo dela lhe falar.” Largou-se para palácio e foi convidar a princesa para ser madrinha de um batizado. A moça se desculpou muito, dizendo que não podia ir, porque o príncipe não estava em casa. Mas a velha tanto importunou que a princesa prometeu: “Pois sim; vou amanhã de tarde.”

Quando foi no dia seguinte pela tarde, a velha chegou; a princesa se aprontou, e já ia saindo. Quando passou por baixo

da gaiola do papagaio, ele tirou a cabeça de baixo da asa, deu uma gargalhada e disse: “Onde vai, princesa minha senhora, tão bandarranona? Princesa minha senhora, quer ouvir uma história de seu papagaio?” — “Pois não, meu papagaio!” Então ele disse: “Oh, criadas! Vão buscar a cadeira e os travesseiros para princesa minha senhora se assentar e se recostar para ouvir uma história de seu papagaio.” A velha ficou fumando de raiva, e o papagaio começou:

“Uma vez havia um rei que tinha só uma filha, a quem deu ordem que, quando lhe fosse tomar a bênção, fosse sempre muito bem pronta, e com as suas joias. Assim fazia a princesa: todas as manhãs, para tomar a benção ao rei, se preparava como se fosse a uma festa. O pai tinha-lhe dito que, no dia em que ela se apresentasse sem os seus adornos, a mandaria prender numa torre. Aconteceu que um príncipe, que estava para casar lá no seu reino, andava viajando, e, passando pelo reino da princesa, a viu na sacada do palácio, e ficou muito apaixonado por ela.

“O príncipe não achou nunca um meio de falar com a princesa; mas sabendo do costume que ela tinha de se apresentar para cumprimentar ao pai, virou-se num pássaro, e, num dia em que ela estava botando as suas joias, entrou pela janela e agarrou uma delas pelo bico e fugiu. A moça lhe disse: ‘Me dé a minha joia.’ — ‘Só se casar comigo’, respondeu o pássaro, e voou. No outro dia a mesma coisa; no outro o mesmo e assim todos os dias, até que só restava uma joia à princesa para tomar a benção ao pai. O pássaro veio e arrancou também aquela. A moça seguiu atrás dele pedindo o adereço, e o pássaro voando e dizendo: ‘Só se casar comigo.’ A moça respondia sempre que não, até que entraram por uma igreja a dentro, isto já muito longe da casa de seu pai. Aí ainda ela pediu a joia, e o pássaro respondeu: ‘Só se casar comigo.’ A princesa disse: ‘Só se aquele Santo Cristo abaixar o braço e nos casar

ele mesmo.' Mal ela acabara de falar, a imagem abria os olhos, e abençoava o casamento. Aí o pássaro se desencantou num belo príncipe. Seguiram dali todos dois. Adiante foram descansar em casa de uma velha, onde a moça pegou no sono. O príncipe entrou a maginar e a ficar triste, porque já tinha dado a sua palavra de casar com uma outra princesa de outro reino. Deu muito dinheiro à velha, dizendo que quando a moça acordasse, procurando por ele, ela não contasse para que banda ele tinha ido e largou-se numa carruagem. A moça, quando acordou e não achou o marido, ficou muito desgostosa e entrou a chorar. A velha alcoviteira a enganou por muito tempo, passeando com ela pelo jardim; mas não havia nada que a consolasse, até que a mesma velha se viu desesperada e lhe disse para que banda o príncipe tinha tomado. A moça pôs-se como uma desesperada a caminhar atrás do marido. Adiante encontrou um carvoeiro muito porco e rasgado, trocou com ele a sua roupa e seguiu. Adiante mais encontrou o carro que ia com o príncipe, que parou e lhe perguntou: 'Oh, meu carvoeiro! Você passou em casa de uma velha?' — 'Sim, senhor.' — 'Viu lá uma moça?' — 'Sim, senhor.' — 'O que fazia ela?' — 'Chorava e se lastimava, dizendo: 'Oh príncipe ingrato, que te foste e me deixaste!'' O príncipe, que ouviu isto, ficou com muita pena, e botou o carvoeiro no carro. Todo o caminho foi-lhe perguntando a mesma coisa, e sempre o carvoeiro respondendo o mesmo. Assim foram andando até a terra do príncipe e sempre ele com o carvoeiro. Chegado o dia de seu novo casamento, sempre ele triste e perguntando a mesma coisa ao carvoeiro. Toda a família ficou muito desgostosa daquilo, e a noiva com muito ciúme; mas não tinham o que fazer, porque o príncipe disse que não podia viver sem o seu carvoeiro. Feito o casamento, quando foram se deitar, o príncipe, com grande espanto de todos, levou também para o quarto o seu carvoeiro. Deitou-se no meio, pôs a noiva de um lado e o carvoeiro de ou-

tro, e entre ambos o seu alfange. Pegou no sono. O carvoeiro, que o viu dormindo, pegou no alfange e se matou; o príncipe, que o vê morto, diz: ‘Meu carvoeiro morto; eu também.’ E se matou. A moça, que vê isto, diz: ‘Meu marido morto, eu também.’ E se matou. No outro dia encontraram aquele destroço, e foram fazer o enterro. Quando iam estando os corpos na sepultura, chegou um beija-flor e escreveu nas testas dos três: ‘Ninguém desfaça o que Deus fizer...’, e deu vida ao príncipe e ao carvoeiro que se revelou como princesa e ficou vivendo com o seu marido.” O papagaio, quando acabou de contar esta historia, disse à princesa: “Agora, princesa minha senhora, já é tarde, e deixe-se de batizados de velha.” A alcoviteira ficou desesperada com o papagaio, e disse às criadas que o botassem lá para o terreiro. Elas o botaram, mas ele gritou tanto, até que o trouxeram de novo.

No outro dia veio a velha outra vez para levar a moça para o batizado.

A princesa se preparou, e, quando ia saindo, passou por baixo da gaiola do papagaio, que deu uma gargalhada: “Como vai, princesa, minha senhora, tão bandarranona! Princesa, minha senhora, quer ouvir uma história do seu papagaio?” — “Pois não, meu papagaio!” — “Oh, criadas, vão buscar a cadeira e a almofada para princesa minha senhora se sentar, se recostar para ouvir uma história do seu papagaio.” Ele começou:

“Uma vez havia numa cidade dois ourives: o ourives do ouro e o ourives da prata. O ourives do ouro era casado e sua mulher muito bonita, nunca aparecia na janela. Tendo ele de fazer uma viagem, apostou com o ourives da prata que ele não era capaz de ver nunca a sua mulher, e se não fosse verdade perderia todo o seu ouro; e se o ourives da prata perdesse tinha de lhe dar toda a sua prata. Feita a aposta, o ourives do

ouro seguiu para sua viagem.

“Foram-se passando os dias e nunca o ourives da prata pôde ver a mulher do companheiro. Estava vendo perder a aposta, quando, indo uma velha lhe pedir uma esmola, e o vendo triste lhe perguntou o que era, e lhe contou o caso. A velha lhe disse: ‘Oxente, meu netinho, não é nada; eu vou passar esta noite na casa dela, e tomo-lhe bem as feições, vejo-lhe bem até os sinais de seu corpo e lhe venho contar.’ O ourives aceitou. Quando foi de noite a velha bateu na porta da mulher do ourives do ouro. Vieram-lhe abrir a porta, e ela disse que queria falar a sua filhinha que ela tinha criado em seus braços. A moça ficou muito admirada daquilo, porque nem era daquela terra, mas sempre apareceu e a velha lhe disse: ‘Oh, minha netinha, depois que te peguei nestes meus braços nunca mais te vi! Hoje soube que teu marido andava de viagem e vim passar a noite contigo para te fazer companhia.’ A moça, sem desconfiar nada, aceitou; a velha foi dormir no quarto dela. Fingiu que estava dormindo, e, quando a moça tomou seu banho, botou-lhe os olhos em cima, mirando bem o seu corpo para lhe descobrir algum sinal.

“A moça tinha um segredo no corpo, que vinha a ser um fio de cabelo bem preto, que, saindo de um sinalzinho na coxa, lhe rodeava toda ela e vinha morrer no mesmo sinalzinho. No outro dia largou-se a velha, e contou tudo ao ourives da prata: ‘Olhe, é uma moça assim, assim... tem um sinal em tal parte, assim, assim...’

“Quando o ourives do ouro chegou, o da prata lhe contou como era a sua mulher e até lhe revelou o segredo do cabelo da coxa; ganhou a aposta.” Acabada esta segunda história, disse o papagaio: “Agora, princesa minha senhora, já é tarde, e deixemos de batizados de velha.” A alcoviteira saiu desesperada, desconjurando do papagaio, e mandou-o pôr no lugar mais porco do palácio. No dia seguinte a mesma impertinência

da velha, querendo levar a moça para batizado. O papagaio, quando a princesa ia saindo, tornou a dar uma gargalhada, e convidou a sua senhora para ouvir outra história. A história era:

“Uma vez havia um rei e uma rainha; estavam um dia numa janela do palácio e viram ao longe um bichinho. O rei disse que era um coelho, e a rainha que era uma lebre: e é, não é, pegaram uma aposta que quem ganhasse matava um ao outro. Mandaram depressa ver por um criado que bicho era, e o criado voltou dizendo que era um coelho. O rei foi quem ganhou a aposta; mas teve pena de matar a rainha, e mandou fazer um caixão, botou-a dentro dele e mandou largar no mar.

“A rainha, que estava grávida, deu à luz um menino, que por ter nascido no mar e se ter alimentado dos goivinhos das pedras, se chamou o Príncipe Lodo. A rainha e o princepezinho foram dar numa tarde, onde um pescador os encontrou e levou para sua casa. Por lá eles contavam a sua história. O rei pensando que a rainha já tinha morrido, já se havia casado outra vez; mas ouvindo falar daquele príncipe, meio desconfiado, mandou-o chamar para ouvi-lo. O pescador deu duas folhinhas ao príncipe, e lhe disse: ‘Quando lá chegar conte a sua história direitinha ao rei, e quando ele se for zangando diga: ‘Esta história era meu bisavô que contava a meu avô, meu avô a meu pai, meu pai a mim e eu agora a conto a Vossa Majestade’; e cheire esta folhinha que você ficará bem velhinho, e, quando ele for melhorando, cheire esta que tornará a ficar mocinho.’ O Príncipe Lodo, chegando a palácio, o rei lhe pediu para contar a sua história. O príncipe lhe contou e fez tudo o que o pescador lhe ensinou; cheirou a folha e ficou velhinho com a cabeça branca como uma pasta de algodão”.³¹

³¹Não nos foi possível conseguir o final deste último e belo conto do papagaio, que por vezes ouvimos integralmente em Sergipe narrado no seio de nossa família. Pedimos desculpa por semelhantes lacunas, prometendo um dia, talvez, supri-las. [Nota do

Acabada esta terceira história, a velha foi-se embora porque já era tarde, e acabou-se a função do batizado; porque o príncipe no dia seguinte voltou das guerras, que se tinham acabado. Aí o papagaio, que era um anjo, voou para os céus.

Autor às edições brasileiras de 1897 e 1907, pela Livraria Francisco Alves.]

14

A MOURA TORTA

(Pernambuco)

UMA VEZ HAVIA UM PAI que tinha três filhos, e, não tendo outra coisa que lhes dar, deu a cada um uma melancia, quando eles quiseram sair de casa para ganhar a sua vida. O pai lhes tinha recomendado que não abrissem as frutas senão em lugar onde houvesse água. O mais velho dos moços quando foi ver o que dava a sua sina, estando ainda perto da casa, não se conteve e abriu a sua melancia. Pulou de dentro uma moça muito bonita dizendo: “Dai-me água, ou dai-me leite.” O rapaz não achava nem uma coisa nem outra, a moça caiu para trás e morreu.

O irmão do meio, quando chegou a sua vez, se achando não muito longe de casa, abriu também a sua melancia, e saiu de dentro uma moça ainda mais bonita do que a outra; pediu água ou leite, e o rapaz não achando nem uma coisa nem outra, ela caiu para traz e morreu.

Quando o caçula partiu para ganhar a sua vida foi mais esperto e só abriu a sua melancia perto de uma fonte. No abri-la pulou de dentro uma moça ainda mais bonita do que as duas primeiras, e foi dizendo: “Quero água ou leite.” O moço foi à fonte, trouxe água e ela bebeu a se fartar. Mas a moça estava nua, e então o rapaz disse a ela que subisse num pé de árvore que havia ali perto da fonte, enquanto ele ia buscar a roupa para ela. A moça subiu e se escondeu nas ramagens. Veio uma moura torta buscar água, e, vendo na água o retrato de

uma moça tão bonita, pensou que fosse o seu e pôs-se a dizer: “Que desaforo! Pois eu, sendo uma moça tão bonita, andar carregando água!...”

Atirou com o pote no chão e arrebentou-o. Chegando em casa sem água e nem pote levou um repelão muito forte, e a senhora mandou-a buscar água outra vez; mas na fonte fez o mesmo, e quebrou o outro pote. Terceira vez fez o mesmo, e a moça não se podendo conter deu uma gargalhada.

A moura torta, espantada, olhou para cima e disse: “Ah! E você, minha netinha!... Deixe eu lhe catar um piolho.” E foi logo trepando pela árvore arriba, e foi catar a cabeça da moça. Infincou-lhe um alfinete, e a moça virou numa pombinha e avoou! A moura torta então ficou no lugar dela. O moço, quando chegou, achou aquela mudança tamanha e estranhou; mas a moura torta lhe disse: “O que quer? Foi o sol que me queimou!... Você custou tanto a vir me buscar!”

Partiram para o palácio, aonde se casou. A pombinha então costumava avoar por perto do palácio, e se punha no jardim a dizer: “Jardineiro, jardineiro, como vai rei, meu senhor, com a sua moura torta?” E fugia. Até que o jardineiro contou ao rei, que, meio desconfiado, mandou armar um laço de diamante para prendê-la, mas a pombinha não caiu. Mandou armar um de ouro, e nada; um de prata, e nada; afinal um de visco, e ela caiu. Foram levá-la que muito a apreciou. Passados tempos, a moura torta fingiu-se pejada e pôs matos abaixo para comer a pombinha. No dia em que deviam botá-la na panela, o rei, com pena, se pôs a catá-la, e encontrou-lhe aquele caracinho na cabecinha, e pensando ser uma pulga, foi puxando e saiu o alfinete e pulou lá aquela moça linda como os amores. O rei conheceu a sua bela princesa. Casaram-se, e a moura torta morreu amarrada nos rabos de dois burros bravos, lascada pelo meio.

15

MARIA BORRALHEIRA

(Sergipe)

HAVIA UM HOMEM VIÚVO que tinha uma filha chamada Maria; a menina, quando ia para a escola, passava por casa de uma viúva, que tinha duas filhas. A viúva costumava sempre chamar a pequena e agradá-la muito. Depois de algum tempo começou a lhe dizer que falasse e rogasse a seu pai para casar com ela. A menina pegou e falou ao pai para casar com a viúva, porque ela era “muito boa e agradável”.

O pai respondeu: “Minha filha, ela hoje te dá papinhas; amanhã te dará fel.” Mas a menina sempre vinha com os mesmos pedidos, até que o pai contratou o casamento com a viúva. Nos primeiros tempos ainda ela agradava a pequena, e, ao depois, começou a maltratá-la.

Tudo o que havia de mais aborrecido e trabalhoso no trato da casa era a órfã que fazia. Depois de mocinha era ela que ia à fonte buscar água, e ao mato buscar lenha; era quem acendia o fogo, e vivia muito suja no borralho. Daí lhe veio o nome de Maria Borralheira. Uma vez para judiá-la a madrasta lhe deu uma tarefa muito grande de algodão para fiar e lhe disse que naquele dia devia ficar pronta. Maria tinha uma vaquinha, que sua mãe lhe tinha deixado; vendo-se assim tão atarefada, correu e foi ter com a vaquinha e lhe contou, chorando, os seus trabalhos.

A vaquinha lhe disse: “Não tem nada; traga o algodão que eu engulo, e quando botar fora é fiado e pronto em novelos.”

Assim foi. Enquanto a vaquinha engolia o algodão, Maria estava brincando. Quando foi de tarde, a vaquinha deitou para fora aquela porção de novelos tão alvos e bonitos!... Maria, muito contente, botou-os no cesto e levou-os para casa. A madrasta ficou muito admirada, e no dia seguinte lhe deu uma tarefa ainda maior. Maria foi ter com a sua vaquinha, e ela fez o mesmo que da outra vez. No outro dia a madrasta deu à mocinha uma grande tarefa de renda para fazer; a vaquinha, como sempre, foi que a salvou, engolindo as linhas e botando para fora a renda pronta e muito alva e bonita. A madrasta ainda mais admirada ficou.

Doutra vez mandou ela buscar um cesto cheio d'água. Maria Borralheira saiu muito triste para a fonte, e foi ter com a vaquinha que lhe encheu o cesto, que ela levou para casa. Daí por diante a madrasta de Maria começou a desconfiar, e mandou as suas duas filhas espiarem a moça. Elas descobriram que era a vaquinha que fazia tudo para a Borralheira. Daí a tempos a mulher se fingiu pejada e com antojos e desejou comer a vaquinha de Maria. O marido não quis consentir; mas por fim teve de ceder à vontade da mulher que era uma tarasca desesperada.

Maria Borralheira foi e contou à vaca o que ia acontecer; ela disse que não tivesse medo, que, quando fosse o dia de a matarem, Maria se oferecesse para ir lavar o fato;³² que dentro dele havia de encontrar uma varinha, que lhe havia de dar tudo o que ela pedisse; e que depois de lavado o fato, largasse a gamela pela corrente abaixo e a fosse acompanhando; que mais adiante havia de encontrar um velhinho muito chagado e com fome; lavasse-lhe as feridas e a roupa, e lhe desse de comer, que mais adiante havia de encontrar uma casinha com uns gatos e cachorrinhos muito magros e com fome, e a casinha muito suja, varresse o cisco e desse de comer aos bichos, e

³²As vísceras. [N. do E.]

depois de tudo isso voltasse para casa. Assim mesmo foi.

No dia que a madrasta de Maria quis que se matasse a vaquinha, a moça se ofereceu para ir lavar o fato no rio. A madrasta lhe disse com desprezo: “Oxente! Quem havia de ir se não tu, porca?” Morta a vaca, a Borralheira seguiu com o fato para o rio; lá achou nas tripas a varinha de condão, e guardou-a. Depois de lavado o fato botou-o na gamela e largou-a pela correnteza abaixo, e a foi acompanhando. Adiante encontrou um velhinho muito chagado e morto de fome e sujo. Lavou-lhe as feridas, e a roupa, e deu-lhe de comer. Este velhinho era Nosso Senhor. Seguiu com a gamela. Mais adiante encontrou uma casinha muito suja e desarrumada, e com os cachorros e gatos e galinhas muito magros e mortos de fome. Maria Borralheira deu de comer aos bichos, varreu a casa, arrumou todos os trastes e escondeu-se atrás da porta. Daí a pouco chegaram as donas da casa, que eram três velhas tatas.³³

Quando viram aquele benefício, a mais moça disse: “Manas, faiemos; faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez lhe apareçam uns chapins de ouro nos pés.” A do meio disse: “Manas, faiemos, manas; permita a Deus que quem tanto bem nos fez lhe nasça uma estrela de ouro na testa.” A mais velha disse: “Faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez, quando falar lhe saiam faíscas de ouro da boca.” Maria, que estava atrás da porta, apareceu já toda formosa com os chapins de ouro nos pés, e estrela de ouro na testa, e quando falava saíam-lhe da boca faíscas de ouro. Amarrou um lenço na cabeça, fingindo doença, para esconder a estrela, e tirou os chapins dos pés, e foi-se embora para casa. Quando lá chegou, entregou o fato e foi para o seu borralho. Passados alguns dias, as filhas da madrasta lhe viram a estrela e perceberam as faíscas de ouro que lhe saíam da boca, e foram contar à mãe. Ela ficou com muita inveja, e disse às fi-

³³Gagas, tartamudas. [N. do A.]

lhas que indagassem da Borralheira o que é que se devia fazer para se ficar assim.

Elas perguntaram e Maria disse: “É muito fácil; vocês peçam para irem também uma vez lavar o fato de uma vaca no rio; depois de lavado botem a gamela com ele pela correnteza abaixo e vão acompanhando; quando encontrarem um velhinho muito feridente, metam-lhe o pau, e deem muito; mais adiante, quando encontrarem uma casa com uns cachorros e gatos muito magros, emporcalhem a casa, desarrumem tudo, deem nos bichos todos, e escondam-se atrás da porta, e deixem estar que, quando vocês saírem, hão de vir com chapins e estrelas de ouro.” Assim foi.

As moças contaram à mãe, e ela lhes deu um fato para irem lavar no rio. As moças fizeram tudo como Maria Borralheira lhes tinha ensinado. Deram muito no velhinho, emporcalharam a casa e deram muito nos bichos das velhas, e se esconderam atrás da porta. Quando as donas da casa chegaram e viram aquele destroço, a mais moça disse: “Manas, faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto mal nos fez lhe apareçam cascos de cavalo nos pés.” A do meio disse: “Permita Deus que quem tanto mal nos fez lhe nasça um rabo de cavalo na testa.” A terceira disse: “Permita Deus que quem tanto mal nos fez, quando falar lhe saia porqueira de cavalo pela boca.” As duas moças, quando saíram de detrás da porta já vinham preparadas com seus enfeites. Quando falaram ainda mais sujaram a casa das velhinhos. Largaram-se para casa, e quando a mãe as viu ficou muito triste. Passou-se. Quando foi depois, houve três dias de festa na cidade, e todos de casa iam à igreja, menos a Borralheira que ficava na cinza. Mas, depois de todos saírem, ela logo no primeiro dia pegou na sua varinha de condão e disse: “Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido da cor do campo com todas as suas flores.” De repente apareceu o vestido. Maria pediu também

uma linda carruagem. Aprontou-se e seguiu. Quando entrou na igreja, todos ficaram pasmados, e sem saber quem seria aquela moça tão bonita e tão rica. Aí uma das filhas da madrasta disse à mãe: “Olhe, minha mãe, parecia Maria.” A mãe botou-lhe o lenço na boca por causa da sujidade que estava saindo, mandando que ela se calasse, que as vizinhas já estavam percebendo. Acabada a festa, quando chegaram em casa, Maria já estava lá valha,³⁴ metida no borralho. A mãe lhes disse: “Olhem, minhas filhas, aquela porca ali está, não era ela, não; onde ia ela achar uma roupa tão rica?” No outro dia foram todas para a festa e Maria ficou; mas quando todas se ausentaram, ela pegou na varinha de condão e disse: “Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido de cor do mar com todos os seus peixes, e uma carruagem ainda mais rica e bela que a primeira.” Apareceu logo tudo, e ela se aprontou e seguiu. Quando lá chegou, o povo ficou esbabacado por tão linda e rica moça, e o filho do rei ficou morto por ela. Botou-se cerco para a pegar na volta, e nada de a poderem pegar. Quando as outras pessoas chegaram em casa, Maria já lá estava metida no seu borralho. Aí uma das moças lhe disse: “Hoje vi uma moça na igreja que se parecia contigo, Maria!” Ela respondeu: “Eu!... Quem sou eu para ir à festa?... Uma pobre cozinheira!” No terceiro dia, a mesma coisa; Maria então pediu um vestido da cor do céu com todas as suas estrelas, e uma carruagem ainda mais rica. Assim foi, e apresentou-se na festa. Na volta o rei tinha mandado pôr um cerco muito apertado para agarrá-la; porém ela escapuliu, e na carreira lhe caiu um chapim do pé, que o príncipe apanhou. Depois o rei mandou correr toda a cidade para ver se achava-se a dona daquele chapim, e o outro seu companheiro. Experimentou-se o chapim nos pés de todas as moças e nada. Afinal só faltavam ir à casa de Maria Borralheira. Lá foram.

³⁴Já estava havia muito. [N. do A.]

A dona da casa apresentou as filhas que tinha; elas, com seus cascos de cavalo, quase machucaram o chapim todo, e os guardas gritaram: “Virgem Nossa Senhora! Deixem, deixem!...” Perguntaram se não havia ali mais ninguém. A dona da casa respondeu: “Não, aí tem somente uma pobre cozinheira, porca, que não vale a pena mandar chamar.” Os encarregados da ordem do rei respondem que a ordem era para todas as moças sem exceção e chamaram pela Borralheira. Ela veio lá de dentro toda pronta como no último dia da festa; vinha encantando tudo; foi metendo o pezinho no chapim e mostrando o outro. Houve muita alegria e festas; a madrasta teve um ataque e caiu para trás, e Maria foi para palácio e casou com o filho do rei.

16

A MADRASTA

(Sergipe)

HAVIA UM HOMEM VIÚVO que tinha duas filhas pequenas, e casou-se pela segunda vez. A mulher era muito má para as meninas; mandava-as como escravas fazer todo o serviço e dava-lhes muito.

Perto de casa havia uma figueira que estava dando figos, e a madrasta mandava as enteadas botar sentido aos figos por causa dos passarinhos.

Ali passavam as crianças dias inteiros, espantando-os e cantando:

“Xô, xô, passarinho,
Aí não toques meu biquinho,
Vai-te embora pra meu ninho...”

Quando acontecia aparecer qualquer figo picado, a madrasta castigava as meninas. Assim foram passando sempre mal-tratadas. Quando foi uma vez, o pai das meninas fez uma viagem, e a mulher mandou-as enterrar vivas. Quando o homem chegou a mulher lhe disse que as suas filhas tinham caído dentes e lhe tinham dado grande trabalho, e tomado muitas mezinhas, mas sempre tinham morrido. O pai ficou muito desgostoso.

Aconteceu que nas covas das duas meninas, e dos cabelos delas, nasceu um capinzal muito verde e bonito, e quando dava o vento o capinzal dizia:

“Xô, xô, passarinho,
Aí não toques teu biquinho,
Vai-te embora pra teu ninho...”

Andando o capinheiro da casa a cortar capim para os cavalos, deu com aquele capinzal muito bonito, mas teve medo de o cortar, por ouvir aquelas palavras. Correndo foi contar ao senhor.

O senhor não o quis acreditar, e mandou-o cortar aquele mesmo capim, porque estava muito grande e verde. O negro foi cortar o capim, e quando meteu a foice ouviu aquela voz sair de baixo da terra e cantando:

“Capinheiro de meu pai,
Não me cortes os cabelos;
Minha mãe me penteava,
Minha madrasta me enterrou
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou.”

O negro, que ouviu isto, correu para casa assombrado, e foi contar ao senhor que o não quis acreditar, até que o negro insistiu tanto que ele mesmo veio, e, mandando o negro meter a foice, também ouviu a cantiga do fundo da terra. Então mandou cavar naquele lugar e encontrou as suas duas filhas ainda vivas por milagre de Nossa Senhora, que era madrinha delas. Quando chegaram em casa acharam a mulher morta por castigo.

17

O PAPAGAIO DO LIMO VERDE

(Sergipe)

UMA VEZ HAVIA, NUM LUGAR retirado duma cidade, uma velha que tinha três filhas: uma de um só olho, outra de dois, e outra de três. Perto da casa da velha havia uma outra casa, onde morava uma moça muito bonita. Por esta moça namorou-se o príncipe real do reino do Limo Verde, que a visitava todas as noites, e lhe estava dando muitas riquezas. A velha vizinha entrou a desconfiar daquelas riquezas, e, uma vez por outra, ia à casa da moça para ver se pilhava alguma coisa, e nada...

Uma vez sua filha mais velha, que tinha três olhos, lhe disse: "Minha mãe, me deixe ir passar a noite na casa da vizinha que eu descubro o segredo." A velha concordou, e a moça dos três olhos foi. Chegando lá disfarçou: "Ó vizinha, há muito tempo que não lhe vejo; vim hoje passar a noite com você." — "Pois não, vizinha, a casa está às ordens!", respondeu a bela namorada. Quando foi na hora de irem dormir, a dona da casa deu à sua companheira, em lugar de chá, uma dormideira. A moça dos três olhos ferrou no sono como uma pedra; roncou toda a noite e não viu nada.

O príncipe real do Limo Verde veio, como de costume, encantado num grande e lindo papagaio; foi chegando e batendo com as asas na janela do quarto; a namorada abriu-a, e ele foi dizendo: "Dai-me sangue, dai-me leite, ou dai-me água!" A moça apresentou-lhe um banho numa grande bacia; o papa-

gaião caiu dentro da água a se arrufar e bater com as asas; cada pingo d'água que lhe caía das penas era um diamante, e assim é que a moça ia ficando cada vez mais rica. O papagaio, no banho, desencantou-se num lindo príncipe, que passou a noite com a sua namorada. De madrugadinha tornou a virar em papagaio, bateu asas e foi-se embora. A mulher dos três olhos não viu nada; voltou para casa e disse à mãe que tudo eram boatos falsos, e que na casa da vizinha não havia novidade.

Daí a tempos a irmã de dois olhos se ofereceu para ir passar também uma noite na casa da vizinha; foi e chupou da dormideira, pegou no sono, e veio o papagaio, e ela nada viu. Voltou para casa sem descobrir o segredo. Passados dias, a moça de um só olho se ofereceu à mãe, dizendo: "Agora, minha mãe, minhas irmãs já foram, e eu quero também ir descobrir o segredo." As irmãs caçoaram muito dela: "Quando nós, que temos mais olhos do que tu, não vimos nada, quanto mais tu, que tens um só!..." Enfim a velha consentiu, e a sua filha de um só olho foi. Chegando lá, fez muita festa à rica vizinha, e, quando foi a hora da ceia, fingiu que bebia a dormideira, e derramou-a no seio. Deitou-se e fingiu que estava dormindo. Lá para alta noite chegou o grande e bonito papagaio, batendo com as asas na janela; a dona da casa abriu, e ele se desencantou num moço muito formoso, e, como das outras vezes, dentro da bacia do banho ficou muito ouro e muitos brilhantes que a namorada guardou. A sujeitinha de um olho só via tudo caladinho. No outro dia bem cedinho largou-se para casa e contou tudo à mãe. No dia seguinte a velha foi quem veio passar a noite na casa da moça. Quando entrou para o quarto de dormir disfarçou e colocou umas navalhas bem afiadas na janela por onde tinha de entrar o papagaio. Ele, quando veio se cortou todo nas navalhas e disse para a namorada: "Ah, Maria ingrata! Nunca mais me verás; só se mandares fazer uma roupa toda de bronze e andares até ela se acabar..." Bateu

asas, e voou. A moça, que não esperava por aquilo, ficou muito desgostosa, e logo comprehendeu a razão das visitas daquela gente a sua casa. Mandou fazer uma roupa toda de bronze, e com chapéu, sapatos e bastão também de bronze, e largou-se pelo mundo a procurar o reino do Limo Verde. Depois de muito andar, sem ninguém lhe dar notícia, foi ter à casa do pai da Lua.

Lá chegando disse a que ia. O pai da Lua a recebeu muito bem, lhe disse que só sua filha lhe poderia dar notícia de tal terra, que ele não sabia; mas que ela, quando vinha para casa, era muito aborrecida e zangada com todos, que portanto a peregrina se escondesse bem escondida. Assim foi. Quando ela chegou, veio muito enjoada, dizendo: "Aqui me fede a sangue real!" O pai a enganou, dizendo: "Não, minha filha, aqui não veio ninguém, foi um frango que eu matei para nós cearmos."

A Lua tomou banho e se desencantou numa princesa muito formosa e foi para a mesa cear. Aí o pai disse: "Minha filha, se aqui viesse uma peregrina indagar por uma terra, tu o que fazias?" — "Mandava entrar e tratava muito bem, e se está aí apareça." A moça apareceu e disse a sua história. A Lua lhe respondeu que andara muitas terras; mas que daquela nunca tinha ouvido nem falar; mas o Sol havia de saber. A moça se despediu, e, na saída, a Lua lhe deu de presente uma almofadinha de fazer rendas toda de ouro, com os bilros de ouro, alfinetes de ouro e etc., tudo de ouro. A moça seguiu. Ao depois de muito andar, e estando já com os vestidos de bronze quase acabados, chegou à casa da mãe do Sol. Entrou e disse ao que ia. A mãe do Sol a tratou muito bem; disse que não sabia onde era aquela terra; mas seu filho havia de saber, porque andava muito; o que tinha era que quando vinha para casa era muito zangado, queimando tudo, e que ela se escondesse bem. Assim foi. Quando o Sol veio, foi aquele quenturão de acabar tudo, e dizendo: "Aqui me fede a sangue real, aqui me fede a

sangue real!” A mãe o enganou dizendo que tinha sido uma galinha que tinha preparado para o jantar. O Sol tomou seu banho e se desencantou num belo príncipe. Na mesa a mãe lhe disse: “Meu filho, se aqui viesse uma peregrina, perguntando por uma terra, tu o que fazias?” — “Mandava entrar e tratava muito bem.” A moça apareceu e disse o que queria. O Sol lhe respondeu que nunca tinha ouvido falar em semelhante terra, que só o Vento Grande poderia saber dela, porque andava mais do que ele. A moça se despediu, e, na saída, o Sol lhe deu uma galinha de ouro, com uma ninhada de pintos todos de ouro, e vivos e andando. A moça seguiu viagem e foi ter, depois de muito trabalho, à casa do pai do Vento Grande. Lá chegando disse ao que ia, e o velho pai do Vento Grande respondeu que não sabia; mas que seu filho havia de saber, o que tinha era que, quando vinha, era como doido, botando tudo abaixo, e que a moça se amarrasse bem num esteio da casa. Assim ela fez. O Vento Grande quando veio chegando era aquele zoadão, que fazia medo, botando muros e telhados abaixo, e dizendo: “Aqui me fede a sangue real!” — “Não é nada, meu filho, foi um capão para nossa ceia.” Assim o velho foi enganando até que ele tomou o banho e se desencantou num moço muito belo. Na mesa o pai lhe disse: “Se aqui viesse uma peregrina, tu o que fazias ?” — “Mandava entrar e tratava bem.” A moça apareceu e disse o que queria. O Vento Grande respondeu: “Oxente! Ainda agora passei por lá; é perto. Monte-se amanhã na minha cacunda, e, onde avistar um pé de árvore muito grande e copudo na frente de um palácio muito rico, agarre-se nos galhos, deixe-me passar que é aí.” No dia seguinte, quando o Vento Grande partiu, a moça montou-lhe na cacunda e seguiram.

Depois de muito voar por muitas terras e reinos, avistou o pé de árvore na frente dum grande palácio; o Vento logo de longe foi dizendo: “É ali; agarre-se nos galhos, senão eu

a levo para o fim do mundo.” Assim a moça fez; agarrou-se num galho da árvore, e o Vento seguiu. Ela desceu e pôs-se em baixo da árvore, *maginando* um meio de entrar no palácio para ver o príncipe, ou ter notícias dele. Com pouco chegaram três rolinhas e se puseram a conversar nos galhos da árvore. Disse uma delas: “Manas, não sabem? O príncipe real do Limo Verde está muito mal; talvez não escape.” Disse outra: “E o que será bom para ele?” Respondeu a terceira: “Ali não há mais remédio; as feridas que ele recebeu na guerra são três e não saram; só se pegarem a nós três, nos tirarem os coraçõezinhos, torrarem e moerem, e deitarem o pó nas feridas.” A moça ouviu toda a conversa das rolas; armou um laço e pegou todas três; matou-as, tirou os corações, torrou-os e fez um pozinho e guardou. Lá no reino tinha-se espalhado a notícia de que o príncipe estava à morte de umas feridas recebidas numas guerras. Não achando um meio de entrar no palácio, a peregrina tirou para fora a almofada de ouro, e se pôs a fazer renda. Veio passando uma criada do palácio, viu e foi dizer à rainha, mãe do príncipe: “Não sabe, rainha minha senhora, ali fora está uma peregrina com uma almofada de ouro, com birros³⁵³⁶ de ouro, fazendo renda também de ouro, coisa mais linda que dar-se pode. Só vosmecê possuindo...” A rainha mandou perguntar à peregrina quanto queria pela almofada. A moça respondeu: “Para ela não é nada; basta me deixar dormir uma noite no quarto do príncipe que está doente.” A criada foi dar a resposta; mas a rainha ficou muito insultada e não quis. Mas a criada lhe disse: “O que tem, rainha minha senhora? O príncipe meu senhor está tão mal

³⁵ Não é o chapéu dos cardeais, nem o *byrrho coleoptero*; é uma transformação de bilro, o bilro conheidíssimo. [N. do A.]

³⁶ “Peça de madeira, metal etc., similar a um fuso, us. para fazer rendas em almofada própria. [No Nordeste do Brasil, é feito com um coquinho de macaúba preso a um pequeno cabo cilíndrico de madeira, no qual se enrola o fio.]” Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001, p. 453. [N. do E.]

que nem conhece mais ninguém; que mal faz que aquela tola durma lá no quarto no chão?” A rainha concordou; foi a almofada de ouro para palácio, e a peregrina dormiu no quarto do doente. Logo nesta primeira noite ela lavou bem as feridas que o príncipe tinha no peito, e botou nelas o pó dos corações das rolinhas; mas o príncipe ainda não deu por de si, e não a conheceu. No dia seguinte a moça foi outra vez para debaixo da árvore, e puxou para fora a galinha de ouro com os pintinhos, que se puseram a andar. A criada veio passando e viu. Correu logo para palácio e disse: “Ó rainha minha senhora, a peregrina está com uma galinha de ouro com uma ninhada de pintos, tudo vivinho e andando... Que coisa bonita! Só rainha, minha senhora, possuindo...” A rainha mandou propor negócio. A moça disse que não era nada; bastava deixar ela dormir mais duas noites no quarto do príncipe. A rainha não queria; mas a criada arranjou tudo e a moça foi dormir no quarto do príncipe, e deu a galinha e os pintos de ouro. Na segunda noite que ela dormiu em palácio, a moça continuou o tratamento, e aí o príncipe foi melhorando e já ia conhecendo. Na terceira noite acabou o curativo e o príncipe ficou bom. Depois que ficou de todo com saúde, saiu do quarto e apresentou à rainha e ao rei a peregrina como sua noiva, e assim se desmanchou o casamento que já lhe tinham arranjado com uma princesa vizinha. Houve muita festa na cidade e no palácio... E eu (*isto diz por sua conta o narrador popular*) trouxe de lá uma panelinha de doce para lhe dar (*referindo-se à pessoa a quem contou a história*), mas a lama era tanta que ali na ladeira dos Quiabos escorreguei e caí e lá foi-se o doce.

*Entrou por uma porta,
Saiu por um pé de pato;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte quatro.*

18

JOÃO GURUMETE

(Pernambuco)

HAVIA UM SAPATEIRO MUITO TOLO que tinha um discípulo, que o aconselhava. Uma vez o sapateiro, botando um caco com goma para esfriar, caíram nele sete moscas, que ficaram presas e morreram. O discípulo, vendo aquilo, aconselhou ao mestre que escrevesse em letras grandes na copa de seu chapéu: João Gurumete que de um golpe matou sete. Assim ele fez. O povo quando viu aquilo ficou pensando que o sapateiro era um homem muito valente. Aconteceu que apareceu um bicho bravo, que andava acabando tudo, comendo a gente. Era um bicho de sete cabeças e sete línguas; todos os dias ele vinha buscar sua porção de gente, e, de sete em sete, já tinha acabado os meninos da cidade e estava devorando as donzelas. O rei mandou suas tropas acabar com o bicho, mas nada puderam fazer. Foram dizer ao rei que havia na cidade um homem muito destemido que só dum golpe tinha matado sete, e que só ele é que podia dar cabo do bicho. O rei mandou chamar o João Gurumete e o mandou acabar com aquela fera. O sapateiro ficou muito assustado mas não deu a entender ao rei, e disse que ia matar o monstro. Saindo da presença do rei, foi ter com o discípulo, quase chorando, que o valesse, que desta feita ele morreria. O discípulo lhe disse: “Não tem nada; lá onde se encontra o bicho há uma igreja velha; você corra, quando o avistar, e entre pela igreja adentro, e saia por um buraco que tem no fundo, e deixe estar que o bicho há de entrar também,

e então você feche a porta, e ele fica preso lá dentro e morre de fome, e está acabada a história.” João Gurumete ficou muito contente e partiu; muita gente o acompanhou para ver a morte do monstro. Quando o Gurumete avistou o bicho meteu-se no mundo largo numa desfilada e entrou pela igreja adentro. O bicho fera o acompanhou e entrou também. O sapateiro saiu pelo buraco que havia no fundo da igreja, e o bicho, por ser muito grande, não pôde passar por ali. O povo que estava da banda de fora fechou a porta, e o animal morreu lá dentro de fome. João, então, cortou-lhe as sete cabeças e foi levar ao rei, que lhe deu o título de conde e muito dinheiro. Passou-se.

Quando foi de outra vez apareceram três gigantes muito grandes e temíveis que estavam assolando tudo, matando e roubando, e ninguém podia dar cabo deles. Avisaram ao rei que só o Gurumete era capaz de acabar com aquela peste. O rei mandou-o chamar e lhe encarregou de livrar a cidade de tanto flagelo. O sapateiro desta vez saiu mais morto do que vivo, e foi ter com o seu discípulo, dizendo: “Agora sim, estou perdido; aquele bicho sempre era bicho e foi fácil o enganar; mas estes gigantes são gente, e como eu hei de acabar com eles? Desta eu me vou...” O discípulo lhe disse: “Não tem nada; vá escondido; antes dos gigantes chegarem, trepe-se num pé de árvore, onde eles costumam comer e descansar, e amarre lá em cima três pedras muito grandes que correspondam à cabeça de cada um. Quando eles estiverem dormindo, corte a corda de uma pedra e deixe cair a pedra em cima da cabeça do primeiro; depois a outra, e depois a outra, e deixe estar.” João Gurumete partiu; chegando na tal árvore muito grande, avistou logo as três covas, que já havia no chão, feitas pelo peso dos corpos dos gigantes, por ali dormirem. Pegou em três pedras muito pesadas e amarrou lá era cima em três galhos da árvore, que correspondiam às cabeças dos três gigantes, e trepou-se também lá muito quietinho e escondido nas folhas.

Quando os gigantes vinham chegando foi aquele zoadão, e o Gurumete teve tanto medo que quase roda de cima em baixo. Os gigantes lá chegaram, e quase batiam com as cabeças onde estava o mestre sapateiro. Ali comeram e beberam a rachar; ficaram muito tontos, se deitaram e pegaram no sono. Aí o João cortou a corda de uma das pedras que caiu bem em cima da cabeça de um deles, que acordou e disse: “Má está a história; vocês já começam com as brincadeiras, já estão me dando cocorotes.”³⁷ Tornaram a pegar no sono. Aí o Gurumete pegou e cortou as cordas de outra pedra, que bateu na cabeça de outro gigante, e ele pensando também que era algum cocorote dado por um dos camaradas, zangou-se muito, e disse que se a coisa continuasse ele ia às vias de fato. Fizeram muita algazarra e tornaram a pegar no sono. Daí a pedaço o sapateiro largou a derradeira pedra, que bateu na cabeça do terceiro. Eles não tiveram mais dúvida, não: bateram mão nos alfanges e avançaram um para o outro, e brigaram até ficarem todos três estendidos no chão. João Gurumete desceu, cortou as cabeças dos três e levou-as para mostrar ao rei.

Houve muitas festas; o conde Gurumete recebeu o título de general e muito dinheiro, e ficou muito rico. Passou-se.

Daí a tempos saíram umas guerras para o rei vencer, e as tropas do rei estavam já quase acabadas e morto o general Lacaio, em quem os soldados tinham mais ânimo. O rei ficou muito desanimado, e os conselheiros lhe disseram que não havia remédio senão chamar o general conde João Gurumete, que de um golpe matou sete: o rei mandou-o chamar para ir vencer as guerras, e então lhe havia de dar sua filha em casamento. Desta feita o sapateiro quase cai para trás de medo. Foi ter com o discípulo e disse: “O bicho e os gigantes eram tolos, e agora as guerras com ferro e fogo... Valha-me Deus!”

³⁷ Assim chama-se a pancada dada na cabeça com os dedos fechados com força; é diferente de cafuné, que é um estalo doce dado com as unhas na cabeça. [N. do A.]

O antigo discípulo o animou, dizendo: “Vista-se com a fardamenta do general Lacaio, monte-se no seu cavalo e deixe estar o resto.”

O Gurumete partiu; lá no acampamento dos soldados não sabiam ainda da morte do general Lacaio, porque os enganavam dizendo que ele tinha ido à corte falar com o rei. Gurumete meteu-se na fardamenta de Lacaio, montou-se bem armado no cavalo dele, e avançou pra frente. O cavalo disparou, e o sapateiro, que não sabia montar, ia caindo e pôs-se a gritar: “Lá caio, lá caio, lá caio!...” Os soldados, que ouviram isto, supuseram que era seu antigo general, avançaram com força e derrotaram os inimigos. Assim acabaram-se as guerras, ficando Gurumete por vencedor, e casou-se com a filha do rei.

Na noite do casamento houve uma grande festa, e o antigo sapateiro bebeu demais, e quando foi se deitar, caiu na cama como um porco roncando e pôs-se a sonhar alto: “Puxa mais este ponto, bate esta sola, encera a linha, olha a tripeça!” A princesa ficou muito espantada e desgostosa e queixou-se ao pai no outro dia que estava casada com um sapateiro, tanto que ele tinha sonhado toda a noite com os objetos de sua tenda. O rei mandou ficar tropa à espreita e disse à filha: “Se ele esta noite sonhar como ontem, me avisa que ele será preso e morto”.

O discípulo de Gurumete soube disto e o avisou: “Olhe que você está pra levar a carepa, se esta noite sonhar com coisas da tenda, como na noite passada; não beba hoje nada; e quando for pra cama finja que está dormindo e sonhando com uma guerra, grite aos soldados, pegue na espada, risque pelas paredes, e deixe estar.” Assim fez.

Na cama fingiu que dormia, pôs-se a gritar, comandando as tropas, pegou na espada e quase feriu a princesa que teve um grande susto. O rei, que ouviu isto, ficou muito satisfeito

e repreendeu a filha, dizendo: “Estás casada com um grande homem, um valente guerreiro, e me andas com histórias de sapateiro! Não me repitas outra.” Daí por diante Gurumete dormiu em paz, sonhando sempre com suas solas e sapatos.

19

MANOEL DA BENGALA

(Sergipe)

UMA VEZ UM REI TEVE UM FILHO que nasceu logo muito grande e robusto. No fim de oito dias já o menino comia um boi inteiro. O rei ficou muito assustado e mandou chamar os conselheiros para lhe dizerem o que se havia de fazer, pois aquele filho lhe acabava com toda a fortuna. Os conselheiros foram da opinião que o rei mandasse o filho procurar a sua vida. O príncipe pediu que lhe mandasse fazer uma bengala de ferro muito grossa e pesada, um machado e uma foice também grandes e pesados, e partiu.

Chegando à casa de um senhor de engenho, pediu serviço, e o dono da casa o aceitou. Foi o moço derrubar uma roça e deitou com três ou quatro foiçadas quase todas as matas do engenho embaixo. O dono ficou muito assustado, e não o quis mais o seu serviço. Além disto, na hora de jantar, o príncipe não quis o comer que lhe deram por não chegar nem para o buraco de um dente, e pediu um boi e um alqueire de farinha. O senhor do engenho, pensando que ele não pudesse comer tudo, mandou dar-lhe para o experimentar, e ainda mais espantado ficou quando o viu devorar tudo, e o despediu. Voltou o príncipe para o palácio de seu pai. Aí esteve alguns dias, até que o rei mandou de novo reunir os conselheiros, que foram de opinião que o rei mandasse o príncipe pegar seis leões bravos nas matas. Isto era para ver se os leões davam cabo dele. O moço pediu um carro e uma junta de bois. Chegando nas matas dos

leões passou lá seis dias. Em cada dia matava um boi do carro e pegava um leão, botava no lugar, e o amansava. Depois cortou umas árvores muito grandes e botou no carro e largou-se para trás. Quando o rei o viu foi aquele zoadão que parecia que queria vir tudo abaixo. Era o barulho das árvores e dos leões que vinham com Manoel da Bengala. Assim se ficou chamando o príncipe, por causa da bengala de ferro. Afinal o rei ordenou-lhe que ganhasse o mundo e não lhe voltasse mais em casa. O príncipe partiu.

Chegando adiante viu um homem passando um rio cheio, mas sem se molhar, e disse: “Adeus, Passa-Vau.”³⁸ — “Adeus, Manoel da Bengala.” — “Passa-Vau, você quer andar na minha companhia?” — “Quero.” — “Apois então me passe para banda de lá.” Passa-Vau o passou e seguiram juntos. Mais adiante encontraram um homem cortando muito cipó e emendando para fazer um laço, e Manoel da Bengala disse: “Adeus, Arranca-Serra.” — “Adeus, Manoel da Bengala.” — “Arranca-Serra, você quer andar comigo?...” — “Apois não, Manoel da Bengala!” — “Entonce vamos.” E partiram.

Cada dia um dos três ia buscar comida para todos. Quando foi uma vez, Passa-Vau foi buscar mantimento e encontrou no caminho um moleque muito preto, de carapuça de latão, que lhe pediu fogo para o cachimbo. Passa-Vau não quis dar, e o moleque trepou-lhe o cachimbo na cabeça e o derrubou no chão, como morto. Daí a muito tempo é que ele veio a si, voltou e contou aos companheiros o que lhe tinha acontecido. Arranca-Serra disse: “Ora, Passa-Vau, você é muito mofino; amanhã quem vai sou eu.” Assim foi. Quando andava por longe, apareceu-lhe aquele moleque da cabeça de latão, que lhe pediu fogo para o cachimbo. Ele não quis dar, e travaram luta; o moleque arrumou-lhe com o cachimbo na cabeça e o

³⁸Vau: a parte rasa de um rio, de um riacho, ou do mar, que se pode atravessar a pé ou a cavalo. [N. do E.]

deitou por terra. Daí a muito tempo é que ele deu acordo de si e voltou para os outros. Manoel da Bengala o debicou muito, chamando-o de mofino, e no dia seguinte quando foi buscar mantimento foi ele. Lá bem longe encontrou o moleque da cabeça de latão, que lhe disse: “Como vai, Manoel da Bengala?” “Vou bem; você como está?” — “Bom, muito obrigado; Manoel da Bengala, você me dá fogo para o meu cachimbo?” — “Não te dou, moleque; sai-te daqui.” E meteu-lhe a bengala e o moleque meteu-lhe o cachimbo. Travaram uma briga desesperada. Afinal Manoel da Bengala arrumou-lhe uma cacetada na cabeça, e arrancou-lhe a carapuça de latão. O moleque, então, dizia: “Manoel da Bengala, me dê minha carapuça.” — “Não te dou, moleque.” E assim foram andando, até que Manoel da Bengala lhe disse: “Só te dou a carapuça se me deres as três princesas que tu tens presas.” Aí o moleque, que era o cão, respondeu: “Isto não, porque não são minhas.” E foram andando até que o moleque entrou por um buraco adentro, e Manoel da Bengala enfiou atrás. Lá dentro foram dar num palácio muito rico, onde havia um engenho em que estavam trabalhando muitas pessoas. Era o inferno. E sempre o moleque a pedir a carapuça de latão, e o príncipe a pedir as princesas. O cão, que conheceu que não podia com a vida dele, deu-lhe as moças; mas o príncipe lhe disse: “Agora só lhe dou a carapuça si me botar lá fora no meu caminho.” O moleque não quis e ele meteu-lhe a bengala. Afinal consentiu. Mas os companheiros, que tinham ficado da banda de fora do buraco, logo que viram sair as três moças que o cão tinha levado para fora, fugiram com elas, querendo enganar a Manoel da Bengala, que as queria para casar com uma, e dar aos outros a cada um a sua. Quando ele chegou fora, deu a carapuça de latão ao demônio, e este sumiu-se. Ele procurou as moças, não as encontrou, e ficou desapontado. Os dois companheiros de Manoel da Bengala tinham ido com elas, que eram princesas, para as entregar ao

rei, seu pai, e dizerem que eles é que as tinham salvado, e por isso deviam se casar com elas. O rei ficou muito alegre com a chegada das filhas que não via há muito tempo, mas as moças muito tristes e a chorar, dizendo ao pai que não tinham sido aqueles que as tinham salvado. Manoel da Bengala tinha três lenços que as moças lhe tinham dado; pegou num deles e disse: “Avoa e vai cair no colo de tua dona.” O lenço virou-se num papagaio e voou e foi cair no colo da princesa mais velha e lá virou-se no lenço outra vez. A princesa ficou muito contente e disse: “Eu só me caso com o dono deste lenço.” Manoel da Bengala pegou no outro lenço e disse: “Avoa e vai cair no colo de tua dona.” O lenço virou-se num papagaio e foi cair no colo da princesa do meio. Ela ficou muito contente e disse: “Eu só me caso com o dono deste lenço.” Manoel da Bengala então pegou no terceiro lenço e disse: “Avoa e bota-me na casa das três princesas.” De repente lá se achou. Houve muita alegria; ele se casou com a mais bonita das moças, e os outros dois foram expulsos, depois de muito castigados, e as duas princesas se casaram com outros príncipes.

20

CHICO RAMELA

(Sergipe)

UMA VEZ UM HOMEM TINHA três filhos. Cada um por sua vez saiu para ganhar a sua vida, indo primeiro o mais velho e ao depois os outros dois. O primeiro tinha um pé de laranjeira e disse: “Quando o meu pé de laranjeira começar a murchar, me acudam, que eu estou em perigo.” Ele ganhou o mundo e foi dar na casa de uma princesa, que tinha duas irmãs parecidas com ela. Lá chegando, pediu rancho e lhe foi dado; mas na hora da ceia a moça pegou com ele uma aposta, dizendo que quem comesse mais seria senhor do outro. O moço concordou e puseram-se na mesa. A moça comeu muito e, quando não pôde mais, pediu licença para ir lá dentro, e mandou uma de suas irmãs a substituir. Esta veio e começou a comer, e o moço, que a não tinha visto, a tomou pela primeira. Afinal ele não pôde mais e arriou, e ficou por cativo. Lá em sua casa entrou a murchar o seu pé de laranjeira, e o irmão do meio foi ao pai e disse: “Meu pai, meu irmão mais velho está em perigo e eu quero ir em socorro dele.” — “Pois bem, vai; mas tu o que queres — minha maldição com muito dinheiro, ou minha bênção com pouco?” — “A maldição com muito.” O moço partiu, e, ao sair, disse: “Quando o meu pé de limeira começar a murchar me acudam que eu estou em perigo.” Saiu e andou muito. Foi ter justamente em casa da princesa onde se achava preso o seu irmão. Lá pediu rancho, e na hora da janta lhe aconteceu o mesmo que ao outro, ficou também preso, mas

não sabia um do outro. Lá em sua casa entrou a murchar o seu pé de limeira. O irmão caçula foi ao pai e pediu para ir em procura de seus dois irmãos. O pai fez a pergunta que havia feito ao outro, e ele respondeu pedindo a bênção. Seguiu Chico Ramela, assim era o seu nome, adiante encontrou uma velhinha que era Nossa Senhora, a sua madrinha, que lhe ensinou onde estavam seus irmãos, e o que costumava a princesa fazer para prender a quem lá ia, e disse que ele aceitasse a aposta, mas não deixando a moça se levantar da mesa. Lá chegando, ele executou tudo o que a velhinha lhe aconselhou e ganhou a aposta; mas não quis a princesa por sua cativa, se contentando em soltar todos os presos que lá se achavam. Os irmãos ficaram muito satisfeitos e seguiram todos três juntos.

Mais adiante os dois mais velhos se revoltaram contra o caçula e lhe fizeram a traição de lhe tomarem tudo que levava e o cativarem. Compraram cavalos e seguiram levando a Chico Ramela por escravo. Foram dar num reino onde uns bichos ferozes vinham todas as noites estragar e devorar as hortas e jardins do rei, e não havia quem pudesse dar cabo deles. Os dois irmãos de Chico Ramela se foram oferecer para matar os tais animais, e nada puderam fazer. Afinal o Chico foi-se oferecer e foi aceito. Foi dormir nas hortas do rei, munido de uma viola, que pôs-se a tocar para não pegar no sono. Lá pela terça noite ele ouviu aquele zoadão que vinha acabando tudo. Eram os animais ferozes. Eram três cavalos encantados. Chegaram às hortas do rei e não puderam entrar porque o moço se apresentou em frente deles. Cada um pediu por sua vez uma folha de couve, que o moço deu. Então o primeiro cavalo disse: “Quando se achar em algum perigo, diga: ‘Valha-me o meu cavalo baio encerado das crinas pretas.’” E partiu. O outro disse: “Quando se ache nalgum perigo, diga: ‘Valha-me o meu cavalo lazão da estrela branca.’” Partiu. O terceiro disse: “Quando se achar nalgum perigo diga: ‘Valha-me o meu cavalo ruço-pombo

das canas pretas.” E sumiu-se. No dia seguinte apareceram os jardins e hortas do rei perfeitinhos, e Chico Ramela com muito dinheiro e seus irmãos fugidos e corridos de vergonha.

Tempos depois, a filha do rei declarou que só se casava com o moço que, montado a cavalo, em toda a desfilada, subisse as sete escadarias do palácio e lhe tirasse o cravo que ela tinha no cabelo. Marcou-se o dia para esta cerimônia e nenhum pôde conseguir lá chegar. Então Chico Ramela disse: “Valha-me o meu cavalo baio encerado das crinas pretas.” De repente lhe apareceu aquele cavalo todo arreado de prata que fazia inveja a todos, e ele partiu a toda a bride. Chegando a palácio o cavalo galgou três escadarias e voltou. Todos ficaram muito admirados porque foi o cavalo mais bonito que apareceu e o cavaleiro que chegou mais alto. No dia seguinte também ninguém nada conseguiu, e Chico Ramela disse: “Valha-me o meu cavalo lazão da estrela branca!” Apareceu o cavalo todo arreado de ouro e o moço partiu. Galgou cinco escadarias e voltou. Todos ficaram ainda mais espantados e a princesa já se sentia apaixonada. No terceiro dia a mesma coisa, e ninguém conseguiu chegar onde estava a princesa. Então Chico Ramela disse: “Valha-me o meu cavalo ruço-pombo das canas pretas!” Apareceu aquele cavalo lindo de fazer medo, todo arreado de diamantes. Houve bravos gerais; o moço passou pela princesa em toda a desfilada, o cavalo trepou as sete escadarias, fez uma mesura, e o moço tirou o cravo dos cabelos da moça. Teve lugar o casamento; houve muitas festas, e os irmãos do Chico desapareceram envergonhados.

21

A SAPA CASADA

(Sergipe)

UMA VEZ HAVIA UM HOMEM que tinha três filhos. O mais velho deles lá num dia foi ao pai e disse: “Meu pai, eu já estou moço feito, vossa mercê já está velho, e por isso eu quero ganhar a minha vida.” — “Pois bem, meu filho; mas tu o que queres, a minha bênção com pouco dinheiro, ou a minha maldição com muito?” O moço respondeu: “A sua maldição com muito.” Assim foi, e o moço partiu. Depois de andar muitas terras e passando sempre contrariedades casou-se. Um ano depois o seu irmão do meio foi ao pai e lhe disse que também queria ir ganhar a sua vida. O pai lhe fez a mesma pergunta que ao primeiro, e o moço respondeu como ele e partiu. Depois também de muito viajar e sofrer, casou-se. Daí a um ano o irmão caçula também pediu ao pai para ir ganhar a sua vida. O pai perguntou-lhe se queria a bênção com pouco dinheiro, ou a maldição com muito. O moço quis a bênção, e seguiu caminho. Depois de andar algum tempo ouviu uma voz muito bonita, estando ele a descansar perto de uma lagoa. O moço ficou muito maravilhado e disse que se casaria com a dona daquela voz, fosse lá ela quem fosse. De repente ele se viu num palácio muito rico e apareceu-lhe uma sapa para casar com ele. O moço casou-se, mas ficou muito triste. Ora, passando algum tempo, ele e os irmãos tinham de ir visitar a família, pois isso mesmo tinham contratado com os pais. Num certo dia todos três tinham que se apresentar. Todos tinham que

levar presentes mandados por suas mulheres, e o rapaz mais moço, casado com a sapa, andava muito afliito sem ter o que levar. A sapa lhe disse que lhe desse linhas que ela queria aprontar umas rendas para mandar à sogra. O moço deu uma gargalhada e atirou-lhe as linhas na água. A sapa gritou todo o dia dentro da lagoa, formando muita espuma e o moço desesperado. Mas, quando foi no dia, apareceu-lhe uma renda tão linda como ele nunca tinha visto. O moço partiu. Houve muita alegria lá na casa dos pais, e o presente mais bonito foi o levado pelo caçula, pelo que os irmãos ficaram com muita inveja. Despediram-se os moços para voltar para suas casas, e os pais lhes pediram para no dia tal voltarem, levando cada um sua mulher. Áí os dois filhos mais velhos ficaram mais contentes, porque já se rosnava por lá que o caçula tinha-se casado com uma sapa. O mais moço nada disse, e andava em casa muito triste, pensando na vergonha por que ia passar se apresentando com uma sapa por mulher. Quando foi no dia da viagem a sapa pulou para fora da lagoa com um rancho enorme de sapos e sapinhos, e pôs-se a caminho com o moço, ele a cavalo e ela num carro de boi com seu acompanhamento. O moço ia muito triste. Chegando à casa do pai, todos se puseram a caçoar da sapa, que não dava o cavaco. Na ocasião do jantar, ela, em vez de comer, escondia a comida no seio, e as cunhadas especialmente se puseram a ridicularizá-la como porca. De repente a sapa tirou do seio uma porção de flores em que se tinham transformado os bocados de comida e se desencantou numa princesa muito formosa, que serviu de admiração a todos, menos às cunhadas que morreram de paixão e inveja.

22

COVA DA LINDA FLOR

(Rio de Janeiro)

HOUVE NOUTRO TEMPO um rei que tinha o hábito de jogar, e todos com quem jogava perdiam. Uma vez convidou a um outro rei para jogar, e, no dia marcado, este se apresentou; mas perdeu todas as mãos do jogo, até que se desenganou e despediu-se para se ir embora. O dono da casa, que o desejava matar, marcou-lhe um outro dia para ir a palácio, o que era seu costume fazer com todos com quem jogava.

O outro foi avisado disto, e dirigiu-se a um ermitão para lhe aconselhar o que havia de fazer para evitar a morte. Este, não sabendo o conselho que lhe havia de dar, mandou que fosse ter com outro segundo seu irmão, que ainda o enviou para terceiro. Este último aconselhou ao rei que se pusesse debaixo de uma árvore, que lhe indicou, e que tivesse cuidado nos pássaros que nela se assentassem, afim de apanhar um escrito que um deles levaria no bico e largaria no chão, e que ele seguisse o que o tal escrito ensinasse. Assim fez. Encaminhou-se à árvore indicada, sentou-se debaixo, e daí a uma hora vieram chegando os pássaros, até que também chegou um que tinha o peito amarelo que trazia o escrito, e o largou. O rei apanhou o papel, e leu as seguintes palavras: “O rei com quem jogaste tem três filhas encantadas, que hão de ir se lavar no rio, virando-se em três patas. Põe-te escondido na beira do rio até que elas cheguem; depois que elas tirarem a roupa para se banharem, deves apanhar a roupa da última que se des-

pir e esconder-te com ela. Depois do banho as princesas hão de procurar a sua roupa, e a mais moça, não encontrando a sua, há de ficar muito aflita e prometer livrar de todo o mal a quem lha restituir.” Assim fez. Segundo para a beira do rio, se escondeu até que chegaram as três princesas irmãs; tiraram todas três as suas roupas, puseram-se nuas, viraram-se em três patas e atiraram-se ao rio. Depois que se fartaram de banhar-se saíram da água para se vestirem e tornarem para o palácio.

As duas que tinham roupa vestiram-se; a mais moça, como faltasse a sua para fazer o mesmo, ficou desesperada por não poder seguir suas irmãs. Como desconfiasse que lhe tinham escondido a roupa, e não enxergando pessoa alguma, pediu a quem lha tivesse tirado que lha entregasse; porém o rei se fez surdo e não apareceu. Pediu a princesa pela segunda vez e nada; pediu pela terceira, prometendo a quem lha entregasse de livrar do mal que tivesse de lhe acontecer. Então saiu o rei do esconderijo onde estava e dirigiu-se para a princesa, dizendo: “Aqui está a vossa roupa que eu tinha escondido afim de me livrar, por vossos conselhos, da morte que vosso pai me quer dar.” A moça respondeu: “Tenho por costume cumprir o que prometo, e disto não me afasto; meu nome é Cova da Linda Flor; hoje é o dia que tendes de ir à casa do rei meu pai; chegando lá batei na porta, ela vos será aberta; assubireis até chegardes à porta da sala, a qual achareis também fechada; batei, por dentro vos abrirão, ao abrir encostai-vos na parede para vos esconder a dita porta; não vos assusteis com um foguetão que há de sair da sala, que é para dar fim à vossa vida; passando o foguetão, entrai na sala e falai com o rei, meu pai”.

Assim fez. Quando o rei julgava que o foguetão tinha dado cabo do outro, foi que este se apresentou em sua frente. Ficou o pai das princesas muito maçado por ser aquele o primeiro

que tinha escapado daquele trama.³⁹ Ordenou-lhe então que fizesse amanhecer o seu palácio no meio do mar, sob pena de perder a vida. O rei jurado recolheu-se ao seu aposento no palácio muito triste e pensativo, temendo perder a vida no dia seguinte. Dirigindo-se então a princesa para onde estava ele, perguntou-lhe a causa da sua tristeza. Respondeu que tinha de perder a vida no dia seguinte, se não fizesse aparecer o palácio no meio do mar, conforme seu pai lhe tinha ordenado. Ela lhe prometeu que dessa vez ainda não morreria; que dormisse descansado, que quando amanhecesse estaria no meio do mar. O que tudo aconteceu com admiração de todos.

Como o pai da Cova da Linda Flor não pudesse desta segunda vez matar o rei, seu companheiro, ordenou-lhe que desse conta dum anel que sua mulher tinha perdido no mar, com pena de perder a vida no dia seguinte. Retirou-se o hóspede ao seu aposento outra vez triste e pensativo; o que sabendo a princesa, para lá se dirigiu e perguntou-lhe o motivo. “Tenho de morrer amanhã se não der conta de um anel que a rainha vossa mãe perdeu no mar.” A moça prometeu-lhe que estivesse descansado, que tinha de achar o anel. Deu então ao rei uma varinha, indicando-lhe uma lage que havia no mar, que, quando amanhecesse, se dirigesse à dita lage e batesse com a varinha, que havia de começar a sair os peixes que estavam no fundo da lage, que havia de ver um de papo amarelo, que o agarrasse e o abrisse que dentro encontraria o anel. Assim foi. Tudo se passou como a princesa ensinou; arranjado o anel o rei foi levá-lo ao outro que logo o reconheceu e percebeu que isto eram artes da Cova da Linda Flor, e resolveu acabar também com ela. Porém a moça adivinhando isto foi ter ao aposento do seu protegido e lhe disse que fosse à estrebaria de seu pai, que lá encontraria três cavalos, um muito gordo e

³⁹O povo faz de *trama* masculino; é o que se dá com *trampa*, palavras que os dicionários dão como gênero feminino. [N. do A.]

grande que andava como a água, outro mais abaixo na figura que andava como o vento, e outro ainda mais abaixo que andava como o pensamento, que ele pegasse neste e viesse para fugirem ambos. Indo o rei à estrebaria, não encontrou o que lhe disse a moça e pegou no cavalo do meio, que andava como o vento, o que desagradou bastante a princesa. Como já fosse perto do dia, montaram-se ambos no cavalo, e fugiram.

Amanhecendo, o rei achou falta de sua filha e indo ao quarto do outro rei, também o não encontrou, indo também à estrebaria não encontrou o cavalo que andava como o vento. Mandou aparelhar o cavalo que andava como o pensamento, e seguiu atrás dos fugitivos. Quando os estava para alcançar, a princesa fez virar o cavalo em que fugia num estaleiro, a sela num toro de pau, o freio numa serra, o rei em cima do estaleiro e ela em baixo, ambos com a serra na mão a serrar. Chegando o rei, perguntou se tinham visto passar um homem com uma moça na garupa. A resposta que teve foi: “Serra, serra, serrador. Eu também sei serrar.” Cansado de perguntar e sem ter uma resposta, o rei voltou desapontado. Chegando contou à rainha o que tinha encontrado, ao que ela disse: “És muito inocente; o estaleiro é o cavalo, o toro a sela, o freio a serra, e os dois eram o rei e a nossa filha.” O rei volta para ver se os pegava; no caminho já não encontrou mais os serradores. Seguiu, e quando já estava a pegar os fugitivos, estes se viraram numa ermida, dentro dela um altar, no altar uma imagem, ao pé do altar um ermitão rezando em um rosário. Perguntando-lhe o rei se tinha visto passar um homem com uma moça na garupa, a resposta do frade era: “Padre Nossa, Ave Maria.” Cansado o rei de perguntar, voltou de rédea, e foi-se embora. Chegando à casa contou à rainha o acontecido, ao que esta respondeu: “És muito tolo; a ermida era o cavalo, o altar a sela, a imagem a princesa, o ermitão o rei, que voltes quanto antes.” O rei partiu, e pelo caminho não encontrou mais ermida, nem

ermitão. Depois de muito andar encontrou num cercado uma roseira com uma rosa, e uma mamangaba beijando a rosa; perguntou à mamangaba se tinha visto passar por ali um homem a cavalo com uma moça na garupa. A mamangaba voou em torno da rosa; assim uma segunda vez. Na terceira pergunta ela voou em cima do rei e deu-lhe uma ferroada. O rei voltou desapontado, contou à rainha o que se tinha passado, e ela lhe respondeu: “És ainda muito tolo; a roseira era a sela, a rosa nossa filha, o cercado o cavalo, a mamangaba o rei, portanto volta quanto antes.” O rei não quis voltar, e a rainha de zangada pediu a Deus que o rei fugitivo fosse ingrato com sua filha e a desprezasse. Assim aconteceu. Depois que estiveram residindo numa cidade por algum tempo se separaram, e o rei esqueceu de todo a Cova da Linda Flor.

Então ele contratou casamento com outra princesa, e quinze dias antes do casamento mandou fazer anúncios para se apresentarem as pessoas que melhores doces soubessem fazer. Entre as que se apresentaram apareceu uma moça que se encarregou de fazer um casal de pombas que falassem, com a condição de serem postas em cima de uma mesa diante de todo o povo na véspera do casamento. O rei concordou e no dia marcado mandou chamar todo o povo da cidade para presenciar aquela *fonção*.⁴⁰ Estando todos presentes, disse a pomba para o pombo: “Pombo, não te alembres quando o rei, meu pai, te convidou para jogar, para procurar um meio de te matar, e tu para te livrares escondeste a minha roupa, quando fui me banhar no rio, e eu te prometi livrar de todo o perigo se me desses a roupa? Pombo, não te alembres quando meu pai te chamou ao seu palácio para te tirar a vida, e te salvaste por meus conselhos? Não te alembres quando ele te ordenou que fizesses amanhecer seu palácio no meio do mar, e depois que lhe desses conta de um anel que minha mãe tinha perdido também

⁴⁰Função, no sentido de festa, brincadeira, pagode. [N. do A.]

no mar, sob pena de perderes a vida, o que tudo conseguiste por meus conselhos? Não te alembra quando fugimos, para escapar da morte, no cavalo que corria tanto como o vento, e, sendo perseguido por meu pai, nos salvamos por meus encantos? Não te alembra que isto aconteceu por três vezes, que na última nos viramos numa roseira com uma rosa, e uma mamangaba, que tudo fiz para te salvar a vida, e tu ingrato me esqueceste e vais te casar com outra?" O pombo ia alevantando a cabeça à porporção que o rei se ia lembrando do que se tinha passado com ele, e o rei desfez o trato do casamento e recebeu por mulher aquela que o tinha livrado da morte.

23

JOÃO MAIS MARIA

(Rio de Janeiro e Sergipe)

UMA VEZ HOUVE UM HOMEM e uma mulher que tinham tantos filhos que resolveram deitar fora um casal para se verem mais desobrigados. Num belo dia o pai disse a João e Maria que se aprontassem para irem com ele tirar mel no mato. Os dois meninos se aprontaram e seguiram com o pai, que desejava metê-los na mata e deixá-los lá ficar. Depois de muito andar, e quando já estava bem embrenhado, o pai disse aos filhos: “Agora esperem aqui, que eu vou ali, e quando eu gritar vocês se dirijam para o lado do grito.” Depois de andar um bom pedaço, o pai gritou e retirou-se para trás, em busca de sua casa. As crianças, ouvindo o grito, se dirigiram naquela direção, mas não encontraram mais ao pai e se perderam. Chegando a noite ali pousaram; no dia seguinte, desenganados que não achavam o pai, tratou João de trepar em uma das árvores mais altas, que estavam num uteiro a fim de ver se descobria alguma casa. De cima da árvore descobriu muito longe uma fumacinha. Para lá se dirigiram; depois de muito andar descobriram uma casa velha, e o menino se aproximou, para explorar, deixando a irmã escondida. Chegando João à casa encontrou uma mulher velha, quase cega, que fazia bolos de milho. João fez um espetinho e furtou alguns bolos, que comeu e levou também para sua irmã.

Como a velha não enxergava bem, quando sentia o movimento do menino lhe tirando os bolos, supunha que era o gato,

e dizia: “Chipe, gato, minha gato,⁴¹ não me furtes meus bolinhos!” No dia seguinte João voltou à mesma casa para tirar bolos para si e para Maria. Ouvindo a velha o reboliço dizia: “Chipe, gato, minha gato, não me come meus bolinhos!” João muniu-se de bolos e se retirou. No dia seguinte quis ir só, e Maria tanto insistiu que também foi. Logo que chegaram à casa tratou o menino de tirar alguns bolos dos que a velha acabava de fazer. A velha, que ouviu o rumor, disse pela terceira vez: “Chipe, gato, minha gato, não me furtes meus bolinhos!” Maria não pôde-se conter e desatou uma gargalhada. A velha ficou sarapantada e conheceu que eram os dois meninos, e então disse: “Ah! Meus netinhos, eram vocês! Venham cá, morem aqui comigo.” Os dois meninos ficaram. Mas o que a velha queria era engordá-los para comê-los ao depois. De tempos a tempos a velha lhes pedia o dedo grande para ver se já estavam gordos; mas os meninos lhe davam um rabinho de lagartixa que tinham pegado. A velha achava o rabinho muito magrinho, e dizia: “Ainda estão muito magrinhos.” Assim muitas vezes, até que os meninos perderam o rabicho da lagartixa e não tiveram outro remédio senão mostrarem os próprios dedos. A velha os achando gordos, e os querendo comer, mandou-os fazer lenha para uma fogueira, para dançarem em roda. O fim da rabugenta era empurrar os dois meninos dentro do tacho de aguá fervendo e os matar. Os meninos foram buscar lenha, e quando vinham de volta toparam com Nossa Senhora que lhes disse: “Aquela velha é feiticeira e quer dar cabo de vós; portanto quando ela mandar fazer a fogueira, fazei-a; assim que vos mandar dançar, dizei-lhe: ‘Minha avozinha, vossemecê dance primeiro para nós sabermos como havemos de

⁴¹Minha gato, assim, com o possessivo no feminino: procuramos o registro dessa forma de falar ou escrever, e não o encontramos. Consta, deste mesmo modo, da edição portuguesa de 1885, da primeira edição brasileira, de 1887, e da quarta edição brasileira, de 1907. Consideramos que poderia ser uma variação do verbo miar, embora não o saibamos. [N. do E.]

dançar.' Quando ela estiver dançando empurrai-a na fogueira, e correi. Trepai-vos na árvore que tem perto da casa; quando der um estouro é a cabeça da velha que arrebentou. Dela têm de sair três cães ferozes, que vos hão de devorar; por isso tomarei três pães. Quando sair o primeiro cão chamai-o Turco, e atirai um pão; quando sair o segundo chamai-o Leão, e atirai outro pão; quando sair o terceiro gritai Facão, e atirai o último pão. E serão três guardas que vos acompanharão." Assim fizeram. Pronta a fogueira, e a velha os mandando dançar, pediram para ela dançar primeiro para lhes ensinar, no que caiu a velha, e quando estava muito concha nos seus trejeitos, os dois pequenos atiraram-na na fogueira. Trepam-se depois na árvore à espera de arrebentar a cabeça da feiticeira e saírem os três cães.

Aconteceu tudo como lhes tinha ensinado Nossa Senhora, desceram da árvore e tomaram conta da casa como sua, e ficaram alguns anos com os três cães como guardas. Ao depois Maria se namorou de um homem, e tentaram os dois dar cabo de João, o que não podiam conseguir por causa dos três cachorros que nunca o desamparavam. Combinaram então em Maria pedir ao irmão que lhe deixasse um dia ficar com os três bichos por ter ela medo de ficar sozinha, quando ele ia para o serviço. João consentiu e cá os malvados taparam os ouvidos dos cachorros com cera para, quando chamados, não ouvirem. Depois do que partiu o camarada de Maria a encontrar João para o matar, levando uma espingarda carregada. Quando o avistou disse: "Reza o ato de contrição que vais morrer." João, que se viu perdido, pediu tempo para dar três gritos; o sujeito lhe respondeu: "Pode dar cem." Trepou-se o moço numa árvore e gritou: "Turco, Leão, Facão!..." Lá os cachorros abalaram as cabeças. Tornou o moço a gritar e os animais despedaçaram as correntes que os prendiam; tornou a gritar, e eles se apresentaram diante dele e devoraram aquele que o queria matar.

Voltando para casa disse João a sua irmã: “Visto me atraíçores, fica-te aí só, que vou pelo mundo ganhar a minha vida.” E seguiu com os seus três guardas, até que chegou a uma terra que tinha um monstro de sete cabeças, que tinha de comer uma pessoa por dia, e que se lhe tinha de levar fora da cidade para ele não se lançar sobre ela. Quando João chegou nesse ponto, topou com uma princesa em quem tinha caído a sorte para ser lançada ao bicho. Perguntou-lhe o moço a causa por que estava ali. Respondeu que lhe tinha caído a sorte de ser naquele dia devorada pelo monstro de sete cabeças que ali tinha de vir e que ele se retirasse para não ser também devorado; que o rei seu pai tinha decretado que quem matasse o bicho casaria com ela, mas que não havia ninguém que se atrevesse a isso.

O moço então disse que queria ver o tal monstro, e, como estava com sono, deitou a cabeça no colo da princesa e adormeceu. Quando foi daí a pouco, apresentou-se a fera. A princesa, logo que a avistou, pôs-se a chorar e caiu uma lágrima no rosto do moço, e ele acordou; a princesa lhe pediu que se retirasse, mas ele não o quis, e, quando o bicho se aproximou, mandou o moço seu cachorro Turco se lançar sobre ele. Houve grande luta, e estando já cansado o Turco, mandou o Leão, que quase matou a fera; finalmente mandou o Facão, que acabou de a matar. João puxou por sua espada e cortou as sete pontas das línguas do monstro, e seguiu, bem como a princesa, que foi para o palácio de seu pai. Passando um preto velho e aleijado por onde estava o bicho morto, cortou-lhe os sete cotocos das línguas e levou-os ao rei, dizendo que ele é que tinha morto o monstro.

O rei, pensando ser verdade, mandou aprontar a princesa para casar com o negro, apesar da moça lhe dizer que não tinha sido aquele que tinha dado cabo do monstro e a livrado da morte. Chegando o dia do casamento, mandou o rei apron-

tar a mesa para o almoço, e, quando botaram os manjares no prato para o negro, entrou o cão Turco e o arrebatou da mão do preto. Quando a princesa viu o cão ficou muito alegre, e disse que era aquele um dos que tinham morto o bicho, e que seu dono é que tinha cortado as sete pontas das línguas com a sua espada. Veio o segundo prato para o negro, e entrou o cão Leão e o arrebatou, e a princesa disse o mesmo ao pai. Então o rei mandou um criado seguir o cão para saber donde era, e quem era o seu senhor, e que o trouxesse a palácio. O moço, que recebeu o recado, partiu logo a ter com o rei. Quando a princesa o viu, disse logo que era aquele, que realmente puxou um lenço e mostrou as sete pontas das línguas. O rei mandou buscar quatro burros bravos e mandou amarrar neles o preto, que morreu despedaçado, e João casou com a princesa.

24

A PROTEÇÃO DO DIABO

(Rio de Janeiro)

HOUVE UM REI QUE TINHA UM FILHO; quando este chegou à idade de dezoito anos, sua mãe mandou ver a sua sina, e lhe responderam que seu filho tinha de morrer enforcado. Desde esse dia sua mãe não pôde ter mais alegria. O príncipe, logo que notou a tristeza de sua mãe, perguntou-lhe qual era o motivo dela. Sua mãe não lhe quis dizer; mas o moço, incomodado por esse mistério, também caiu em tristeza. No segundo dia tornou a indagar da rainha, e nada dela lhe querer dizer; no terceiro dia o mesmo. Porém, tanto o príncipe insistiu, que ela se viu obrigada a declarar a causa de sua tristeza, que era por sua triste sina de seu filho morrer enforcado. O príncipe não se atemorizou, e disse a sua mãe que por isso se não incomodasse, porque morrer disto ou daquilo, de moléstia ou enforcado, tudo era morrer; e portanto lhe desse licença para ir ele correr mundo para não morrer aonde tinha nascido, para evitar a seus pais maior dor. Com custo a rainha lhe concedeu licença, e o moço foi ter com o rei que também a custo lhe quis dar.

O príncipe se aprontou para seguir, e, na despedida, seu pai lhe deu uma grande soma de dinheiro para sua viagem. Depois de ter o moço corrido algumas cidades e reinos, chegou a um lugar onde havia uma capela de São Miguel, com sua imagem, e a figura do diabo, tudo já muito arruinado. Aí parou o príncipe a fim de mandar concertar a capela e as imagens.

Mandou chamar operários e se pôs à testa da obra. Depois que concluiu, e restando um pouco de tinta, deixando o pintor por pintar a figura do diabo, veio ele dar parte ao príncipe que tinha concluído o trabalho, e que tinha ficado um resto de tinta por não ter pintado o diabo. O príncipe examinou a obra e ordenou que se pintasse também o demônio, e, deixando tudo pronto, retirou-se. Depois de ter corrido outras terras, foi dar à casa de uma velha, pedindo-lhe licença para aí pernoitar. Depois que a velha lhe destinou um quarto, o príncipe pôs-se a contar o dinheiro que lhe restava, o que vendo a velha foi dar parte à autoridade, dizendo que um ladrão a estava roubando em sua casa. A autoridade com uma escolta se dirigiu à casa da velha, prendeu ao príncipe, e o conduziu para a cadeia para ser processado, o que aconteceu, sendo ele condenado à pena última. Chegando o dia de a cumprir, saiu o moço da prisão no meio de uma escolta para ser conduzido à forca. São Miguel, que estava na capela que o príncipe tinha mandado concertar, perguntou ao demônio: “Então tu agora não estás mais bonito?” Respondeu o diabo que sim. “E não sabes quem concertou esta capela e nos enfeitou?” Respondeu que o príncipe, que tinha passado por ali. “Pois este príncipe está em caminho conduzido por uma escolta para ser enforcado, e cumprir a sentença a que foi condenado injustamente, e deves ir defendê-lo.” O diabo montou num fogoso cavalo, dirigiu-se à casa da velha, conduziu-a à justiça, onde ela declarou toda a maquinção que tinha feito para ficar com o dinheiro do príncipe. O rei, sabendo do ocorrido por intermédio do diabo, passou ordem para ser solto o príncipe e conduzido à sua presença, sendo o diabo o portador da ordem. Partiu o demônio no seu cavalo e apenas teve tempo de chegar, pois o príncipe já estava quase no ato de ser enforcado. Apresentou a ordem de soltura, e, livre o príncipe, o levou ao palácio do rei. Este interrogou ao príncipe para saber quem era e donde vinha; ao que ele respondeu

justamente quem era, e que tinha saído da terra de seus pais para não morrer enforcado perto deles, pois essa era a sina que tinha trazido. O rei obrigou a velha a restituir o dinheiro do príncipe, e mandou-a levar para a prisão até chegar o dia de ser sentenciada pelo crime que tinha cometido.

O príncipe, depois que se viu livre e embolsado de seu dinheiro, indo caminhando por uma estrada encontrou-se com um fidalgo montado num fogoso cavalo, o qual fidalgo lhe perguntou para onde ia, ao que respondeu que andava em terra estranha e não sabia onde iria pernoitar. E foram andando justamente pelo caminho que ia dar à capela que o príncipe tinha mandado concertar. Ele pelo caminho foi contando ao fidalgo o que lhe tinha acontecido, e como se tinha livrado daquela vez, mas que a sua sina era de morrer enforcado. Então lhe disse o fidalgo: “Não sabeis quem vos defendeu?” Respondeu o príncipe que não. “Pois sabei que fui eu, que sou a figura do diabo que estava na capela de São Miguel, que vós mandaistes concertar, e também pintar a mim. Me dizendo o santo o aperto em que vós estavais, montei a cavalo, e ainda cheguei a tempo de vos salvar. Podeis voltar para vossa terra, porque a vossa sina está desmanchada, indo a velha ser enforcada em vosso lugar”.

Desapareceu o diabo, que foi para a sua moradia na capela, onde também foi o príncipe fazer sua oração. Depois voltou para a sua pátria, onde seus pais o receberam com grande contentamento.

25

A FONTE DAS TRÊS COMADRES

(Sergipe)

HAVIA UM REI QUE CEGOU. Depois de ter empregado todos os recursos da medicina, deixou de usar de remédios, e já estava desenganado de que nunca mais chegaria a recobrar a vista. Mas uma vez foi uma velhinha a palácio pedir uma esmola, e, sabendo que o rei estava cego, pediu para falar para ele para lhe ensinar um remédio. O rei mando-a entrar, e então ela disse: “Saberá Vossa Real Majestade que só existe uma coisa no mundo que lhe possa fazer voltar a vista, e vem a ser: banhar os olhos com água tirada da Fonte das Três Comadres. Mas é muito difícil ir-se a esta fonte que fica no reino mais longe que há daqui. Quem for buscar a água deve-se entender com uma velha que existe perto da fonte, e ela é quem deve indicar se o dragão está acordado ou dormindo. O dragão é um monstro que guarda a fonte que fica atrás de umas montanhas.” O rei deu uma quantia à velha e a despediu.

Mandou preparar uma esquadra pronta de tudo e enviou o seu filho mais velho para ir buscar a água, dando-lhe um ano para estar de volta, não devendo ele saltar em parte alguma para se não distrair.

O moço partiu. Depois de andar muito, foi aportar a um reino muito rico, saltou para terra e namorou-se lá das festas e das moças, dispenseu tudo quanto levava, contraiu dívidas,

e, passado o ano, não voltou para casa de seu pai. O rei ficou muito maçado e mandou preparar nova esquadra, e enviou seu filho do meio para buscar a água da Fonte das Três Comadres. O moço partiu, e, depois de muito andar, foi ter justamente ao reino em que estava já arrasado seu irmão mais velho. Meteu-se lá também no pagode e nas festas, pôs fora tudo que levava, e, no fim de um ano, também não voltou. O rei ficou muito desgostoso. Então seu filho mais moço, que ainda era menino, se lhe apresentou e disse: “Agora quero eu ir, meu pai, e lhe garanto que hei de trazer a água!” O rei mangou com ele, dizendo: “Se teus irmãos, que eram homens, nada conseguiram, o que farás tu?” Mas o príncipezinho insistiu, e a rainha aconselhou ao rei para mandá-lo, dizendo: “Muitas vezes donde não se espera, daí é que vem.” O rei anuiu, e mandou preparar uma esquadra e enviou o príncipe pequeno. Depois de muito navegar, o mocinho foi dar à terra onde estavam presos por dívidas os seus irmãos; pagou as dívidas deles, que foram soltos. O quiseram dissuadir de continuar a viagem e o convidaram para ali ficar com eles; mas o menino não quis e continuou a sua rota. Depois de ainda muito navegar, o príncipe chegou ao lugar indicado pela velha. Desembarcou sozinho, levando uma garrafa, e foi ter à casa da velha, vizinha da fonte, a qual, quando o viu, ficou muito admirada, dizendo: “Ó meu netinho, o que veio cá fazer?! Isto é um perigo; você talvez não escape. O monstro, que guarda a fonte que fica ali entre aquelas montanhas, é uma princesa encantada que tudo devora! Você procure uma ocasião em que ela esteja dormindo para poder chegar, e repare bem que quando a fera está com os olhos abertos é que está dormindo, e quando está com eles fechados é que está acordada.” O príncipe tomou suas precauções e partiu. Chegando lá na fonte avistou a fera com os olhos abertos. Estava dormindo. O mocinho se aproximou e começou a encher sua garrafa. Quando já se ia retirando, a fera acor-

dou e lançou-se sobre ele. “Quem te mandou vir a meus reinos, mortal atrevido?”, dizia o monstro; e o moço ia-se defendendo com sua espada até que feriu a fera, e com o sangue ela se desencantou e então disse: “Eu devo me casar com aquele que me desencantou; dou-te um ano para vires me buscar para casar, senão eu te irei ver.” A fera era uma princesa, a coisa mais linda que ter-se podia. Em sinal para ser o príncipe conhecido quando viesse, a princesa lhe deu uma de suas camisas.

O príncipe partiu de volta para a terra de seus pais; quando chegou ao reino onde estavam seus irmãos, os levou para bordo para voltarem para seu país. Os outros príncipes seguiram com ele. O menino tinha guardado a sua garrafa no seu baú, e os irmãos queriam roubá-la para lhe fazer mal e se apresentarem ao pai como tendo sido eles que tinham alcançado a água da Fonte das Três Comadres. Para isto propuseram ao pequeno dar-se um banquete a bordo da esquadra a toda a oficialidade, em comemoração a ter ele conseguido arranjar o remédio para o rei. O pequeno consentiu, e no banquete os seus irmãos, de propósito, propuseram muitas saúdes, com o fim de o embriagarem e poderem roubar-lhe a garrafa do baú. O pequeno de fato bebeu demais e ficou ébrio; os manos então tiraram-lhe a chave do baú, que ele trazia consigo, abririram-no e tiraram a garrafa d’água, e botaram outra no lugar, cheia de água do mar.

Quando a esquadra se apresentou na terra do rei, todos ficaram muito satisfeitos, sendo o príncipe menino recebido com muitas festas; mas quando foi botar a água nos olhos do rei, este desesperou com o ardor, e então os seus dois outros filhos, dizendo que o pequeno era um impostor, e que eles é que tinham trazido a verdadeira água, deitaram dela nos olhos do pai, o qual sentiu logo o mundo se clarear e ficou vendo, como dantes. Houve grandes festas no palácio e o príncipe mais moço foi mandado matar. Mas os matadores tiveram pena de

o matar e deixaram-no numas brenhas, cortando-lhe apenas um dedo, que levaram ao rei. O menino foi dar à casa de um roceiro, que o tomou como seu escravo, e muito o maltratava. Passado um ano chegou o tempo em que ele tinha de voltar para se ir casar, segundo tinha prometido à princesa da Fonte das Três Comadres, e, não aparecendo, ela mandou aparelhar uma esquadra muito forte, e partiu para o reino do moço príncipe. Chegando lá mandou à terra um parlamentar avisar ao rei para lhe mandar o príncipe, que há um ano tinha ido a seus reinos buscar um remédio, e que lhe tinha prometido casamento, isto sob pena de mandar fazer fogo sobre a cidade. O rei ficou muito agoniado, e o mais velho de seus filhos se apresentou a bordo dizendo que era ele. Chegando a bordo a princesa lhe disse: "Homem atrevido, que é do sinal de nosso reconhecimento?" Ele, que nada tinha, nada respondeu e voltou para terra muito enfiado. Nova intimação para terra, e então foi o segundo filho do rei, mas o mesmo lhe aconteceu. A princesa mandou acender os morrões, e mandou nova intimação à terra. O rei ficou aflitíssimo, supondo que tudo se ia acabar, porque seu último filho tinha sido morto por sua ordem. Aí os dois encarregados de o matar declararam que o tinham deixado com vida, cortando-lhe apenas um dedo. Então, mais que depressa, se mandaram comissários por toda a parte procurando o príncipe, e dando os sinais dele, e prometendo um prêmio a quem o trouxesse. O roceiro, que o tinha em casa, ficou mais morto do que vivo, quando soube que ele era filho do rei; botou-o logo nas costas e o levou a palácio chorando.

O príncipe foi logo lavado e preparado com sua roupa, que a rainha tinha guardado, e que já lhe estava um pouco apertada e curta. O prazo que a princesa tinha concedido já estava a expirar, e já se iam acendendo os morrões para bombardear a cidade, quando o príncipe fez sinal de que já ia. Chegando à esquadra, foi logo reconhecido pela princesa, que lhe exigiu

o sinal do reconhecimento e ele lho apresentou. Então seguiu com ela, com quem se casou e foi governar um dos mais ricos reinos do mundo. Descoberta assim a pabulagem dos dois filhos mais velhos do rei, foram eles amarrados às caudas de cavalos bravos, e morreram despedaçados.

26

O PÁSSARO SONORO

(Sergipe)

UMA VEZ HAVIA UM HOMEM muito rico que tinha um filho meio bobo. O rapaz mostrando pouca aptidão para a vida, o pai mandou-o educar, mas tudo de balde. Depois o pai, para ver se sempre o melhorava, o enviou pelo mundo a correr terras para aprender. O moço partiu munido de bastante dinheiro. Depois de viajar algum tempo, o moço foi dar a uma cidade onde estava em leilão um pássaro, e já muito crescida era a quantia por que estava ele a ser arrematado. O rapaz lançou uma quantia ainda maior e o arrematou porque lhe disseram, por ter ele perguntado, que a grande vantagem e habilidade daquele pássaro era que, quando cantava, todos que o ouviam adormeciam. Seguiu o nosso rapaz com o seu pássaro. Chegando adiante encontrou outro leilão, já noutra terra, onde estava-se vendendo um besouro que ia dando muito dinheiro. O moço chegou-se a um dos do leilão e perguntou: "Mas qual é a vantagem deste besouro?" — "Hum! A vantagem deste besouro é muito grande; é que ele faz tudo que se lhe manda fazer e sem ser visto, e é capaz de arrombar uma porta." O moço arrematou o besouro e seguiu. Chegando já noutro país, viu outro leilão onde estava para ser arrematado um rato. O moço perguntou também aí que vantagem tinha aquele rato, ao que lhe responderam que era a de fazer tudo que se mandava, e era até capaz de arrombar dez paredes. O rapaz arrematou e seguiu.

Chegando adiante foi ter a um reino, e passando pela frente de um palácio onde estava uma princesa, viu muita gente na rua a fazer caretas e trejeitos, e *visages* de toda a qualidade; então ele perguntou o que vinha a ser aquilo. Responderam-lhe que aquele era o palácio do rei, e aquela a princesa real, a qual desde menina nunca se tinha rido, de forma que o rei tinha dito que aquele homem que a fizesse rir se casaria com ela, e que por isso é que estava ali todo aquele povo a fazer *gatimonhas* para fazer rir a princesa, e nada dela rir-se. Depois que isto ouviu, o moço, sem se importar com aquela gente, se aproximou de umas árvores que havia defronte do palácio e apeou-se de seu cavalo, e dependurou a gaiola de seu pássaro num galho de uma das árvores. Feito o que ele, indo descansar, disse: “Agora, mestre rato vá buscar água para o cavalo, e mestre besouro vá buscar capim.” Os bichinhos partiram logo para fazer a sua obrigação, e, quando a princesa viu o besouro trazendo capim para o cavalo, desandou numa gostosa gargalhada. Ficaram todos maravilhados, e toca a dizer um: “Quem fez a princesa rir-se fui eu!” Outro: “Não, fui eu!” O rei então se dirigiu a sua filha e lhe perguntou quem é que a tinha feito dar aquela gargalhada. Ela, então, disse que tinha sido aquele homem que estava ali debaixo da árvore com uma gaiola e uns outros animais. Imediatamente o rei mandou chamar à sua presença o tal viajante e lhe comunicou que ele tinha de casar-se com a princesa.

O sujeito ficou muito espantado porque não esperava por aquilo; mas como palavra de rei não volta atrás, ele teve sempre de casar-se com a princesa. Na noite do casamento ele mostrou-se muito acanhado e enfiado, e, desconfiando a princesa que era aquilo pouco caso que ele fazia dela, no dia seguinte queixou-se ao pai, dizendo que ela se tinha enganado, e não era aquele o homem que a tinha feito rir-se, e sim um outro. Anulou-se o casamento com aquele e fez-se com este

outro. Quando porém foi de noite, o nosso moço, que tinha voltado para debaixo de sua árvore, calculando a hora justamente em que os noivos deviam ir para o quarto, disse: “Canta, Sonoro!” O pássaro abriu o bico e a princesa ferrou logo no sono, e o noivo, e o rei, e guardas de palácio, e todos que passavam.

Depois disto disse o moço: “Agora, besouro, vá ao quarto dos noivos, e desarrume tudo o que lá encontrar, rompa as roupas, e faça um desaguisado dos diabos.” O besouro, se bem lhe tinha recomendado o seu amo, ainda melhor o fez; desarrumou tudo que foi uma lástima.

No dia seguinte a moça acordou, e vendo aquela desordem ficou desesperada, e foi queixar-se ao pai, pedindo para desmanchar o casamento. O rei ficou aborrecido com aquilo, e disse-lhe que tivesse paciência e esperasse mais alguns dias até ver. Mas na noite seguinte o Sonoro cantou de novo, e tudo adormeceu. Foi então o rato o encarregado de ir escangalhar o quarto dos noivos. Se o besouro fez bem, o rato ainda fez melhor. No dia seguinte a princesa amanheceu comendo brasas e o noivo, coitado, tão enfiado! Aí não houve mais dúvida; a princesa exigiu que queria o seu primeiro marido, que era o verdadeiro, o qual foi chamado, e ficaram casados, ficando o moço mais desembaraçado, e não tendo mais de que se queixar a princesa.

27

BARCELOZ

(Pernambuco)

EM UMA NOITE CHUVOSA de fazer horror estavam três fadas cumprindo o seu fado no jardim que ficava ao lado da casa de Barceloz, namorador das flores em botão, no que levava as noites todas velando. Como eram, por esse motivo, as fadas privadas de cumprir com sua missão naquele lugar, combinaram encantar a Barceloz na ocasião em que estivesse namorando o bogari. Apareceram nessa noite tenebrosa as três fadas, e na ocasião em que chegou o moço à janela puseram-se a julgá-lo. Dizia a primeira: “Este, que nos tem atrapalhado, há de sete anos não falar, e tendo esta flor para seu sustento.” A segunda disse: “Neste tempo há de tornar-se em mato virgem, não vindo alma viva nestes ermos durante os sete anos.” A terceira disse: “Só há de ser desencantado pela filha da Peregrina, que está cumprindo a mesma pena.” Ditas estas palavras Barceloz encantou-se, a casa e todos que nela existiam. Quando Barceloz estava com seis anos de encanto a Ninfa, filha da Peregrina, completou os sete, e seguiu o mesmo destino de sua mãe, retirando-se em direção ao Reino da Torre de Ouro.

Anoitecendo-lhe no meio do caminho, e sendo noite escura e chuvosa, ela, como mulher, teve medo de ficar nas matas medonhas, e continuou a andar, a ver se encontrava alguma casa. Perdendo a esperança de a encontrar procurou uma árvore bem copuda e agasalhou-se debaixo à espera do sol. Alta

noite chegaram as fadas, e então disse a primeira: “Fademos, manas, fademos; no Reino da Torre de Ouro tem de haver uma grande festa, e tem-se de fazer uma escolha para desencantarem a mata que foi Barceloz, o Campo Negro, e a Bela das Belas. Estes três reinos têm de ser desencantados pelas três Peregrinas. Ninfa desencanta a Barceloz, a Morena desencanta a Bela das Belas, e Nandi o Campo Negro.” Ninfa que aí estava ouviu toda a conversa, pôs-se quieta e assustada.

Ao romper do dia pôs-se em caminho, e chegou trêmula de fome à beira de um rio, onde estava uma velha lavando roupa. A velha disse: “Minha netinha, o que faz você por aqui? Como é tão bonitinha! Eu quero levá-la para minha casa: quer morar comigo?” A moça respondeu: “Não posso ficar morando, posso ficar uns dias para descansar da viagem.” — “Eu”, disse a velha, “só quero ter o gosto de te ver em minha casa.” Seguiram ambas. Chegando elas à casa, tiniam todas as coisas como se fossem repiques de sinos, e a Peregrina ficou pasmada de ouvir tanto rumor em sua chegada. A velha respondeu: “Isto é meu filho que te desconheceu.” A velha apresentou a Peregrina ao filho, e este perguntou-lhe para onde ia. “Vou”, respondeu a moça, “ao Reino da Torre de Ouro; vou desencantar a um infeliz que está encantado no Reino das Matas.” Disse então o monstro: “Ainda este ano lá não chegarás, e podes ir descansada que não hás de desencantar a Barceloz, pois só um beija-flor que ele tem a beijar; o bogari dar-te-á cabo da pele, e também uma serpente ao pé da janela, que só o vê-la faz horror; mas como minha mãe muito te quer, eu te vou dar alguns esclarecimentos. Leva este bogari e esta bola de vidro; acharás por estes dois objetos avultada quantia, que não deves aceitar. O rei também há de querer comprá-los; também lho não vendas. Ao chegares a Barceloz deve ser ao meio-dia, hora em que o beija-flor foi à fonte, e a serpente dorme; põe a flor na boca de Barceloz, e a bola na boca da serpente, e espera

que venha o beija-flor; na chegada dele tira a flor do ramo e guarda. Quando o passarinho beijar a flor que está na boca de Barceloz, o passarinho cai, e a serpente acorda e quer morder, mas quebra os dentes na bola. Barceloz então se desencanta, aparece o palacete, e deves tirar do dedo do moço um anel que deves guardar para quando fores chamada pelo rei, e ele há de servir de sinal para casares com o moço, vencendo as invejosas.” Assim fez a Ninfa. Depois de tudo acabado, foi ela ter à presença do rei. Todos os sábios duvidaram que essa tivesse tanto ânimo. Ela mostrou o anel, que todos reconheceram. De repente chegou outra mulher, dizendo que ela é que tinha desencantado a Barceloz, e a Ninfa foi condenada à morte; mas foi livre por não ter a outra apresentado prova alguma; foi então aquela condenada à morte, casou-se Ninfa com Barceloz, havendo muita festa pra festa.

28

OS TRÊS COMEDORES

(Pernambuco)

ANDAVAM TRÊS IRMÃOS que desejavam se desenganar qual deles comia mais. Todos aqueles que já uma vez lhes tinham dado agasalho não os queriam mais aceitar em casa. Indo eles ter à casa de um lavrador, pediram rancho que lhes foi dado, e depois pediram o que cear. O dono da casa perguntou o que eles queriam para cear, e responderam: “Um boi, dois porcos e três carneiros.” Ficou o lavrador admirado e perguntou: “E só para a ceia tudo isto?” Responderam: “Ora, mal chega para o buraco de um dente!” O lavrador deu-lhes a ceia pedida, e eles a devoraram, e pediram mais o caldo que tinha ficado nas panelas. Vendo o lavrador que estes hóspedes em poucos dias o deixariam sem uma só cabeça de criação no cercado, foi a toda a pressa à presença do rei e lhe disse: “Saiba, rei meu senhor, que tenho na minha casa três mecânicos que disseram que eram capazes de devorar toda a comida que rei meu senhor dá por dia a seus soldados.” Logo o rei mandou buscá-los com a condição de se não comessem morressem, e se comessem ganharem uma grande riqueza. Apresentaram-se os três comilões, e o rei duvidou de tudo, e lhes perguntou se era verdade o que tinham dito ao lavrador, ao que eles responderam: “Saberá Vossa Real Majestade que tal coisa não dissemos; mas se rei nosso senhor quer, assim seja.” Ordenou o rei que no outro dia se fizessem comidas para mais mil soldados, e foi a ordem cumprida. Foram os homens para o quartel acompa-

nhados do rei e conselheiros. Todos se puseram rezando em tenção dos homens, porque os supunham mortos. Dentro em meia hora acabaram eles com toda a comida que havia, e disse um para o rei: “Saiba rei senhor, que se tem de nos dar a ceia seja em maior porção que esta do jantar.” O rei ordenou que se matassem dez porcos, cinco bois e doze carneiros para a ceia. Perguntou então qual deles comia mais: respondeu o mais moço que ainda não se sabia, mas que desconfiava ser ele. O rei mandou matar trinta bois, dando dez a cada um, e o mais moço achou pouco e pediu quinze, por ser o que ele costumava comer quando tinha pouca fome; o rei lhos deu, e tudo foi devorado. Acabado isto, o rei lhes perguntou o que é que eles desejavam. Todos responderam: “Dinheiro que chegue para comermos toda a nossa vida.” — “Seja feita a vossa vontade; aí tendes a renda de treze cidades, e o gado de todo o meu reino.” Assim falou o rei, ao que eles responderam: “Foi nossa felicidade achar quem nos desse de comer; apesar de que tudo ainda é pouco!”

29

A RAINHA QUE SAIU DO MAR

(Rio de Janeiro)

HOUVE UM REI QUE DESEJAVA se casar com a moça mais bonita que houvesse no seu reino. Já se tinham corrido todas as casas, e chamado todos os pais de família para apresentarem suas filhas, e nenhuma tinha agradado ao rei. Fazia oito dias que tinha assentado praça um recruta abobado num batalhão, e neste dia tinham de ser apresentadas as filhas de um lavrador, que eram as únicas moças que o rei ainda não tinha visto, e neste dia tinham de ir à missa os batalhões.

Logo que entrou na igreja o batalhão em que tinha assentado praça o tal abobado, pôs-se este a chorar, o que vendo o comandante do batalhão lhe perguntou o que tinha. Respondeu ele que “nada sofria, mas que tendo visto aquela imagem (apontando para uma imagem muito formosa que havia na igreja) tinha ficado com saudades de sua irmã, que muito se parecia com aquela santa.” Ficaram todos duvidosos e zombando do pobre soldado; mas chegando aquilo aos ouvidos do rei, este mandou chamar o rapaz e lhe indagou da verdade, ao que ele respondeu ser exato ter uma irmã muito formosa e parecida com a imagem que havia na igreja. Perguntando o rei onde morava ela, respondeu: “Nas gargantas do Monte Escarpado, a dez mil léguas por terra e cinco mil por mar.” O rei mandou logo preparar uma esquadra e enviar uma deputação ao pai daquela moça, pedindo-a em casamento. O recruta também foi com a comissão. Logo que chegaram ao Monte Es-

carpado avistaram a moça na janela e ficaram todos esbabacados de ver tanta beleza junta. O almirante entregou ao pai da moça a carta do rei, e o velho enviou a sua filha. Chegando a esquadra na volta do Monte Escarpado, o mar era muito forte, e a gente saltou para terra, indo com a moça ter à casa de uma velha, que ali morava. A velha, que era um desmancha-prazeres, indagou para onde iam e de onde vinham, e sabendo de tudo convidou a moça para ir dar um passeio pela horta e lá atirou com ela dentro de um poço.

Ora já sendo de noite, quando tiveram os da esquadra de embarcar não deram por falta da moça, porque a velha pôs em lugar dela a sua filha, que era um monstro de feia. Quando os navios largaram e se fizeram ao largo, a velha foi ao poço, tirou a moça para fora, cortou-lhe os cabelos, furou-lhe os olhos, e botou-a num caixão e atirou no mar. Foi o caixão parar ao reino primeiro que os navios. Um pescador o achou e levou para casa, e julgando ter dinheiro, pôs-se a gabar-se, dizendo que tinha dinheiro para combater com o rei.⁴² Foi chamado o pescador e confessou ter achado um caixão cheio de dinheiro, e foi um guarda do palácio para examinar o caso. Aberto o caixão deram com a moça dentro, ficando todos penalizados com aquilo por verem uma moça tão bonita com os olhos furados e os cabelos cortados. Voltou o guarda para palácio, fazendo conduzir a moça. Quando lá chegou, já tinha também chegado a comissão com a filha da velha. O almirante, muito triste, disse ao rei: “Não fui como vim; fui alegre e volto triste; mas me sujeito à pena que rei, meu senhor, me quiser dar.” O rei respondeu: “Nada tenho a fazer, senão casar-me com esta feia mulher, que me chegou.” Houve o casamento, mas o rei se conservou sempre triste e vestido de luto. Apresentando-se-lhe a moça dos olhos furados, ainda mais triste ficou o rei. Sendo ela reconhecida por seu irmão e pelos da comissão, mandou

⁴²Isto é, para rivalizar com o rei. [N. do E.]

o rei buscar a velha em cuja casa estiveram de passagem. A velha negou tudo e até desconheceu a sua própria filha. O rei reconhecendo que os traços da velha eram os mesmos da moça com quem se tinha casado, despediu esta e mandou furar os olhos da velha e cortar-lhe os cabelos. Logo que isto fizeram, os olhos da moça, que foi achada no mar, tornaram a ficar perfeitos e cresceram-lhe os cabelos. Houve então o novo casamento com a rainha, que veio do mar, sendo nele jogada a velha.

30

A MÃE FALSA AO FILHO

(Rio de Janeiro)

HAVIA UM HOMEM DE FORÇA e de coragem, de nome Pedro, que retirou-se para a roça com sua mulher chamada Maria. Foram viver nos ermos, sustentando-se com caças do mato. Lá nos ermos nasceu-lhes um filho que se chamou João. Quando o menino tinha sete anos de idade morreu seu pai. Vendo o rapazinho que a vida dos ermos era rústica, pediu à sua mãe para se retirarem para a cidade, com o que concordou a mãe. Juntaram os seus bens, que consistiam num cavalo, uma espingarda e um facão, e entraram na cidade já pela noitinha. Correu o João toda a cidade e não encontrou ninguém; bateu em todas as portas e ninguém lhe respondeu. Foi ter a um sobrado, que foi o único que achou aberto, entrou, falou e ninguém lhe respondeu. Subiu a escada, correu toda a casa e não viu viva alma.

Havia um único quarto que estava fechado, estando todos os mais abertos. Então aí se arranchou com sua mãe e passaram a noite. No dia seguinte não viu ninguém na cidade, nem sentiu movimento algum, e, não tendo o que comer, foi para o mato caçar, conforme usava o seu pai. Quando ele estava no mato, apresentou-se à sua mãe no sobrado um gigante, dizendo-lhe que a havia de matar por ter ela se apoderado daquela casa sem a sua licença; mas que, por ser ela mulher, não a mataria com a condição de viverem juntos.

A mulher lhe respondeu que tinha um filho na sua companhia. O gigante lhe disse: “O teu filho eu o como.” — “O senhor não pode com meu filho.” — “Então não é ele um homem?” — “Sim, é um homem.” — “Como não poderei eu com ele, se pude com todo o povo desta cidade, e acabei com todo ele?” — “O senhor não pode com meu filho, que tem muita força.” — “Pois se não posso com ele, aqui tens uma boa forma de lhe dar fim: quando ele chegar, tu deves te fingir de doente, gritando com uma dor nos olhos, e que tu sabes que o único remédio que existe para este mal é a banha de uma serpente que há no mato; ora, não podendo ele com a serpente, ela lhe dará cabo da pele.” Chegando o filho da caçada; assim fez a mulher, como lhe ensinou o gigante. O moço então voltou para as matas. No caminho encontrou um velho que lhe perguntou aonde ia. Respondeu que matar a serpente para tirar a banha para deitar nos olhos de sua mãe que estava doente. O velho lhe disse: “Não vás lá, que não podes com a serpente.” — “Como é para minha mãe, hei de ir, aconteça o que acontecer”, respondeu o mocinho. O velho lhe disse: “Pois vai, que serás feliz.” Foi ele e matou a serpente e tirou a banha. Na volta passou por casa do mesmo velho, que o reteve para jantar. Quando estava o mocinho jantando o velho mandou matar uma galinha e tirar a banha e trocar pela banha da serpente. Assim fez a moça que o velho criava em casa. O João seguiu, e deitou o remédio nos olhos de sua mãe, que não tendo nada, nada sofreu. O gigante, no dia seguinte, ficou admirado, e, estando o João na caça, disse à mulher: “É verdade; esse teu filho é homem. Amanhã, quando ele vier, faze o mesmo, e dize-lhe que nestas matas há um porco-espinho, cuja banha é o remédio que te pode servir; ele, que não pode com o porco-espinho, morrerá, e ficaremos livres dele.” Tudo fingiu a mulher, e o filho lá voltou para as matas a matar o porco espinho. Tornou a passar por casa do velho, que lhe fez outra recomendação, a que

ele resistiu. “Vai, disse o velho, e serás feliz.” Foi e matou o porco-espinho. Tornou a passar por casa do velho que o reteve para jantar. Mandou matar outra galinha e trocou a banha do porco-espinho pela banha da galinha. João seguiu para a cidade e botou a banha nos olhos de sua mãe, que nada tinha. No dia seguinte, indo ele para a caça, apareceu o gigante e ficou ainda mais admirado da valentia do rapaz, e disse à Maria: “Agora tu pegas estas cordas, e dize-lhe que ele não é capaz de as arrebentar.” Assim fez a mulher. Chegando o filho, ela lhe disse: “Tu és um homem, que nem mesmo teu pai fazia o que tu fazes; mas tu não és capaz de quebrar estas cordas em te enleando com elas.” João aceitou a proposta; a mãe o enleou, e ele forcejou e quebrou as cordas. A mãe lhe disse: “És homem como trinta!” João seguiu para a caça no dia seguinte. Veio o gigante, e, sabendo do acontecido, ficou ainda mais pasmado. “Amanhã, disse o gigante, dize-lhe que ele não é capaz de quebrar estas correntes.” Assim fez Maria, quando seu filho veio. “Isto não, minha mãe, correntes não posso quebrar.” — “Tu podes, meu filho, experimenta.” — “Vosmecê quer, vamos ver.” A mulher enrolou o filho com as correntes; ele forcejou e não as pôde quebrar. Aí apareceu o gigante armado de um facão e se arrojou ao menino para o matar. “Pode matar, disse João, só quero que me cumpra três pedidos que lhe quero fazer.” — “Cumprirei vinte, quanto mais três.” Os pedidos de João eram: não quero que faça uso dos objetos que meu pai deixou, nem do cavalo, nem da espingarda, nem do facão; quando me matar não me estrague o corpo e parta-me em cinco partes; bote-me dentro de dois jacás no cavalo com a espingarda e o facão.

Assim cumpriu o gigante. O cavalo seguiu desordenadamente e foi ter à casa do velho. Chegou a moça na janela e, conhecendo que era o cavalo de João, chamou o velho. Este chegou e disse: “Minha filha, o que ali vês é João que vem

morto dentro dos jacás; traz-me para aqui o cavalo, que quero dar vida ao nosso João.” O velho pediu a banha de serpente, e juntou os diferentes pedaços do corpo de João, que logo sarou. “Não sentes coisa alguma, nem te falta nada?”, perguntou o velho. Respondeu João: “Falta-me a vista.” O velho pediu a banha do porco-espinho, e untou com ela os olhos do rapaz, que logo recobrou a vista. “Pega nas tuas armas, disse então o velho, e vai à casa de tua mãe e faz o mesmo ou pior.” João partiu; lá chegando encontrou a mãe dormindo com o gigante; pôs o seu facão nos peitos do monstro e o matou. A mãe se lhe atirou aos pés, pedindo que a não matasse; e ele a fez levantar-se dizendo-lhe que a não ofendia, por ser sua mãe. Voltou à casa do velho, contou-lhe o que tinha feito, salvando sua mãe.

O velho louvou a sua ação, e disse que era o seu anjo da guarda que o tinha vindo defender. Desapareceu, subindo para o céu, e João se casou com a moça que ele tinha criado.

31

HISTÓRIA DE JOÃO

(Pernambuco)

HOUVE UM HOMEM QUE TEVE UM FILHO chamado João: morrendo o pai o filho herdou um gato, um cachorro, três braças de terra e três pés de bananeiras. João deu o cachorro ao vizinho, vendeu as bananeiras e as terras, e comprou uma viola. Foi tocar no pastorador das ovelhas do rei; quando o pastor chegava, ele se escondia, e nunca o pastor podia ver quem tocava a viola. As ovelhas, já muito acostumadas com o som da viola, não queriam mais se recolher ao curral, e quando o vaquejador as perseguia elas se metiam pelo mato, e cada dia desaparecia uma cabeça. João as ia ajuntando e exercitando ao som da viola todas as manhãs e tardes, e acostumando-as com o gato seu companheiro. O rei vendo as suas ovelhas sumidas, e pensando ser desmazelo do pastor, o despediu. Vindo João à feira fazer compras para levar para o mato, viu um criado do rei procurando um homem ou menino que quisesse ser pastejador de suas ovelhas. Logo que o criado viu a João se agradou dele, e disse: “Amarelo,⁴³ queres tu servir ao rei como seu pastor?” Respondeu João: “Que qualidade de rei é este que não caça e pasta no mato e precisa de ser pastorado? Esse rei é de pena, pelo ou cabelo?” O criado insultou-se, e disse-lhe: “Como te chamas?” João respondeu: “O Menino Ditoso.” O criado tomou-lhe o nome e largou-se para o palácio, e contou ao

⁴³“Amarelo” é o sujeito reles, ordinário, chinfrim, em posição inferior. Pálido; débil. Diz-se do indivíduo que sofre de paludismo (malária). [N. do E.]

rei o que se tinha passado. Logo o rei mandou buscar o Ditoso debaixo de prisão. Chegou João com a sua viola e o gato metido num saco, e disse:

“Deus vos salve, rei senhor,
nesta sua monarquia!
Salve a mim primeiramente
e depois a companhia.”

Disse o rei: “Saibas que estás com sentença de morte, se não deres conta de todas as ovelhas que fugiram do rebanho.” Respondeu o Ditoso: “Eu sei lá quantas ovelhas faltaram no rebanho!”. Disse o rei: “Fugiram mil e quero todas aqui.” Retirou-se o João bem fresco; foi para o mato e deitou-se a dormir, e o gato foi caçar rolas para o jantar. Chegando a tarde, acordou o Ditoso e viu que nada ainda tinha feito, e pôs-se a tocar viola. Logo se reuniram todas as ovelhas, que eram duas mil e trezentas. Ele foi tocando a viola e seguindo para o palácio do rei, e as ovelhas foram acompanhando. O rei ficou espantado de ver tantas ovelhas, e disse-lhe: “Como pudeste ajuntar tantas ovelhas?” Respondeu: “Achei-as à toa.” — “Serão minhas todas?”, perguntou o rei. “Quem sabe não sou eu; veja se as conhece, eu trouxe as que encontrei.” — “Tu agora tomarás conta do rebanho, que agora és meu pastor.” No outro dia antes do sol sair, o Ditoso pediu que batessem na porta do rei e dissessem que era tempo de seguirem para o mato. O rei acorda e chega à janela e diz: “Vai, Ditoso, pastorar.” O Ditoso respondeu: “Não posso sair sem rei, senhor, seguir no meio do rebanho, visto ser eu seu pastor, como disse.” — “És o pastor das ovelhas do rei”, disse este. “Agora sim, respondeu João, já me convenço de que o rei, meu senhor, não é de lã, nem de pena ou pelo; é rei de cabelo”.

Nisto seguiu com o gato e as ovelhas para o mato.

32

O SARJATÁRIO

(Sergipe)

HAVIA UM PESCADOR QUE TINHA MULHER e uma filha, e costumava pescar sempre num rio que ficava a pouca distância de sua casa. Ora uma vez o pescador foi à pesca, e largou por muitas vezes a tarrafa na água, e não tirou nem um peixe. Já desapontado, e depois de ter corrido os poços mais apropriados à pesca e sem encontrar nada, ia-se retirando para casa muito triste. Ao pôr-se a caminho, ouviu uma voz que lhe dizia: “Se me deres a primeira coisa que avistares quando chegares em tua casa, eu te darei muito peixe.” O homem pôs-se a considerar consigo mesmo, e dizia: “Ora, senhor, quando eu chego em casa, a primeira coisa que me aparece é a minha cachorrinha de balaio;⁴⁴ não faz mal; posso dá-la.” Virou-se para o lado de onde vinha a voz, e disse alto: “Pois bem; aceito.” A voz respondeu: “Pois pesca ali.” O pescador meteu a tarrafa, e quando tirou vinha se rasgando de peixe. A voz lhe disse: “Sábado a estas horas vem me trazer a primeira coisa que hás de ver ao chegares à tua casa.” O homem retirou-se. Ao avisar a sua casa, a primeira coisa que viu foi a sua filha, que, já estando inquieta por causa da sua demora, estava só pondo o olho no caminho, a ver se o descobria. O homem ficou muito triste, e entrou em casa com ar fechado, e atirou o peixe para um lado e não deu nem uma palavra.

⁴⁴De estimação. [N. do E.]

A mulher e a filha se admiraram daquilo, e perguntaram qual a razão daquela tristeza. Depois de muito instado, o pescador confessou a verdade. A moça não desanimou e disse: “Não tenho medo, meu pai; se vossemecê deu a sua palavra de honra, eu irei.” A moça tinha um cavalo com quem consultava tudo, e foi ter com ele e lhe contou o ocorrido. O cavalo disse: “Não tem nada; monte-se em mim no sábado, e faça o que eu vou lhe dizer: quando chegarmos à beira do rio, e depois de seu pai se despedir da senhora, a tal voz, que é de um bicho muito feio, há de dizer: ‘Adeus,⁴⁵ siá Maria Gomes!’ e a senhora há de responder: ‘Adeus, seu Sarjatário!’ Ele há de dizer: ‘Muito me admira, siá Maria Gomes, da senhora não me conhecer e por meu nome tratar.’ Ao que a senhora há de responder: ‘Oh, seu Sarjatário, muito me admiro do senhor não me conhecer e por meu nome tratar.’ Ele há de dizer: ‘Está bom, está bom! Caminhe, caminhe!’ Hão de seguir e passar por umas campinas muito extensas e depois por umas matas muito altas e cerradas de fazer medo. Lá no fim das matas há um grande muro, que tem um portão, e o Sarjatário há de mandar a senhora abrir a porta e entrar adiante. A senhora não caia nessa e diga: ‘Não, seu Sarjatário, vá o senhor adiante que sabe os quatro cantos de sua casa.’ Ele há de abrir a porta e entrar; nisso a senhora passe a mão na chave; dê a volta e tranque a porta e deixe o bicho lá preso, e deixe o resto por minha conta.” Assim foi. No dia aprazado, a moça montou no seu cavalo Bufanim e seguiu. Na beira do rio avistou aquele bicho-homem de barbas muito compridas e cabelos enormes da forma de sambaias, e fez tudo que o cavalo lhe ensinou. Depois que fechou o monstro lá dentro do muro, ela partiu no Bufanim, voando como o vento. Depois de muito andarem, e de já não ouvirem mais os urros que o Sarjatário ficou dando, e quando já estavam muito longe, foram dar num reino. Áí o Bufanim

⁴⁵A expressão “adeus” usa-se como despedida, e também como saudação. [N. do E.]

aconselhou a moça que se disfarçasse em homem. Assim fez a moça; entrou para a cidade, alugou uma casa e passava por um moço. Tomou muitas relações e tudo quanto fazia era sempre com os conselhos do Bufanim. Passados alguns tempos — o moço agora não é mais ela, é ele — foi apresentado ao rei, que era solteiro, por um de seus amigos. O rei gostou muito do moço e sempre o convidava para ir passar dias em palácio. O Bufanim recomendou-lhe todo o cuidado para não ser descoberto. Ora, a mãe do rei começou a dizer ao filho: “Aquele teu amigo não é homem, é mulher.” Ao que respondia o rei: “Lá vem minha mãe com as histórias dela... Qual, minha mãe! É homem e bem homem!” A rainha respondia: “Está bom, vamos para diante.” Um dia a rainha disse ao rei: “Meu filho, se tu queres ver se teu amigo é mulher ou não, convida-o para dares com ele um passeio pela cidade, e leva-o aos estabelecimentos de roupas e modas, e hás de ver como ele se há de agradar justamente dos objetos pertencentes às senhoras.”

O rei ficou certo de o fazer, e convidou de fato o moço para um passeio, ao que ele acedeu. Foi ter com Bufanim e o cavalo lhe disse: “Estamos perdidos!... Agora se descobre o segredo... Enfim, veja bem o que vai fazer: quando entrar nas lojas de roupas e modas com o rei, nunca se agrade de objeto algum de senhora, sempre dos de homem. Quando o rei lhe mostrar um belo vestido, mostre-lhe um bonito corte de calças, e assim por diante.” Assim foi; no dia aprazado para o passeio, o rei percorreu com ele toda a cidade entrando nas lojas mais importantes, e nunca pôde pilhar nada. Largou-se para palácio e disse à velha rainha: “Eu não disse, minha mãe? O rapaz é homem e bem homem; não se agradou de objeto algum que não fosse de homem!” A velha respondeu: “Isto é de propósito para não ser descoberto; mas ele é mulher; se tu queres ver convida-o para ir dar um passeio nas tuas fazendas com outros teus amigos, e lá convida-o para tomar um banho e hás

de ver que ele não há de querer.” O rei convidou o moço para irem um certo dia às fazendas e tomarem um banho, e o moço aceitou.

Foi ter o moço com Bufanim e lhe contou o caso. Bufanim disse: “Eh!... Está tudo perdido! Enfim, faça o que eu lhe vou dizer: chegando lá nos tanques do rei não faça cerimônia, vá tirando a sua roupa como os outros; quando a senhora já estiver de ceroulas e camisa eu me solto e entro a dar coices e pata-das nos outros cavalos; os criados do rei hão de correr para me pegar, e eu hei de machucar alguns, até que a senhora diga que só a senhora é capaz de me pegar. Corra atrás de mim até ficar cansada e suada e depois queira tomar o banho; o rei, vendo isto, não há de consentir, e assim a senhora escapa do banho.” Assim foi; no dia marcado deu-se tudo tal e qual, e o moço escapou do banho com instâncias do rei. Chegando este a palácio disse: “Ora, minha mãe, o rapaz é homem; ia já se pondo nu e queria tomar banho à força apesar de suado.” — “Mas suado por quê, meu filho?” — “Por ter corrido atrás de seu cavalo”, disse o rei. “Isto é de propósito, respondeu a rainha; se tu queres ver, continuou ela, se ele é mulher ou não, convida-o para vir passar uma noite contigo ajudando-te a copiar a tua correspondência; ele não há de aguentar a noite inteira acordado, e quando ele pegar no sono, desabotoa-lhe a camisa e hás de ver os seios de mulher.” O rei convidou o amigo, para passar uma noite em palácio ajudando a copiar a sua correspondência. O moço consultou com o Bufanim, que lhe respondeu: “Desta a senhora não escapa. Enfim faça tudo por não dormir, senão é descoberta com toda a certeza.” Na noite marcada, o moço se apresentou e começou o trabalho. O rei ditava e ele escrevia. Foram indo, foram indo e nada de ninguém dormir. Mas lá para quatro horas da madrugada o moço cochilou e pegou no sono. Aí o rei veio devagarinho e desabotoou-lhe a camisa e pegou nos seios, que ali estavam

durinhos e guardadinhos... O rei quando lhes botou a mão em cima foi dizendo: “Oh, senhora dona!” Aí apareceu logo a mãe do rei e deu à moça roupas de mulher, e ela, muito envergonhada, pediu muitas desculpas ao rei, que logo a pediu em casamento. Depois de casados o Bufanim conservou-se sempre em poder da moça. Passados alguns meses a nova rainha apareceu pejada e o rei teve que seguir para a guerra, e levou o Bufanim. Na despedida o cavalo disse à rainha: “Quando se achar em algum perigo grite por mim três vezes, que eu lhe hei de aparecer.” Depois de estar o rei na guerra já algum tempo, a rainha deu à luz dois meninos, a coisa mais linda que darse podia. A velha mãe do rei ficou muito contente, e escreveu ao filho dizendo que sua nora tinha dado à luz dois príncipes, que estavam muito fortes, e eram muito belos, e mandou levar a carta por um soldado, recomendando-lhe muito cuidado. O soldado, por caiporismo,⁴⁶ foi, depois de muitos dias de viagem, pernoitar na casa do Sarjatário, que se fingiu de tolo, e perguntou que novidades havia. O soldado lhe contou que não sabia de nada, mas que levava uma carta para o rei. O Sarjatário, quando o soldado pegou no sono, foi à sua mala, tirou a carta, e botou lá outra imitando a letra, e dizendo que a rainha tinha dado à luz dois sapinhos, e que a corte estava coberta de luto. O soldado seguiu viagem e entregou a carta ao rei, que ficou muito aflito, mas mandou em resposta à mãe — que sapinhos ou não, fossem eles muito bem tratados. O soldado seguiu com a resposta, e, ainda por caiporismo, foi pedir rancho na casa do Sarjatário. De novo este monstro foi à mala do soldado e tirou a carta e botou outra no lugar, imitando a letra do rei, e dizendo que a sua mãe mandasse pôr a sua mulher e os dois meninos na Montanha das Feras. O soldado seguiu, e, quando a rainha velha leu a resposta, ficou muito agonizada e mandou reunir os conselheiros para lhe dizerem

⁴⁶Azar; caiporice, desdita. [N. do E.]

se devia executar aquela ordem terrível. Todos ficaram muito aflitos, mas responderam que palavra de rei não volta atrás, e por isso devia ser cumprida a ordem. Assim se fez, e a rainha teve de seguir com seus dois filhinhos para a Montanha das Feras. As pessoas que as foram levar, retiraram-se, e a rainha com seus filhos viram-se sozinhos. Mas as feras bravias que ali havia não as ofenderam. Eis que de repente apareceu aos olhos da rainha aquele monstro horrível e medonho, era o Sarjatário! “Agora vim me vingar, senhora Maria Gomes. Vamos a ver quem pode mais”, disse o monstro. A rainha ficou muito aterrorizada e pediu compaixão, mas o Sarjatário a nada se moveu. A rainha, convencida de que ia morrer, pediu para dar três gritos. “Pode dar cem ou mil!”, respondeu o Sarjatário. Então ela gritou: “Bufanim, ó Bufanim!” Isto três vezes. No fim do terceiro grito o Bufanim apresentou-se. O Sarjatário, quando o avistou, deu um pulo para o lado, e pôs-se em distância. Então o cavalo disse à moça: “Eu vou ter uma grande luta com aquele monstro e vou morrer; mas ele também há de morrer. Eu peço somente que arrume uma grande fogueira e deite nela o corpo do monstro; o meu corpo deixe-o aí ao tempo para os urubus o comerem.” Dito isto atirou-se ao Sarjatário e começou a briga. A luta foi furibunda, e os dois caíram mortos, cada qual para seu lado. A moça fez o que o Bufanim lhe tinha dito, e largou na fogueira o cadáver do Sarjatário e deixou exposto ao ar o do cavalo. Depois de muito chorar, e abraçar o pobre cavalo, ela foi seguindo por uma grande campina que ali havia. Depois de muito andar, avistou muito ao longe uma casa. Ao chegar perto, reconheceu um palácio grande e muito ornado. Entrou e não viu ninguém. À hora de comer viu aparecer uma mesa muito preparada, e ela sentou-se e comeu, aparecendo somente umas mãos que lhe indicavam os objetos, mas sem a moça ver ninguém, nem ouvir falar. Também as mãos apresentavam comida para as criancinhas. À noite

apareceram luzes acesas e camas para se deitarem. Assim passou a moça muitos meses, até que o rei, voltando da campanha, e não encontrando a mulher, e sabendo de tudo ficou desesperado, e quis também ir para a Montanha das Feras; viu alguns ossos pelo chão e sinal de fogo, mas reconheceu que não eram ossos de gente humana. Pôs-se a andar pela campina, e seguiu na mesma direção que tinha levado a rainha. No cabo de muito andar foi ter ao mesmo palácio, e avistou uma moça na janela, ao mesmo tempo que um dos meninos, que neste tempo já falavam, gritou: “Olhe, mamãe, lá vem papai!” — “Ah, quem dera que fosse teu pai!” — “É ele mesmo”, respondeu o rei. Muita foi a alegria e satisfação de todos, que voltaram para a cidade e viveram felizes ainda muitos anos.

33

TRÊS IRMÃOS

(Pernambuco)

UM HOMEM TEVE TRÊS FILHOS que lhe pediram para aprender cada um o seu ofício. João aprendeu a ferreiro, José a carpinteiro e Joaquim a barbeiro. João e José pediram depois ao pai para irem ganhar a sua vida, e lhe pediram a benção. Joaquim também pediu para ir ganhar a sua vida, e em vez de benção pediu a sua herança. Quando este saiu deu uma topada que despegou uma unha do pé, e disse: “Diabo te leve, portada do inferno!” O pai respondeu: “Nelé entrarás, maldito!” O filho partiu para se encontrar com os irmãos; andou mais de um mês e não os encontrou. Desenganando-se de os não encontrar deixou-se ficar numa cidade, e, por ser noite, foi dormir na guarda do tesouro. Nesta noite entraram quatro ladrões para roubarem o tesouro e Joaquim foi preso com eles. Não tendo Joaquim pessoa que o conhecesse, escreveu ao pai, que não lhe respondeu.

O ferreiro da cadeia mandou procurar um oficial do ofício e João se apresentou. Tomou parte na tenda e passou a contramestre, e depois a mestre. Precisou-se também de um carpinteiro e apresentou-se José. No dia em que este se apresentou na cadeia, saía Joaquim escoltado para a forca. Os dois irmãos foram-se empenhar com o rei e a rainha para o soltarem. O rei respondeu: “Minha palavra não torna atrás.” Partiram-se os irmãos sem esperança. Os quatro ladrões tinham sido absolvidos e toda a culpa recaía sobre Joaquim. Quando estava ele já

para ser enforcado, chegou um cavaleiro, ordenando que suspendessem os trabalhos, e entrou pelo palácio adentro e disse ao rei: “Venho para que atendas ao pedido que te fizeram os irmãos daquele padecente; isto já quanto antes, senão morrerás tu e ficará ele salvo e com a coroa.” Num abrir e fechar de olhos, deu o cavaleiro, que era o demônio, três estouros, e morreu o rei, ficando Joaquim com a coroa. João e José ficaram como vassalos do irmão. O boato de tal grandeza chegou aos ouvidos do pai de Joaquim, que correu e foi pedir perdão ao filho pelo que lhe tinha dito, quando saíra ele de casa. Joaquim respondeu-lhe: “Eu passei por muitos maus transes e quem me salvou foi o diabo; quem há de valer a vossemecê dos mesmos transes será rainha mãe:

Quero agora que me mostre
traste que des que nasci
nunca, nunca eu conheci!

Para a sua salvação
quero me diga a final
onde foi ela parar...”

Respondeu o velho: “Rei senhor, filho meu, tua mãe eu a matei por ter dado à luz três filhos de uma vez; eu te criei com leite de uma vaca que está em poder do Rei das Colunas no Campo das Feras.” O rei disse: “Quero minha mãe e a vaca que me amamentou, e isto sem demora”.

Retirou-se o velho muito triste; encontrou um cavaleiro que lhe perguntou o que tinha, ao que o velho respondeu que nada sofria, mas sentia ir morrer por vontade de seu filho; “porque para livrar-me é preciso dar-lhe conta de minha mulher e de uma vaca; a mulher matei-a e a vaca vendi-a. Não tenho remédio; estou perdido.” Respondeu o cavaleiro: “Não digas tal; tudo isto tem remédio. Quando acabares de percorrer os três rios deste reinado, hás de achares o que procuras; os rios

distam uns dos outros mil léguas.” Tratou o velho de seguir viagem. No cabo de quinhentos dias chegou ao primeiro rio. Ficou na margem do rio, por o não poder atravessar, e à noite deitou-se debaixo de um arvoredo. À meia-noite chegaram os diabinhos para fazerem suas visagens; no mesmo instante o velho acorda e põe-se a escutar. Pergunta o diabo mais velho: “Ó capenga, diz-me o que fizeste?” Respondeu o capenga: “No reino das Três Colunas eu fiz uma mulher conceber três filhos de uma só vez; porque sabia que o marido a havia de matar.” Os diferentes diabinhos foram contando as suas façanhas: “Eu fiz o marquês da Bruma queimar as librés dos seus criados; eu tenho a filha da condessa escondida no Vale do Sultão; eu fiz a princesa namorar o estribeiro do rei; eu fiz a rainha vender a coroa.” Cada diabo dava uma resposta destas. Findou-se a sessão. O velho levantou-se e pôs-se a viajar. No fim de quinhentos dias chegou ao segundo rio, e aí na margem deitou-se a dormir. À meia-noite começaram as fadas a chegar para fazer seu ajuntamento. Disse a fada mais velha: “Fademos, manas, o que fizeram?” Começaram as fadas a dar as suas respostas: “Eu fiz um rei deserdar do trono a princesa; eu fiz o Reino das Maravilhas encantar-se, só o desencantará o João ferreiro, que é vassalo do irmão; eu encantei a Cidade de Âmbar, só a desencanta o José carpinteiro; eu encantei o Reino das Três Colunas, só o desencantará Jorge, pai dos três felizes, que todos três hão de ser reis, depois que o pai andar mil e quinhentos dias; terá de passar três dias debaixo d’água e ser comido pela serpente; depois de tudo isto será feliz.” O velho só por ouvir isto já estava mais morto do que vivo, por ver que tinha de passar tantos trabalhos. Pôs-se a caminho sem descansar. Estando muito fatigado, deitou-se num capão de mato e pegou no sono. Então ouviu uma voz que lhe dizia: “Levanta-te, segue tua viagem senão serás vítima de uma serpente.” O velho acordou e pôs-se a correr; mas já era tarde,

e foi engolido vivo por uma serpente. No ventre da serpente esteve o Jorge 496 dias, quando ela entrou num rio e levou três dias no fundo como se fosse peixe. Depois foi dar à costa nas matas encantadas do reino das Três Colunas, e aí morreu, saindo para fora o velho ainda vivo, mas muito magro e abatido. Pegou no sono e ouviu uma voz que dizia: “Levante-te, acompanha-me, pega estas chaves, abre aquela porta, e vai abrindo quantas fores achando; hás de ver dentro de uma bola de vidro um cabelo, dentro de uma caixa uma pedra e dentro de uma gaveta uma espada. Amola esta espada até ficar bem afiada e corta o cabelo nos ares. Se o não cortares de uma só cutilada, todos os bichos ferozes virão sobre ti e te devorarão. Se cortares de uma só vez serás feliz.” Jorge seguiu tremendo e medroso; abre as portas e encontra os objetos: amolou a espada um dia inteiro. Depois deu o golpe no cabelo e o cortou, enchendo a casa de sangue, tantos pingos quantos soldados. Achou sua mulher e a sua vaca. Houve muitas festas, mandando Jorge todos adorar a vaca. Ficou bem com seu filho, e foram todos felizes.

34

A FORMIGA E A NEVE

(Sergipe)

UMA VEZ UMA FORMIGA FOI ao campo e ficou presa num pouco de neve. Então ela disse à neve: “Ó neve, tu és tão valente que o meu pé prendes?” A neve respondeu: “Eu sou valente, mas o sol me derrete.” Ela foi ao sol e disse: “Ó sol, tu és tão valente que derretes a neve, a neve que meu pé prende?” O sol respondeu: “Eu sou valente, mas a nuvem me esconde.” Ela foi à nuvem e disse: “Ó nuvem, tu és tão valente que escondes o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?” A nuvem respondeu: “Eu sou valente, mas o vento me desmancia.” Ela foi ao vento: “Ó vento, tu és tão valente que desmansas a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?” — “Sou valente, mas a parede me faz parar.” Vai à parede: “Ó parede, tu és tão valente que paras o vento, o vento que desmancia a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?” — “Sou valente mas o rato me fura.” Foi ao rato: “Ó rato, tu és tão valente que furas a parede, a parede que para o vento, o vento que desmancia a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?” — “Sou valente, mas o gato me come.” Vai ao gato: “Ó gato, tu és tão valente que comes o rato, o rato que fura a parede, a parede que para o vento, o vento que desmancia a nuvem, a nuvem que esconde o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?” — “Sou valente, mas o cachorro me

bate.” Vai ao cachorro: “Tu és tão valente que bates no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?” — “Sou valente, mas a onça me devora.” Vai à onça: “Tu és tão valente que devoras o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?” — “Eu sou valente, mas o homem me mata.” Vai ao homem: “Ó homem, tu és tão valente que matas a onça, que devora o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?” — “Eu sou valente, mas Deus me acaba.” Foi a Deus: “Ó Deus, tu és tão valente que acabas o homem, que mata a onça, que devora o cachorro, que bate no gato, que come o rato, que fura a parede, que para o vento, que desmancha a nuvem, que esconde o sol, que derrete a neve que meu pé prende?” Deus respondeu: “Formiga, vai furtar.” Por isso é que a formiga vive sempre ativa e furtando.

35

O MATUTO JOÃO

(Pernambuco)

HAVIA UM HOMEM DE NOME MANOEL, casou-se com uma mulher chamada Maria e tiveram um filho que se chamou João. Os pais, por serem muito pobres, não lhe ensinaram a ler; porém João era muito ativo. Um dia saiu de casa com uma cachorrinha que sua avó lhe tinha dado e foi passear. No caminho soube que no Reino das Três Princesas havia grande festa e um casamento, dentro de quinze dias, com uma das filhas do rei, se alguém decifrasse uma adivinhação. Já muitos homens tinham morrido na força por não poderem decifrar a adivinhação.

João, chamado o *amarelo*, voltou para casa e disse ao pai que ia pelo mundo afora ganhar a sua vida. O pai consentiu e a mãe lhe preparou um pão muito grande e envenenado e arrumou-o na trouxa. João partiu com a sua cachorrinha. Não sabendo bem os caminhos, perdeu-se nas montanhas, e, depois de andar muito errado, deu numa campina já de noite. Aí dormiu. No dia seguinte passou ele um rio, que tinha tido uma grande enchente e onde viu um cavalo morto, e os urubus já lhe estavam dando cabo. Como havia correnteza, as águas puxavam o cavalo de rio abaixo. João fez reparo naquilo e seguiu seu caminho.

O sol já pendia quando ele sentou-se debaixo de um pé de árvore para comer o seu pão, e nisto deu-lhe o coração aviso que não comesse sem experimentar em sua cachorrinha. Logo

que ele deu do pão à cachorrinha, ela expirou. Muito sentido com isto, ele pegou-a nos ombros, e os urubus começaram a atrapalhá-lo. Para ver-se livre, ele enterrou a cachorra, mas os urubus a desenterraram, a comeram e morreram. João pegou nos urubus e pôs nas costas e seguiu. Chegou a uma estalagem, e, não vendo ninguém, entrou pela porta adentro. Lá no fundo avistou sete homens todos armados de espingardas. Estavam sem comer há três dias e logo que viram o João avançaram para ele e lhe tomaram os urubus. João largou-se à toda pressa e deixou-se atrás; mas vendo que o não seguiam voltou e achou-os todos mortos. Escolheu das sete espingardas a melhor e largou-se. Chegando adiante, encontrou uma grande campina; já morto de fome e sede, sentou-se debaixo de um arvoredo. Nisto voa do capim grosso uma inhambu-apé.⁴⁷ O tiro errou e foi dar numa rolinha que estava entre as folhas. João apanhou a rola e a depenou; mas não achou com que fizesse fogo para assá-la. Tinha ali uma santa-cruz e tirou dela uma lasca e fez fogo, assou a rola e comeu; mas tinha muita sede e, não achando água, pegou um cavalo, que andava ali pastando, montou nele e pôs-se a correr até o cavalo ficar bem suado — a ponto de correr o suor e ele aparar e beber. Seguiu sua viagem e passou num campo e viu uma cova onde havia uma caveira; falou-lhe e notou que a caveira também lhe falava. Mais adiante encontrou um burro amarrado debaixo duma árvore a cavar com os pés e conheceu que o burro cavava uma botija de dinheiro. Seguiu e foi ter ao palácio do rei e levar a sua adivinhação à princesa, certo de que ela não acertaria. Apresentou-se o João e disse que era pretendente à mão da princesa; pois ela era incapaz de decifrar a sua adivinhação. Riram-se muito dele. “Ora!”, disseram, “quando outros homens sábios não saíram-se bem, tu que és um pobre matuto e amarelo é que hás de casar com a filha do

⁴⁷Grande ave, maior que o inhambu; é uma espécie de perdiz. [N. do A.]

rei!” O matuto insistiu e foi falar ao rei. O rei lhe disse: “Sabes tu a quanto te arriscas?” João respondeu que a tudo estava disposto. Chamada a princesa e muito confiada em si e debicando o rapaz, manda-lhe que proponha a sua adivinhação. O matuto assim falou:

“Saí de casa com massa e pita;
A massa matou a pita,
A pita matou três,
Os três mataram sete,
Dos sete escolhi a melhor:
Atirei no que vi
E matei o que não vi,
Com madeira santa
Assei e comi;
Bebi água sem ser dos céus,
Vi o morto carregando os vivos,
Os mortos conversando os vivos;
O que o homem não sabe,
Sabia o jumento:
Ouça tudo isto para seu tormento.”

A princesa mandou repetir, e não foi capaz de decifrar. E casou com o João.

36

O IRMÃO CAÇULA

(Pernambuco)

HAVIA UM HOMEM QUE TINHA três filhos; João o mais velho, o outro Manoel e o caçula José. Todos eles se revoltaram contra o pai. Fugiram João e Manoel e ficou José. O pai o botou à procura dos irmãos. José ganhou o mundo e foi ter à casa de uma velha, que lhe disse: “Meu netinho, você o que anda fazendo por estas alturas?” — “Minha avó”, respondeu ele, “venho buscar meus irmãos que fugiram de casa de meu pai e ele quer que eu os descubra.” — “Pois dorme, meu netinho, que eu os farei te acompanhar.” No outro dia a velha, depois de lhe dar o que comer, lhe disse que ele fosse ao Reino das Três Pombas, onde encontraria os dois irmãos; porque havia ali uma grande festa para se tirar por sorte quem devia desencantar as três pombas, que estão dentro do mar. “Leva”, disse a velha, “esta vara e esta esponja com muito cuidado que ninguém veja; porque teus irmãos te hão de caluniar ao rei, dizendo que tu te gabaste de ir ao fundo do mar quebrar a pedra e desencantar as três princesas. O rei te há de chamar, e tu deves sustentar que sim. Vai então à praia do mar e atira nele a esponja; a esponja há de boiar e seguir, tu deves acompanhá-la; vai com a varinha e toca na pedra, que se partirá pelo meio; te há de aparecer uma serpente, toca com a varinha nela e ela há de adormecer; entra pela pedra adentro e tira de lá uma caixa; toca com a vara na caixa que há de se abrir, tira de dentro um ovo; este ovo tem três gemas; quando o quebrares dá a

clara à serpente.” José foi e fez tudo quanto a velha lhe ensinou. Chegando ao reino viu lá a grande festa: por estar mal pronto os irmãos fingiram que o não conheciam, e trataram de intrigá-lo, dizendo ao rei que ele se atrevia a desencantar as princesas. O rei o mandou chamar e lhe perguntou. “Saberá, rei meu senhor, que eu não disse tal; mas se rei meu senhor assim o ordena, eu estou pronto.” Todos ficaram admirados e duvidavam. No outro dia apresentou-se ele para seguir, e o rei mandou pôr navios à sua disposição; ele disse que os não precisava, porque iria a nado. Todos acharam impossível ir nadando até á pedra. Mas o José largou no mar a esponja e seguiu com ela até a pedra. Bateu nela com a varinha e ela se abriu; apareceu a serpente; bateu também nela e ela adormeceu; bateu na caixa e ela se abriu; tirou o ovo e partiu; botou a clara na boca da serpente e as três gemas no chapéu e largou-se para trás. Chegando na praia bateu com a varinha nas três gemas, que se transformaram nas três moças mais bonitas do mundo. Chegando a palácio todos se admiraram da sua coragem. Ainda lhe levantaram os irmãos novo aleive, dizendo que o José tinha dito que era capaz de ir buscar no mar a própria serpente. Ele foi, fez o mesmo com a esponja e a varinha e trouxe a serpente. Como ainda quisessem mangar com ele, tocou com a vara em todos a começar pelo próprio rei, e os fez adormecer.

Mandou então agarrar os irmãos e levá-los a seu pai. O rei, quando voltou a si, mandou casar o José com a mais bonita das princesas; ele tocou com a vara em todos os presentes e os fez adormecer; mandou buscar o pai e os irmãos; casou estes com as outras duas princesas, e ficaram todos vivendo juntos.

37

A MULHER E A FILHA BONITA

(Rio de Janeiro)

UMA VEZ HAVIA UMA MULHER viúva que tinha uma filha muito bonita, e a mulher também era muito bela e tinha inveja da filha.

Um dia, passando em casa dela uns viandantes, a mulher lhes disse: “Os senhores já viram uma cara mais formosa do que a minha?” Eles responderam: “É muito bela; mas a sua filha ainda é mais.” A mulher ficou desesperada e foi tomando ódio à filha. Doutra vez passaram por lá outros caminheiros e ela lhes fez a mesma pergunta, e teve a mesma resposta. Ficou ainda mais desesperada e mandou trancar a mocinha num quarto para não ser vista por ninguém. A menina sofria tudo com muita paciência e nada dizia.

No quarto em que ela estava tinha uma janelinha que dava para o caminho, e uma vez que ela se animou a abri-la vinham passando uns viageiros e a viram.

Eles chegaram à casa e a mãe da mocinha lhes disse: “Os senhores já viram uma cara tão bonita como a minha?” Eles responderam: “É bonita; mas a da moça, que está presa no quarto, ainda é mais.” A mulher ficou desesperada e ordenou a um negro velho da casa que levasse a filha para os matos e lá a matasse. O negro levou a rapariga; mas chegando nas brenhas teve pena de a matar, e deixou-a ficar e cortou a ponta

da língua de uma cachorrinha e levou à senhora, dizendo que tinha matado a moça. A mulher acreditou. A mocinha pôs-se a andar por aquela mata afora e já sendo tarde trepou numa grande árvore, e muito ao longe avistou uma fumacinha. Desceu e dirigiu-se para aquela direção. Depois de muito andar, lá chegou.

Era um grande palácio; porém não tinha gente e estava muito sujo. A moça arrumou tudo, varreu toda a casa, limpou os trastes e pôs-se lá à espera. Este palácio era do Rei dos Ladrões. Quando foi mais tarde a moça viu ele chegar com a sua grande tropa, teve muito medo e se escondeu. Os ladrões ficaram muito gratos e procurando toda a casa a encontraram. A moça encantou a todos os ladrões pela sua beleza, e já eles queriam brigar para ver quem a tinha de possuir e sem chegar a um acordo. Então o Rei dos Ladrões propôs que a moça ficasse em casa morando com eles; mas que todos a tratassem e venerassem como se fosse uma irmã. Assim fizeram, e a mocinha ficou ali descansada. Correram os tempos e chegou aos ouvidos da mãe que a filha estava viva e muito bem, porque estava muito rica. A mãe mandou chamar uma feiticeira e lhe pediu que procurasse a sua filha e lhe desse fim. A feiticeira aceitou a proposta e largou-se para a casa dos ladrões.

Lá chegando à hora em que a moça estava sozinha lhe fez grande festa, dizendo: "Oh, minha netinha, há tempo que não te vejo! Tu mamaste nestes meus peitos! Trago-te aqui um presente de pobre; não achei nada para trazer e trago somente este parzinho de sapatos." A moça por delicadeza aceitou os sapatos e logo que os calçou caiu pra trás como morta. A velha raspou-se às carreiras. Quando os ladrões chegaram acharam a moça morta e ficaram muito tristes. Pegaram nela, botaram num bonito carro e mais muito dinheiro e uma recomendação que quem a encontrasse que a enterrasse no sagrado, porque eles não podiam ir à cidade enterrá-la.

Um filho do rei, que andava caçando, encontrou o carro e abriu o caixão, e vendo a moça, ficou tão namorado que em lugar de a enterrar, a levou para o palácio e a guardou no seu quarto com toda a riqueza que encontrou.

E a moça sempre a dormir e o príncipe quase doido de paixão. Não deixava ninguém ir ao seu quarto; mas uma vez, estando ele fora, a princesa sua irmã teve curiosidade de ir ao quarto ver o que era que lá havia.

Chegou, abriu o caixão e viu a moça, e achou tão bonita, e estranhou que ela estivesse com uns sapatos tão feios de couro. Puxou os sapatos e a moça suspirou e sentou-se pedindo água.

A princesa deu-lhe água, tornou a calçar-lhe os sapatos, e a moça adormeceu de novo. Quando o príncipe veio, a irmã lhe disse: "Se me deres aquele dinheiro que encontraste, eu descubro um segredo que há em teu quarto." O príncipe concordou e a princesa desencantou a moça. Houve uma grande festa e o príncipe casou-se com a linda moça. No fim dos nove meses ela deu à luz dois meninos, a coisa mais linda que dar-se podia. Mas veio servir de parteira justamente a feiticeira que tinha-lhe dado os sapatos, e, em lugar dos dois meninos, apresentou um sapo e uma gia.⁴⁸ O príncipe andava ausente numas guerras e o pai lhe mandou dar parte do acontecido. O príncipe mandou dizer ao pai que matasse a mulher; mas o rei teve pena e somente lhe cortou um dos peitos e a expulsou da casa.

A moça saiu pelo mundo afora; tendo muita sede, chegou a uma fonte e bebeu água; passou água no peito e o peito tornou a crescer. Aí, ela seguiu viagem e foi ter à casa de um gigante e tomou um rancho lá com os seus dois filhos, porque os filhos a feiticeira lhe entregou. Muito tempo depois, andando o príncipe em caçadas, passou por casa do gigante e viu os dois

⁴⁸Uma rã. [N. do E.]

meninos e tomou por eles muita afeição. Noutros dias continuou as suas caçadas e sempre passava pela casa do gigante, até que um dia viu a sua mulher. Muito se arrependeu do que tinha feito e tornou a viver com ela, mandando matar a feiticeira.

38

O CARECA

(Pernambuco)

UMA VEZ HAVIA UM HOMEM CASADO que tinha uma enorme quantidade de filhos e cada vez a mulher paria mais. O homem, para sustentar tão grande família, fez-se pescador.

Morava perto dum rio, pescava ali e ia sustentando a filharada. Uma vez, estando a mulher grávida e já no nono mês, o pescador foi ao rio pescar e meteu a tarrafa e nada. Meteu para outro lado, e nada, nem uma piabinha. O pescador já ia saindo muito triste quando ouviu uma voz, que dizia do fundo da água: “Se me deres o que de novo encontrares em casa, eu te darei muito peixe.” O homem pensou lá consigo — o que pode haver de novo é um cachorrinho, porque eu tenho em casa uma cadela para parir — e não se lembrou da mulher. Então o pescador disse que sim, que aceitava o negócio. “Pois então pesca pra ali.” O pescador meteu a tarrafa e tirou peixe como o diabo. Chegando em casa, um filho foi-lhe logo dizendo: “Papai, minha mãe pariu.” O homem entrou no quarto e viu seu filhinho. Era um menino. Disse à mulher que na beira do rio tinha uma cabocla que havia dado à luz e a criança tinha morrido e que por isso ele levava aquele filho para a cabocla criar. A mulher custou a consentir, mas por fim cedeu. O pescador levou a criança e chegando ao rio atirou-a n’água no lugar donde tinha saído a voz. O menino lá no fundo d’água foi dar num palácio muito rico; aí foi criado até rapazinho mas nunca via ninguém.

Uma vez lhe apareceu um homem e disse-lhe: “Eu sou teu pai; tenho de fazer uma viagem de quinze dias; fica aqui com estas chaves (e deu-lhe um maço de chaves), mas não abras porta nenhuma, senão, quando eu voltar, morres.” O rapaz ficou e cumpriu fielmente a recomendação. No fim de quinze dias chegou o pai e lhe disse: “Então, está tudo direito?” O rapaz disse que sim. Passaram-se mais quinze dias; no fim deles o homem disse: “Vou fazer nova viagem de mais quinze dias, fica aí com as chaves e não me bulas em nada.” O rapaz ficou, mas desta vez não se pôde conter; pegou numa chave e abriu um quarto; dentro havia três enormes caldeiras, uma fervendo ouro, outra fervendo prata e outra fervendo cobre. Ele meteu o dedo na de ouro e saiu com o dedo dourado. Limpava, limpava, e nada de sair o ouro.

Rasgou uma tirinha de pano e amarrou no dedo. Abriu outro quarto e viu três cavalos muito gordos, um preto, um branco e um castanho; os cavalos em lugar de capim tinham carne para comer. Abriu outro quarto e encontrou um leão muito grande e gordo, que em lugar de carne tinha capim para comer. Abriu outro quarto e viu uma mesa muito grande cheia de gavetas; numa tinha uma porção de papeizinhos brancos dobrados, noutra uma porção de papeizinhos azuis dobrados, noutra uma porção de armas: espingardas, espadas etc. O rapaz não quis bulir em nada e tornou a fechar tudo. No fim de quinze dias chegou o pai: “Então? Está tudo direitinho?” — “Tudo, não buli em nada.” De tudo quanto o rapaz tinha visto, o que lhe dava mais com o pau na paciência era a carne para os cavalos comerem e o capim para o leão. Ele fez o plano de trocar. No fim de quinze dias, o pai tornou a fazer viagem. O rapaz, logo que se viu sozinho, foi ao quarto dos cavalos e abriu, foi pegando na carne para tirar, e um cavalo disse: “Não faça isto, não bula em nada, senão morre, seu pai lhe mata. Agora, se quiser sair daqui vá ao quarto onde tem a mesa, tire

dois papéis, um azul e outro branco, tire boa roupa e se vista, tire boas armas e se arme, monte-se em um de nós, vá puxando outro, e quando seu pai chegar há de segui-lo; quando estiver pega não pega, largue um dos papéis; depois largue o outro e deixe o resto por minha conta.” O rapaz fez tudo tintim por tintim.

O cavalo lhe recomendou também que ele metesse a cabeça na caldeira de ouro e dourasse os cabelos. O rapaz dourou os cabelos, aprontou-se, armou-se, pegou dois papéis e meteu no bolso; montou no cavalo castanho e foi puxando o branco; para mais incomodar o pai tirou o capim do leão e deu ao cavalo preto, que ficou e pegou na carne e deu ao leão.

Seguiu viagem a toda a pressa. No fim de quinze dias, o homem chegando ao palácio e vendo tudo desarranjado ficou danado; montou no cavalo preto e seguiu atrás do rapaz.

Depois de muito andar, avistou-o; aí o cavalo em que ia o moço lhe disse que largasse o papelzinho branco; o moço largou e gerou-se uma neblina tão espessa que não se via nada; mas o cavalo preto era muito bom e conseguiu romper a neblina depois de muito custo; mas já o rapaz ia longe. Depois de muito andar, o pai já o ia avistando, quando ele soltou o outro papel e gerou-se um espinhal tão cerrado que ninguém podia atravessar. O homem disse ao cavalo preto: “Eu te desencanto, se me passares esta mata de espinhos.” O cavalo respondeu: “Tire-me os arreios e vá montado em osso, que eu passarei.” O homem tirou os arreios e montou em osso. Quando o cavalo se viu no meio do espinhal atirou-o no chão e lá deixou-o e seguiu para diante. O homem lá morreu e o cavalo encontrou-se com os outros, e seguiram todos três. O rapaz já tinha cansado o cavalo castanho e montou-se no branco. Foram seguindo; depois de muito andar, chegaram perto de uma cidade; aí os cavalos disseram: “Agora nós ficamos aqui encantados nesta pedra e o senhor deixe também aqui suas armas e roupas; siga para a ci-

dade; ali adiante encontrará um boi morto, abra, tire a bexiga, sopre e bote na cabeça para esconder os cabelos dourados. Vá e siga a sua vida; quando precisar de alguma coisa venha aqui na pedra e nos peça. O rapaz seguiu, encontrou o boi morto, abriu, tirou a bexiga, botou na cabeça e entrou na cidade.

Adiante encontrou um palácio, bateu na porta e apareceu-lhe o velho jardineiro e perguntou-lhe o que queria. O rapaz respondeu que queria um emprego para ganhar a sua vida. Jardineiro teve pena dele e o empregou como seu ajudante. Era isto na casa do rei. O jardineiro perguntou ao rapaz por seu nome. Ele respondeu que não tinha nome. “Pois fica-se chamando o Careca.” Passaram-se muitos tempos e o Careca ia vivendo em paz.

Uma vez pôs-se debaixo de umas laranjeiras e tirou a bexiga da cabeça para ver os seus cabelos, e a filha mais moça do rei, que estava na janela, viu os cabelos dourados e ficou apaixonada pelo Careca. O jardineiro tinha o costume de levar todas as manhãs um ramalhete para cada uma das filhas do rei, que eram três. No dia seguinte, ele foi levar os ramalhetes e a princesa mais moça lhe disse: “De amanhã em diante quero que o Careca traga o meu ramalhete.” O rei e as irmãs da princesa caçoaram muito; mas a moça insistiu e o Careca todos os dias lhe ia levar o ramalhete. Passaram-se tempos e houve aí no reino umas grandes cavalhadas. O Careca, sabendo delas, e indo todos e ele não, disse ao jardineiro que queria ir à casa do ferreiro para mandar fazer uma faquinha.

O jardineiro consentiu. Depois que todos saíram, o Careca também saiu e foi ter à pedra e contou aos cavalos o que havia. Saiu o cavalo castanho todo arreado, o moço aprontou-se, tomou uma lança, soltou os cabelos e apresentou-se nas cavalhadas. Fez a corrida, tirou a argolinha e ofereceu à filha mais moça do rei; ela lhe deu uma fita verde que ele amarrou na lança. Todos ficaram admirados daquele lindíssimo moço;

mas não sabiam quem era ele.

O rapaz saiu a toda a pressa e ninguém mais o viu. Quando o rei e as princesas chegaram em casa, já lá se achava o Careca na sua roupa do costume. O jardineiro contou-lhe então tudo, falou na boniteza das cavalhadas e no moço de cabelo dourado que tinha aparecido e que ninguém sabia quem era; mas que, se no dia seguinte ele voltasse, seria preso, porque o rei ia mandar colocar tropa para o prender, quando ele quisesse desaparecer.

No dia seguinte pela manhã foi o Careca levar suas flores à princesa caçula e ela estava doentia de paixão, tendo umas desconfianças de que ele fosse o mesmo moço que apareceu nas cavalhadas. À tarde houve novas cavalhadas e o Careca disse ao jardineiro que ia de novo ver a faquinha, porque o ferreiro não tinha ainda lhe dado, distraído com as festas. Largou-se para a pedra e fez aparecer o cavalo branco e arreios ainda mais ricos do que os primeiros; soltou a cabeleira, aprontou-se e partiu para as cavalhadas.

Havia mais povo ainda do que nas primeiras e lá estava a tropa para prendê-lo quando ele quisesse voltar. Ainda mais espantados ficaram do que na primeira vez. Quando deu-se o sinal para a corrida o moço partiu, tirou a argolinha e deu à princesa mais moça; ela lhe deu uma fita encarnada, que ele amarrou na lança, e partiu a galope. A tropa cercou-o, mas ele saltou por cima e foi-se. Quando todos chegaram a palácio, já o Careca lá estava na forma do costume. A princesa mais moça começava a definhar; no dia seguinte tornou a pilhar o Careca debaixo de um caramanchão mirando os próprios cabelos, que eram dourados e compridos; ficou a princesa mais alegre e teve certeza de que aquele era o mesmo moço das cavalhadas. Na tarde deste dia houve outra cavalhada, que era a terceira e última. Todos foram e o Careca tornou a sair desculpando-se com a faquinha. Foi à pedra e fez aparecer o cavalo preto, e

arreios lindíssimos.

Partiu, e, chegando ao ponto das cavalhadas, encontrou muito reforço de tropas para o prender. Não teve medo. Na hora da corrida avançou, tirou a argolinha e ofereceu à princesa da sua escolha e partiu a galope, fecharam quadrado para o prender, mas o cavalo voou por cima e perdeu-se na corrida, que ninguém mais o viu. Quando o rei chegou a palácio já estava lá o Careca muito a seu gosto.

Nunca ninguém desconfiou que o Careca era o moço rico das corridas, senão a princesa mais moça. Ora, aí nesse reino costumava de tempos a tempos aparecer uma fera que tudo devastava, comia muita gente e ninguém podia dar cabo dela. O rei tinha dito que quem matasse a fera havia de casar com a princesa mais velha. Ninguém se atrevia. O Careca, sabendo disto, foi ter à pedra e contou aos cavalos. Saiu o cavalo preto e disse-lhe que se montasse nele, amarrasse-lhe no peito um grande espelho e avançasse contra a fera; porque esta, vendo o seu retrato no espelho, havia de supor que era outra fera, ficaria atrapalhada e o moço a poderia então matar. Assim fez o rapaz; matou a fera, e cortou-lhe as sete pontas das sete línguas. Ninguém viu isto.

No dia seguinte apareceu a fera morta e botou-se editais para ver quem a tinha morto. Ninguém apareceu: então o rei julgou-se dispensado quanto à sua filha mais velha, e decidiu-se a casar todas três quanto antes e no mesmo dia.

Mandou procurar príncipes, mas a caçula declarou que só se casaria com o Careca. O rei ficou muito desgostoso, mas não teve outro remédio. O rei ordenou que queria dar um banquete no dia do casamento todo de pássaros caçados pelos futuros genros. Todos os três saíram a caçar, cada um para o seu lado. Nenhum matou nada a não ser o Careca, que foi ter à pedra e os cavalos lhe deram aves a valer. Um dos noivos

o encontrou, e sem o conhecer pediu para que lhas vendesse. O Careca consentiu, com a condição de lhe passar ele uma declaração em como lhas havia comprado. O príncipe aceitou e passou a declaração. O Careca guardou. Afinal chegou o dia do casamento. Todos se apresentaram muito bem prontos e o Careca humildemente vestido.

No jantar houve muita alegria, mas o Careca lá para um canto. No fim de tudo o rei disse que antes de todos se despedirem, queria que cada um dos genros contasse uma história. O marido da princesa mais velha levantou-se e disse: “O que tenho a contar é que quem matou aquele bicho, que a todos fazia medo, fui eu, e não disse há mais tempo porque queria me casar com a princesa por escolha natural e não porque tivesse a promessa do casamento por matar a fera.” E mostrou os cotocos das línguas. Levantou-se o marido da segunda princesa e disse: “Eu o que tenho a dizer é que quem caçou todos estes pássaros para esta festa fui eu.”

Então, levantou-se o Careca e disse: “Minha história é que os dois genros do rei mentiram; quem matou a fera fui eu, e aqui está a prova: estas são as pontas das línguas e aqueles são os cotocos das línguas. Quem fez a caçada fui eu, e a prova é esta declaração que aqui tenho e que podem ler. Além disso o moço que embasbacou a todos nas corridas fui eu, e a prova são as fitas que tenho aqui.” Aí ele tirou a bexiga da cabeça e todos o reconheceram. Ficaram os dois príncipes muito envergonhados, e a princesa mais moça quase doida de contentamento.

39

A CUMBUCA DE OURO E OS MARIMBONDOS

(Pernambuco)

HAVIA DOIS HOMENS, UM RICO e outro pobre, que gostavam de fazer peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o sim, foi para a casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno. Chegando lá nas matas, o marido viu uma cumbuca de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quis levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quis que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza. Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de marimbondos; meteu-a numa mochila e tomou o caminho do mocambo do pobre, e logo que o avistou foi gritando: “Ó compadre, fecha as portas, e deixa somente uma banda da janela aberta!” O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janela, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: “Fecha a janela, compadre!” Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar. O ricaço gritava então: “Ó compadre, abra a porta!” Ao que o outro respondia: “Deixe-me, que os marimbondos estão-me matando!” E assim ficou o pobre rico, e o rico ridículo.

40

A MÃE D'ÁGUA

(Rio de Janeiro)

FOI UMA VEZ HAVIA UMA PRINCESA, que era filha de uma fada e do rei da Lua. A fada ordenou que a princesa fosse a rainha de todas as águas da terra, e governasse todos os mares e rios. A Mãe d'Água, assim se ficou chamando a princesa, era muito bonita, e muitos príncipes se apaixonaram por ela. Mas foi o filho do Sol que veio a se casar com ela, ao depois de ter vencido todos os seus rivais em combate. Quando se deu o casamento houve muitas festas e danças e banquetes, que duraram sete dias e sete noites. As festas foram na casa do rei da Lua; acabadas elas os noivos partiram para a casa do Sol. Aí a princesa Mãe d'Água disse ao seu marido que desejava passar com ele todo o ano, exceto três meses que havia de passar com sua mãe. O príncipe consentiu, porque fazia em tudo a vontade de sua mulher. Todos os anos a Mãe d'Água ia passar com sua mãe debaixo do mar num rico palácio de ouro e de brilhantes os três meses do contrato. No cabo de muito tempo a nova rainha deu à luz um príncipe. Quando a princesa teve de ir de novo visitar a fada, sua mãe quis levar o princezinho, mas o rei não consentiu; e tanto rogou e pediu, que a rainha partiu sozinha, recomendando ao marido que tivesse muito cuidado no filho. Chegando no palácio da fada, a princesa a não encontrou porque ela estava mudada em flor. A moça desesperada começou a correr mundo, procurando a sua mãe. Então ela perguntou aos peixes dos rios, às

areias do mar, às conchas das praias por sua mãe, e ninguém lhe respondia. Tanto sofreu e se lastimou que afinal o Rei das Fadas teve pena dela e perdoou a sua mãe, que se desencantou. Ambas, mãe e filha se largaram à toda a pressa para a casa do rei filho do Sol. Mas tinha-se já passado tanto tempo que o rei, vendo que sua esposa não vinha mais, ficou muito desesperado. Correu então o boato que a rainha tinha-se apaixonado por um príncipe estrangeiro e tinha por isso deixado de voltar. O rei, visto isto, se casou com outra princesa, que começou logo a maltratar muito o princezinho, botando-o na cozinha como um negro. Quando a rainha ia chegando a primeira pessoa que viu foi seu filho todo maltratado e sujo, e logo o conheceu e soube de tudo. Ela fugiu então com ele para o fundo das águas, e por sua ordem elas começaram a subir, até cobrirem o palácio, o rei, a rainha e todos os embusteiros da corte. Nunca mais ninguém a viu, porque quem a vê fica logo encantado e cai n'água e se afoga.⁴⁹

⁴⁹O Sr. José de Alencar publicou este conto no seu *Tronco do ipê*. Nós cotejamos sua lição com outras que ouvimos. [N. do A.]

41

O PREGUIÇOSO

(Pernambuco)

HAVIA UM HOMEM muito preguiçoso que nada fazia. Um dia veio um velho e pediu-lhe rancho em casa; o velho cansou-se de lhe bater na porta e nada do homem se animar a levantar-se para abrir a porta. Afinal desenganado, o velho pediu à dona da casa que lhe guardasse ali uma toalha que levava, mas que a não abrisse. O velho seguiu seu caminho. Mulher guardou a toalha, mas teve curiosidade e abriu-a. Apareceu logo uma grande mesa com tudo quanto é de bom e melhor de que a mulher se regalou. Ela escondeu a toalha, e, quando o velho veio procurar a toalha, a mulher deu-lhe outra em vez da sua. Chegando o velho em sua casa, mandou a toalha se estender e a toalha quieta. O velho calou-se e no outro dia foi à casa do preguiçoso e deixou lá ficar uma cabra pedindo-lhe que a guardassem até a sua volta, mas que tivessem o cuidado de não lhe dizer: “Berra, cabra!” O velho retirou-se. A mulher foi e disse: “Ora, isto é mistério; aqui temos novidade! Berra, cabra!” Entrou a cabra a berrar e começou a cair muito dinheiro de ouro e prata da boca da cabra. Logo que a mulher viu isto, trocou a cabra por outra, e quando o velho veio saiu enganado. Chegando em casa mandou a cabra berrar, e nada, e nada! Conheceu que estava enganado e calou-se. Chegou por fim um trabalhador do velho e lhe pediu ao amo o seu jornal.⁵⁰ Respondeu o velho: “Meu filho, eu não tenho mais

⁵⁰O pagamento relativo à jornada; o salário. [N. do E.]

dinheiro; mas dou-te um cacete, que aqui tenho, que te há de fazer feliz”.

O rapaz recebeu o cacete e seguiu. Foi ter justamente na casa do preguiçoso; pediu rancho e deu o cacete para guardar. A mulher trocou o cacete por outro, e no dia seguinte o moço disse: “Dê-me o meu cacete, que me quero ir.” O cacete entrou a dar bordoadas de criar bichos no marido e na mulher. Puseram-se eles a gritar, e o rapaz ficou admirado de ver aquela virtude do cacete.

A mulher aflita gritou: “Meu senhor, mande seu cacete parar, que eu lhe dou o que me deu o velho para guardar.” O moço disse: “Para, cacete, e tudo pra cá!” O cacete parou, e a mulher entregou ao rapaz a toalha e a cabra. O moço tudo recebeu e voltou para casa do seu amo, e lhe contou o que se tinha dado com ele na casa do preguiçoso. O velho então lhe disse: “Esta toalha e esta cabra têm virtude; quando tiveres fome, estende esta toalha, e te há de aparecer comida da melhor; e esta cabra quando berra bota dinheiro pela boca.” O rapaz ganhou o mundo com seus três presentes.

42

A MULHER DENGOSA

(Pernambuco)

ERA UMA VEZ UM HOMEM casado com uma mulher muito dengosa, que fingia não querer comer nada diante do marido. O marido foi reparando naquelas afetações da mulher, e quando foi num dia ele lhe disse que ia fazer uma viagem de muitos dias. Saiu, e em vez de partir para longe, escondeu-se por detrás da cozinha, num coxo.

A mulher, quando se viu sozinha, disse para a negra: “Ó negra, faz aí uma tapioca bem grossa, que eu quero almoçar.” A negra fez e a mulher bateu⁵¹ tudo, que nem deixou farelo. Mais tarde ela disse à negra: “Ó negra, me mata aí um capão e me ensopa bem ensopado para eu jantar.” A negra preparou o capão, e a mulher devorou todo ele e nem deixou farelo. Mais tarde a mulher mandou fazer uns beijus⁵² muito fininhos para merendar. A negra os aprontou e ela os comeu. Depois já de noite ela disse à negra: “Ó negra, prepara-me aí umas macaxeiras bem enxutas para eu cear.” A negra preparou as macaxeiras⁵³ e a mulher ceou com café.

Nisto caiu um pé d’água muito forte. A negra estava tirando os pratos da mesa, quando o dono da casa foi entrando pela porta a dentro. A mulher foi vendo o marido e dizendo:

⁵¹Por *comeu*. [N. do A.]

⁵²Em Pernambuco a tapioca é o beiju de polvilho da mandioca, e o beiju é a massa da mesma. [N. do A.]

⁵³O mesmo que aipim em Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro. *Manihot aypi*. [N. do A.]

“Oh, marido! Com esta chuva tão grossa você veio tão enxuto!?” Ao que ele respondeu: “Se a chuva fosse tão grossa como a tapioca que vós almoçastes, eu viria tão ensopado como o capão que vós jantastes; mas como ela foi fina como os beijus que vós merendastes, eu vim tão enxuto como a macaxeira que vós ceastes.” A mulher teve uma grande vergonha e deixou-se de dengos.

43

A LEBRE ENCHANTADA

(Pernambuco)

HAVIA EM UM REINO UM REI que tinha um filho. Um dia o rei estava muito doente e disse ao filho que fosse matar uma caça para ele comer. O príncipe saiu com uma espingarda e quando viu, foi sair do mato uma lebre toda branca. O príncipe correu atrás dela para pegá-la, quando de repente abriu-se um buraco no chão e a lebre entrou, levando consigo o príncipe. Quando este viu, estava dentro de um palácio muito bonito e rico, tendo nele uma princesa também muito formosa. O príncipe ficou tão encantado da beleza da princesa, que nunca mais se lembrou do palácio do pai e nem deste. Passado muito tempo, vai um dia o príncipe lavar as suas mãos e tira do dedo uma joia que o pai tinha lhe dado. Aí ele lembra de seu palácio e da família, e diz à princesa que iavê-los. A princesa instou muito para que ele não fosse, mas ele disse que ia e tornava a voltar. A princesa então bateu com uma vara no lugar onde ela tinha entrado com o príncipe e o chão logo abriu-se e o príncipe passou. Quando chegou ao palácio do pai, achou-o todo coberto de luto e abandonado, pois já tinha morrido toda a família de desgosto por causa do desaparecimento do príncipe. Este ficou muito triste e não quis voltar mais para o palácio da princesa. Saiu sem destino tendo trocado a roupa de príncipe por uma de um sapateiro, e deu a uma cidade que estava toda em festa; ele foi e perguntou que festa era aquela; então disseram que era porque a princesa deste lugar era uma a mais bonita do

mundo. O príncipe, que estava mudado em sapateiro, pediu que lhe mostrasse a princesa, e disse quando a viu que já tinha visto uma moça muito mais bonita. Correram e foram logo dizer ao rei que aquele sapateiro disse que tinha conhecido uma princesa muito mais bonita do que a filha dele. O rei mandou chamar o sapateiro e disse que sob pena de morte ele havia de trazer a princesa à presença dele. O sapateiro pediu o prazo de quinze dias e saiu. Quando chegou ao lugar onde a lebre tinha entrado com ele, principiou a cavar. Levou muito tempo cavando porque a terra estava muito dura, mas afinal conseguiu passar.

Aí encontrou o palácio da princesa todo fechado. Ele bateu na porta e apareceu uma criada. Quando esta viu o príncipe disse: "Príncipe meu senhor, a princesa está muito doente por sua causa; só o que diz é: 'Ah! Ingrato, que foste e nunca mais vieste quebrar meus encantos.'" A criada disse mais, que naquele dia à meia-noite o mar crescia muito e afogava todo o palácio, e então entrava um peixe muito grande e engolia a princesa, mas se tivesse uma pessoa que matasse o peixe, quebrava os encantos da princesa. O príncipe quis ir falar com a princesa mas a criada disse que não, porque ela podia morrer mais depressa. Aí o mar principiou a crescer e a princesa a ficar pior. O príncipe foi ver uma espada e escondeu-se atrás de uma janela, o mar foi tomando o palácio, e quando foi meia-noite, que o peixe entrou para engolir a princesa, o príncipe meteu-lhe a espada e o matou. O mar foi diminuindo outra vez e a princesa escapou. Então o príncipe apareceu e a princesa ficou muito alegre e houve muita festa. Depois o príncipe disse: "Princesa, eu já lhe salvei a vida, agora é você que vai salvar a minha"; e contou que sob pena de morte havia de mostrar uma princesa mais bonita que a filha do rei. A princesa disse que ele fosse descansado. Ele saiu e chegou no outro reino no dia marcado. Já estava a força armada para

ele morrer. Então ele pediu ao rei que esperasse mais um pouco, quando se viu foi aparecer uma nuvem de prata. Veio descendo, descendo, quando chegou no meio do povo apareceu uma criada toda coberta de prata dizendo: “Arreda, povo, deixa botar a cadeirinha de minha sinhá.” Aí o povo ficou pasmado. O sapateiro tornou a pedir ao rei que esperasse mais um bocadinho, que ainda não era aquela. Apareceu outra nuvem de ouro e foi descendo e quando chegou no meio do povo apareceu uma criada toda coberta de ouro e disse: “Arreda, povo, deixa eu botar a cadeirinha da minha sinhá.” O sapateiro tornou a pedir ao rei que esperasse, quando apareceu uma nuvem de brilhante e foi descendo. Quando chegou no meio do povo apareceu uma moça linda e toda coberta de brilhantes, que era a princesa, e assentou-se no meio das duas criadas. Quando o rei e a princesa viram aquela beleza, reviram de cima das janelas do palácio e caíram mortos.

44

O PESCADOR

(Pernambuco)

HAVIA UM HOMEM QUE ERA pescador e tinha uma filha. Um dia, ele foi pescar e achou uma joia no mar, muito bonita. Ele voltou para casa muito alegre e disse à filha: “Milha filha, eu vou dar esta joia de presente ao rei.” A filha disse que ele não desse, e antes guardasse, mas o velho não a ouviu e levou a joia ao rei. Este recebeu a joia e disse ao velho que (sob pena de morte) queria que ele lhe levasse sua filha ao palácio: nem de noite, nem de dia, nem a pé, nem a cavalo, nem nua, nem vestida. O velho pescador voltou para casa muito triste, o que vendo a filha, perguntou-lhe o que tinha. Então, o pai respondeu que estava triste porque o rei tinha-lhe ordenado que ele a levasse, nem de dia, nem de noite, nem a pé, nem a cavalo e nem nua, nem vestida. A moça disse ao pai que descansasse, que ficava tudo por conta dela, e pediu que lhe desse uma porção de algodão e saiu montada no carneirinho. Quando chegaram no palácio, o rei ficou muito contente e satisfeito, porque o velho tinha cumprido o que havia ordenado sob pena de morte. A moça ficou em palácio e o rei disse-lhe que ela podia escolher e levar para casa a coisa de que mais se agradasse dali. Na ocasião do jantar, a moça deitou um bocado de dormideira no copo de vinho do rei e chamou os criados e mandou preparar uma carruagem. Quando o rei tomou o vinho, deu-lhe logo muito sono e foi dormir. A carruagem já estava preparada e a moça mandou os criados botarem o rei dentro e largou-se para

casa. Quando o rei acordou da dormideira, achou-se na casa do velho pescador, deitado em uma cama e com a cabeça no colo da moça. O rei ficou muito espantado e perguntou o que queria dizer aquilo. Ela então respondeu que ele tinha dito que podia trazer do palácio aquilo que mais lhe agradasse e do que mais ela se agradou foi dele. O rei ficou muito contente de ver a sabedoria da rapariga e casou-se com ela, havendo muita festa no reino.

45

O CÁGADO E A FESTA NO CÉU

(Sergipe)

UMA VEZ HOUVE TRÊS DIAS de festa no céu; todos os bichos lá foram; mas nos dois primeiros dias o cágado não pôde ir, por andar muito devagar. Quando os outros vinham de volta, ele ia no meio do caminho. No último dia, mostrando ele grande vontade de ir, a garça se ofereceu para levá-los nas costas. O cágado aceitou, e montou-se; mas a malvada ia sempre perguntando se ele ainda via a terra, e quando o cágado disse que não avistava mais a terra, ela o largou no ar e o pobre veio rolando e dizendo:

“Léu, léu, léu,
Se eu desta escapar,
Nunca mais bodas ao céu...”

E também: “Arredem-se, pedras, paus, senão vos quebrareis.” As pedras e paus se afastaram, e ele caiu; porém todo arrebentado. Deus teve pena e juntou os pedacinhos e deu-lhe de novo a vida em paga da grande vontade que ele teve de ir ao céu. Por isso é que o cágado tem o casco em forma de remendos.⁵⁴

⁵⁴Este conto anda nas coleções portuguesas, tendo como heróis outros animais. No Brasil ouvimo-lo assim. [N. do A.]

46

OS TRÊS MOÇOS

(Sergipe)

DIZ QUE FOI UM DIA havia em um reino uma princesa muito bonita. Um dia apareceram três moços, cada qual querendo casar-se com ela. Para decidir a questão, o rei disse que a princesa só se casaria com aquele que trouxesse uma coisa que mais lhe causasse admiração.

Os três moços saíram. Quando chegaram em uma estrada se despediram e marcaram um dia para se acharem todos os três naquele mesmo lugar. Separaram-se, e cada qual tomou o seu caminho. O primeiro caminhou muito até que deu em uma cidade. Quando ele ia passando por uma rua, ouviu um menino gritando: “Quem quer me comprar um espelho?” Ele chegou-se para o menino e disse: “Menino, que virtude este espelho tem?” O menino respondeu: “Este espelho tem a virtude de ver tudo o que se passa em todo lugar.” O moço disse: “Bravo, sou eu que me caso com a princesa” — e comprou o espelho. O outro moço também caminhou muito e deu noutra cidade. Quando ele ia passando por uma rua, ouviu um homem gritando: “Quem quer me comprar uma bota?” Ele chegou junto do homem e disse: “Meu senhor, que virtude tem essa bota?” O homem respondeu: “Esta bota tem o poder de botar a gente no lugar que se quer.” O moço disse: “Bravo, sou eu que me caso com a princesa” — e comprou a bota. O terceiro moço também caminhou. Caminhou, até que deu também numa cidade. Quando ele viu, foi um menino gritando:

“Quem quer comprar um cravo que tem a virtude de dar vida a quem está morto?” O moço disse consigo: “Bravo, sou eu que me caso com a princesa” — e comprou o cravo.

Quando chegou o dia marcado, se acharam todos os três na mesma estrada. O moço do espelho foi e abriu o espelho. Quando ele abriu o espelho viu a princesa estirada, morta. O moço da bota disse: “Não tem nada; se metam aqui dentro desta bota.” Se meteram todos os três dentro da bota, e o moço disse: “Bota, nos bota no reino da rainha Fulana.” No mesmo instante estavam lá. Quando chegaram lá, acharam a princesa morta. O moço do cravo foi e botou o cravo no nariz da princesa.

Quando viram, foi ela se levantar viva. Agora disse o moço do espelho: “Eu sou que devo me casar com a princesa, porque se não fosse meu espelho, vocês não sabiam que ela estava morta.” Diz o moço da bota: “Eu sou que devo me casar com a princesa, porque, se não fosse minha bota, vocês ainda não estavam aqui”.

Diz o moço do cravo: “Quem deve se casar com a princesa sou eu, porque, se não fosse meu cravo, ela não estava viva.” Ainda hoje estão nesta peleja, querendo cada qual se casar com a princesa, e o rei sem saber quem escolherá para noivo.

*Entrou por uma porta,
Saiu por um canivete,
Diga a el-rei meu senhor
Que me conte sete.*

47

A RAPOSA E O TUCANO

(Sergipe)

A RAPOSA ENTENDEU QUE DEVIA andar debicando o tucano. Uma vez o convidou para jantar em casa dela. O tucano foi. A raposa fez mingau para o jantar e espalhou em cima de uma pedra, e o pobre tucano nada pôde comer, e até machucou muito o seu grande bico. O tucano procurou um meio de vingar-se. Daí a tempos foi à casa da raposa e lhe disse: “Comadre, você outro dia me obsequiou tanto, dando-me aquele jantar; agora é chegada a minha vez de lhe pagar na mesma moeda: venho convidá-la para ir jantar comigo. Vamo-nos embora, que o petisco está bom.” A raposa aceitou o convite e foram-se ambos. Ora, o tucano preparou também mingau e botou dentro de um jarro de pescoço estreito. O tucano metia o bico e quando tirava vinha-se regalando. A raposa nada comeu, lambendo apenas algum pingo que caía fora do jarro. Acabado o jantar disse: “Isto, comadre, é para você não querer-se fazer mais sabida do que os outros”. ⁵⁵

⁵⁵Em algumas versões, em vez do tucano, figura neste coto a cegonha. [N. do A.]

48

O PADRE SEM CUIDADO

(Sergipe)

HAVIA UM PADRE QUE NUNCA tinha tido na sua vida um cuidado. Nada o preocupava, a ponto dele ter escrito em sua porta o seguinte: “Aqui mora o padre sem cuidados.” O rei, sabendo disto, ficou muito admirado e disse que queria saber se era verdade o que aquele padre tinha escrito em sua porta. Mandou-o chamar, e logo que ele chegou e perguntou qual o fim daquele chamado, disse-lhe o rei que era saber se com efeito ele nunca tinha tido em sua vida cuidados. Disse-lhe o padre que na verdade não havia coisa alguma que o tivesse preocupado, que passava sua vida sem ter cuidados. Então disse-lhe o rei: “Quero que daqui a três dias o senhor venha me responder, sob pena de morte, a três perguntas que vou lhe fazer.” Despediu-se o padre e saiu do palácio já todo cheio de cuidados. Chegou em casa só pensando na sentença dada pelo rei. Veio o jantar, mas ele não quis comer, tão preocupado estava, e deitou-se em uma rede muito pensativo. No outro dia ainda não quis almoçar, o que, vendo o criado, perguntou-lhe a razão por que ele estava tão triste e sem querer comer. Responde-lhe o padre: “Ah, criado, é que eu estou cheio de cuidados. O rei mandou-me chamar e disse-me que, sob pena de morte, eu hei de ir responder a três perguntas que ele vai me fazer. Isto me tem dado muito que pensar, pois não sei mesmo o que hei de dizer.” O criado vendo o vexame com que estava o padre, disse-lhe: “Não tem nada, se V. Reverendíssima quer,

eu vou em seu lugar responder às perguntas do rei.” O padre não acreditou nem quis aceitar a proposta do criado, mas este replicou dizendo que o padre lhe desse sua batina e que podia ficar descansado, que ele prometia desempenhar bem o seu papel. No dia designado pelo rei, o criado rapou bem a barba e o bigode, abriu uma coroa, vestiu a batina do padre e foi para a casa do rei. Este mandou-o sentar-se, e na presença de toda a corte fez-lhe a seguinte pergunta: “Diga-me, quantos cestos de areia tem ali naquele monte?” O padre sem cuidados levantou-se, olhou para o monte designado pelo rei e disse: “Ora, rei meu senhor, é isto? Saberá Vossa Real Majestade que ali tem um cesto de areia.” Disse-lhe o rei: “Um só, como assim?” Tornou o padre: “Vossa Real Majestade mande fazer um cesto muito grande, que abranja todo o monte, e eis aí o que digo.” Aí todas as pessoas presentes bateram muita palma e o rei ficou muito satisfeito. Depois fez-lhe a segunda pergunta, que foi a seguinte: “Diga-me, quantas estrelas tem no céu?” O padre deu umas voltas pela sala e disse: “No céu há tantos milhões de milhões de estrelas.” E deu uma soma muito grande. O rei, que também não sabia, concordou com que o padre disse. A terceira pergunta do rei foi:

— Quero que me diga o que é que eu estou aqui pensando.

Vira-se o padre para ele e diz:

— Vossa Real Majestade pensa que está falando com o padre sem cuidados, mas está falando é com o criado.

49

OS TRÊS CONSELHOS

(Sergipe)

HAVIA UM HOMEM QUE TINHA muitos filhos, e tão pobre que não tinha que comer. Um dia despediu-se desapontado da mulher e dos filhos, e saiu dizendo que ia procurar meios de vida, e que só voltaria trazendo muito dinheiro. Depois de muitos anos, não tendo ele ainda encontrado meios de ganhar dinheiro e já muito saudoso da família, voltava este pobre homem para casa, quando apareceu-lhe um ricaço, e perguntou-lhe se ele queria ir trabalhar em sua casa, com a condição porém de só receber dinheiro depois de um ano trabalhado. No fim do ano o ricaço chegou-se a ele, e disse-lhe que o pagamento que tinha para dar-lhe era um conselho. O homem ficou muito triste, dizendo que não queria o conselho, e sim o seu dinheiro, que era com que ele ia sustentar sua família. O ricaço respondeu que aquele conselho valia mais do que dinheiro, e insistiu para ele aceitar, prometendo que no outro ano lhe pagaria melhor. Então deu-lhe o seguinte conselho: “Nunca deixes atalho por arrodeio.”⁵⁶ O velho aceitou o conselho e continuou a trabalhar. No fim do segundo ano, quando esperava receber algum dinheiro, vem de novo o ricaço dando-lhe outro conselho. O velho desapontado disse-lhe que não queria conselho, mas o ricaço convenceu-o de que não se arrependeria e que aquele conselho lhe serviria mais do que dinheiro, e

⁵⁶Isto é, não trocar o atalho pelo caminho mais longo. [N. do E.]

então disse-lhe que não se hospedasse em casa de homem velho casado com mulher moça. O velho aceitou este conselho e trabalhou mais um ano, no fim do qual o ricaço tornou a dar-lhe outro conselho, que foi o seguinte: “Hás de ver três vezes pra creres.” E deu-lhe um pão, dizendo que ele só o partisse quando estivesse em casa com a família. Despediu-se o velho levando os três conselhos e o pão. No caminho, encontrou ele um atalho e um arrodeio. Então lembrou-se do conselho que o ricaço tinha-lhe dado e seguiu pelo atalho. Nisto apareceu um sujeito e lhe disse que a estrada que ia ter à casa dele era outra, mas o velho não o ouviu e seguiu seu caminho. No fim do caminho encontra ele o mesmo sujeito muito espantado, o qual disse-lhe ter encontrado no caminho de onde veio um homem morto por muitos ladrões, tendo ele escapado por milagre. O velho, ouvindo isto, compreendeu que tinha sido muito bom o conselho que o ricaço tinha-lhe dado. Mais adiante, estando já muito cansado, chegou-se a uma casa e pediu hospitalidade. O dono da casa acolheu-o muito bem, mas como era velho e casado com uma mulher moça, lembrou-se ele do segundo conselho do ricaço, e à noite, quando já todos dormiam, ele saiu e agasalhou-se debaixo de um carro que ficava defronte da casa. Lá pela madrugada ele viu a mulher do velho, onde ele tinha-se hospedado, abrir a porta e dirigir-se em companhia de um frade para o carro. Aí chegando principiaram a conversar, e o velho ouviu da mulher o seguinte: “Hoje podemos matar meu marido, porque temos um hóspede e eu digo que ele foi o assassino.” O velho, que estava debaixo do carro ouvindo, cortou com uma tesoura um pedaço da batina do frade, dizendo consigo que com aquilo se defenderia. No dia seguinte muito cedo começou a mulher do velho a gritar por socorro, dizendo que um hóspede tinha morto seu marido. Vem a polícia e prende logo o velho, que estava debaixo do carro. Na ocasião de ser condenado à forca, pediu ele que que-

ria se confessar com o padre Fulano, o tal que ele tinha cortado a batina. Vindo o padre, o velho declarou que a confissão que tinha a fazer era que aquele padre é que tinha assassinado o homem e para prova mostrou o pedaço da batina, reconhecendo todos ser verdadeira aquela e sendo ele imediatamente solto e o padre condenado. Mais uma vez viu o velho que o conselho do ricaço lhe serviu mais do que dinheiro. Continuou a sua viagem, chegando perto de sua casa já de noite. Vendo que estava fechada, espiou pela fechadura e viu sua mulher muito alegre conversando com um moço. Ele armou logo a espingarda para atirar em ambos, mas lembrou-se do conselho do ricaço, deixou a espingarda e espiou de novo. Vendo-os ainda na mesma alegria, pegou de novo na espingarda e ia atirar, quando lembrou-se de novo do conselho do ricaço e então quis ver e ouvir mais uma vez. Então ouviu a mulher dizer a uma negra que deitasse um banho para seu filho, que tinha chegado muito cansado. Aí o velho lembrou-se que quando saiu de casa tinha deixado a mulher grávida e com efeito aquele moço era seu filho, que já era padre e tinha vindo do seminário naquele dia. O velho bateu na porta e a mulher recebeu-o com alegria, pois já o julgava morto. Os filhos também o receberam com satisfação e, depois de muito conversarem, disse-lhes o velho que nada tinha arranjado, trazendo somente no baú um pão que um homem tinha-lhe dado, para ele só o abrir quando estivesse em casa com a família. Partiram então o pão, e ainda mais alegres ficaram, quando viram cair do mesmo uma quantidade enorme de moedas de ouro.⁵⁷

⁵⁷Teófilo Braga, em *Contos tradicionais do povo português*, Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, 1883, p. 287, aponta a origem árabe deste conto, ou uma versão sua em árabe, compilada na Espanha por Don Juan Manuel (1282-1348), príncipe de Villena. [N. do E.]

50

O PRÍNCIPE CORNUDO, 2^a VERSÃO

(Sergipe)

HAVIA UM REI QUE TEVE UM FILHO. Quando o menino nasceu, o pai mandou ver a sina dele e muito triste ficou quando soube que o filho tinha trazido a sina de ser cornudo. Para cortar tão má sorte, o rei mandou fazer uma torre muito alta, conduzindo para ela o menino. Só quem ali ia era um criado que o servia, pois o pai não queria que visse nenhuma mulher. Quando o menino já estava crescido, abriu um buraco na torre, por onde olhava a rua. Muito admirado ficou quando viu as mulheres que passavam para a missa, e perguntou ao criado o que era aquilo. O criado disse-lhe que era mulher, mas que o pai não queria que ele as conhecesse e nem soubesse. O príncipe, que já estava rapaz, perguntou um dia ao pai por que motivo ele, desde que tinha nascido, estava naquela torre. O pai disse-lhe que era porque ele tinha trazido a sina de ser cornudo, ao que o filho respondeu, dizendo que o tirasse dali, que ele queria ir cumprir a sua sina, bem longe dele e de toda a família. O rei fez-lhe o gosto, e ele saiu pelo mundo. Tendo já caminhado muito e estando a uma distância do reino de seu pai, ia uma vez passando por um lugar, quando viu um homem vendendo um papagaio muito bonito que tinha a virtude de cortar a sina de quem a tinha de ser cornudo.

Quando o príncipe ouviu aquelas palavras, dirigiu-se ao ho-

mem e comprou o papagaio por muito dinheiro. O papagaio era muito falador e o príncipe o tratava muito bem. Apaixonou-se ele depois por uma princesa muito bonita e casou-se. Estava ele passando muito bem com sua mulher e o papagaio, quando foi chamado para vencer umas guerras, recomendando muito o papagaio a sua mulher e esta a este. Um príncipe, primo desta princesa, e que a achava muito bonita, sabendo que o marido dela tinha feito viagem, procurou meios devê-la. Para esse fim gastou muito dinheiro, fazendo bonitas festas em frente ao palácio da prima, para ver se a via. Quando ela preparava-se para chegar à janela, gritava o papagaio: "Oh, princesa minha senhora, como é isto, o príncipe meu senhor não está em casa e a princesa quer ir à janela? Venha cá, princesa, isto é muito feio." Assim dizia o papagaio todas as vezes que a princesa queria ir à janela, e ela nunca foi. O primo desenganado de que não a via e tendo já gasto muito dinheiro, ficou desapontado. Uma velha que lhe pedia esmolas, vendo-o muito triste perguntou-lhe: "O que tem, meu moço honrado?" O príncipe contou-lhe tudo e ela disse: "Não tem nada, eu lhe prometo de trazer aqui a princesa." Chegando a noite, a velha correu até o palácio da princesa, e lhe pediu que por caridade lhe fosse batizar um menino. A princesa preparou-se para sair, quando o papagaio disse:

"Aonde vai princesa minha senhora,
Tão bonita e bandarra a esta hora?",

e continuou dizendo: "Venha cá, que quero lhe contar uma história muito bonita." A velha ficou desesperada, mas a moça, que não o contrariava, voltou e veio sentar-se ao pé dele. O papagaio principiou a sua história assim:

"Havia em um reino princesa que só tomava a bênção ao pai com uma luva de pelica. Um dia, indo ela passear no jardim, adormeceu no colo de uma criada, quando veio um moço

e roubou-lhe a luva. Acordou a princesa e como não podia mais tomar a bênção ao pai porque estava sem a luva, e não querendo mais voltar para o palácio, saiu pelo mundo virada numa fada santa. Já tinha caminhado muito, quando deu em um reino onde havia uma princesa que há sete anos não falava. Sabendo o rei, pai desta moça, que havia chegado neste reino uma fada santa, mandou-a chamar para ela fazer com que a filha falasse. A fada santa foi para o palácio e ficou no quarto da princesa. Quando foi meia-noite esta levantou-se e com uma luz examinou bem se a fada estava dormindo, e como ela fingisse estar, a princesa abriu com uma chave de ouro um grande armário que tinha em seu quarto, saindo dele um moço muito bonito. A princesa preparou logo uma mesa onde colocou uma grande quantidade de comida, de que serviu-se com ele. Depois da ceia conversaram ambos até quase pela manhã, trancando depois a princesa o seu namorado no grande armário. Quando a fada santa, que tinha presenciado tudo, levantou-se, dirigiu-se à princesa e saudou-a. Esta não lhe respondeu, dizendo-lhe então a fada: ‘Senhora princesa, se não for já tomar a bênção a seus pais e conversar até o meio-dia, eu conto tudo o que vi esta noite.’ A princesa ficou muito surpreendida e não teve outro remédio senão ir falar com os pais, e então falou até meio-dia. No outro dia a princesa amanheceu outra vez muda, e a fada lhe disse: ‘Se não for falar com seus pais e conversar hoje o dia inteiro, eu denuncio o que tornei a ver esta noite, e se falar eu prometo de guardar segredo.’ A princesa amedrontada não achou outro jeito senão ir falar, o que fez até a noite. No terceiro dia, levantou-se a fada e cumprimentando a princesa, mas esta não lhe respondendo, disse-lhe ela: ‘Senhora, se não for já falar com seus pais e conversar durante toda a sua vida, eu descubro tudo o que sei.’ A princesa continuou a falar, não se calando mais dia nenhum. O rei e a rainha ficaram muito satisfeitos e houve

muitas festas no palácio”.

O papagaio acabou aí a sua primeira história, porque já era dia, e a velha voltou para casa desapontada. Não desanimando, voltou à noite para levar a princesa, e como o papagaio fingisse estar dormindo, ela o levou para o chiqueiro de porcos. O papagaio, quando viu que elas iam sair, começou a gritar pela princesa para esta o mandar tirar do meio dos porcos, e assim que veio para a sua gaiola disse: “Minha senhora, não quer mais ouvir a história do papagaio? Sente-se aqui para eu lhe contar”, e principiou assim: “A fada santa saiu deste reino e, depois de ter caminhado muito, chegou em outro, onde o rei estava para morrer de sentimento, porque o príncipe seu filho tinha desaparecido. Logo que soube da chegada desta fada santa mandou-a chamar para descobrir onde estava o príncipe. Chegada a fada santa em presença do rei, disse-lhe que só descobria onde estava seu filho se ele mandasse pedir licença ao rei do reino vizinho para ela abrir todos os objetos e móveis do seu palácio. O rei não se negou a tal pedido e a fada santa começou o seu trabalho. Abriu todos os móveis, deixando para último o armário que tinha no quarto da princesa, de onde tirou o moço. Ficaram todos muito admirados e o rei pai do príncipe muito contente, havendo muitas festas no palácio pela chegada do filho.” Quando o papagaio concluiu aí sua história, os galos estavam cantando, saindo a velha alcoviteira ainda mais furiosa. Teimando ainda na promessa que tinha feito ao moço primo da princesa, veio neste dia ainda mais cedo buscar a princesa, levando o papagaio para a latrina. Este, logo que aí foi chegando, gritou para que o tirasse dali, que ele não era cachorro para estar em um lugar tão imundo. A princesa mandou-o logo buscar, dizendo ele, quando chegou, que ainda tinha uma história muito bonita para lhe contar. A velha desesperada amaldiçoava o papagaio, e ele começou: “Esta mesma fada indo para o outro

reino aí foi chamada para curar de um príncipe que estava muito doente, sem saber a causa de semelhante moléstia. Não tomava alimento nenhum e era atacado de uma febre muito forte com grandes delírios. Perguntando-lhe a fada por que motivo achava-se ele naquele estado, respondeu-lhe o príncipe que era porque nunca mais ele tinha visto uma princesa de quem muito gostava, e da qual ele tinha lhe roubado a luva. A fada santa o consolou muito, aconselhou-o para ele se alimentar, dizendo que ela prometia que ele tornaria a ver a princesa, ao que ele respondia que não tinha mais esperanças devê-la. Quando foi de noite, que o príncipe ia principiando a dormir, a fada mudou a roupa que trazia, vestiu-se princesa, passando em volta da cama do príncipe. Este logo acordou muito sobressaltado, chamou a fada, que já tinha mudado a roupa, e lhe disse que ele tinha visto a princesa passar-lhe por junto da cama. A fada o despersuadiu, dizendo que era porque ele estava muito fraco e no delírio da febre. Deu-lhe caldos e no outro dia o príncipe amanheceu melhor. De noite ela tornou a se vestir de princesa e passou pela cama do príncipe, que logo acordou e disse à fada que tinha tornado a ver sua noiva. Ela o quis despersuadir, mas ele disse que não, que estava acordado e que com efeito a tinha visto. A muito custo a fada o convenceu de que tudo era devido à grande febre. Alimentou-o muito durante a noite, amanhecendo o príncipe quase restabelecido. Pela terceira e última vez, vestiu-se de novo a fada santa da mesma maneira que estava no dia em que o príncipe roubou-lhe a luva, e quando este ia principiando a dormir, ela apareceu em frente da cama, levantando-se logo o príncipe, sem dar tempo a ela mudar de roupa. Aí deram-se a conhecer, ficando logo o príncipe completamente bom, declarando no outro dia que era por causa daquela princesa que ele tinha sofrido, e casou-se logo com ela, havendo maior festa que nos outros dois reinos.” Quando o papagaio foi acabando a sua úl-

tima história, já era de manhã, e ele, olhando para o lugar por onde o príncipe tinha ido vencer as guerras, gritou logo: “Minhas alvíssaras, princesa minha senhora, lá vem o príncipe meu senhor.” A velha assim que ouviu que o príncipe já vinha, saiu na carreira para que ele não a visse, e a princesa ficou muito alegre, indo receber o marido. O príncipe ficou muito contente de encontrar sua mulher e o papagaio, o qual, depois de dizer a seu senhor que tinha desempenhado bem sua missão, deu um desmaio e morreu, vendo o príncipe e sua mulher subir nesta ocasião um anjinho para o céu.

51

O REI CAÇADOR

(Sergipe)

HAVIA UM REI CASADO e que não tinha filhos. Gostava muito de caçar, sendo a caça para ele a sua maior distração.

Um dia embrenhou-se muito pelo mato, dando aí com uma casa, do que ele ficou muito admirado, e para ela dirigiu-se. Chegando lá, viu uma moça muito bonita, ficando o rei logo apaixonado por ela. No dia seguinte tornou a ir à caça e foi à casa da moça, onde pediu um copo d'água. Quanto mais tempo se passava, mais apaixonado ficava o rei pela moça, a ponto de não passar um só dia sem que, a pretexto de ir à caça, não a fosse ver. Passado algum tempo, apareceu a moça grávida e teve um menino muito bonito, ao qual pôs o rei o nome de Sol. Depois teve ela mais uma menina, que teve o nome de Lua, e mais tarde outro menino, que teve o nome de Luar. O rei estava tão alegre com estes três filhos, que já não governava mais o reino e nem queria saber mais do palácio. Para não se esquecer um só momento dos três meninos comprou o rei três lenços, um com um Sol pintado no centro, um com uma Lua e um com um Luar. Quando o rei ia almoçar ou jantar, abria os três lenços, passava-os no rosto, e dizia suspirando:

“Ai, Sol! Ai, Lua! Ai, Luar!
Quem me dera a Magdalena Sinhá”.

A rainha velha, mulher do rei, que era muito ciumenta, desconfiou logo que não era somente a caça que tanto distraía seu marido, a ponto dele não mais governar o reino e aborrecer o palácio. Então, furiosa de ciúmes, chamou um seu criado de confiança, e disse-lhe que, se ele descobrisse a causa da distração do rei, ela o alforriava e dava-lhe ainda muito dinheiro. O criado, assim que o rei saiu para a caçada, o seguiu espreitando-o. O rei não mais se ocupava com a caça. Entregava a espingarda ao seu pagem, e seguia logo para a casa da moça. O criado espião o acompanhou até lá e escondeu-se a pouca distância da casa. Quando o rei foi se aproximando desta, apareceram na porta três crianças, cada qual mais linda, que logo foram gritando: "Lá vem papai, mamãe venha-o ver", aparecendo nesta ocasião também a moça. O rei, logo que foi chegando, abraçou e beijou as criancinhas e entrou. O criado alcoviteiro chegando em casa contou tudo que tinha visto à rainha, e esta ainda ficou mais desesperada e procurou logo um meio de se vingar. Aconteceu que o rei caiu doente e passou muitos dias sem ir ver os filhinhos e a moça.

Aproveitou a rainha esta oportunidade e mandou o seu criado dizer à moça, em nome do rei, que este lhe mandava dizer que, estando muito doente e com muita saudade dos meninos, mas não podendo ir lá, que ela os mandasse, que a rainha não estava em casa. Foi o criado levar o recado, e como a moça não quisesse mandar os filhos com receio da rainha, este voltou de novo dizendo que o rei mandava com instância buscar os meninos, porque não podia mais suportar as saudades. Preparou a moça os meninos e mandou-os. Chegando em palácio, a rainha os trancou em um quarto, sem lhes dar alimento algum. No outro dia mandou o criado dizer à moça, em nome do rei, que ela viesse sem demora. A moça, estando inocente de tudo quanto se passava, veio com o criado e quando chegou em palácio foi introduzida por este em um quarto. Aí já estava a

rainha velha preparada com uma roda de navalhas e uma máquina em cima de alçapão falso. Logo que a moça ali chegou, a velha agarrou-a e principiou a lutar, com o fim de atirá-la em cima da roda de navalhas. A moça, que era forte, defendeu-se com coragem, acabando por sacudir a velha em cima da roda e tocando no veio para acabar de matá-la. O rei, que estava no quarto vizinho e ouvindo o barulho, levantou-se sobressaltado, e muito admirado ficou quando viu Magdalena Sinhá ali presente. Perguntando-lhe o rei como ali se achou, soube então de tudo quanto tinha se dado sem ele saber, ajudando ele também a acabar de matar a velha. Indagou Magdalena Sinhá por seu filhos, indo dar com eles em um quarto quase mortos de fome. O rei, vendo-se livre da rainha malvada, casou-se com Magdalena Sinhá e mandou degolar o negro alcoviteiro.

Parte II

CONTOS DE ORIGEM INDÍGENA

52

O CÁGADO E A FRUTA

(Sergipe)

DIZ QUE FOI UM DIA, havia no mato uma fruta que todos os bichos tinham vontade de comer; mas era proibido comer a tal fruta sem primeiro saber o nome dela. Todos os animais iam à casa de uma mulher que morava nas paragens onde estava o pé de fruta, perguntavam a ela o nome, e voltavam para comer; mas quando chegavam lá não se lembravam mais do nome. Assim aconteceu com todos os bichos que iam e voltavam, e nada de acertar com o nome. Faltava somente amigo cágado; os outros foram chamar ele para ir por sua vez. Alguns caçoavam muito, dizendo: “Quando os outros não acertaram, quanto mais ele!” Amigo cágado partiu munido de uma violinha; quando chegou na casa da mulher perguntou o nome da fruta. Ela disse: “Boyoyô-boyoyô-quizama-quizu, boyoyô-boyoyô-quizama-quizu.” Mas a mulher, depois que cada bicho ia-se retirando já em alguma distância, punha-se de lá a bradar: “Ó amigo tal, o nome não é esse, não!” E dizia outros nomes; o bicho se atrapalhava, e quando chegava ao pé de fruta não sabia mais o nome. Com o cágado não foi assim, porque ele deu de mão à sua violinha, e pôs-se a cantar o nome até ao lugar da árvore, e venceu a todos. Mas amiga onça, que já lá estava à sua espera, disse-lhe: “Amigo cágado, você como não pode trepar, deixe que eu trepe para tirar as frutas, e você em paga me dá algumas.” O cágado consentiu; ela encheu o seu saco e largou-se sem lhe dar nenhuma. O cágado,

muito zangado, largou-se atrás. Chegando os dois a um rio ele disse à onça: “Amiga onça, aqui você me dê o saco para eu passar, que sou melhor nadador, e você passa depois.” A onça concordou, mas o sabido, quando se viu da outra banda, sumiu-se, ficando a onça lograda. Esta formou o plano de o matar; ele soube e meteu-se debaixo de uma raiz grande de árvore onde ela costumava descansar. Aí chegada, pôs-se ela a gritar: “Amigo cágado, amigo cágado!” O sabido respondia ali de pertinho: “Oi.” A onça olhava de uma banda e doutra e não via ninguém. Ficou muito espantada, e pensou que era o seu traseiro que respondia. Pôs-se de novo a gritar, e sempre o cágado respondendo: “Oi!”, e ela: “Cala a boca, oveiro!”, e sempre a coisa para diante. Amigo macaco veio passando, e a onça lhe contou o caso da desobediência de seu traseiro e lhe pediu que o açoitasse. O macaco tanto executou a obra que a matou. Deu-se então o cágado por satisfeito.

53

O CÁGADO E O TEIÚ

(Sergipe)

FOI UMA VEZ, HAVIA UMA ONÇA que tinha uma filha; o teiú queria casar com ela, e amigo cágado também. O cágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que “o teiú para nada valia, e que até era o seu cavalo”. O teiú, logo que soube disto, foi ter também à casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar o cágado para ali para dar-lhe muita pancada à vista de todos, e partiu. O cágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teiú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o cágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia sair de pé naquele dia.⁵⁸ O teiú teimou muito: “Então”, disse o cágado, “você me leve montado nas suas costas.” — “Pois sim, respondeu o teiú; mas há de ser até longe da porta da amiga onça.” — “Pois bem; mas você há de deixar eu botar o meu caquinho de sela: porque assim em osso é muito feio.” E teiú se maçou muito, e disse: “Não, que eu não sou seu cavalo!” — “Não é por ser meu cavalo, mas é muito feio.” Afinal o teiú consentiu. “Agora”, disse o cágado, “deixe botar minha brida”. Novo barulho do teiú, e novos pedidos e desculpas do cágado, até que conseguiu pôr a brida no teiú e munir-se do mangual, esporas etc. Partiram; quando chega-

⁵⁸A pé, como dizemos no Sudeste. É comum que o interiorano, por exemplo de São Paulo, diga *de a pé*. [N. do E.]

ram em lugar não muito longe de casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios, se não era muito feio para ele ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que ele tivesse paciência e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim foi enganando o teiú até à porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangual e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: “Olá, eu não disse que teiú era meu cavalo? Venham ver!” Houve muita risada, e o cágado vitorioso disse à filha da onça: “Ande, moça; monte-se na minha garupa e vamos casar.” Assim aconteceu com grande vergonha para o teiú.

54

O CÁGADO E O JACARÉ

(Sergipe)

O CÁGADO TINHA UMA GAITA em que tocava com grande admiração de todos os outros animais, e o jacaré tinha muita inveja. Uma vez ele foi esperar o cágado no lugar que este costumava ir beber água, e pôs-se ao lado de fora da fonte, deitado. Quando o cágado chegou o saudou, dizendo: “Oh, amigo jacaré, como vai?” — “Estou apanhando sol, amigo cágado.” O cágado bebeu sua água e pôs-se a tocar a gaita, e o jacaré disse: “Amigo cágado, me empresta esta gaita para eu experimentá-la.” O cágado deu, e o jacaré pulou com ela dentro d’água, e foi-se. O cágado ficou muito zangado, e foi-se embora. Passados dias, ele foi a um cortiço,⁵⁹ engoliu muitas abelhas e foi-se pôr no lugar aonde o jacaré costumava apanhar sol, escondeu-se nas folhas com o rabo para cima. Labreou o traseiro bem de mel, e, de vez em quando, largava uma abelha: “zum”. O jacaré, vendo aquilo, supôs ser algum cortiço, e meteu o dedo; o cágado apertou-o e disse: “Só o largo quando me der conta da minha gaita.” E foi arrochando cada vez mais. O jacaré abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar:

“Ó Gonçalo,
Meu filho mais velho,
A gaita do cágado...
Tango-lê-rê...

⁵⁹Colmeia. [N. do E.]

A gaita do cágado...
Tango-lê-rê..."

O rapaz de lá ouvia mal, e dizia: "O quê, meu pai?... A camisa?" O jacaré, vexado, gritava com mais força:

"Não, Gonçalo,
Meu filho mais velho,
A gaita do cágado...
Tango-lê-rê...
A gaita do cágado...
Tango-lê-rê..."

O Gonçalo: "O quê, meu pai? As calças?" O jacaré tornava a repetir a cantilena, e, só depois de muita maçada e quando o seu dedo estava tora não tora, é que o Gonçalo veio com a gaita, que o jacaré deu ao cágado. Só depois da entrega este largou-lhe o dedo.

55

O JABUTI E A RAPOSA

(Versão da lenda antecedente colhida entre os índios por Couto de Magalhães)

CONTA-SE QUE O JABUTI tinha uma frauta.⁶⁰ Um dia ele estava tocando sua frauta, a raposa foi escutar e lhe disse: “Empresta-me esta frauta.” — “Eu não”, respondeu o jabuti; “para tu fugires com minha frauta...” A raposa disse: “Então toca para eu ouvir a tua frauta.” O jabuti tocou assim:

“Finm fin, fin!
Culo fon, fin!”

A raposa disse: “Como és tão formoso com a tua frauta, jabuti. Empresta-me um bocadinho.” O jabuti respondeu: “Pega lá! Agora não vá fugir com a minha frauta; se fugires, atiro-te com esta cera em cima.” A raposa tomou a frauta do jabuti, tocou e se pôs a dançar e achou muito bonito; depois largou-se na carreira com a frauta. O jabuti quis correr atrás; mas não pôde e voltou para o mesmo lugar onde estava, e disse: “Deixa-te estar, raposa! Não te dou muito tempo que eu não te apanhe.” O jabuti foi pelo mato afora, chegou perto do rio, cortou madeira para fazer uma ponte para passar; chegou à outra banda, trepou, cortou da árvore do mel, tirou o mel do pau, voltou para trás, chegou no caminho da raposa, encostou a cabeça no chão, pegou no pau de mel e untou com ele o

⁶⁰Flauta. [N. do E.]

traseiro. Daí a pouco a raposa chegou ali e olhou para aquela água, que aprecia tão lustrosa e tão bonita. A raposa disse: “Ih!... que será isto?” Meteu o dedo, lambeu, e disse: “Ih... i... i...! Isto é mel.” Outra raposa observou: “Qual mel? Nada, aquilo é o traseiro do jabuti.”

A outra respondeu: — Que! O traseiro do jabuti! Como é que isso é mel!...

Com a muita sede com que estava meteu a língua nele. O jabuti apertou o traseiro, e a raposa gritou:

— Deixa a minha língua, jabuti!

A outra disse: — É o que eu te disse. É o traseiro do jabuti; tu dissesse: “Como é que isso é mel, então?”

O jabuti disse então: — Hā-hā! Foi o que eu disse a você, ou não? Cedo te apanhei. Dizem que tu, raposa, és muito esperta! Que é de minha frauta?

A raposa respondeu: “Não está aqui, não, jabuti!”

O jabuti respondeu: “Tu bem que a tens aí, dá-me já, senão te aperto mais.” A raposa não teve remédio senão restituir a frauta.

56

O CÁGADO E A FONTE

(Sergipe)

UMA FEITA, O CÁGADO intrigou-se com o homem, o teiú e a onça por causa de um casamento com a filha da onça. Havia uma fonte onde todos os bichos costumavam ir beber; o cágado lá chegou, botou dentro dela uma boa porção de sapinhos e lhes deu ordem que, quando viesse ali algum bicho beber, eles cantassem:

“Turi, turi...
Quebrar-lhes as pernas,
Furar-lhes os olhos...”

Feito isto, o cágado foi-se embora.

Chegou o macaco para beber, ouviu aquilo e ficou com muito medo e foi-se, e espalhou o caso. Outros bichos vieram e todos se retiraram com medo. Veio o teiú, a mesma coisa; veio a onça, o mesmo. Afinal o homem veio e também fugiu com medo. Faltava o cágado; foram chamá-lo. Ele disse que estava pronto a ir, mas acompanhado de todos os outros, e munido de sua gaita e tocando. Chegando a certa distância mandou os outros esperar, avançou, chegou junto à beira da fonte, deu ordem aos sapinhos para se calarem; eles obedeceram. O cágado encheu seu pote e retirou-se vitorioso com grande espanto de todos os outros animais, e casou-se com a filha da onça.

57

A ONÇA E O BODE

(Sergipe)

UMA VEZ A ONÇA QUIS FAZER UMA CASA; foi a um lugar, roçou o mato para ali fazer a sua casa. O bode, que também andava com vontade de fazer uma casa, foi procurar um lugar, e, chegando no que a onça tinha roçado, disse: “Bravo! Que belo lugar para levantar a minha casa!” O bode cortou logo umas forquilhas e infincou naquele lugar, e foi-se embora. No dia seguinte a onça lá chegando, e vendo as forquilhas infincadas, disse: “Oh! Quem me está ajudando?! Bravo, é Deus que está me ajudando!” Botou logo as travessas nas forquilhas, e a cumeeira, e foi-se. O bode, quando veio de novo, admirou-se e disse: “Oh! Quem está me ajudando?! É Deus que está me protegendo.” Botou logo os caibros na casa, e foi-se. Vindo a onça, ainda mais se espantou, e botou as ripas e os enchimentos e retirou-se. O bode veio, e envarou a casa e foi-se. A onça veio e cobriu. O bode veio e tapou. Assim foram, cada um por sua vez, e aprontaram a casa. Acabada ela, veio a onça, fez a sua cama e meteu-se dentro. Logo depois chegou o bode, e, vendo a outra, disse: “Não, amiga, esta casa é minha, porque fui eu quem infinquei as forquilhas, botei os caibros, envarei, e tapei.” — “Não, amigo”, respondeu a onça, “a casa é minha, porque fui eu que rocei o lugar, botei as travessas, a cumeeira, as ripas, os enchimentos, e o sapé.”

Depois de alguma questão, a onça, que estava com vontade de comer o bode, disse: “Mas não haja briga, amigo bode, nós

dois podemos ficar morando na casa.” O bode aceitou, mas com muito medo. O bode armou a sua rede bem longe do jirau da onça. No outro dia a onça disse: “Amigo bode, quando você me vir frangir o couro da testa, eu estou com raiva, tome sentido!” — “Eu, amiga onça, quando você me vir balançar as minhas barbinhas ali nas goteiras e dar um espirro, você fuja, que eu não estou de caçoadas.” Depois a onça saiu, dizendo que ia buscar de comer. Lá, por longe de casa, pegou um grande bode e, para fazer medo ao seu companheiro, matou-o, e entrou com ele pela casa adentro. Atirou-o no chão e disse: “Está, amigo bode, esfole e trate para nós comer.” O bode, quando viu aquilo, disse lá consigo: “Quando este, que era tão grande, você matou, quanto mais a mim!” No outro dia ele disse à onça: “Agora, amiga onça, quem vai buscar de comer sou eu.” E largou-se. Chegando longe, avistou uma onça bem grande e gorda, disfarçou e pôs-se a tirar cipós no mato. A onça veio chegando, e, vendo aquilo, disse: “Amigo bode, para que tanto cipó?” — “Fum! Para quê?! O negócio é sério, trate de si... O mundo está para acabar, e é com dilúvio...” — “O que está dizendo, amigo bode?” — “É verdade; e você, se quiser escapar, venha se amarrar, que eu já me vou.” A onça foi, e escolheu um pau bem alto e grosso, e pediu ao bode para que a amarrasse. O bode enleou-a perfeitamente, e, quando a viu bem segura, meteu-lhe o cacete como terra, até matá-la. Depois arrastou-a; chegou em casa, largou-a no chão, dizendo: “Está; se quiser esfole e trate.”

A onça ficou espantada e com medo. Ambos dois temiam um ao outro.

Num dia o bode pôs-se junto das biqueiras, tomando fresco; olhou para a onça, e ela estava com o couro da testa frangido. Ele teve receio e abalou as barbas, e largou um espirro. A onça pulou do mundéu e largou na carreira, o bode também abriu o pano. Ainda hoje correm cada um para o seu lado.

58

O VEADO E A ONÇA

(Versão da lenda anterior, colhida entre
os índios por Couto de Magalhães)

O VEADO DISSE: “Eu estou passando muitos trabalhos; por isso vou procurar um lugar para fazer a minha casa.” Foi pela banda do rio, achou um lugar bom e disse: “Há de ser aqui.” A onça disse também um dia: “Estou passando muitos vexames e quero por isso procurar um lugar para fazer a minha casa.” Saiu e foi dar no mesmo lugar que o veado já tinha escolhido, e disse: “Que bom lugar! Vou fazer aqui a minha casa.”

No dia seguinte veio o veado. Capinou e roçou o lugar. No dia seguinte veio a onça e disse: “Tupã está me ajudando!” E fincou no chão as forquilhas e armou a casa.

No outro dia veio o veado e disse: “Tupã me está ajudando.” Cobriu a casa, e fez dois abrigos, um para si e outro para Tupã.

No outro dia a onça, achando a casa pronta, mudou-se pra ali, ocupou o abrigo, e pôs-se a dormir.

No outro dia veio o veado e ocupou o outro abrigo.

No outro dia acordaram, e, quando se avistaram, disse a onça ao veado:

— Era você que estava me ajudando?

O veado respondeu:

— Era eu mesmo!

A onça disse:

— Pois bem, agora vamos morar juntos.

O veado disse: — Vamos.
No outro dia a onça disse:
— Eu vou caçar. Você limpe os tocos, tenha água pronta,
lenha, que eu hei de chegar com fome!
Foi caçar; matou um veado muito grande, trouxe-o para
casa, e disse ao seu companheiro:
— Apronta para nós jantarmos.
O veado aprontou, mas estava triste, não quis comer, e de
noite não dormiu com medo que a onça o estrangulasse.
No outro dia o veado foi caçar, encontrou-se com outra onça
grande, e depois com um tamanduá.
Disse ao tamanduá:
— A onça está ali falando mal de você!
O tamanduá veio, achou a onça arranhando um pau; chegou-
lhe devagarinho por detrás, e deu-lhe um abraço, meteu-lhe a
unha, e a onça morreu.
O veado levou-a para casa, e disse à sua companheira:
— Aqui está; apronta para nós jantarmos.
A onça aprontou, mas não jantou e estava triste!
Quando chegou a noite, os dois não dormiam, a onça espi-
ando o veado e o veado espiando a onça.
À meia-noite eles estavam com muito sono; a cabeça do ve-
ado esbarrou no jirau e fez tá! A onça, pensando que era o
veado que já ia matar, deu um pulo. O veado também se as-
sustou e ambos fugiram, um correndo para um lado e o outro
correndo para o outro.

59

A ONÇA, O VEADO E O MACACO

(Sergipe)

UMA VEZ, AMIGA ONÇA convidou amigo veado para ir comer leite⁶¹ em casa de um comadre, e amigo veado aceitou. No caminho tinham de passar um riacho, e a onça enganou o veado, dizendo que ele era muito raso, e não tivesse medo. O veado meteu o peito e quase morreu afogado. A onça passou por um lugar mais raso e não teve nada. Seguiram. Adiante encontraram umas bananeiras, e a onça disse ao veado: “Amigo veado, vamos comer bananas; você suba, coma as verdes, que são as melhores, e me atire as maduras.” Assim fez amigo veado, e não pôde comer nenhuma, e a onça encheu a pança. Seguiram; adiante encontraram uns trabalhadores capinando uma roça. A onça disse ao veado: “Amigo veado, quem passa por aqueles trabalhadores deve dizer: ‘Diabo leve a quem trabalha.’” Assim foi; quando o veado passou pelos homens gritou: “Diabo leve a quem trabalha!” Os trabalhadores largaram-lhe os cachorros, e quase o pegaram. A onça, quando passou, disse: “Deus ajude a quem trabalha.” Os homens gostaram daquilo, e a deixaram passar. Adiante encontraram uma cobrinha de coral, e a onça disse: “Amigo veado, olhe que linda pulseira para você levar à sua filha!” O veado foi apanhar a cobra, e levou uma dentada; pôs-se a queixar-se da onça, e ela lhe respondeu:

⁶¹Comer coalhada, provavelmente. [N. do E.]

“Quem manda você ser tolo?”

Afinal chegaram à casa do compadre da onça; já era tarde e foram dormir. O veado armou sua redinha num canto e ferrou no sono. Alta noite, a onça se levantou devagarzinho de pontinha de pé, abriu a porta, foi ao curral das ovelhas, sangrou uma das mais gordas, aparou o sangue numa cuia, comeu a carne, voltou para casa, largou a cuia de sangue em cima do veado para o sujar, e foi-se deitar. Quando foi de manhã o dono da casa se alevantou, foi ao curral e achou uma ovelha de menos. Foi ver se tinha sido a onça, e ela lhe respondeu: “Eu não, meu compadre, só se foi amigo veado, veja bem que eu estou limpa.” O homem foi à rede do veado e achou-o todo sujo de sangue. “Ah! Foi você, seu ladrão!” Meteu-lhe o cacete até o matar. A onça comeu bastante leite e foi-se embora.

Passados tempos, ela tomou um capote emprestado ao macaco e o convidou para ir comer leite em casa do mesmo compadre. O macaco aceitou e partiram. Chegando adiante, encontraram o riacho, e a onça disse: “Amigo macaco, o riacho é raso, e você passe adiante e por ali.” O macaco respondeu: “Ah! Você pensa que eu sou como o veado que você enganou? Passe adiante se quiser, senão eu volto...” A onça, que viu isto, passou adiante. Quando chegaram nas bananeiras, ela disse: “Amigo macaco, vamos comer bananas; você coma as verdes, que são as melhores, e me atire as maduras.” — “Vamos”, disse o macaco, e foi logo se atrepando. Comeu as maduras e atirou as verdes para a onça. Ela ficou desesperada, e dizia: “Amigo macaco, amigo macaco!... Eu te boto a unha!...” — “Eu vou-me embora se você pega com histórias.” Assim respondia o macaco e foram seguindo. Quando passaram pelos trabalhadores a onça disse: “Amigo macaco, quem passa por aqueles homens deve dizer: — Diabo leve a quem trabalha; porque ali eles estão obrigados.” O macaco, quando passou, disse: “Deus ajude a quem trabalha.” Os trabalhadores ficaram satisfeitos, e o dei-

xaram passar. A onça passou também. Adiante avistou uma cobrinha de coral, e disse ao macaco: “Olhe, amigo, que lindo colar para sua filha! Apanhe e leve.” — “Pegue você!”, e não quis o macaco pegar. Afinal chegaram à casa do compadre da onça e foram-se deitar porque já era tarde. O macaco, de sárido, armou sua rede bem alto, deitou-se e fingiu que estava dormindo. A onça, bem tarde, saiu de pontinha de pé, foi ao chiqueiro das ovelhas, sangrou a mais bonita, comeu a carne, e foi com a cuia de sangue para derramar no macaco. Ele, que estava vendo tudo, deu-lhe com o pé, e o sangue caiu todo em riba da onça. Quando foi de para manhã, o dono da casa foi ao curral, e achou uma ovelha de menos, e disse: “Sempre que a malvada desta comadre dorme aqui, falta-me uma criação!” Largou-se para casa, e já encontrou o macaco de pé e apontando para a onça, que fingia que estava dormindo. O homem a viu toda suja de sangue, e disse: “Ah, é você, sua diaba!” Deu-lhe um tiro e a matou. O macaco comeu muito leite, e foi-se embora muito satisfeito.

60

O MACACO E A COTIA

(Pernambuco)

O MACACO FOI DANÇAR em casa da cotia; a cotia, de sabida, mandou o macaco tocar, dando-lhe uma rabeca. A cotia começou a dançar, e, no virar à roda, deu uma embigada na parede e partiu o rabo. Todos os que tinham rabo ficaram vendo isto, com medo de dançar. Então o preá disse: “Ora, vocês estão com medo de dançar! Mandem tocar, e vão ver obra!” O macaco ficou logo desconfiado, e trepou-se num banco e pôs-se a tocar para o preá dançar. O preá deu umas voltas e foi dar sua embigada no mestre macaco, que não teve outro jeito senão entrar também na dança das cotias e dos outros animais, e todos lhe pisaram no rabo. Então ele disse: “Não danço mais, porque compadre preá e compadre sapo não devem dançar pisando no rabo dos outros, porque eles não têm rabo pra nele se pisar.” Pulou para cima da janela e de lá tocava sem ser incomodado.

61

O URUBU E O SAPO

(Pernambuco)

O URUBU E O SAPO FORAM convidados para uma festa no céu. O urubu, para debicar o sapo, foi à casa dele e lhe disse: “Então, comadre sapo, já sei que tem de ir ao céu, e eu quero ir em sua companhia.” — “Pois não”, disse o sapo, “eu hei de ir, contanto que você leve a sua viola.” — “Não tem dúvida, mas você há de levar o seu pandeiro”, respondeu o urubu. O urubu se retirou, ficando de voltar no dia marcado para a viagem.

Nesse dia se apresentou em casa do sapo, e este o recebeu muito bem, mandando-o entrar para ver sua comadre e os afilhados. E quando o urubu estava entretido com a sapa e os sapinhos, o sapo velho entrou-lhe na viola, e disse-lhe de longe: “Eu, como ando um pouco de vagar, comadre, vou indo adiante.” E deixou-se ficar bem quietinho dentro da viola. O urubu, dali a pedaço, se despediu da comadre e dos afilhados, e agarrou na viola e largou-se para o céu. Lá chegando, lhe perguntaram logo pelo sapo, ao que ele respondeu: “Ora! Nem esse moço vem cá; quando lá em baixo ele não anda ligeiro, quanto mais voar!” Deixou a viola e foi comer, que já eram horas.

Estando todos reunidos nos comes e bebes, pulou, sem ser visto, o sapo de dentro da viola, dizendo: “Eu aqui estou!” Todos se admiraram de ver o sapo naquelas alturas. Entraram a dançar e brincar. Acabado o samba, foram todos se reti-

rando, e o sapo, vendo o urubu distraído, entrou-lhe outra vez dentro da viola. Despediu-se o urubu e largou-se para terra. Chegando a certa altura, o sapo mexeu-se dentro da viola e o urubu virou-a de boca para baixo, e o sapo despenhou-se lá de cima, e vinha gritando: “Arreda, pedra, senão te quebras!...” O urubu: “Qual! Qual! Compadre sapo bem sabe voar!...” O sapo caiu e ralou-se todo; por isso é que ele é meio fouveiro.⁶²

⁶²Castanho-claro; malhado. [N. do E.]

62

AMIGA RAPOSA E AMIGO CORVO

(Pernambuco)

AMIGA RAPOSA CONVIDOU amigo corvo para fazerem uma viagem. A raposa convidou o gambá para seu companheiro, e o corvo convidou o caracará.⁶³ Partiram. Chegando no meio dos montes, veio a noite e foram pedir rancho na casa da amiga onça. A onça andava por fora atrás de um rebanho de carneiros, e chegou a casa muito tarde, trazendo um grande carneiro morto. Os hóspedes, que se achavam em casa, ficaram com medo.

Disse a raposa: “Compadre corvo, as coisas não estão boas.” Disse o caracará: “Ora, esta é boa, não temos de que temer; mas você, comadre raposa, é que deve estar em eita, sem ter onde se meta!” A raposa deu uma gargalhada e disse: “Serei eu pior do que comadre cachorro?” O caracará: “Comigo ninguém pode; não corro por terra, porque não corto bem o chão; mas corto o vento. Você, amiga raposa, e comadre gambá, é que têm de se ver hoje; quando ela pegou em comadre carneiro, que é maior de que vocês, quanto mais!” Chegou a hora da ceia. A onça convidou os seus hóspedes para cearem. Só a raposa é que pôde comer, por causa do feitio do prato. A onça fez mais mingau e espalhou numa pedra, e a raposa tornou a lamber. Depois o corvo disse: “Comadre onça, eu não acho boa

⁶³Caracará; gavião-de-queimada. [N. do E.]

esta moda: quem lambe, come; quem penica com fome fica!” Foram todos dormir. O corvo disse para o caracará: “Nós não havemos de ficar com fome.” Quando a onça pegou no sono, o corvo agarrou nos filhos da onça, e os devorou com o bico; o caracará fez o mesmo. Safaram-se, deixando a raposa e o gambá dormindo. Quando a onça acordou, procurou os filhos e só viu os ossos, e investiu para a raposa, que escapou-se e foi ao encontro de seus companheiros de viagem e os encontrou na casa do macaco. A raposa: “Agora é ocasião de vingar-me do que vocês me fizeram.” Mas como era hora de jantar ela esperou. No fim do jantar viu um cachorro, teve medo e despediu-se. Foram o corvo e o caracará para a casa do galo e a raposa já lá estava, esperando pela ceia.

Chegada a hora, foram todos cear. O galo espalhou milho por toda a casa e disse:

“Venham de bico
Que me despico:
Quem tem focinho.
Nem um tico.”

A raposa meio desconfiada:

“Façam o que quiser,
Durmam vocês, é que se quer.”

Foram todos dormir, e a raposa foi convidar mais amigas para virem dar cabo de seus inimigos de penas. Deram cabo de todos, só deixando o gambá, por ser muito fedorento.

63

AMIGA FOLHAGEM

(Sergipe)

UMA VEZ O MACACO INTRIGOU-SE com a onça, não se sabe bem o motivo. A onça andava sempre a ver se pegava o macaco; mas o macaco, muito arteiro, sempre escapava dela. Ora, houve um tempo em que todos os rios e fontes do mundo secaram, e a onça ficou contente, porque supunha que desta vez o macaco lhe não escaparia. Largou-se e foi esperá-lo no lugar único em que havia água, e que estava servindo de bebedouro a todos os bichos. O macaco foi beber água e por um triz que não morreu. Mas sempre escapou-se, e ficou com muito medo. Então ele engenhou um meio de escapar da onça, e foi o seguinte: encontrou um viajante que levava umas cabaças de mel de uruçu; apoderou-se de uma delas, e lambuzou-se bem no mel e depois se cobriu todo de folhas bem verdinhas, e largou-se pelo mundo a fazer estrepolias. Logo chegou aos ouvidos de todos os bichos que tinha aparecido um bicho novo, a que chamavam amiga folhagem. Assim o macaco bebeu água, e escapou. Nessa ocasião a onça lhe perguntou quem era, e ele respondeu:

“Eu sou a folharada,
Sempre que vier beber
Tenho de ser transformada.”

E realmente as folhas lhe foram caindo da pele e também o pelo. Foi então o macaco à fonte; lhe perguntaram quem era;

ele respondeu:

“O tronco da folharada;
Todas vezes que aqui bebe
É transformada...
Desde que nesta casa bati
Nunca mais água bebi...”

Houve muita gargalhada, e o macaco ficou bebendo água desassombrado.

64

A RAPOSA E A ONÇA

(Versão da lenda antecedente, colhida entre
os índios por Couto de Magalhães)

O SOL SECOU TODOS OS RIOS, e ficou só um poço com água. A onça então disse: “Agora sim; filho a raposa, porque vou fazer-lhe espera no poço da água.” A raposa, quando veio, olhou adiante e enxergou a onça; não pôde beber água, e foi-se embora, pensando como poderia beber.

Vinha uma mulher pelo caminho com um pote de mel à cabeça.

A raposa deitou-se no caminho e fingiu-se morta; a mulher arredou-a e passou.

A raposa correu pelo cerrado, saiu-lhe adiante ao caminho, e fingiu-se morta. A mulher arredou-a e passou adiante.

A raposa correu pelo cerrado, e mais adiante fingiu-se morta. A mulher chegou e disse:

— Se eu tivesse apanhado as outras já eram três.

Arriou o pote de mel no chão, pôs a raposa dentro do paninho, deixou-o aí, e voltou para trazer as outras raposas.

Então a raposa lambuzou-se no mel, deitou-se por cima das folhas verdes, chegou ao poço, e assim bebeu água.

Quando a raposa entrou na água e bebeu, as folhas se soltaram; a onça conheceu-a, mas quando quis saltar-lhe a raposa fugiu.

A raposa estava outra vez com muita sede, bateu num pé

de aroeira, lambuzou-se bem na sua resina, espojou-se entre folhas secas, e foi para o poço.

A onça perguntou:

— Quem és?

— Sou o bicho folha-seca.

A onça disse:

— Entra na água, sai, e depois bebe.

A raposa entrou, não lhe caíram as folhas, porque a resina não se derreteu dentro d'água; saiu e depois bebeu, e assim fez sempre até chegar o tempo da chuva.

65

O JABUTI E A RAPOSA

JABUTI METEU-SE pela sua toca adentro, assoprou na frauta, e pôs-se a dançar:

“Tin, tin, tin,
Olô, olô, olô”

Veio a raposa, e gritou por ele:

— Ó jabuti!

O jabuti respondeu: — Oi! Vamos, raposa! Quem vai adiante ?

A raposa disse : — Tu, jabuti!

— Está bom, raposa; quantos anos são precisos?

A raposa respondeu: — Dois anos.

Então a raposa fechou o jabuti no fundo da toca; depois que acabou de o fechar disse:

— Adeus, jabuti, vou-me embora.

De ano em ano, vinha falar com o jabuti; chegava à boca da toca, e chamava por ele:

— Ó jabuti!

O jabuti respondia: — Ó raposa! Já estarão amareladas as frutas do taperebá?

A raposa respondia: — Ainda não, jabuti; agora os tape-rebazeiros estão apenas em flor. Adeus, jabuti, ainda me vou desta vez.

Quando foi o tempo do jabuti sair, a raposa veio, chegou à boca da toca, e chamou.

O jabuti perguntou: — Já estão amarelas as frutas do tarebabá?

A raposa respondeu: — Agora, sim, jabuti; agora em verdade já estão; agora sim, está em baixo da árvore grande porção delas.

O jabuti saiu e disse:

— Entra agora, raposa!

A raposa respondeu: — Quantos anos são precisos, jabuti?

O jabuti respondeu: — Quatro anos, raposa.

O jabuti meteu a raposa no fundo da toca e foi-se embora. Um ano depois o jabuti voltou para falar com a raposa, chegou à boca da toca e chamou:

— Ó raposa!

A raposa respondeu:

— Já estarão amarelos os ananases, jabuti ?

O jabuti respondeu:

— Ora! Ainda não estão, raposa. Ainda andam agora a roçar. Eu vou-me embora! Adeus, amiga raposa.

Dois anos depois, o jabuti voltou e chamou:

— Ó raposa!

Tudo calado. O jabuti chamou segunda vez. Tudo calado. Só saíam moscas do fundo da toca.

O jabuti abriu a boca da toca, e disse:

— Esta diaba já morreu!

O Jabuti puxou-a para fora:

— Eu bem te tinha dito, raposa! Tu não eras macho para medires forças comigo! O jabuti deixou-a ficar e foi-se embora.⁶⁴

⁶⁴Este conto anda na tradição oral do Norte. Ouvimo-lo em Pernambuco. Couto de Magalhães o coligiu entre os índios do Pará, pouco mais ou pouco menos como aí o damos. [N. do A.]

66

O JABUTI E O HOMEM

O JABUTI METEU-SE numa toca e pôs-se a tocar a sua gaita.
As pessoas que iam passando escutaram.
Um homem disse: — Eu vou apanhar aquele jabuti.
Chegou à toca, chamou: — Ó jabuti!
O jabuti respondeu: — Oi!
O homem disse: — Vem cá, jabuti.
— Pois bem, aqui estou, eu vou já.
O jabuti saiu, o homem agarrou-o, levou-o para casa. Quando chegou à casa, meteu o jabuti dentro de uma caixa. Logo de manhãzinha, o homem disse a seus filhos:
— Agora não vão vocês soltar o jabuti.
E foi-se para a roça.
O jabuti estava dentro da caixa tocando a sua gaita. Os meninos ouviram e vieram para escutar.
O jabuti calou-se.
Então os meninos disseram: — Toca mais, jabuti.
O jabuti respondeu: — Vocês acham muito bonito, como não seria se vocês me vissem dançar!
Os meninos abriram a caixa para verem o jabuti dançar. O jabuti dançou pelo quarto:

“Lê, lê, lê, lê...
Lê, ré, lê, ré...”

Depois pediu aos meninos para o deixarem ir mijar.

Os meninos disseram-lhe: — Vai, jabuti, mas não fujas.
O jabuti foi para trás da casa, correu e escondeu-se no meio do mato.

Então os meninos disseram: — O jabuti fugiu!

Um deles disse: — Agora como há de ser? Como é que havemos de dar conta a nosso pai quando ele chegar? Vamos pintar uma pedra da cor do casco do jabuti, senão quando ele chegar nos dá pancada!

Assim fizeram. De tarde chegou o pai deles: — Ponham a panela no fogo, para tirarmos a casca do jabuti.

Eles disseram: — Já está no fogo.

O pai deitou a pedra pintada na panela pensando que era o jabuti. Depois lhes disse: — Tragam vocês os pratos para comermos o jabuti.

Os meninos trouxeram.

O pai tirou o jabuti da panela, e quando o deitou no prato quebrou-o! O pai disse aos meninos: — Vocês deixaram o jabuti fugir?

Eles responderam: — Não, senhor.

Quando estavam dizendo isto, o jabuti tocou a sua gaita.

Quando o homem ouviu, disse: — Eu vou apanhá-lo outra vez.

Foi e chamou: — Ó jabuti!

O jabuti respondeu: — Oi!

O homem foi pelo mato afora à procura dele. Chamou: — Vem, jabuti!

Ele chamava de uma banda, e o jabuti respondia-lhe de trás. O homem aborreceu-se, voltou para casa, e deixou-o.⁶⁵

⁶⁵Este conto está nas mesmas condições do antecedente. Corre entre nossas populações cristãs, pouco mais ou pouco menos como na versão indígena de Couto de Magalhães. [N. do A.]

67

O JABUTI E O CAIPORA

O JABUTI CHEGOU AO OCO de uma árvore; pôs-se a tocar a sua gaita. O caipora ouviu e disse:

— Ninguém pode ser senão o jabuti. Eu vou apanhá-lo.

Chegou à boca da toca da árvore. O Jabuti tocou na frauta:

Li, ri, li, ri...

Lé, ré, lé, ré...

O caipora chamou: — Ó Jabuti!

O Jabuti respondeu: — Oi !

— Vem, jabuti! Vamos ver quem tem mais força!

O jabuti respondeu: — Vamos ver, como tu quiseres!

O caipora foi ao mato, cortou um cipó, trouxe o cipó à beira do rio, e disse ao jabuti:

— Experimentemos, jabuti! Tu na água, eu em terra.

O jabuti disse: — Pois bem, caipora!

O jabuti saltou na água com a corda, e foi amarrar a corda na cauda de uma baleia.

O jabuti voltou para terra, e escondeu-se debaixo do mato.

O caipora puxou a corda. A baleia fez força, arrastou o caipora pelo pescoço até a água. O caipora fez força para puxar o rabo da baleia para terra. A baleia fez força e puxou o caipora pelo pescoço até a água.

O jabuti debaixo do mato estava vendo todo, e riu-se.

Quando já o caipora estava cansado, disse:

— Basta, jabuti.

O jabuti riu-se, saltou à água, foi desatar a corda da cauda da baleia. O caipora puxou a corda com ele. O Jabuti chegou à terra.

O caipora perguntou-lhe:

— Tu estás bem cansado, jabuti?

O Jabuti respondeu: — Não! Não suei nada!

O caipora disse: — Agora, com certeza, jabuti, sei que tu és mais valente do que eu! Vou-me embora.⁶⁶

⁶⁶Nas condições dos antecedentes. [N. do A.]

68

A RAPOSA E O HOMEM

A RAPOSA FOI DEITAR-SE no caminho por onde o homem tinha de passar, e fingiu-se morta.

Veio o homem e disse:

— Coitada da raposa!

Fez um buraco, enterrou-a e foi-se embora.

A raposa correu pelo mato, passou adiante do homem, deitou-se no caminho, e fingiu-se morta.

Quando o homem chegou, disse:

— Outra raposa morta! Coitada!

Arredou-a do caminho, cobriu-a com folhas e seguiu adiante.

A raposa correu outra vez pelo mato, deitou-se adiante no caminho e fingiu-se morta.

O homem chegou e disse:

— Quem terá morto tanta raposa?

Arredou-a para fora do caminho, e foi-se.

A raposa correu, e foi fingir-se outra vez morta no caminho.

O homem chegou e disse :

— Leve o diabo tanta raposa morta!

Agarrou-a pela ponta do rabo, e atirou-a para o meio do mato.

A raposa disse então:

— Não se deve abusar de quem nos faz bem.⁶⁷

⁶⁷Nas condições dos três antecedentes, isto é, existente entre as nossas populações mestiçadas, pouco mais ou menos como o ouviu entre os índios Couto de Magalhães. [N. do A.]

69

O JABUTI E A ONÇA

UMA VEZ A ONÇA OUVIU O JABUTI tocar a sua gaita debicando outra onça e veio ter com o jabuti e perguntou-lhe:

— Como tocas tão bem a tua gaita?

O jabuti respondeu: “Eu toco assim a minha gaita: o osso do veado é a minha gaita, ih! ih!”

A onça tornou: “A modo que não foi assim que eu te ouvi tocar!”

O jabuti respondeu: “Arreda-te mais para lá um pouco, de longe te há de parecer mais bonito.”

O jabuti procurou um buraco, pôs-se na soleira da porta, e tocou na gaita: “o osso da onça é a minha gaita, ih! ih!”

Quando a onça ouviu, correu para o pegar. O jabuti meteu-se pelo buraco a dentro.

A onça meteu a mãos pelo buraco, e apenas lhe agarrou a perna.

O jabuti deu uma risada, e disse: “Pensavas que agarravas a minha perna e agarraste a riz de pau!”

A onça disse-lhe: “Deixa-te estar!”

Largou então a perna do jabuti.

O jabuti riu-se uma segunda vez, e disse:

— De fato era a minha própria perna.

A grande tola da onça esperou ali, tanto esperou, até que morreu.⁶⁸

⁶⁸Nas condições dos quatro antecedentes. [N. do A.]

70

O SAPO E O VEADO

(Sergipe)

ERA UM DIA UM VEADO E UM SAPO que queriam ambos casar com uma moça. Para decidirem a questão pegaram uma aposta. Havia duas estradas; então o veado disse que aquele que chegasse primeiro ao fim delas, este se casaria com a moça, e que quando ele cantasse o sapo respondesse. Ficou tudo combinado e cada qual seguiu por sua estrada. O veado estava muito alegre julgando ser ele quem ganhava a aposta, mas o sapo de sabido reuniu todos os sapos, um atrás do outros, em toda a extensão do caminho e ordenou que aquele que ouvisse o veado cantar e estivesse mais perto dele respondesse; e foi se colocar lá no fim da estrada. Os sapos todos ficaram alerta e quando o veado cantava: Laculê, laculê, laculê, o sapo que estava mais perto respondia: Gulugubango, bango lê. O veado corria, corria, e tornava a cantar:

“Laculê, laculê, laculê.”

O sapo que estava mais perto respondia:

“Gulugubango, bango lê.”

O veado ficava desesperado e largava-se na carreira, dizendo: “Agora ele não ouve.” Tornava a cantar a mesma coisa e o sapo respondia. Quando o veado chegou no fim da estrada já encontrou o sapo e foi este que se casou com a moça. O veado

ficou desesperado e disse: “Aquele sapo me paga.”

E quando foi na noite do casamento encheu um poço que tinha no quintal do sapo de água fervendo. Quando foi de madrugada que o sapo viu que moça estava dormindo, saiu da cama devagarinho e correu para dentro do poço. Quando foi caindo dentro não disse mais nem ai Jesus!... e morreu logo. O veado ficou muito alegre e casou-se com a mesma moça.

71

O JABUTI E O VEADO

(Versão da lenda antecedente colhida entre
os índios por Couto de Magalhães)

O JABUTI SAIU A PROCURAR seus parentes e encontrou-se com o veado. O veado perguntou-lhe: “Para onde vai você?” O jabuti respondeu: “Vou chamar meus parentes para virem me ajudar na caçada grande da anta.” O veado falou assim: “Então você matou a anta? Vá chamar todos, que eu fico aqui; querovê-los.” O jabuti disse então: “Eu já me vou; aqui mesmo quero esperar que a anta apodreça, tirar-lhe o couro para fazer uma gaita.” O veado falou desse modo: “Você matou a anta, agora quero eu apostar uma carreira com você.” O jabuti respondeu: “Espere por mim aqui; vou ver por onde hei de correr.” O veado disse: “Quando você correr pelo outro lado, deve responder quando eu gritar.” O jabuti disse: “Já vou indo.”

O veado falou-lhe: “Agora nada de demoras... Eu quero ver a tua valentia.”

O jabuti falou assim: “Espera um poucochinho; deixa-me chegar à outra banda.”

Logo que chegou ali, chamou todos os seus parentes. Postou-os a todos pela margem do pequeno rio para responderem ao veado tolo. Depois falou assim:

— Ó veado, você já está pronto?

O veado respondeu: — Eu já estou pronto.

O jabuti perguntou: — Quem é que vai na dianteira?

O veado riu-se e disse: — Tu vais mais adiante, jabuti.

O jabuti não correu; enganou o veado e foi colocar-se mais adiante.

O veado estava seguro confiando nas suas pernas.

O parente do jabuti gritou pelo veado. O veado respondeu para quem lhe ficava atrás. Assim o veado falou: — Eis-me que vou aqui, tartaruga do mato!

O veado correu, correu, correu, depois gritou: — Jabuti!

Outro parente do jabuti respondeu sempre de diante. O veado disse: “Eu ainda vou beber água.”

Então o veado ficou calado.

O jabuti gritou, gritou, gritou... Ninguém lhe respondeu.

Disse então: — Aquele macho por ventura morreu. Deixa-me irvê-lo.

O jabuti disse aos seus companheiros:

— Eu vou sorrateiro para espreitá-lo.

O jabuti, quando saiu na margem do rio, disse assim: — Nem sequer cheguei a suar.

Então chamou pelo veado: — Veado!

O veado não deu resposta.

Quando os companheiros do jabuti olharam para o veado disseram: — Verdadeiramente, já está morto.

O jabuti disse: — Vamos tirar o osso.

Os outros perguntaram-lhe: — Para que é que tu o queres?

O jabuti respondeu: — Para eu assoprar por ele e tocar em qualquer tempo.

72

A ONÇA E O COELHO

(Sergipe)

UMA ONÇA TINHA UMA ROÇA, mas como esta estivesse toda coberta de cansanção⁶⁹ e ela não a pudesse roçar, reuniu diversos animais e disse: “Aquele que me limpar esta roça sem se coçar, ganhará de recompensa um boi.” O macaco foi o primeiro que se ofereceu para fazer o trabalho.

Principiou a roçar, mas a onça teve de despedi-lo logo, porque ele coçou-se. Veio o veado que também não fez nada. Seguiu-se o bode que por sua vez também não pôde continuar. Afinal apareceu um coelhinho dizendo que queria limpar a roça, ao que a onça disse consigo: “Se os outros animais não roçaram, quanto mais este coelho.” Em todo o caso o aceitou e ele principiou o seu trabalho. Limpou um bom pedaço, e como a onça já estivesse cansada de estar ali prestando atenção, saiu, deixando um filho tomando conta do serviço e preveniu a este que reparasse se o coelho se coçava. Este aproveitando a ausência da onça, virou-se para o menino e disse-lhe, para se poder coçar: “Ó menino, o boi que sua mãe vai me dar é pintado assim, assim, neste lugar, assim...”, e assim se coçava a valer. O menino, muito tolo, respondia: “É.” O coelho continuava o seu trabalho, e quando o cansanção passava-lhe pelas pernas, orelhas, ou qualquer parte do corpo, ele aproveitava-se e perguntava ao menino se o boi tinha uma malha naquele lugar, assim, assim, e nisto coçava-se todo. Deste modo acabou-se

⁶⁹Urtiga [N. do E.]

de limpar toda a roça e ganhou o boi. Então disse-lhe a onça: “Compadre coelho, você há de matar este boi aonde não houver moscas nem mosquitos, e onde não cantar galo nem galinha.” O coelho ouviu o que a onça lhe disse e saiu com o boi. Caminhou um bom pedaço e reparava. Ouvia o galo cantar, então dizia: “Ainda não é aqui.” Caminhou durante muito tempo, e quando não viu mais moscas nem mosquitos e nem ouviu o galo cantar, matou aí o boi e principiou a esfolá-lo, quando apareceu a onça dizendo: “Compadre coelho, por favor me dê um pedaço deste boi, que eu estou grávida e receio abortar.” O coelho partiu um bom pedaço que ela devorou de uma só vez. Ainda não satisfeita tornou a pedir mais um pedaço, e isto já ameaçando o coelho de matá-lo. Este, como se tivesse muito medo dela, foi-lhe dando a carne todas as vezes que ela pedia, acabando a onça por comer-lhe todo o boi. Depois voltou o coelho para casa somente com o facão nas costas, muito triste, mas prometendo vingar-se da onça. Prestou atenção ao lugar por onde ela mais passava e para lá foi cortar uns cipós. Nisto apareceu a onça e perguntou-lhe o que ele estava ali fazendo. Ele respondeu-lhe que Deus ia castigar o mundo mandando uma grande ventania, e que ele estava tirando aqueles cipós para se amarrar. A onça insistiu muito para que ele amarrasse ela primeiro, ao que ele fingiu não querer, dizendo que ainda tinha que ir para casa amarrar toda sua família. Insistindo a onça, disse-lhe o coelho que, como ela era sua comadre, ele lhe fazia aquele favor; e principiou a amarrá-la. Quando ela já não podia mais se bulir, disse que afrouxasse mais os cipós, mas ele continuou a apertá-la, dizendo que só assim ela resistiria ao vento e depois saiu correndo. Passou por ali o macaco, e a onça pediu para ele desamarrá-la. Respondeu-lhe o macaco: “Deus ajude a quem aí te botou”, e foi passando. Veio o veado e a onça pediu-lhe a mesma coisa, e ele deu a mesma resposta do macaco. Com o bode aconteceu o mesmo. O coelho

lembrou-se da onça e foi ver se ela ainda estava viva. Esta, assim que o viu, pediu para ele desamarrá-la. O coelho fingiu não ser ele o autor da obra, e, fingindo estar muito penalizado, principiou a desatar os cipós, para ver se ela assim não o comia. A onça assim que se viu desamarrada avançou para o coelho e o quis pegar, mas ele correu e meteu-se num buraco, conseguindo a onça ainda pegar-lhe numa perna. Quando ele se viu com a perna presa, disse: “Comadre onça ainda é muito tola, pensa que uma raiz de pau é minha perna.” Ouvindo isto a onça soltou-o, e então pegou na raiz do pau. O coelho escondeu-se lá no fundo do buraco. Estava uma garça poussada numa árvore, e a onça lhe disse: “Comadre garça, fique botando sentido aqui que eu vou buscar uma enxada para cavar este buraco, e não deixe o coelho sair.” A garça ficou lá no pau, e o coelho lhe disse: “Oh! É assim? Quem bota sentido a coelho vem para a porta do buraco, arregalando bem os olhos.” A garça desceu e veio para a porta do buraco, arregalando bem os olhos. O coelho atirou-lhe de dentro uma porção de areia e saiu sem que ela visse. Quando a onça chegou, principiou a cavar, mas nada de encontrar o coelho. Ela então perguntou à garça: “Comadre garça, aonde está compadre coelho?” Esta respondeu dizendo: “Eu não sei, ele me atirou uma porção de areia nos olhos e eu não vi mais nada.” A onça ficou muito desapontada e foi embora.

Parte III

CONTOS DE ORIGEM AFRICANA E MESTIÇA

73

O MACACO E O MOLEQUE DE CERA

(Sergipe)

MORAVA EM CERTO LUGAR uma velha que tinha uma porção bonita de bananeiras. Quando elas estavam carregadas de cachos maduros a velha não podia subir para tirá-los. Então apareceu um macaco e se ofereceu para ir tirar as bananas. Trepou-se nas bananeiras e entrou a comer as bananas maduras e a atirar as verdes para a velha. Esta ficou desesperada, e procurava um meio de se vingar do macaco, mas sempre ficava lograda. Afinal lembrou-se de fazer um moleque grande de cera, fingindo um negrote. Depois de preparado o moleque, ela encheu um tabuleiro de bananas bem amarelinhas e botou na cabeça do moleque, fingindo que estava vendendo. Vem o macaco e pede uma banana ao moleque, e o moleque calado.

O macaco: “Moleque, me dá uma banana senão te arrumo um tapa!” E o moleque calado. O macaco desandou-lhe a mão e ficou com a mão grudada na cera.

O macaco: “Moleque, solta a minha mão senão te dou outro tapa!” E o moleque calado... O macaco trepou-lhe a outra e ficou com ela grudada na cera.

O macaco: “Moleque! Moleque! Solta as minhas duas mãos e me dá uma banana, senão te arrumo um pontapé!...” E o moleque calado... O macaco desandou-lhe um pé e ficou com ele grudado na cera.

O macaco: “Moleque dos diabos, solta minhas duas mãos e meu pé, e me dá uma banana, senão te arrumo o outro pé!...” E o moleque calado... O macaco arrumou-lhe o outro pé e ficou com ele preso.

O macaco: “Moleque das *confundas*, larga as minhas duas mãos e meus dois pés, e dá-me uma banana senão dou-te uma embigada!” E o moleque calado... O macaco deu-lhe uma embigada e ficou com a barriga presa.

Aí chegou a velha e o agarrou e matou e esfolou e picou e cozinhou e comeu. Depois, quando teve de ir ao mato, deitou para fora aquela porção de macaquinhas, que saíam saltando e gritando: “*Ecô, eu vi o tubi da velha!*”

74

O MACACO E O RABO

(Sergipe)

UM MACACO UMA VEZ PENSOU em fazer fortuna. Para isto foi-se colocar por onde tinha de passar um carreiro com seu carro. O macaco estendeu o rabo pela estrada por onde deviam passar as rodeiras do carro. O carreiro, vendo isto, disse: “Macaco, tira teu rabo do caminho, que eu quero passar.” — “Não tiro”, respondeu o macaco. O carreiro tangeu os bois, e o carro passou por cima do rabo do macaco, e cortou-o fora. O macaco, então, fez um barulho muito grande: “Eu quero meu rabo, ou então me dê uma navalha...” O carreiro lhe deu a navalha, e o macaco saiu muito alegre a gritar: “Perdi meu rabo! Ganhei uma navalha!... Tinglin, tinglin, que vou pra Angola!...” Seguiu. Chegando adiante encontrou um negro velho fazendo cestas e cortando os cipós com o dente.

O macaco:

“Oh, amigo velho, coitado de você!... Ora, está cortando os cipós com o dente! Tome esta navalha.” O negro aceitou, e, quando foi partir um cipó, quebrou-se a navalha. O macaco abriu a boca ao mundo e pôs-se a gritar: “Eu quero rainha navalha! Ou então me dê um cesto!” O negro velho lhe deu um cesto e ele saiu muito contente gritando: “Perdi meu rabo ganhei uma navalha, perdi minha navalha ganhei um cesto... Tinglin, tinglin, que vou pra Angola!” Seguiu. Chegando adiante encontrou uma mulher fazendo pão e botando na saia.

“Ora, minha sinhá, fazendo pão e botando na saia! Aqui está um cesto.” A mulher aceitou, e, quando foi botando os pães dentro, caiu o fundo do cesto. O macaco abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar: “Eu quero o meu cesto, quero o meu cesto, senão me dê um pão!” A mulher deu-lhe o pão, e ele saiu muito contente a dizer: “Perdi meu rabo ganhei uma navalha, perdi minha navalha ganhei um cesto, perdi meu cesto ganhei um pão!... O meu pão eu vou comer! Tinglin, tinglin, que vou pra Angola!...” E foi comendo o pão.

75

O MACACO E O RABO

(Versão de Pernambuco)

UMA OCASIÃO ACHAVAM-SE na beira de uma estrada um macaco e uma cotia e vinha passando na mesma estrada um carro de bois cantando. O macaco disse para a cotia: “Tira o teu rabo da estrada, senão o carro passa e corta.” Embebido nesta conversa, não reparou o macaco que ele é que corria o maior risco, e veio o carro e passou em riba do rabo dele e cortou. Estava um gato escondido dentro de uma moita, saltou no pedaço do rabo do macaco e correu. Correu também o macaco atrás, pedindo o seu pedaço de rabo. O gato disse: “Só te dou, se me deres leite.” — “Onde tiro leite?”, disse o macaco. Respondeu o gato: “Pede à vaca.” O macaco foi à vaca e disse: “Vaca, dá-me leite para dar ao gato, para o gato dar-me o meu rabo.” — “Não dou; só se me deres capim”, disse a vaca. “Donde tiro capim?” — “Pede à velha.” — “Velha, dá-me capim para eu dar à vaca, para a vaca dar-me leite, o leite para o gato para me dar o meu rabo.” — “Não dou; só se me deres uns sapatos.” — “Donde tiro sapatos?” — “Pede ao sapateiro.” — “Sapateiro, dá-me sapatos para eu dar à velha, para a velha me dar capim para eu dar à vaca, para a vaca me dar leite para eu dar ao gato, para o gato me dar meu rabo.” — “Não dou; só se me deres cerda.”⁷⁰ — “Donde tiro cerda?” — “Pede ao porco.” — “Porco, dá-me cerda para eu dar ao sapateiro, para me dar sapatos para dar à velha, para me dar capim para dar à vaca, para me dar leite para

⁷⁰O pelo duro de alguns animais, como o cavalo e o porco. [N. do E.]

dar ao gato, para me dar o meu rabo.” — “Não dou, só se me deres chuva.” — “Donde tiro chuva?” — “Pede às nuvens.” — “Nuvens, dai-me chuva para o porco, para dar-me cerda para o sapateiro, para dar-me sapatos para dar à velha, para me dar capim para dar à vaca, para dar-me leite para dar ao gato, para dar meu rabo...” — “Não dou; só se me deres fogo.” — “Donde tiro fogo?” — “Pede às pedras.” — “Pedras, dai-me fogo para as nuvens, para chuva para o porco, para cerda para o sapateiro, para sapatos para a velha, para capim para a vaca, para leite para o gato, para me dar meu rabo.” — “Não dou; só se me deres rios.” — “Donde tiro rios?” — “Pede às fontes.” — “Fontes, dai-me rios, para os rios ser para as pedras, as pedras me dar fogo, o fogo ser para as nuvens, as nuvens me dar chuvas, as chuvas ser para o porco, o porco me dar cerda, a cerda ser para o sapateiro, o sapateiro fazer os sapatos, os sapatos ser para a velha, a velha me dar capim, o capim ser para a vaca, a vaca me dar o leite, o leite ser para o gato, o gato me dar meu rabo.” Alcançou o macaco todos os pedidos; o gato bebeu o leite, entregou o rabo; o macaco não quis mais, porque o rabo estava podre.

76

A ONÇA E O BOI

(Pernambuco)

HAVIA UMA ONÇA QUE MORAVA em uma serra, e só descia lá de cima para fazer carneação.⁷¹ Um dia, quando descia, encontrou um boi, e ficou logo com vontade de o atacar traiçoeiramente. Então disse a onça ao boi: “Compadre, você, como bom mateiro, não me dará notícia de um companheiro seu, que vivia aqui neste carrasco,⁷² e que era meu amigo, e que há muitos dias não o vejo?” — “Ontem estive com ele no bebedouro, e creio que ele está lá me esperando; se você quer, amiga onça, vamos juntos até lá.” Assim falou o boi. A onça respondeu: “Nesta não caio eu, que estou com fome, e por lá não há carneiro que se possa pegar, além de que lá fico perto do meu inimigo.” — “Quem é seu inimigo?”, perguntou o boi. “É um lavrador, que tem cara de matar trinta onças, que fará a mim sozinha, e lá não tem arvoredo de que possa me valer”.

O boi: “Mas você, comadre onça, se teme é porque alguma coisa fez; quem não deve não teme”.

A onça: “Compadre, não se lembra quando eu peguei aquele bezerro naquela maiada? Correram atrás de mim três amigos cachorros, que um deles era danado; só de gritos; me trazia

⁷¹O abate e o esquartejamento do gado. [N. do E]

⁷²Vegetação catingueira densa, composta de arbustos cujos galhos são duros e secos. [N. do E.]

atordoada. Só descansei quando pude me trepar numa árvore, a ver se punha as unhas nos moleques. Mas qual! Fugiam para traz com o diabo!"

O boi: "Então, comadre onça, você só é gente tendo arvoredo? Vamos cá para o limpo".

A onça: "Mas o compadre está me puxando para o limpo; parece que está desconfiado!" Assim uma procura o mato e outro o largo, até que se ausentaram desconfiando um do outro.

77

A ONÇA E O GATO

(Pernambuco)

A ONÇA PEDIU AO GATO para lhe ensinar a pular, e o gato prontamente lhe ensinou. Depois, indo juntos para a fonte beber água, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais. Chegando à fonte encontraram lá o calango, e então disse a onça para o gato: “Compadre, vamos ver quem de um só pulo pula o camarada calango.” — “Vamos”, disse o gato. “Só você pulando adiante”, disse a onça. O gato pulou em cima do calango, a onça pulou em cima do gato. Então o gato pulou de banda e se escapou. A onça ficou desapontada e disse: “Assim, compadre gato, é que você me ensinou?! Principiou e não acabou...” O gato respondeu: “Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes”.

78

O MACACO E A CABACÁ

(Sergipe)

O MACACO SE INTRIGOU com a onça e andava com medo dela. Ora havia uma festa em certa parte, e o macaco para lá ir tinha que passar em casa da onça. Então ideou um meio de ir à festa sem ser visto pela onça. Então meteu-se dentro de uma cabaça grande e dava certo impulso e assim andava.

Passando em casa do cágado, este acreditou ser um bicho novo. Conversaram, e despediu-se o macaco. Na saída disse:

“Anda, cabaça,
Que nunca andaste.
Sexta, sábado,
Domingo, segunda...
Mas, como quiseram,
Em bicho viraste.”

Assim foi andando e passou por casa da onça, e viu a festa e nada sofreu.

79

O MACACO E O COELHO

(Pernambuco)

O MACACO E O COELHO FIZERAM um contrato para o macaco matar as borboletas e o coelho as cobras. Estando o coelho dormindo, veio o macaco e puxou-lhe pelas orelhas, julgando que eram borboletas.

Zangado por esta brincadeira, o coelho jurou vingar-se. Estando o macaco descuidado, assentado numa pedra, veio o coelho devagarzinho, arrumou-lhe uma paulada no rabo, e o macaco sarapantado gritou e subiu por uma árvore acima a guinchar. Então o coelho ficou com medo e disse:

“Por via das dúvidas,
Quero me acautelar:
Por baixo das folhas
Tenho de morar.”

80

O DOUTOR BOTELHO

(Sergipe)

HAVIA UM HOMEM QUE ERA marceneiro e muito pobre. Morava em uma casa de cavacos. Uma vez apareceu em casa dele um macaco e pediu-lhe um rancho. O homem disse que a casinha era muito pequena, mas que ele podia ali ficar. O macaco ficou morando com o marceneiro. Um dia o macaco entrou com os bolsos cheios de moedas de ouro e prata. O dono da casa perguntou onde ele tinha achado tanto dinheiro. O macaco disse: “Foi o rei; eu hoje levei-lhe em seu nome um presente e ele de pagamento me deu este dinheiro”.

O marceneiro perguntou: “E que presente foi, macaco?” Ele respondeu: “Eu fui no mato, assoviei e no mesmo instante apareceram mais de cem veadinhos que eu reuni todos e levei ao rei. Qualquer destes dias eu torno a levar outro presente para ele me dar mais dinheiro.” Passados dias, o macaco tornou a ir para o mato, e principiou a assoviar. De repente apareceu uma porção de garças todas muito alvinhas.

O macaco colou-as de duas em duas e disse: “Vamos para casa do rei.” Quando chegou na porta do palácio, as garças pararam e o rei achou aquilo muito bonito, e perguntou ao macaco quem é que as tinha mandado. O macaco disse: “Foi o Doutor Botelho, amigo do macaco da bota do jabotelho.” O rei agradeceu o presente e disse ao macaco que fosse na casa da moeda e dissesse que lhe dessem algum dinheiro. O macaco chegou na casa da moeda e disse que por mando do rei lhe en-

chessem os alforjes de moedas de ouro. Quando se apanhou com os alforjes cheios correu para casa. O marceneiro ficou muito contente de ver tanto dinheiro, e o macaco disse: “Eu logo vou levar outro presente ao rei.” Daí a dias o macaco foi outra vez para o mato e assoviou, e apareceu logo uma imensidão de coelhos, todos muito bonitos e o macaco levou-os de presente ao rei.

Este ficou muito admirado e disse que queria conhecer este Doutor Botelho, que era tão rico. O macaco aí ficou muito atrapalhado e respondeu que o Doutor Botelho era um homem muito acanhado, e que não aparecia a ninguém, e disse ao rei que para avaliar a riqueza do Doutor Botelho, montasse a cavalo e saísse com ele só para ver todas as fazendas que pertenciam ao mesmo Doutor. O rei montou-se e saiu com o macaco. Quando passavam por uma fazenda, o macaco dizia: “Isto aqui é do Doutor Botelho.” Passavam por outra e o macaco tornava a dizer: “Isto também é do Doutor Botelho.” Visitaram muitas fazendas. Afinal o rei já estava cansado e voltou para casa.

Aí chegando, o macaco afirmou ao rei que ainda tinha um recado para dar a ele, mas que estava acanhado. O rei respondeu que podia falar; então o macaco disse que o Doutor Botelho tinha mandado pedir a filha dele em casamento, e se o rei consentisse, só no dia era que o Doutor aparecia, e acrescentou que estava aquilo uma esquisitice, mas por ser o Doutor muito rico é que fazia assim. O rei não teve dúvida, deu logo o sim, e mandou ao macaco que fosse na casa da moeda e dissesse que ele mandava dar algum dinheiro. O macaco neste dia ainda encheu mais os alforjes e foi para casa.

O marceneiro ficou muito espantado de ver tanto dinheiro e o macaco lhe afirmou: “A graça não é esta, você prepare-se que vai casar com a filha do rei.” O marceneiro ficou quase morto quando o macaco lhe disse isto, e replicou que, como era que um marceneiro, que morava numa casa de cavacos, ia casar

com a filha do rei. O macaco respondeu que ele não se vexasse e deixasse correr por conta dele tudo. No dia do casamento o macaco vestiu o marceneiro muito bem vestido, preparou um cavalo muito bonito e montou o Doutor Botelho.

Este ia só dizendo: “Me segure, macaco, senão eu caio, oh, que agonia eu estou sentindo.” E quase teve uma síncope. Então o macaco dizia: “Doutor Botelho, deixe-se disto, tenha coragem e deixe o resto por minha conta.” Afinal o macaco sempre conseguiu levar o doutor Botelho até a casa do rei, onde se efetuou o casamento. Depois do ato vieram todos os convidados e o rei trazer os noivos até à casa deles. De cada pé de mato saía uma girândola de foguetes e o caminho estava todo iluminado. Quando chegaram perto da casa de cavacos, todos avistaram um palácio lindo e também todo iluminado. Na porta do palácio tocaram muitos foguetes e músicas e depois os noivos entraram. Estava uma mesa preparada com todas as diversidades de comidas e doces e no meio da mesa estava um cacho de bananas muito bonito.

O macaco deu um pulo em cima da mesa, agarrou as bananas; pois, apesar de muito esperto, não se podia conter diante de semelhantes frutas e sempre mostrava o que era.

81

MELANCIA E COCO MOLE

(Sergipe)

HAVIA UM HOMEM QUE GOSTAVA muito de uma moça e queria casar com ela. Um dia, ele foi chamado pras guerras e disse à moça que não casasse com outro, que quando ele voltasse casaria com ela. Para ninguém desconfiar, o rapaz tratava a moça por Melancia e a moça o tratava por Coco Mole. Um dia se despediram, muito chorosos, e ele partiu para as guerras. Todo dia aparecia casamento para esta moça, porém ela não queria, com sentido no seu querido. Passados alguns anos, e aparecendo um dia um casamento, o pai da moça decidiu que ela havia de aceitar. Ela fez o gosto ao pai e quando foi no dia do casamento o seu namorado chegou das guerras. Indagou logo pela moça e soube que ela se casava naquele mesmo dia.

O rapaz ficou muito triste e não quis comer. Um caboclo, que era pajem dele, perguntou-lhe por que estava tão triste. Sabendo da história, disse-lhe: “Não tem nada, meu amo. Deixa estar que eu arranjo tudo.” Havia uma árvore no fundo do quintal da casa da moça, onde ela costumava ir conversar com o antigo namorado. O caboclo ensinou ao amo que fosse para debaixo da árvore, que lhe garantia que a moça iria lá ter. Ele fez o que o caboclo recomendou e este se dirigiu para casa da noiva. Chegando lá, encontrou já todos os convidados, o noivo e a noiva já preparados, só faltando o padre para os casar. O caboclo pediu licença para fazer uma saúde à noiva, chegou para junto dela e disse:

“Eu venho lá de tão longe,
Corrido de tanta guerra,
Melancia, Coco Mole
É chegado nesta terra”.

Todos bateram palma e disseram: “Bravo! Caboclo, faça outra saúde.” O caboclo retrucou:

“Não há bebida tão boa
como seja o aluá,
Melancia, Coco Mole
vos espera no lugar”.

Todos bradaram: “Muito bem, caboclo! Faça outra saúde.” O caboclo, entusiasmado, continuou:

“Moça, que estais tão bonita,
não vos lembrais do passado;
Melancia, Coco Mole
vos manda muito recado.”

Aí a moça levantou-se e disse que ia beber água. Saiu caladinho pela porta do quintal e foi direitinha à árvore onde ela costumava ir conversar com o seu antigo namorado, que era o do peito. Chegando aí, encontrou-o e ao mesmo tempo a um padre que já ali se achava apalavrado para os casar.

82

O CABOCLO NAMORADO

(Sergipe)

HAVIA UMA MOÇA CASADA muito bonita. Por sua porta passava sempre um caboclo e numa ocasião virou-se para ela e disse-lhe: “Adeus, meu cravo.” A moça fez que não ouviu e calou-se. No outro dia o caboclo passou e tomou a dizer a mesma coisa. A moça, não podendo mais chegar à janela, porque todas as vezes que o caboclo passava, dizia-lhe: “Adeus, meu cravo”, queixou-se ao marido. Este disse-lhe: “Não te importes, e quando ele te disser ‘adeus, meu cravo’, tu responde-lhe ‘adeus, minha rosa’, e deixa o resto por minha conta.” No dia seguinte o caboclo passou e repetiu: “Adeus, meu cravo.”

Ela virou-se para ele e respondeu: “Adeus, minha rosa.” O caboclo saiu rindo-se de contente e no outro dia já não disse “Adeus, meu cravo”, e sim perguntou à moça se ela dava licença a ele ir à casa dela à noite. A senhora ficou incomodíssima e não deu-lhe resposta. Chegando o marido, ela participou-lhe o ocorrido, ao que ele respondeu: “Amanhã dize-lhe que eu fiz uma viagem e que tu dás licença para ele vir conversar contigo à noite.” Quando o caboclo passou dirigiu à moça a mesma pergunta, esta respondeu-lhe tudo quanto o marido tinha lhe dito. À noite chegou o caboclo, indo muito cheiroso e bem vestido. Já o marido da moça tinha munido dois criados, cada qual com um chicote de couro cru, e mandado deitar debaixo da cama grande porção de cansanção.

O caboclo logo que foi chegando disse à moça que queria ir

para o quarto e que ela apagasse a luz que o estava incomodando. Depois tirou toda a roupa com que estava vestido e deitou-se dizendo que estava com muito sono. Nisto o marido da moça fingiu ter chegado da viagem e esta disse ao caboclo que se escondesse debaixo da cama. O moço entrou e deitou-se, alegando que vinha muito cansado. De espaço a espaço ele ouvia como que uma espécie de grunhido sair debaixo da cama. Passado um bom pedaço e o rapaz ouvindo sempre a mesma coisa, perguntou: "Quem está aí?" Responde-lhe o caboclo: "Sou eu, cachorro." Diz o moço: "Oh, e cachorro fala?" Replica-lhe o caboclo: "Falo eu." Aí o moço levantou-se e com uma luz na mão olhou para debaixo da cama e viu o caboclo no meio dos cansanções, inchado como uma pipa e todo se coçando. O moço chamou os criados que já estavam preparados e ordenou: "Empurrem-lhe o chicote".

O caboclo depois de ter levado uma tunda, saiu que mal acertava o caminho de casa. Levou muito tempo se tratando da grande surra que levou.

Depois de muito tempo e quando já estava bom, passou de novo o caboclo pela porta da moça, mas muito desconfiado e de cabeça baixa. Esta para bulir com ele disse-lhe: "Adeus, meu cravo." Ele virou-se para ela e respondeu muito zangado: "Adeus, seu diabo!"

83

O MACACO E O ALUÁ

(Sergipe)

UM MACACO, QUERENDO UMA VEZ fazer um aluá,⁷³ mas não tendo dinheiro, foi à casa do amigo galo e pediu-lhe para este vender-lhe meia mão de milho, que ele o pagaria em tal dia e a tal hora. Obtendo a compra do milho, despediu-se e foi à casa da amiga raposa e pediu-lhe para esta vender-lhe a mesma quantidade de milho, marcando para pagamento do mesmo, o dia em que tinha também de pagar ao galo, sendo porém meia hora depois da marcada para este.

Da casa da raposa dirigiu-se o macaco para a morada do amigo cachorro, onde fez a mesma compra de milho, marcando para pagamento o mesmo dia designado para o galo e a raposa, porém meia hora depois.

Ainda não se achando satisfeito, foi à casa da onça, a qual por sua vez também vendeu-lhe o milho fiado, tendo o macaco dito antes de sair que ela fosse buscar o dinheiro no mesmo dia em que marcou para o galo, a raposa e o cachorro, porém meia hora depois.

Daí saiu o macaco muito satisfeito e foi para casa onde fez uma grande quantidade de aluá, guardando-o em um pote. Fez também de uns jiraus uma cama muito alta de deitou-se nela, amarrando a cabeça com um pano, fingindo estar doente.

⁷³Refresco de origem africana, cujos ingredientes são farinha de arroz ou de milho com cascas de frutas, ou com gengibre. Bebe-se com caldo de cana ou suco de limão. [N. do E.]

No dia do pagamento bateu-lhe o galo na porta e, quando entrou, encontrou o macaco gemendo muito e dizendo que estava muito doente. Logo que o amigo galo descansou, mandou o macaco um menino servi-lo de aluá, do qual muito gostou o amigo galo.

Nisto bateu na porta a amiga raposa. O galo ficou muito assustado e com medo, então disse-lhe o macaco: “Não tem nada, compadre, esconda-se aí debaixo da cama.” O galo escondeu-se, e entrou a raposa, dizendo-lhe o macaco que estava muito doente e gemendo muito. Descansando a raposa, ofereceu-lhe o macaco o aluá de que ela se serviu, perguntando-lhe depois que tal o achava. Ela respondeu que estava muito bom, ao que disse o macaco: “Assim o achou o compadre galo.” Aí diz a raposa: “Oh! E este homem andou por aqui?” Respondeu-lhe o macaco: “Não, há muito que ele já foi”, e apontava para debaixo da cama mostrando o galo. Trava-se uma grande luta da raposa com o galo, sendo este comida por ela. Quando o macaco viu o barulho dos dois, gritava: “Ai, minha gente, não me acabem de matar.”

Nisto bateu na porta o amigo cachorro. Repetiu-se a mesma coisa, acabando ele por comer a raposa. Nesta ocasião entrou a amiga onça, que também serviu-se do aluá, e que depois, sabendo que o cachorro estava debaixo da cama, avançou para ele e o devorou. Acabada esta cena, foi a onça ajustar contas com o macaco, o qual negou-se a pagar-lhe, alegando que ela já lhe tinha comida o aluá, e que além disto estava mais com três animais na barriga.

A onça ficou muito furiosa e quis avançar para o macaco, mas este deu um pulo e trepou-se numa árvore. Ela, vendo que não o pegava, foi embora jurando vingar-se, e para isso previniu todas as onças e reuniu-as perto de uma fonte, dizendo que não deixassem o macaco ir ali beber água. Este já estava morto de sede e, não podendo ir à fonte beber água, atirou-se

sobre uma cabaça que um carreiro trazia em um carro, mas que em vez d'água vinha cheia de mel.

O macaco não desanimou; lambuzou-se todo de mel, foi adiante onde tinha muitas folhas secas e esfregou-se nestas. Ficando completamente transformado, dirigiu-se para a fonte, passando por todas as onças que o saudaram deste modo: “A-deus, amiga folhagem!”, ao que ele não respondeu. Chegando à fonte bebeu água a fartar-se e depois sacudiu todas as folhas que tinha no corpo e passou na carreira pelas onças gritando: “Piticau, piticau!...”

A onça, ainda mais furiosa com esta astúcia do macaco, abriu um grande buraco no lugar por onde ele sempre costumava passar, entrou para o tal buraco e mandou as outras cobri-la de terra, deixando apenas os olhos e os grandes dentes de fora. O macaco, que desconfiou da história, muniu-se de uma grande pedra e atirou com ela em cima dos dentes da onça, dizendo: “Nunca vi chão ter dentes”.

A onça morreu e o macaco continuou a fazer suas artes e estripulias.

84

O VELHO E O TESOURO DO REI

(Rio de Janeiro)

HAVIA EM UM LUGAR UM HOMEM VELHO, muito pobre, tão pobre que não tinha o que comer.

Um dia, roubaram o tesouro do rei e este disse que quem adivinhasse a pessoa que o tinha roubado ganharia uma grande soma de dinheiro. Levantaram um falso ao velho muito pobre e foram dizer ao rei que ele tinha dito que sabia quem havia roubado o tesouro. O rei mandou-o chamar e deu-lhe três dias para adivinhar, sob pena de morte.

Ficou o pobre homem em palácio, com ordem de comer do bom e do melhor. Logo no primeiro dia, apareceu um criado que o serviu de muitos bons manjares e o homem comeu até não poder mais. Quando acabou, virou-se para o criado e disse: “Graças a Deus, que já vi um.” Isto foi referindo-se ao bom passadio, pois na sua vida era aquele o primeiro dia que tinha comido melhor.

O criado, que era um dos cúmplices do roubo, ficou muito espantado e foi dizer aos outros dois companheiros o que tinha ouvido do velho. Então, assentaram que no outro dia iria outro criado servir ao velho para ver o que ele dizia. Com efeito, depois de ter comido e bebido bem no segundo dia, diz o velho para o criado: “Graças Deus que já vi dois.” O criado muito desconfiado disse aos outros: “Não há dúvida, o homem sabe

que fomos nós que roubamos o rei.” Então, o terceiro criado para mais acreditar, foi servir o velho no terceiro dia. Este, depois que comeu bem, repetiu: “Graças a Deus que já vi três.” Aí o criado ajoelhou-se aos pés do pobre homem e declarou que com efeito tinham sido eles que tinham roubado o tesouro do rei, mas que ele guardasse segredo, que eles prometiam de entregar toda a quantia.

O velho, que estava condenado à morte, assim que se viu senhor do segredo, jurou não declarar quem tinha feito o roubo e foi logo entregar o tesouro ao rei. Este ficou muito contente e recompensou o velho com uma grande soma de dinheiro.

Os criados, por sua vez, não fizeram mais roubo, com medo de serem descobertos.⁷⁴

⁷⁴O tema original deste conto é de origem portuguesa, mas está profundamente alterado pelo mestiço. [N. do A.]

85

O HOMEM QUE QUIS LAÇAR DEUS

(Rio de Janeiro)

HAVIA UM HOMEM QUE era muito pobre e com muita família.

No lugar em que morava, havia uma estrada muito grande e se dizia que por ali passava Deus e o mundo. Ouvindo dizer isto o homem, e querendo saber a razão por que Deus o tinha feito tão pobre, armou um laço e assentou-se na estrada à espera de Deus.

Levou assim muito tempo, e todos que passavam perguntavam o que estava ali fazendo. Ele respondia que queria pegar Deus. Afinal, estando já desenganado de que nada fazia, já ia para casa, quando apareceu-lhe um velhinho e deu-lhe quatro vinténs, dizendo que só comprasse um objeto que custasse aqueles quatro vinténs. Nem mais barato, nem mais caro.

O homem foi para casa muito contente, imaginando no que havia de comprar com aquele dinheiro. Lembrou-se de um compadre negociante rico que tinha, o qual estava para fazer viagem a buscar sortimentos para sua loja. Dirigiu-se o compadre pobre para a casa do compadre rico e pediu-lhe que comprasse qualquer coisa que custasse aqueles quatro vinténs.

Fez o compadre a sua viagem e chegando na cidade não encontrou nada por aquele preço. Foi ao mercado e ainda nada. Só encontrava objetos por três vinténs, um tostão, meia pataca, dois mil réis, três etc.

Ia já para casa, quando ouviu um menino mercar: “Quem quer comprar um gato? Custa quatro vinténs.” O homem ficou muito contente e comprou o gato. Era um animal raro naquele lugar. Chegando o negociante em casa do amigo onde estava hospedado, e que também era do comércio, este ficou desejoso de possuir aquele animal e pediu ao amigo para deixar o gato passar a noite na loja, onde havia muito rato, que lhe davam um grande prejuízo.

No outro dia quando abriram a casa, tinha uma quantidade tão grande de ratos mortos que causou admiração. Aí o negociante dono da casa ofereceu uma grande soma de dinheiro ao amigo pelo gato.

Este recusou, dizendo ser o gato de um seu compadre muito pobre, que o tinha encarregado de comprar um objeto qualquer com quatro vinténs. Instou muito o negociante e afinal ofereceu tanto dinheiro que o amigo não pôde recusar e vendeu o gato. Voltou o compadre rico de sua viagem, mas chegando em casa teve tanta pena de dar o dinheiro ao compadre, que o enganou com uma peça de chita, muito ordinária, dizendo ter comprado aquilo com os quatro vinténs.

O compadre pobre ficou muito contente e, chegando em casa, a mulher desmanchou logo a fazenda em camisas para os filhos. Mas como Deus não quer nada mal feito, assim que o compadre saiu com a peça de chita, o rico caiu com uns ataques muito fortes e já para morrer. A mulher o aconselhou a que se confessasse, que ele estava muito mal, e chegando o padre e sabendo do segredo, mandou-o restituir todo o dinheiro do compadre pobre. Este veio a chamado do rico, que logo melhorou, só com a presença dele.

Mas o ricaço, não tendo coragem de entregar o dinheiro, ainda enganou o outro com outra peça de fazenda ordinária.

O pobre não cabia de si de contente, e mal tinha saído, já o rico estava outra vez morre não morre. É chamado de novo

a toda pressa o compadre pobre, sendo ainda uma vez enganado com outra peça de fazenda, mas desta vez o rico já estava quase expirando, e não teve outro remédio senão declarar ao companheiro que aquelas barricas que ali estavam eram dele com todo o dinheiro que continham.

Ouvindo isto, o pobre quase que não se segurava em pé, tal foi o choque que sentiu, e como louco correu a dar novas à família, que não sabia como explicar tamanha felicidade. Houve oito dias de festas e o pobre ficou logo cercado de muitos amigos, entre eles o rico que ficou bom da moléstia esquisita, assim que entregou o dinheiro.⁷⁵

⁷⁵Nas condições do precedente. [N. do A.]

86

O HOMEM TOLO

(Rio de Janeiro)

HAVIA UMA MULHER QUE ERA casada com um homem muito tolo. Ela era quem trabalhava para sustentar os filhos. Para ver se o marido a ajudava em alguma coisa e como ele era muito estúpido, ela lembrou-se de mandá-lo para a escola, a ver se ali aprendia ao menos a fazer alguma conta.

Foi o homem para a escola aprender a ler, escrever e contar. Os meninos caçoavam muito dele, de vê-lo no ABC.

Um dia, em que o homem pediu licença ao professor para ir lá fora fazer precisão, achou uma carteira cheia de dinheiro de ouro.

Ele voltou para a escola muito contente, mostrando a carteira aos meninos. Esta carteira era do rei, que andava a passeio, e perdeu-a. Chegando aos ouvidos do rei de que aquele homem tinha achado a carteira, ele mandou-o chamar para restituí-la, sob pena de morte. Logo que receberam o chamado do rei, apresentaram-se ao palácio o marido e a mulher.

O rei perguntou ao homem se ele tinha achado a carteira, ao que a mulher respondeu que não era exato, que era um falso que tinham levantado ao marido, porque ele era muito tolo. Aí o marido virou-se para a mulher e disse: “Eu achei, sim senhora, uma carteira com dinheiro, você não se lembra, quando

eu estava na escola?” A mulher então disse ao rei: “Está, rei senhor, veja se ele não é tolo?” O rei viu que com efeito aquele homem era maluco, e mandou-o embora. A mulher, para poder fazer uso do dinheiro, mudou-se da terra e foi para bem longe, com o marido e os filhos.⁷⁶

⁷⁶Nas condições dos precedentes. [N. do A.]

87

A MULHER GAITEIRA

(Rio de Janeiro)

HAVIA UMA MULHER CASADA e que não tinha filhos. Defronte dela morava um padre, pelo qual a mulher apaixonou-se.

Ela chamava-o de Rabo de Galo, por ele ter os cabelos muito bonitos.

O padre não correspondia e mesmo nem sabia de tal paixão.

A mulher já não governava mais a casa e só queria estar na janela para ver o padre. Estava já tão doida, que chegava a dizer ao marido: “Não é bonito aquele padre?” O marido fingia não compreender e afirmava o que ela dizia.

Não satisfeita de ver o padre só da janela, a mulher não perdia missa um só dia, a pretexto de ir rezar, e o marido suportando tudo calado. Querendo ver até que ponto chegava aquela mulher, pretextou uma viagem e escondeu-se perto de casa, recomendando à negra que lhe fizesse sabedor de tudo o que sua mulher praticasse na sua ausência.

Não tardou em que a negra lhe viesse entregar um bilhete que a senhora ia mandar por ela ao padre, no qual pedia-lhe uma entrevista à noite, visto o marido não estar em casa. O homem apoderou-se do bilhete, disse à negra que dissesse à senhora que o tinha entregado ao padre, e escreveu, disfarçando a letra, outro bilhete, dizendo ser do padre, aceitando o convite e marcando a hora da dita entrevista. Trouxe a negra o bilhete e deu-o à senhora. Esta não cabia em si de contente, e à hora marcada, entrou o marido, que se disfarçou no padre,

vestido de batina, e com um grande chicote de couro cru escondido. A mulher convidou-o a entrar no quarto para descansar. Aí não teve dúvida; o marido empurrou-lhe o chicote a torto e a direito, ainda fingindo ser o padre e dizendo: “Mulher casada, sem vergonha, como é que seu marido não está em casa, e manda-me um bilhete convidando-me para vir aqui! Tome juízo”, dizia o padre, e empurrava o chicote na mulher. Ela, desesperada com as bordoadas, dizia: “Vai-te embora, padre dos diabos, se eu soubesse que tu eras tão mau, não tinha caído nesta. Sai, malvado, tu queres me matar? Basta, não me dês tanto.” O marido, depois que deu-lhe muito, saiu deixando a mulher quase morta de pancadas. Mudou toda a roupa, e veio para casa, fingindo ter chegado da viagem. Perguntou pela mulher e disseram-lhe que ela estava doente. Ele, muito penalizado, perguntou que moléstia era aquela, pois ele a tinha deixado tão boa. Ela respondeu que sentia muitas dores pelo corpo, mas que também não sabia o que era. Mal pôde dizer estas palavras ao marido, e começou logo a gritar, tão forte era o seu sofrimento. Então o marido disse que ela estava muito mal, e que ele ia mandar chamar aquele padre, que morava defronte, para confessá-la. A mulher ouvindo isto, exclamou: “Não, marido, por Nossa Senhora não me mande chamar aquele padre.” O marido replicou: “Pois mulher, você não o acha tão bonito, e como não quer que ele venha lhe confessar?” E para apreciar bem o efeito da surra, mandou chamar o padre do Rabo de Galo, como a mulher o chamava, e este veio confessá-la, alheio a tudo o que tinha se passado. A mulher, assim que foi vendo o padre, foi dizendo: “Sim, seu diabo, ainda achou pouca a surra que me deu, e ainda se atreve a vir aqui?

“Sai, diabo, vai-te embora.” O padre ficou espantado, e acreditou que a mulher estava com efeito muito doente, que talvez estivesse com o diabo no corpo, e então benzia-a e dizia: “Fi-

lha, acomoda-te, lembra-te de Deus, que estás para morrer. Eu esconjuro este mau espírito, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, amém”.

“Sim”, dizia a mulher: “Eu esconjuro é a surra que tu me deste.” O padre, depois de muita reza retirou-se, e o marido quase que não podia conter o riso. Passados muitos dias, de cama, levantou-se a mulher curada da grande surra. A primeira coisa que fez foi pregar a janela que dava para a casa do padre, com uns pregos bem fortes, o que, vendo o marido, disse-lhe que não fizesse aquilo, que aquela janela era para ela se distrair nas horas vagas. Por mais que o marido pedisse, a mulher não foi capaz de deixar de pregar a janela e nunca mais olhou o padre.⁷⁷

⁷⁷Nas condições dos três precedentes, isto é, tema que parece de origem europeia, porém profundamente alterado pelo mestiço. [N. do A.]

88

O NEGRO PACHOLA

(Sergipe)

HAVIA UMA SENHORA DE ENGENHO casada e sem filhos. Adocendo o marido e morrendo, ficou em lugar dele um preto africano, chamado Pai José. Assim que Pai José ouviu dizer que ia governar o engenho, ficou muito orgulhoso.

Logo que foi distribuir o serviço com os outros negros, passou ordem a eles que de ora em diante não o tratassesem mais por Pai José, e sim por Sinhô Moço Cazuza.

Os negros obedeceram e quando o viam, diziam: “Abença Sinhô Moço Cazuza.” O negro, muito concho, respondia: “ Bênção de Deus”.

Não ficou só aí o orgulho do negro. Quando chegou em casa, disse para a senhora: “Meu sinhá, quando Sinhô Moço Cazuza chegava em casa cansado, meu sinhá não mandava botar logo banho para ele? Pois eu também quer.” A senhora, coitada, não teve outro remédio senão mandar botar banho para o Pai Zosé.⁷⁸

Não satisfeito ainda, disse o negro: “Meu sinhá, não mandava mulatinha esfregar costa de meu sinhô? Pois eu também quer”. A senhora mandou a mulatinha esfregar as costas de Pai Zosé. Este ainda continuou: “E meu sinhá não dava camisa grosmada pra meu sinhô vestir? Pai Zosé também quer”.

⁷⁸As distintas grafias José, Zosé e Zozé aparecem, exatamente como aqui, nas edições brasileiras de 1887 e 1907, as quais utilizamos como parâmetro para a presente edição. [N. do E.]

A pobre moça foi buscar uma camisa engomada, deu para José vestir, e, vendo que devia acabar com as pacholices daquele negro, falou com os dois criados, muniu-se de bons chicotes e mandou-os esconderem-se no quarto. Esperou que o negro pedisse mais alguma coisa e não tardou que este dissesse: “Meu sinhá, quando meu sinhô acabava de tomar banho e de vestir camisa grosmada, ia para o quarto pra meu sinhá catar piolho nele. Pai Zozé também quer”.

A moça não teve dúvida. Mandou-o entrar para o quarto e deu ordem aos criados que empurrassem o chicote.

Se ela bem ordenou, melhor executaram os criados.

Pai Zosé apanhou tanto que escapou de morrer.

No outro dia bem cedo foi para a roça ainda muito magoado das pancadas, e quando os negros o saudaram: “Abença, Sinhô Moço Cazuza”, ele muito zangado respondeu: “Eu não sou Sinhô Moço Cazuza, não, eu sou Pai Zosé”. E deu nova ordem para tratarem pelo seu próprio nome. Os negros muito admirados ficaram, sem saber a causa daquela mudança.

Nunca mais Pai José pediu banho, nem camisa engomada, nem à senhora para catar piolhos.

RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA

Em junho de 2012, houve um Congresso Mundial de Recursos Educacionais Abertos, reunido pela UNESCO na capital da França. Ressaltamos este aspecto da Declaração de Paris:

REA são materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra.



CRATIVE COMMONS

br.creativecommons.org

CADERNOS DO MUNDO INTEIRO

cadernosdomundointeiro.com.br

Este livro foi composto com a tecnologia **TEX/LATEX**. A fonte empregada é Fourier New Century Schoolbook, nos tamanhos 25 para os títulos e 14/18 para os textos, sobre desenho tipográfico de Morris Fuller Benton, Estados Unidos, 1919.